

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DANIEL ALBERGARIA SILVA

**O RITUAL DA CONGADA E O “ESTAR NO ROSÁRIO”: UM ESTUDO
ETNOGRÁFICO ACERCA DA FESTA E DAS MEDIAÇÕES EM SÃO JOÃO DEL REI**

JUIZ DE FORA – MG
2009

DANIEL ALBERGARIA SILVA

**O RITUAL DA CONGADA E O “ESTAR NO ROSÁRIO”: UM ESTUDO
ETNOGRÁFICO ACERCA DA FESTA E DAS MEDIAÇÕES EM SÃO JOÃO DEL REI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Octávio Andrés Ramon Bonet

JUIZ DE FORA – MG
2009

Albergaria, Daniel.

O ritual da congada e o “estar no rosário”: um estudo etnográfico acerca da festa e das mediações em São João del Rei / Daniel Albergaria Silva. – 2009.

206 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

1. Antropologia. 2. Etnografia. 3. Festas populares. I. Título.

CDU 572

DANIEL ALBERGARIA SILVA

**O RITUAL DA CONGADA E O “ESTAR NO ROSÁRIO”: UM ESTUDO
ETNOGRÁFICO ACERCA DA FESTA E DAS MEDIAÇÕES EM SÃO JOÃO DEL REI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Dissertação defendida e aprovada em 28 de setembro de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Octávio Andrés Ramon Bonet
(Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFJF

Prof. Dr. João Dal Poz
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFJF

Profa. Dra. Juliana Alves Magaldi
Programa de Pós-Graduação, UNESA

Dedico este trabalho a José Vicente da Silva Junior e a Glória Albergaria, meus pais. À minha família que se inicia agora e a que sempre esteve presente.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador Dr. Octávio Andrés Ramon Bonet, por aceitar a proposta de pesquisa, por permitir a liberdade de criação e pelas discussões de abordagens teóricas sempre muito estimulantes, conduzindo a estudos para a vida toda;

Ao professor Dr. João Dal Poz, que desde a qualificação tornou-se um importante interlocutor no que se refere à organização dos dados e a pontuações valiosíssimas.

À professora Dra. Fátima Tavares, pelos constantes estímulos em sala de aula, na qualificação e até mesmo em encontros, nos quais permitia uma discussão franca sobre os anseios da pesquisa e da vida;

À professora Dra. Juliana Alves Magaldi, que tive a oportunidade de conhecer durante a graduação, me apresentando às leituras de Marcel Mauss, o que direcionou toda minha opção teórica e por aceitar o convite para participar da banca e pelas excelentes considerações na mesma;

Ao professor Dr. Marcelo Ayres Camurça, que, nos corredores, indicou livros, sugeriu nomes e estimulou bastante a pesquisa e aprofundamento no tema;

À professora Dra. Jurema Brites, quem tive a oportunidade de conhecer ao final do mestrado e aproveitar de importantes dicas acadêmicas e etnográficas;

A todos os professores participantes do Núcleo Tapuia, que proporcionaram um espaço de diálogo acadêmico em mesmo grau epistemológico;

Aos professores do Departamento de Ciências Sociais, que, com suas disciplinas ministradas estimularam e avivaram o desejo de cada vez mais continuar os estudos;

Aos meus pais, que proporcionaram estímulos inigualáveis e seguranças afetivas, econômicas e intelectuais sem limites, demonstrando praticamente que estes campos nunca estiveram separados;

Aos meus avós, que com exemplos de vida sempre levaram meu olhar e minhas expectativas para um tempo sem limites, em especial à memória de meu avô Hélio de Castro Albergaria, que inculcou desde cedo os afetos pelo popular;

À minha filha Clara que me ensinou, até agora, o que é verdadeiramente o deslocamento de pontos de vista;

À Danielle, companheira em situações de campo, em situações de vida e de conjugalidade, sem ela a imersão em campo seria impossível, agradeço pelas constantes horas de reflexões e escutas sobre os “dados de campo” e pelas constantes leituras desta dissertação;

À memória de Dulce que, acredito ter sido, através dela, o iniciou da percepção sobre o congado;

Ao Helinho, parceiro e amigo que sempre possibilita à percepção voos em queda livre;

Ao capitão de congada Z.M, que se tornou um parceiro intelectual ativo sobre o congado e o “*estar no rosário*”;

À líder e presidente de congado M.A, que amiga e orientadora promoveu sensações de tranquilidade e segurança inigualáveis;

À S.i e a todos os congadeiros de São João del Rei, em especial os do bairro S.D;

Aos amigos Rodrigo, Carlos Procópio, Michelle, Marcelo Vilarino, Luciano Padilha, João, Leonel, Heiberle e a todos os outros que escutaram, brincaram, concorreram, pesquisaram, auxiliaram e promoveram uma interação inigualável, seja nos períodos pós R.U, nos áureos momentos de Praça Cívica, na caixa d’água ou na escada do ICHL e em diversos outros locais, compartilhando suas presenças, alegrias e anseios que nos demonstra que o contato humano vai além das instituições e dos méritos acadêmicos;

Aos funcionários do Xerox e do ICH que conseguem promover um núcleo de sociabilidade necessário em meio aos institucionalismos;

Às peladas de quinta à noite e a estes jogadores fominhas.

“À guerra, leis não se divide como nós. Estavam ali agorinha mesmo e ué. Sinto muito, mas outras leis há e já passaram por aqui e revogaram todas as dispostas ao contrário.”

Paulo Leminski

RESUMO

O fenômeno humano abordado neste estudo são as relações entre grupos de Congado, chamados de Ternos de Congado, acompanhados em Festas de Nossa Senhora do Rosário na região do Campo das Vertentes, zona da mata de Minas Gerais. O objetivo foi de perceber o que os participantes mobilizavam nestes momentos festivos, procurando descrever, a partir do acompanhamento de um terno de congado em alguns de seus itinerários entre o ano de 2007 e 2008, as relações estabelecidas em seu contexto festivo. A dinâmica estabelecida em campo e que orientou a observação e o enfoque desta pesquisa proporcionou um deslocamento essencial e direcionador do foco de observação aqui apresentado. As precauções enfatizadas pelos congadeiros para “*estarem no Rosário*”, envolvia uma série de procedimentos tradicionais no diálogo a outros ternos de congado, a ancestrais mortos, a santos católicos, a entidades do panteão afro-brasileiro, além de outros participantes do festejo, como reis e rainhas congas e os festeiros. No contexto da Festa de Nossa Senhora do Rosário os congadeiros anunciavam interações com diversos atores, participantes em algum sentido, do mesmo evento. Juntamente a estas questões, serão exploradas discussões acerca da abordagem etnográfica e do dado relacional oferecido pelos interlocutores, “*o estar no rosário*”, para designar algumas interações que permeavam as festividades do Rosário acompanhadas.

Palavras Chave: etnografia; ritual; congado.

ABSTRACT

The human phenomenon dealt with in this study are the relationships among groups of “Congado”, called “Ternos de Congado”, on certain festivals of Our Lady of the Rosary in the region of Campos das Vertentes, Zona da Mata of Minas Gerais. The aim was to notice what the participants mobilized during those festive moments, trying to describe, from the watch of a “terno de congado” in some of its routes between the years 2007 and 2008, the established relationships during the festive context. The dynamics established in field guided the observation and the focus of this research, which provided an essential and leading shift of the focus of observation presented here. The precautions emphasized by the “Congadeiros” - in order “*estarem no Rosário*” - used to involve a series of traditional procedures in the dialogue with other “ternos do congado”, with dead ancestors, with Catholic saints, with entities from the African-Brazilian pantheon, besides with other participants of the celebration, as the Kings and the Queens of “Congado” and the revelers of the party. In the context of the Our Lady of the Rosary’s festival, the “congadeiros” used to interact with these several actors - participants in a sense - of the same event. Along with these issues, discussions concerning the ethnographic approach and the relational data offered by speakers – the “*estar no Rosário*” - will be explored here. This data, taken seriously conceptually, made possible to approach some of the interactions that permeated the festivities of the Rosary.

Keywords: ethnography; ritual; congado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 DAS FORMULAÇÕES TEÓRICAS	17
1.1 “ <i>Como se</i> ”. Questões e hierarquias entre pensamentos.....	19
1.2 Os decalques.....	26
1.3 Nosso conhecimento é um conhecimento antropológico.....	27
2 AS FESTAS DE N. SRA. DO ROSÁRIO E A ETNOGRAFIA	31
2.1 Descrição geral de alguns Ternos.....	35
2.2 As Festas do Rosário: “histórias, causos e formulações”.....	54
2.2.1 Dos elementos simbólicos e do “ <i>ter fundamento</i> ”.....	59
2.2.2 Das redes, dos conflitos e da ambiguidade.....	63
2.3 Considerações sobre a exposição do material etnográfico.....	67
2.4 Primeiro contato com o campo. A Festa do Rosário do Caburu.....	68
2.5 Das Festas e dos modelos.....	86
2.5.1 Descrição Geral do Festejo.....	88
2.5.2 Apresentação das interações entre os grupos.....	99
3 AS RELAÇÕES NO CAMPO: RESSITUANDO AS INTERAÇÕES A SEUS CONTEXTOS	108
3.1 Do contato no campo.....	114
3.2 Da cantiga proferida a mim.....	118
3.2.1 Do “ <i>encontro entre bandeiras</i> ” e outros “ <i>procedimentos</i> ”.....	120
3.3 <i>Foi banda de música buscé nossa mãe ela num veio é...</i>	139
3.4 Trindade e algumas controvérsias.....	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
REFERÊNCIAS	178

GLOSSÁRIO.....	181
APÊNDICE I.....	187
APÊNDICE II.....	193
APÊNDICE III.....	196
APÊNDICE IV.....	204

INTRODUÇÃO

*“Quem é que gosta da festa meus irmão,
Vai procurando fazê”.*
(Moçambique de Ibituruna – MG)

O fenômeno humano abordado neste estudo são as relações entre grupos de Congado nas Festas de Nossa Senhora do Rosário em certa região do interior de Minas Gerais. Acompanhei os festejos almejando perceber o que os participantes mobilizavam nestes momentos festivos, descrevendo-os a fim de tentar forjar um arcabouço conceitual pelo qual se organiza o ciclo de festas ou ainda, o que pertence à esfera de ação dos agentes neste contexto situacional. (VIVEIROS DE CASTRO 2002a).

O ciclo de festas foi acompanhado através da relação etnográfica estabelecida com um grupo de congado da cidade de São João Del Rei – MG. Esta interação de campo me levava a observar como os termos mobilizados pelos agentes, em seu contexto festivo, demonstravam certos “procedimentos nativos” como mediadores desta que considero uma rede de relações sociais que coexiste enquanto festejo. As dinâmicas entre os grupos em relação nestes festejos e a consecutiva referência a outros grupos em interação no momento da festa, para se referirem ao que consideram por “*estar no Rosário*”, ocasionou um maior direcionamento, por minha parte, às interações com diferentes atores realizados pelos grupos ou *Ternos de Congado* no contexto da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Lançarei mão da descrição das relações estabelecidas nas festas quando acompanhei o grupo denominado, “*Terno de Moçambique e Catopé de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito*” em alguns de seus itinerários entre o ano de 2007 e 2008. Atento também, para o fato da delimitação da abordagem de campo, a saber, acompanhar um grupo nas festividades, ter sido resultado da própria interação de campo, condição esta, sob a qual fora possível tal pesquisa.

Tentarei demonstrar como minha presença em campo começou a se tornar insustentável quando pretendia dar prosseguimentos a estratégias, que para mim, pareciam mais sensatas para um efetivo prosseguimento da pesquisa. Por exemplo, visitar demais grupos em momentos anteriores e posteriores aos dias de festa, conversar com diferentes capitães e Reis Congos nos diversos momentos do festejo, etc. Porém, a condição que começara a surgir para se percorrer o

contexto dos agentes no momento do festejo, era o de saber manipular certo saberes para participar do festejo. “*Você sabe o que é necessário pra tá aqui já!, agora óh... só depende de você.*” (Capitão de congado). Essa frase foi proferida em meio às considerações do capitão, enfatizando que alguns congadeiros não realizavam o que era necessário para “*estarem no Rosário*”, explicou que muitas vezes era por falta de conhecimento dos mesmos, mas, uma vez que “*entendiam o que se passava*”, deveriam “*tomar os cuidados necessários pra estarem ali*”¹ (Capitão de congado).

Assim, por mais que enfatizasse em diversos momentos e com distintas pessoas relacionadas ao Congado a minha pretensão de pesquisa acadêmica, suas perguntas e direcionamentos a mim se relacionavam diretamente a visualizar se meu entendimento sobre o que estava ocorrendo era executado.² Acredito haver por minha parte, talvez, uma separação entre aprendizado e prática ou ação e representação. Por hora não explorarei estas questões, mas me pareceu que o aprendizado sobre o que era “*estar no Rosário*” não era em momento algum desvinculado das ações, e estas deveriam ser efetuadas durante o contexto festivo.

Considerações sobre a indumentária utilizadas pelos grupos no momento do festejo, as precauções e movimentos necessários para participar do festejo, foram percorridos por mim uma vez que eram enfatizadas pelos congadeiros. Soava estranho, entretanto, aos meus interlocutores, que certos procedimentos, uma vez já comentados a mim, não me levava a utilizá-los quando os acompanhava. Por necessidade de terminar o presente trabalho tive que me afastar um pouco das festividades e do grupo até a conclusão da dissertação, isso após dois anos de acompanhamento do Terno em seus itinerários e da convivência com alguns congadeiros. Sendo assim, apesar da tentativa de me colocar de uma determinada forma perante meus interlocutores, conhecedores do congado e de seu festejo, a minha expectativa de permanecer em uma “condição de pesquisador”, era constantemente reorganizada a partir do envolvimento com os congadeiros e de suas colocações sobre a festa. A construção desta identidade, a de pesquisador, diante os grupos acompanhados, dependia também das colocações dos mesmos quanto às minhas ações. Dentre as várias questões que podem ser levantadas através do que denominamos por “situação de campo”, destaco, de imediato, a condição a que o pesquisador se coloca, que diz respeito à sua

¹ Estes cuidados abrangiam banhos de ervas, utilização de objetos e atuações rituais durante os cortejos do grupo.

² Algumas destas perguntas estavam vinculadas à cor de minha roupa, outras faziam referências a banhos que seriam necessários antes e depois de acompanhar o grupo, perguntas sobre o não uso de certos objetos, como o Rosário de Maria dependurado no pescoço, dentre outras.

convivência, durante um período de tempo, com grupo de pessoas a que se predispôs acompanhar. É a partir deste relacionamento que se cria um diálogo, almejando estabelecer laços e fronteiras entre o eu e o outro, entre a manipulação de conhecimentos para se fazer reconhecer e o constante exercício de se locomover em meio às considerações e reconhecimentos que estes outros podem lhe conferir. Enfatizo que por mais que desejamos expor e nos colocar de uma determinada forma perante outros, nunca podemos dominar as visões e colocações a que os outros nos enquadram. O exercício entre o “querer fazer se conhecer” de uma determinada forma e o “ser reconhecido” a partir de elementos que você mesmo não pode controlar, parece ficar mais evidente nestas condições de pesquisa de campo, onde relações são demandadas ao pesquisador de forma inesperada por este, e dialogar com estas demandas às vezes se torna fundamental para o prosseguimento do trabalho.

A formulação que me parece importante desta situação é perceber como as pessoas que acompanhamos podem demandar interações diferentes às que nos propomos fazer, por exemplo, a elaboração de uma etnografia. Estas interações diferentes ou descontinuidades é o que considero importante de atentar quando pretendemos percorrer as associações (LATOURET, 2006.) executadas em campo pelos grupos que acompanhamos. A questão que sobressai então é se o itinerário que o antropólogo deve seguir é o das perguntas e das visitas esporádicas, previamente estruturadas por ele, ou do acompanhamento dos atores nas interações que estabelecem durante o contexto a ser observado. Não considero estas atividades como opostas ou que houvesse normas de conduta antropológica a serem fixadas, mas que é necessário evidenciar uma experiência de pesquisa sob a qual apareceram contornos que demandaram posicionamentos e rearticulações de atitude por parte deste que pretende se constituir enquanto pesquisador.

Fruto de uma relação de campo, a escrita sobre o Congado nas Festas de Nossa Senhora do Rosário é aqui uma tentativa de relação entre pontos de vista, mesmo percebendo a divergência em alguns momentos do conceito nativo de ponto de vista com o ponto de vista do nativo (VIVEIROS DE CASTRO, 2002a).

Pretendo demonstrar, através das relações instauradas no contexto da festa, que o diálogo com o que lá estamos tentando fazer, a saber, antropologia, torna possível criações e formulações sobre dado fenômeno a partir da interação com os conhecedores ou atores do mesmo fenômeno. Marcio Goldman (2006), em seu artigo sobre alteridade e experiência na etnografia, relembra como a história da antropologia se desenrolara no espaço “Entre um saber científico sobre os

outros e um diálogo com os saberes desses mesmos outros, entre as teorias científicas e as representações ou teorias nativas (...)” (GOLDMAN, 2006, p. 163). Segundo o autor, no lugar de digerir esta diferença, a antropologia sempre teria sido capaz de tentar apreendê-la sem suprimi-la, pensá-la em si mesma, não como objeto a ser explicado, mas como ponto de apoio para impulsionar o pensamento (GOLDMAN, 2006). Daí não haver a preocupação de descortinar algo objetivo, mas de experienciar, propor, criar ou “inventar culturas” nos dizeres de Roy Wagner (1981). O papel antropológico seria o da invenção da cultura por meio de uma relação etnográfica que coloque em mesmo patamar ambos os saberes em questão. Não sendo então, o de traduções de linguagens amparadas por um suposto suporte conceitual que descortinaria as representações nativas. Esta é proposta que pretendi seguir neste trabalho.

Surge então outra questão, o que leva a pensar que os grupos que acompanhamos anunciam práticas e saberes tão diversos às formulações científicas? Por que agrupamentos urbanos, permeados por inúmeras socializações e interações sejam elas políticas, religiosas, culturais, econômicas, dentre outras, talvez possam apresentar maneiras distintas de diálogo com o que supomos ser a modernidade, por exemplo?³ Primeiramente, pretendi discutir aqui certo determinismo e pretensão à objetividade dos procedimentos analíticos efetuados pela ciência. A partir de uma referencia bibliográfica que inclui Gregory Bateson, Bruno Latour, Roy Wagner, Louis Dumont, dentre outros, pretendo enfatizar a discussão sobre a tradução que a tradição científica pode nos levar, e a consecutiva aplicação de decalques teóricos aos fenômenos observados que a mesma ciência tende a instaurar.

É através de uma experiência etnográfica que visa percorrer as associações efetuadas pelos agentes no momento festivo, levando a sério suas formulações e considerações sobre o fenômeno da Festa do Rosário, é que proponho a possibilidade de cartografar a rede festiva do Congado em algumas cidades próximas a São João del Rei, e isto, a partir dos movimentos anunciados por um terno, quando acompanhados etnograficamente ao longo dos festejos.

Será necessário assim, uma rápida discussão sobre as hierarquizações entre pensamentos que a abordagem sobre um social estratificado (*du social*, parafraseando Bruno Latour) pode

³ Antes de levantarmos então a hipótese sobre a alteridade ou não, do exotismo ou não das formulações sobre os agentes no contexto da festa, saliento a importância de considerarmos as formulações dos interlocutores, os congadeiros, em relação ao fenômeno, sob mesmo grau epistemológico da ciência. A fabricação de conceitos, neste trabalho, cabe ao cientista, mas a extensão destes conceitos aos outros (“*estar no Rosário*”), não mais o pertence, a não ser apenas, para garantir a possibilidade de haverem “*outrens*”, possibilidade de existir “outros diversos” aos “outros” que lhes possamos conferir.

promover, e o que a consecutiva formulação sobre “levar os nativos à serio” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002a) pode nos oferecer de contraponto.

A abordagem etnográfica que visa “*ressituar*” as interações em seu contexto e não apenas retirar das relações sociais conceitos que possam vir a ser manipulados, almejando o social, necessita primeiramente, trabalhar com “as formulações que estratificam” (LATOURE 2006). Aliás, este é o mecanismo da ciência, é nosso procedimento cultural “estratificar” as relações para apreensão, mesmo que temporariamente, o que assume o sentido de oferecer um modelo geral do que consiste a Festa de N. Sra. do Rosário efetuada por grupos de Congada em algumas localidades do campo das vertentes, esta última, situada na zona da mata mineira. Percebe-se a importância desta prática para oferecer um padrão de entendimento sobre o fenômeno e um caminho de acesso para acompanhar as associações, almejando a todo instante instituir as interações novamente ao contexto situacional, uma vez que estas foram eclipsadas para elaboração de um modelo geral (LATOURE, 2006).

Longe de tentar definir a elaboração de um modelo, segundo as considerações de Lévi-Strauss (2003), a alusão a um modelo geral irá se configurar a partir da pretensão de oferecer um panorama geral sobre a Festa de N. Sra. do Rosário. Baseando-me nas observações efetuadas em campo nos diversos momentos festivos, pretendo apresentar um esquema que possibilite a leitura de certos acontecimentos tidos como marcos essenciais para apreensão do festejo, mesmo que não ocorram em todas as festas registradas⁴. Não me preocupo no momento, em seguir as considerações e estímulos por demais profícuos sobre a construção de um modelo teórico a nível sistêmico tão enfatizado por Levi Strauss no texto “*A noção de estrutura em etnologia*” (LEVI STRAUSS, 2003). Tal modelo, constituído em conformidade às interações observadas *pro tempore*, não acredito ser apenas uma espécie de estratificações dos fenômenos observados, pois as ressalvas em relação a estas fundamentações estão muito bem explicadas no texto anunciado.

As formulações aqui proferidas visaram à constituição de uma “cartografia” referente às associações perseguidas no contexto situacional da Festa de N. Senhora do Rosário. Assim, um agenciamento tornou-se possível quando deste contato, o “*estar no Rosário*”, que aparecera como uma relação inventiva (WAGNER, 1981) entre as considerações que os congadeiros faziam para formularem o que era estar no grupo de congado louvando N. Sra. do Rosário, e minha maneira de tentar apreender algo sobre o que diziam. Para esta apreensão utilizei-me do contexto destas

⁴ Sobre a questão das “partes moveis” do ritual, ver DAL POZ, 1991.

festas sob o qual eram enunciadas tais proposições e de certos entendimentos conceituais relativas à prática etnográfica. Ressalto que as “enunciações” (expressar por palavras e gestos) dos momentos festivos, produzidos pelos participantes das congadas, deveriam também ser apreendidas enquanto ações.

Estas considerações tornaram-se possíveis quando das dinâmicas apresentadas em campo no momento da relação etnográfica. Estas dinâmicas registradas em campo serão exploradas no capítulo três desta dissertação.

No capítulo um, desenvolverei alguns pontos de discussão centrando na apresentação da bibliografia trabalhada. Levanto algumas poucas discussões antropológicas acerca da abordagem dos fenômenos sociais e do processo de elaboração de um conhecimento etnográfico. Posteriormente, no capítulo dois, será descrito os ternos de congado acompanhados durante a etnografia, seus utensílios e símbolos rituais, assim como uma prévia consideração sobre as Festas de Nossa Senhora do Rosário, baseando-me em relatos de congadeiros e historiadores. É neste capítulo que apresento também minha primeira experiência de campo em um momento que ainda não “fazia campo” para a dissertação de mestrado, mas fora meu primeiro contato com este festejo. Desta primeira descrição, juntamente a alguns festejos que acompanhei, já realizando uma etnografia visando à elaboração da presente dissertação, mostrarei uma espécie de esboço geral do que consiste a Festa de Nossa Senhora do Rosário produzida por Ternos de Congado em determinadas localidades do Campo das Vertentes, na zona da mata de Minas Gerais. Visando com isso, criar uma imagem acerca deste festejo realizado em diversos continentes, a depender do tráfico de escravos provindos do continente africano.⁵

Feito isto, apresento no capítulo três alguns exemplos de meu posicionamento em campo. Centrando-me para o fato de que a relação instaurada a partir do contato com o Terno de Congado, com o qual percorri esta denominada rede de Festas do Rosário na região supracitada, definir/delimitar grande parte da apreensão sobre o fenômeno e até mesmo sobre o quê apreender. O objetivo maior deste capítulo foi de *ressituar* os símbolos rituais, destacados no capítulo dois, a seus contextos de interação.

⁵ Sobre esta questão consultar SOUZA, 2002.

1 DAS FORMULAÇÕES TEÓRICAS

Ora, é impossível conceber as relações sociais fora de um meio comum que lhes sirva de sistema de referência. O espaço e o tempo são os dois sistemas de referência que permitem pensar as relações sociais, conjunta ou isoladamente. Estas dimensões de espaço e tempo não se confundem com as que utilizam as outras ciências. Consistem num espaço “social” e num tempo “social”, o que significa que não têm outras propriedades senão aquelas dos fenômenos sociais que as povoam. Segundo sua estrutura particular, as sociedades humanas conceberam estas dimensões de modos muito diferentes. O etnólogo não deve, pois, inquietar-se com a obrigação, em que se pode encontrar, de utilizar tipos que não lhe são habituais, ou de inventá-los para as necessidades do momento. (LEVI STRAUSS 2003. p. 327 e 328.)

O saber tradicional sobre o festejo produzido pelo congado não é o foco deste trabalho, seria necessário para tal fim, a pretensão a uma apreensão objetiva do fenômeno estudado por parte do pesquisador. Não há o objetivo de descortinar uma realidade última, tomando para isso a apresentação dos fatos relatados. O objetivo de descobrir por detrás dos fenômenos à luz de metodologias teria por implícito a tomada do fenômeno observado como a representação do social (LATOURET 2006). Pretensões de alcançar o social, o coletivo, o implícito das situações, quando da observação dos fenômenos sociais pelo antropólogo, seria a matéria prima de formação e de acesso a um social estratificado.

No entanto, a proposta deste trabalho não visa à aglomeração de fenômenos espaçados no tempo, unidos pelo antropólogo a fim de dar sentido a uma realidade objetiva, almejando traçar um “social”. É certo que este é nosso “mecanismo cultural” para pensar outras culturas, pois trabalhamos trançando realidades, constituindo mapas, sendo de nossa “tradição científica” pretender certo objetivismo, tradição que está vinculada a um pensamento determinístico, característica preponderante de nossa ciência, tal como enfatizado por Levi Strauss (2005).

Considerando esta concepção determinística, mas não a tornando única porta voz deste trabalho, a utilizarei como ponto de partida para uma discussão antropológica, pois é deste ponto de vista que falamos, a saber, o da ciência; do determinismo científico. Porém, deve esta concepção, por força do presente trabalho, entrar em relação com concepções outras, sem que as

concepções dos que estudamos sejam enquadradas e/ou subdivididas em problemas e questões colocados apenas por nossa própria cultura⁶, sob o risco de ocasionarmos uma relação de tradução entre culturas.

A relação de tradução de uma forma de linguagem por outra, que tem como uma de suas características a sobreposição de formas explicativas sobre determinado contexto, pretendendo explicar uma cultura através das formas de linguagem de outra, é percebida aqui como não favorecendo a um diálogo verdadeiro entre concepções culturais. A discussão situa-se no seguinte plano, ao considerarmos outra cultura por meio de nossas próprias questões teóricas não estaríamos colocando em voga nossas questões a serem ou não confirmadas por meio da cultura que observamos? Quando o objetivo inicial torna-se pensar nossas formulações teóricas a partir das experiências de campo, corremos o risco de enquadrarmos estas últimas em *decalques* ou rótulos (BATESON, 1990) já estabelecidos teoricamente, sob pena de cairmos, no que afirmava Gregory Bateson (1990), em traduções entre tipos lógicos distintos.

O interessante da proposta antropológica está em formular considerações a partir das proposições nativas, percorrendo as associações produzidas por eles no contexto sob o qual se desenrola a etnografia. Fazendo alusão novamente a Lévi-Strauss, este enfatiza que a antropologia deve trabalhar a partir das possíveis interferências que o outro possa suscitar nas concepções determinísticas da ciência. O que não exclui a fabricação de modelos por parte do antropólogo do fenômeno que estuda. Os Modelos *pro tempore*, segundo Levi Strauss (2003), são “construídos” a partir da própria experiência etnográfica com o fenômeno acompanhado e não se confundem com este.

Para esta dissertação será produzido, em primeiro instante, uma tentativa de esboço geral do festejo; no que consiste a festa e os momentos enfatizados pelos agentes, a fim de fornecer ao leitor um “panorama mais amplo” do festejo a ser tratado. Utilizar-me-ei das diversas festividades acompanhadas e de alguns procedimentos realizados durante as mesmas, almejando fornecer um padrão geral sobre o festejo, ciente, entretanto, da necessidade de “ressituar” as interações tomadas para tal fim em seus contextos, o que permitiria evidenciarmos o caráter contingencial de nossa abordagem. Porém, antes de oferecer uma reflexão geral sobre o festejo, tentando demarcar alguns pontos comuns ocorridos em todas as festas registradas, irei apresentar

⁶ Refiro-me aqui à tendência comum de visualizarmos “a economia”, “a política”, “a religião” ou “a cultura”, enquanto entidades separadas (LATOURE, 1994).

quem são os grupos de congado e como se organizam, para que seja possível assim uma melhor visualização acerca deste fenômeno humano. Não pretendo como já enfatizei, produzir um modelo sobre as festas acompanhadas tal qual no sentido explorado por Levi Strauss (2003) no texto “A noção de estrutura em etnologia”.

1.1 “*Como se*”. Questões e hierarquias entre pensamentos

Feitas estas colocações, pretendo utilizar a proposta de colocar em relação o pensamento científico e o pensamento daqueles que estudamos em um mesmo patamar epistemológico, tomando o cuidado de não traduzir um pelo outro, o que ocasionaria uma hierarquização entre pensamentos (DUMONT, 1985). Desta hierarquização é que seria possível conceber a “explicação de uma cultura” através dos mecanismos utilizados por outra. A partir desta preocupação é que irei acompanhar os congadeiros nas festividades, me atentando para as ênfases dos mesmos em momentos que serão aqui demarcados para o que eles consideram “*estar no Rosário*”. Perseguindo as associações oferecidas pelos congadeiros em campo e “levando-as a sério”, tornou-se possível centrar no dado relacional oferecido nesta interação, “*o estar no Rosário*”, utilizando-o como fio condutor para nos oferecer uma possibilidade de diálogo do que anunciavam fazer no momento festivo com o que poderíamos denominar de “cultura da festa”.

Antes de apresentar o fenômeno acompanhado e as formulações a partir dele, enfatizo que, não tomar as formulações nativas como centrais para a abordagem, possibilita, dentre outras coisas, considerarmos plausível uma forma de explicação sobre certo fenômeno social utilizando-se, para tal fim, de formulações teóricas ‘estranhas’ a ele. Desta maneira é que questões sejam elas sobre política, poder, arte, religião, identidade, dentre outras, não serão aqui tomadas de antemão tentando-se pensar o festejo a partir destas possíveis categorias.

Em seu artigo, “O nativo relativo”, Viveiros de Castro propõem “levar os nativos a sério”, o que segundo meu entendimento, permite uma reformulação da pretensão objetivista da realidade e a consecutiva tentativa de, se não anular, ao menos demarcar certa hierarquização entre pensamentos que pode ocorrer quando se pretende explicar uma forma de linguagem utilizando-se de linguagens estranhas ao fenômeno a considerar. A tentativa de descrever o social, a sociedade ou “a cultura” como formas de realidades objetivas, que podem ser

alcançadas através de uma objetividade científica, seria um dos possíveis resultados quando não se considera, sob mesmo grau epistemológico, formas de organizações outras. As considerações sobre sociedade, cultura e porque não, o poder, tão enfatizado por Pierre Clusters (2003) ou qualquer outro decalque que as ciências sociais possam vir a lançar mão, não são entidades dadas por si mesmas, *a priori*, mas processos constituídos no decorrer de análises sociais e formulações filosóficas. Como então poderíamos estender estes “decalques teóricos”, supostamente desvinculados dos contextos que pretendem analisar (BATESON, 1990), à observação de um conjunto populacional ou a um fenômeno humano qualquer seja ele?

Pretendo deixar claro que não há a pretensão de mobilizar esquemas tipológicos de explicação para a presente ocasião, mas de tentar produzir, através da relação estabelecida, possíveis teorias etnográficas. Torna-se prioridade então, centralizarmos nas explicações nativas para tratarmos das questões anunciadas no momento ritual, assim como dos procedimentos efetuados pelos grupos de Congado no contexto da Festa de N. Sra. do Rosário. As “teorias etnográficas” ou ficções etnográficas seriam então, frutos de experimentos conceituais ao considerarmos outras formas de organizações sociais a sério. “Teoria” que pode ser considerada a partir de momentos relacionais e não através de concepções explicativas ao fenômeno, esta última, poderia ocasionar certa ênfase na explicação de questões colocadas por nossa ciência sobre os que acompanhamos. Por exemplo, inversões da ordem no momento festivo, introjeção *du social*, da identidade, questões seja “do político”, “do cultural” e “do religioso” percebidas fragmentariamente... .

O que tomamos para “elaborar contornos” em relação ao fenômeno observado não pode estar desvinculado do que os agentes utilizam para descrever e configurar a mesma situação. Nossa posição consiste então em relacionar estas perspectivas e tentar delimitar alguma fronteira ou criar teorias etnográficas que utilizem e considerem para o diálogo as mediações nativas através das concepções antropológicas (WAGNER, 1981). É necessário então, levar a sério o que nossos interlocutores dizem que fazem, lembrando que “levar a sério” não é acreditarmos ou não no que dizem fazer, mas garantir a possibilidade de que este outro entre em diálogo com considerações filosóficas, por mais estranhas ou contrárias que possam parecer ao nosso pensamento. Garantir esta possibilidade, antes de visualizarmos se o outro realmente é tão diverso assim das pretensões científicas, enfatiza a preocupação em não estendermos certos universalismos aos grupos que estudamos.

Colocada esta questão, nos será eximido do presente trabalho em ter que explorar ou evidenciar as possíveis diferenciações entre pensamento científico e do grupo que estudamos. Mesmo que estas existam e se façam presentes, a proposta de não garantir que os conceitos sejam confirmados pela análise etnográfica, tem em vista evidenciar o que pode emergir de uma interação de campo, não priorizando os decalques teóricos para tal fim. Pretendo assim, enfatizar que a proposta etnográfica utilizada para estudar ameríndios ou sociedades distantes como a melanésia, por exemplo, poderiam ser aludidas como referências para o estudo de comunidades urbanas, dentre outras, pois a questão não é sobre o exotismo ou não dos grupos que acompanhamos, mas sobre a extensão de um universalismo por parte dos procedimentos antropológicos (DUMONT, 1985). Nossa forma de relacionar com o outro é evidentemente, uma questão antropológica. Daí a preocupação em não estender dicotomias científicas e formas de elaboração de mapas (INGOLD, 2005) ou maneiras de demarcar fronteiras e limites aos povos que estudamos; independente a um exotismo exacerbado por parte destes ou não.

Assim, o que é mobilizado pelos interlocutores, quando se estabelece uma relação, depende do próprio momento ou da situação sob a qual é efetivada a relação de campo. O que mobilizamos para entrar em contato com outra cultura pode ocasionar coisas diversas de quando outros mobilizam algo de sua própria cultura para entrar em contato conosco. Daí que a todos devem ser garantidos os direitos à invenção cultural, não apenas a nós, ‘o ocidente’, à teoria etnográfica, mas também aos grupos que estudamos (WAGNER, 1981). A partir das anunciações dos congadeiros ao participarem dos festejos do Rosário, foi evidenciado um dado em campo a ser perseguido “*o estar no Rosário*”, esta noção era formulada pelos interlocutores relacionando vários agentes que iríamos “encontrar durante a festa”, sejam eles santos, entidades, ternos de congado, ancestrais mortos, dentre outros. Levar a sério esta noção, o “*estar no rosário*”, possibilitou, dentre outras coisas, compreendermos um pouco da maneira pela qual eram estabelecidos certos vínculos entre os ternos, seja efetuando convites e/ou “promovendo encontros entre os ternos” no espaço das festas. O dado relacional emergido quando da interação de campo foi considerado então, possibilidade inventiva da experiência etnográfica.

Produzir teorias etnográficas seria inventar culturas através de uma relação efetiva, por parte de uma cultura, por meio de outra. Podemos aludir então à concepção sobre o caráter ficcional de toda empreitada etnográfica, encontrando tal formulação na obra de alguns autores.

Detenho-me primeiramente às formulações de Wagner (1981), para depois retornar a “alguns clássicos” e perceber como certas questões ainda são centrais para a discussão antropológica. Roy Wagner enfatiza que devemos abrir mão de certa pretensão racionalista de uma objetividade absoluta para o que coloca como objetividade relativa, permitindo observar como nossa cultura possibilita compreender outra cultura e as limitações de tal compreensão. Assim, tem-se relatividade cultural como pressuposto de que cada cultura é equivalente a qualquer outra e que a compreensão de outra cultura visaria à criação de uma relação intelectual entre elas. Relação aqui, colocada como equivalência entre duas perspectivas, almejando retirar as concepções como “análise” ou “exame” enquanto pretensão de objetividades absolutas. No sentido de objetividade relativa e de relatividade cultural, o antropólogo deve abarcar seu universo de estudo com grande profundidade e apreender o caráter relativo de sua cultura diante da formulação concreta de outra, sendo que sua posição é mediada por seu próprio mundo de significados na participação da cultura estudada (WAGNER, 1981).

Tomar as concepções nativas sobre os fenômenos estudados (a isto entendemos aqui por regime de enunciação ritual) a partir de nossas formulações teóricas, sem que haja pretensões de decalcar conceitos prontos de nossa epistemologia na apreensão do mesmo, mas perceber o quê, concepções outras nos levaria a considerar em nossas próprias epistemologias, é uma “antiga” preocupação em nossa disciplina. Antes de aludir ao regime de enunciação ritual de um ciclo de Festas de Nossa Senhora do Rosário, priorizando o que os congadeiros, participantes desta festa, mobilizam na interação desta rede festiva, tentarei abordar como essa idéia de trazer contribuições para nossa forma de pensamento está presente também em outro autor.

Malinowski enfatiza que o antropólogo não deveria ficar preso apenas ao estudo do costume selvagem à luz de nossa mentalidade e de nossa cultura (referindo-se ao fato de ver o mito como texto, descontextualizado de seu ambiente), mas também, do estudo de nossa mentalidade na perspectiva cedida pelo outro que estudamos, pois se estivéssemos em contato durante um tempo com culturas mais simples que a nossa, poderíamos adquirir um novo sentido de realidade no que se referem às nossas instituições, crenças e costumes. (MALINOWSKI. S/D).

Hoje percebemos ser difícil, para não dizer impossível, tomar a perspectiva do outro para olharmos nossa mentalidade. Essa mudança de perspectiva seria possível apenas aos xamãs, segundo Viveiros de Castro. A proposição que aparece já em Malinowski e será aqui evidenciada, é de adquirir novo sentido ao que se refere às nossas instituições, quando em contato

com outros. Enfatizo então, que podemos almejar a um “novo sentido de realidade” (MALINOWSKI. S/D) em relação a nossas concepções, desde que não se acredite assumir a visão do outro, mas que modifiquemos a visão de nós mesmos através do contato com o outro. Desde que criemos possibilidade de existirem *outrains*, como nos alerta Viveiros de Castro, 2002a.

Para Roy Wagner a compreensão de outra cultura também visa a formar uma relação intelectual entre duas culturas, mas a partir de uma equivalência entre as duas perspectivas. Assim, longe de tentar uma “transubstancialização xamânica” para nos ver da perspectiva do nativo, vale ressaltar a consideração de que ambas são perspectivas, assim, Wagner propõe abrir mão de uma objetividade absoluta por uma objetividade relativa. Daí que as relações intelectuais entre formas de pensamento, quando de um contexto de interação, a exemplo, o ritual, permitiriam ao antropólogo ser o xamã de seus próprios significados, isto mediante as formulações estimuladas pela relação com outras perspectivas.

Vale então ressaltar certas concepções de Edmund Leach sobre a antropologia como experimento ficcional na interação entre estas perspectivas, exemplificando um decalque que pode ocorrer quando da concepção de “sociedade”. A proposição colocada ao antropólogo é de

(...) sempre tratar o material de observação como se fosse parte de um equilíbrio global; do contrário a descrição torna-se quase impossível. Tudo o que estou propondo é que a natureza fictícia desse equilíbrio seja francamente reconhecida. (LEACH, 1996. p.326. grifos meus)

A ênfase aqui é a de não tratar a ficção, “sociedade”, como fato estabelecido, uma vez que a mesma é apenas hipótese. As sociedades seriam ‘sistemas de modelos dos antropólogos sociais’. Leach demonstra como seu modelo de organização *Gumsa, Gumlao e Chan*, estudados em seu livro “O Sistema Político da Alta Birmânia” (1996), seriam descrições do tipo *como se*, sendo antes modelos ideais do que sociedades reais, pois seria necessário “apresentar um modelo convincente do que acontece quando esses sistemas como se interagem” (LEACH, 1996. p.327). Esta ilustração serviria, no caso do autor, para demonstrar que “o quê” para nós pode ser tomado por mudanças entre organizações sociais, pode não ser do mesmo modo para os Kachins, por exemplo, povo estudado no livro supracitado. Talvez não caiba tal distinção a estes últimos, mas como ficção etnográfica, a prerrogativa *como se* poderia ajudar a perceber as modificações ou “mudanças de estrutura” (LEACH, 1996) entre essas “sociedades” criadas ficcionalmente.

A “mudança de estrutura⁷” se daria devido à nossa maneira de compreender tais coisas. *Gumlao*, *chan* e *gumsa* podem ser organizações sociais opostas para nós, enquanto para “os nativos kachins” não são necessariamente encaradas dessa maneira. A pergunta é: a distinção entre estas “sociedades ficcionais” são tidas por eles da mesma forma que por nós? É incoerente passar de uma a outra para eles? Talvez seja até imperceptível, como descreve o autor em certo momento de sua obra: “(...) do ponto de vista do observador externo, o processo pode ter como resultado alguns dos kachins ‘tornarem-se chans’, mas para o ator essa mudança pode ser quase imperceptível.” (LEACH, 1996. p. 328).

Tornar perceptível nossas formulações teóricas diante os dados etnográficos é uma proposição não só esclarecedora – para o antropólogo em seu trabalho – como em certa medida, desafiadora. Colocar e assumir esta posição ficcional como preceito de observação, tendo nossos pressupostos *como se*, é proclamar a possibilidade inventiva a partir da relação intelectual entre culturas.

Gregory Bateson formulara de maneira consistente algumas “hipóteses de controle”, que seriam posteriormente retrabalhadas por ele, para pensarmos certa dinâmica entre mudança e padronização. A partir de uma visão de padronização dos indivíduos pela cultura, formula os conceitos de “*ethos*”, padrão emocional de resposta e “*eidós*”, padrão cognitivo de cultura. O conceito de “*configuração*”, usado por Ruth Benedict, para designar a modelagem do indivíduo pela cultura seria constituído pela união do *ethos* & *eidós* (padrão cultural de resposta & padrão cultural de estímulos). Vale ressaltar que com estes conceitos, Bateson (1990) tentara estudar a cultura Iatmul (povo melanésio) como um todo a partir da análise da cerimônia Naven⁸. Desta forma é que se afasta dos funcionalistas ingleses colocando que ao invés de subdividir a cultura deve-se subdividir e classificar diferentes tipos de função, que podem ter relações antagônicas. As funções ocorreriam em função de outras coisas, e não para alguma coisa. Formula então que a função social seria a função do Naven, e não este ocorrendo para manter a coesão social. A coesão social seria assim função (efeito) de um fenômeno cultural. Bateson esclarece de forma

⁷ Não pretendo aqui iniciar debates em torno da concepção de estrutura, se é possível mudanças ou não na mesma. Para este debate acredito haver uma extensa bibliografia que inclui distinções entre a noção de estrutura inspirada em Radcliffe-Brown (1973) e outras fundamentadas a partir de Lévi-Strauss (2003). A perspectiva que adoto para este trabalho é a de não permanecer fixo a uma *forma* que possa, por ventura, ser instituída ao fenômeno acompanhado através da observação e da consecutiva descrição, mas de pensar e refletir as relações de força e de transformação presentes no contexto observacional aqui proposto. Assim, acredito, por hora, escapar à necessidade de demarcação destas diferenças em relação à concepção de estrutura.

⁸ Naven – Ritual analisado em livro homônimo e que versa, dentre vários temas, sobre o travestimento masculino entre os Iatmul, uma população da Melanésia.

convincente que, por exemplo, o casamento, poderá ter funções distintas em contextos culturais diferentes, do mesmo modo que uma situação ritual nem sempre teria como função o aumento de integração do grupo. Ao observar o cerimonial Naven, leva em conta que os dados que fundamentam a pesquisa nem sempre são apenas aqueles vistos ou ditos em relação à cerimônia, mas também comportamentos observados em outros contextos da cultura, tentando comprovar que a atitude ritual especificamente analisada é parte de um modo geral de pensar, sentir e agir do grupo. (BATESON, 1990).

Não é nossa intenção utilizar esta última consideração para a presente dissertação. Acompanhando os Ternos de Congado em suas “Festas do Rosário” não pretendemos traçar paralelos entre o comportamento ritual e um modo geral de pensar e agir, pois tal empreendimento exigiria outras investidas a campo. Se por ventura conseguirmos demonstrar que o culto aos antepassados e a organização cíclica do festejo estão entrelaçados de uma forma mais ampla com a vida dos congadeiros, será resultado das considerações aqui evidenciadas, mas acredito que tal formulação não foi alcançada e nem existe tal pretensão. Entretanto, vale ressaltar que assumimos a perspectiva deste autor em diversos momentos, um destes, é quando considera que nem toda situação ritual terá por função a integração do grupo, ou seja, não é dado um estado *a priori* ao qual o rito necessariamente nos conduziria.

Ainda me detendo rapidamente às considerações de Bateson, indico que este considerava *ethos*, estrutura e função pragmática enquanto categorias analíticas em que se poderia subdividir uma cultura. Seria difícil pensar estes conceitos como conceitos prontos para observar os pontos de vista adotados bem pelo científico como pelos nativos. O autor evidencia assim que a questão não é a de promover a explicação do tipo lógico científico de análise (*ethos*, estrutura e função pragmática) ao material estudado, apesar de tê-lo feito no livro, segundo ele mesmo esclarece em seu famoso “Epílogo de 1936”. Bateson coloca que as análises seriam traduções de uma linguagem sobre o mundo, explicada por uma linguagem que se pretendia “superior” a este mundo. Percebe assim que *ethos*, estrutura e função pragmática não eram pontos de vista ou aspectos da cultura observada. E que buscar cada um destes aspectos em “cada parte do comportamento” e em cada informação dos nativos, como coloca, seria muito comum e difícil de se desvencilhar, pois “(...) o hábito de pensamento que atribui caráter concreto a aspectos dos fenômenos é os que desaparecem com dificuldade.” (BATESON, 1990. p. 285, tradução minha).

1.2 Os decalques

As concepções sobre os fenômenos humanos, como por exemplo, “produção simbólica subalterna”, “formas sociais de apreensão do catolicismo europeu”, “ritual coletivo como introjeção de identidades”, “inversões temporárias do poder hegemônico”, cada qual com a possibilidade de direcionar a pesquisa a um determinado universo de discussões, apresentam possibilidades com as quais é possível abordar o festejo do Congado. Recortes estes, que nos oferecem certo suporte acadêmico, o que permite, em nome da objetividade analítica, enquadramentos dos dados oferecidos pelo contexto etnográfico a questões temáticas da disciplina, o que desconsideraria determinados “movimentos do fenômeno” enfatizados pelos agentes em interação (LATOURETTE, 2006). Dentre estes movimentos, a partir das ênfases dos atores, podemos considerar como eles mobilizam seus mediadores e suas eventuais conexões com regimes de enunciação ritual no contexto das festividades do Rosário, e concomitantemente, a relação que outros grupos têm nesta “mobilização”. Considerações estas, enfatizadas e entendidas como dados criados relacionamente, a partir do momento que levamos a sério as formulações dos congadeiros acerca do contato com antepassados, entidades e santos, sendo que estes podem mediar as relações dos congadeiros estabelecidas durante “*o estar no Rosário*”. O que também pode oferecer uma oportunidade de evidenciarmos que “*entrar em contato com as forças dos antepassados*” pode extrapolar o momento festivo, uma vez que, preparações que antecedem e sucedem ao festejo, podem também evocar a mediação destes “seres”. Isto é possível de avaliar, quando percorrido as associações oferecidas pelos agentes durante alguns procedimentos rituais que extrapulam “o dia principal” da Festa de N. Sra. do Rosário.

Intenta-se utilizar seriamente o contexto situacional ritualizado, onde regimes de enunciação são empregados para dizerem e/ou fazerem coisas, almejando criar uma “ficção etnográfica” que permita fazer experimentos ou observações *como se* a formulação, “*estar no Rosário*”, um dado oferecido pelos congadeiros a partir de seu contexto, fosse alguma entidade caracterizável. Pelo menos em alguns momentos específicos, enfatizados pelos congadeiros e ritualmente marcados por alguns movimentos dos grupos de congado em cortejo durante o festejo, podemos almejar à visualização de como seriam construídas associações que dizem respeito a este “*estar no Rosário*”. Entre estes momentos executados pelo grupo em cortejo estão:

“retirada/saída das bandeiras”, “ida a um cruzeiro”, saudação quando do encontro com outro grupo (e/ou do “encontro de capitães”), “levantamento, retirada e saudação dos mastros”, “pedido para entrar em um quartel” de outra cidade, momento de almoço ou lanche (seja “pedindo permissão ou agradecendo”, respectivamente entrada e saída), a “busca de reis ou rainhas congas” assim como a “busca dos andores dos santos” e “entrada, saída ou retirada da santa” (N. Sra. do Rosário) da Igreja pelos grupos para a procissão. Estes e outras etapas e momentos do festejo serão explicados e evidenciados com maior riqueza de detalhes no capítulo dois.

1.3 Nosso conhecimento é um conhecimento antropológico

As formulações em campo, realizadas a partir das associações estabelecidas pelos que pesquisamos são, obviamente, considerações antropológicas. Considerações antropológicas formuladas a partir de experiências etnográficas, o que contrasta e seria de sentido diverso aos decalques teóricos ou a questões antropológicas que enfatizem sociedade, cultura ou poder nos grupos que acompanhamos.

As experiências etnográficas, sob título de ficções etnográficas, são formuladas a partir da relação entre antropólogo e interlocutor sob mesmo estatuto epistemológico, considerando assim os possíveis dados relacionais que daí sobrevenha. Já os decalques teóricos, “levariam questões antropológicas a serem observadas ou experimentadas em campo”, pressupondo-se que seriam encontradas lá. Tanto as ficções etnográficas quanto os decalques teóricos são formulações efetuadas por parte da cultura antropológica, as primeiras, tem apenas um status virtual de formulação em conformidade com a relação estabelecida.

Podemos visualizar então, que o objetivo antropológico não pretende assumir um ponto de vista outro, mas que o nosso ponto de vista é o da relação com o ponto de vista nativo, sabendo que “(...) o conceito nativo de ponto de vista não coincide com o conceito de ponto de vista do nativo;” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002a). Não há a pretensão, e evidencio aqui novamente, de assumirmos a perspectiva do outro, mas existe a preocupação em como relacionar as perspectivas em interação, não conferindo a nenhuma delas um status explicativo, pois isto

tende a introjetar certa hierarquia entre formas de linguagens distintas “A linguagem analítica parece criar-se **a si própria** como cada vez mais complexa e mais distante das ‘realidades’ dos mundos que ela procura retratar, (...)” (STRATHERN, 2006, p.32 - *grifo do autor*).

Como só apreendemos algo de outra cultura a partir do “próprio sistema simbólico”, é necessário, como relembra Bateson, não abandonar nossos preceitos⁹. Devemos então “controlá-los” através de elementos dados em campo que dialoguem com nossas categorias analíticas. É possível perceber a exemplificação deste “experimento” nas referências anteriores feitas a Edmund Leach, sob as quais não irei me deter novamente. O importante seria percebermos que ao fazermos tais experimentos estamos lidando *como se*. É preciso então, uma referência em nossa cultura que nos permita dialogar com concepções de outras, o que não podemos é permanecer em qualquer uma das duas, hora sob pena de tentar “observar a realidade do objeto”, esgotando-o e outra, a de querermos “tornarmos nativos”, ver como eles.

Neste exercício, percebi como minhas anotações de campo, mesmo não pretendendo explicitar um método de análise, estavam impregnadas de observações “culturalizantes”, ou melhor, “estetizantes” em relação ao material coletado. A mim, no início de meu trabalho de campo, parecia que estava pesquisando “a cultura dos antigos escravos”, e como as pessoas lhe davam com elas ainda hoje ou como pessoas com “condições sócio-econômicas desfavorecidas” produziam “uma cultura” que não era uma “cultura de elite”.

No início do presente trabalho de campo, tinha por referência inicial considerações sobre o fenômeno do festejo em relação à cultura popular, e influenciado por certa literatura, “um posicionamento” sobre o tema enquanto “produção simbólica subalterna”. Durante a interação que se seguia, percebi que não tentar aplicar “decalques” ao fenômeno, o que levaria a ênfases em algumas questões, tornaria possível considerar alguns dados da relação, priorizando assim o que era enfatizado pelos congadeiros para interação¹⁰. A expressão “*estar no Rosário*” foi se

⁹ A ficção antropológica formulada, “*o estar no Rosário*” seria uma relação intelectual inventiva entre culturas. Uma vez que só nos seria possível apreender algo de um objeto de estudo por meio de nossos significados (palavras com que se interpreta), constituindo assim um sistema de símbolos (termos técnicos inventados pelos antropólogos), onde o rito, em seu modelo cultural é também um modelo de símbolos diverso ao “modelo antropológico”. Estes “dois sistemas teriam uma estrutura comum” o sistema de símbolos na descrição feita pelo antropólogo e o utilizado na execução ritual. É isto, que em certa medida, nos permitiria comunicar uma compreensão aos nossos pares sobre dado fenômeno observado, fazendo-se necessário, segundo Roy Wagner (1981), abrir mão de certa pretensão racionalista de uma objetividade absoluta para o que coloca como objetividade relativa.

¹⁰ Interações esta com o próprio observador. O que os congadeiros me enfatizavam que estariam a fazer? Acompanhando-os começara a perceber certas ênfases que direcionavam a alguns momentos, estes momentos é que foram perseguidos posteriormente como forma de registrar o festejo.

formando quando o *Terno* que eu acompanhava anunciava seus afazeres nos festejos utilizando-se de outros grupos como “contraponto” às suas ações. De início, me fora oferecido como contraponto um “grupo de percussão que toca maracatu¹¹” que participava das Festas do Rosário, posteriormente é que foram aludidos outros grupos de congado. É importante salientar que ao entrarem em contato comigo, os congadeiros dispunham seus conhecimentos de maneira que me fizesse compreender suas considerações, visando a transmitir certo aprendizado. Faziam alusão de início a um “grupo de percussão”, pois supunham que eu era próximo do mesmo. Quando perceberam que meu interesse era o Congado, me foi oferecido digamos, de “contraponto”, outros Ternos ou Guardas de Congo.

Lembro-me aqui de Gregory Bateson em seu livro *Mente e Natureza*, este considera que só aprendemos algo por diferenciação e o oferecido para expor esta diferenciação é o que talvez possa fundamentar certo entendimento. As associações feitas para se transmitir um conhecimento ou “o meio de acesso a”, talvez seja aqui de grande importância. Serão estas “associações” que tentaremos explorar ou perseguir através dos contextos dos congadeiros durante a escrita etnográfica.

Acredito que as formulações acima no que se refere a grupos de percussão e às Festas do Rosário, fazem parte de outra etapa do presente estudo. Percebo que sem a devida apresentação sobre o que consiste o fenômeno da Festa de Nossa Senhora do Rosário na região em que interagi, e dos agentes envolvidos neste contexto, Ternos ou Grupos de Congado e demais interlocutores que surgiram, é impossível formular qualquer consideração. Sendo assim, estes serão os temas do capítulo dois.

As discussões teóricas realizadas foram realizadas acima, a partir de agora, pretendo partir para uma maior caracterização deste “fenômeno humano”. Para “caracterizá-lo”, será feito primeiramente uma apresentação geral do festejo e dos grupos. Em seguida à explanação geral, demonstro como a partir de meu envolvimento com um Terno, acompanhando suas consecutivas “saídas de bandeiras”, afetara minha apreensão no que se refere ao acompanhamento dos momentos ritualizados durante o festejo. É neste instante que anunciarei as questões colocadas pelos interlocutores referentes ao festejo e aos outros grupos.

¹¹ Maneira com a qual os integrantes deste grupo o caracterizavam. Sobre Nação de maracatu ou grupo, está descrito no Capítulo dois no subitem 2.1 Descrição geral de alguns Ternos.

Entre todos estes momentos acompanhados, três festas se destacam das demais por certa diferenciação, estas, serão trabalhadas em momento oportuno, são elas: Festa de Itapecerica – MG (“festa de amarrar capitão”); Festa do Rio das Mortes – MG (região do campo das vertentes, festejo onde apenas o grupo local participa. Não realizam convites a outros ternos para participarem de “sua Festa do Rosário”) e Três Barras – MG, festa que tem o grupo de Catopés como central (por acaso me foi possível acompanhá-la). Neste último local o grupo de Catopés “assume o lugar”, se é que posso enfatizar desta maneira, que o grupo de Moçambique apresentava aonde acompanhei os festejos anteriormente, isto no que se refere a “levar a santa ao interior da Igreja”, isto segundo a versão contada pelos ‘congadeiros da região dos moçambiques” relativo à aparição e N. Sra. do Rosário aos antigos negros escravos. Este momento ritual também tem seu paralelo no mito de aparição de N. Sra. do Rosário aos negros provindos da África em decorrência do tráfico negreiro. A seguir será possível tomar contato de como foi minha forma de apreender e demarcar algo sobre este fenômeno humano que gira em torno de festejos, trocas, formação de grupos, processo de escravidão, mitos, ritos, dinâmicas culturais, adoração a santos, ancestrais, entidades, dentre outros.

2 AS FESTAS DE N. SRA. DO ROSÁRIO E A ETNOGRAFIA

*Foi nossa senhora mando um recado festa
do rosaaaro o lêrê
Me chamou me chamou me chamou
Eu sou fio dela criado no cooongo
Ah eu vô eu vô eu vô*

*eh irmao do rosaaarioo io io
é são benedito que vai bençoar
cada criança e cada guarda e todos
adulto que aqui está éh.*

*Ô rêrê ô rara ô nossa senhora mando me
chamá
(Moçambique de Ibituruna – MG)*

A observação de campo deste trabalho compreende a Festa de Nossa Senhora do Rosário que ocorre entre os meses de agosto a outubro em algumas cidades do interior de Minas Gerais. A microrregião aqui observada é conhecida como “campo das vertentes”. Esta região situa algumas cidades, distritos e lugarejos ao longo da “Estrada Real”, uma rota que atualmente pode ser aludida como percurso turístico que abrange algumas cidades onde acompanhei a supracitada festa.

Não pretendo me restringir à descrição de uma Festa de Nossa Senhora do Rosário, efetuada por um Terno de Congada específico, mas quando acompanhando um grupo ou Terno da cidade de São João del Rei (SJDR) em algumas festividades, expor alguns procedimentos dos grupos de diferentes locais na realização do festejo, assim como de “certas preparações dos congadeiros”, membros da congada, para a participação no dia da festa.

Fora acompanhado um total de dez festas em louvor a Nossa Senhora do Rosário, os demais encontros acompanhados ou foram preparações para este dia ou festejos relacionados a outros santos. Houve outros momentos que o grupo acompanhado “retirava sua bandeira” para “sair em formação” e não se destinava a uma Festa do Rosário. As expressões anteriores são utilizadas pelos congadeiros para aludirem à saída organizada de um grupo de congada em forma de cortejo, entoando cantigas, executando toques e ritmos variados em direção a alguma

festividade e/ou evento. Isto podia ser realizado independente à festa de N. Sra. do Rosário ou das festas em devoção a outros santos.

Acompanhei poucos festejos nos quais eu não estava junto do grupo que normalmente acompanhava durante as festas (Terno de Moçambique e Catopé de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito). Em uma destas festas na região, “o Terno anfitrião” não convidava outros Ternos para sua festividade, segundo eles, seu festejo sempre fora desta maneira, “*sem grupos de fora*”. Nesta localidade, próxima a São João Del Rei (SJDR), o grupo, até a uns dois anos atrás, também não participava de Festas de N. Sra. do Rosário em outros locais, apenas recentemente começaram a participar de outros festejos. Como meu enfoque se direcionava a acompanhar um terno em suas relações nas festividades do entorno de SJDR, nesta localidade, acompanhei o festejo sem a presença do grupo que normalmente eu acompanhava. Este festejo foi acompanhado durante todo o dia de domingo, incluindo “*levantamento de mastro*” na noite anterior, tudo isso no distrito do Rio das Mortes, 2008.

Outro local onde também assisti ao festejo sem a companhia do Terno de SJDR, fora em Três Barras – MG 2008, de distância considerável em relação aos demais festejos aqui demarcados. Estas duas festas, a do Rio das Mortes e de Três Barras, apresentavam características específicas em relação ao festejo quando contrastado com as demais festas acompanhadas. Já o contar sobre a “*aparicação de Nossa Senhora do Rosário*”, os “*procedimentos do dia da festa principal*” e o “*levantamento de mastro*” se assemelhavam um pouco, apesar de existirem diferenças fundamentais e que explorarei adiante.

Junto a estas duas, destaco também a festa da cidade de Itapecerica – MG, no que se refere ao festejo um pouco diverso do que encontrei na região de São João del Rei. Em Itapecerica acompanhei a festa juntamente com o grupo aqui citado. A festa de Itapecerica e a de Três Barras apresentam distâncias geográficas consideráveis uma da outra, assim como SJDR, Itapecerica é bem distante de Três Barras, já que esta ultima situa-se próximo à cidade de Serro – MG, quase no norte de Minas Gerais. O distrito do Rio das Mortes é bem perto de SJDR, sendo que Itapecerica dista cerca de uns 300 quilômetros de ambas as cidades.

Estes três locais distintos de festa, acima mencionados, apresentam variações importantes no que se refere à execução do festejo e dos ternos envolvidos nesta relação. Tentarei indicar algumas variações e consonâncias através deste trabalho, apesar de inicialmente pretender

compor um cenário acerca de um padrão que possibilite considerar estes festejos enquanto um único fenômeno social.

Itapecerica é conhecida pelo grupo que acompanhei por ser uma cidade que “(...) *lá tem uns moçambiques chique mesmo...*” (Z.M., capitão de congada e um dos meus principais informantes). Em toda a região do entorno de SJDR, segundo suas considerações, encontram-se muitos grupos de Moçambique; “... *aqui tudo é região dos Moçambique*” (Z.M., capitão de congada). Muitos grupos da cidade de Formiga e Uberlândia (esta última do triângulo Mineiro) compareceram no festejo em Itapecerica, além de um Moçambique da cidade e Oliveira – MG.

O terno da cidade do Rio das Mortes, segundo seus participantes, “*aqui é congado*”; “*Congado de N. Sra. do Rosário*”, se utilizam de uma indumentária específica, de “*batidas de tambor*”, que ditam o ritmo de sua música, também específica em relação à maioria dos Ternos de congado da região de SJDR, que abrange as cidades de Resende Costa, Itapecerica, Bom Sucesso e Ijaci, principalmente no que se refere aos moçambiques. Apresentarei as características dos grupos no subitem seguinte deste capítulo “*Descrição geral de alguns Ternos*”. Por hora, enfatizo que algumas variações podem determinar a pertença ou não de um grupo a algumas denominações. Estas classificações utilizadas, se confundem, de certa forma, com os símbolos rituais manipulados no Festejo de N. Sra. do Rosário que são executados pelos ternos de congado. Os instrumentos utilizados, as cores das indumentárias, as cantigas, as músicas, o bailado, podem muitas vezes determinar a pertença de um terno a uma das classificações que considero enquanto “tipos de congado”. O importante é salientar que estas classificações são efetuadas pelos congadeiros, classificações que nos cumpre observar.

Além destes elementos, também os rituais e os mitos que se referem à aparição de N. Sra. do Rosário aos negros escravos, podem ter variações a depender do terno e do local da festa. Por exemplo, o mito contado por membros do Terno de Congado do Rio das Mortes, e o contado pelos membros do grupo acompanhado na festa de Três Barras (o grupo do local que me narrou a aparição foi um catopé), distinguem-se entre si e também em relação aos narrados pelos grupos de Moçambique.

Nos grupos de Moçambique, de uma maneira rápida e geral, é contado que “*a santa*” (N. Sra. do Rosário), aparecera em uma “*rocha de pedra*”, e o terno responsável por retirá-la de seu local de aparição e levá-la até a igreja é o Moçambique, juntamente com demais ternos que são anunciados durante o festejo, pois muitos grupos tentaram levá-la até o interior de uma igreja,

mas “*a santa*” só teria saído de tal lugar quando o Moçambique cantou, tocou e dançou para ela, conduzindo-a até o interior de uma capela. Na região dos moçambiques, estes são os “*responsáveis por levar a santa de seu local de aparição até o interior da igreja*”, isto foi anunciado em uma cantiga na porta da Igreja em um instante ritual. Esta referência pode ser verificada tanto no mito quanto nos ritos realizados durante o festejo. Outros ternos de congado são também anunciados através desta cantiga e durante o cortejo fazem parte do festejo. São anunciados no ritual e no “*mito de aparição da santa*”, dentre eles estão o grupo Vilão, o Catopé e o Congado.

Nas informações coletadas com os outros dois grupos, o Congado do Rio das Mortes e o Catopé de Três Barras, “*a santa (N. Sra do Rosário) aparecera em uma ilha*”. O Terno de Três Barras é um Catopé, e dentre algumas diferenças em relação aos festejos onde “*o Moçambique é o grupo principal*”, tanto no que se refere ao procedimento ritual encontrado na festa de Três Barras quanto da constituição mesma dos grupos, de suas cantigas e musicalidade, talvez a diferença relativa ao mito seja uma das mais sutis, apesar de anunciarem outros “agentes neste contexto da aparição da santa” (grupos diferentes), tanto durante o rito quanto no mito.

Na região de Três Barras, onde o Catopé é o grupo “*responsável por levar a santa de seu local de aparição até o interior da igreja*”, os demais Ternos envolvidos são os Caboclinhos, que fazem alusão aos índios, e a Marujada, que faz alusão ao colonizador branco. Estes também são aludidos no processo ritual durante o festejo assim como no “mito de aparição da santa”. “O grupo principal da festa aqui é o Catopé, é o mais importante da festa”, diz um antigo membro do grupo de catopé que fora “*homenageado*” pelo referido grupo na festa de Três Barras. Não me debruçarei sobre algumas referências à festa de Três Barras, mas no apêndice II, “*II. Um pequeno comentário sobre a ‘Festa do Catopé’*”, há considerações relativas a este dia de acompanhamento do festejo. Achei central incluí-la neste trabalho por oferecer contrapontos de classificações que ilumina as considerações em relação ao material coletado na região de SJDR. Apresento no apêndice as demais festas que acompanhei durante a etnografia e dentre estas apresentações de outros festejos, descrevo algumas das execuções rituais do momento da festa.

É possível considerar algumas diferenças e correlações quando relacionamos o Terno de Três Barras com o terno do Rio das Mortes no que diz respeito à variação da santa ter “*aparecido em uma ilha*”. No que se refere aos demais agentes envolvidos e a especificidade destes ternos, as festas se diferenciam. No caso de Três Barras há a presença do índio e do colonizador branco,

diferindo assim, do festejo do Rio das Mortes, que não anuncia estes agentes, apenas o próprio terno do local, o “*Congado de N. Sra do Rosário*”. Sem me alongar nestas considerações que se referem às variações entre estes “segmentos do congado”, saliento as palavras que o chefe de catopé acompanhado na cidade de Três Barras proferira quando de minha pergunta sobre sua colocação em relação aos Ternos de Moçambique; após dizer que já havia “*encontrado com moçambiques*” (provavelmente em algum festejo) e de “*respeitar as festas*”, que se faz em outros locais, acrescenta, “*(...)é diferente mesmo, mas é tudo congada*” (I.V., chefe de Catopé).

A partir das próprias considerações evidenciadas nos instantes rituais, levantarei a hipótese de que é constante nos festejos a ênfase dos grupos demarcarem a pertença ao congado a partir de certa diferenciação entre os grupos que o compõe. “As partes” utilizadas para demarcarem estas diferenciações talvez sejam de grande auxílio para o estudo dos mesmos. Assim, todas as festas aqui acompanhadas, cada qual com sua especificidade, são festas realizadas por agrupamentos de pessoas denominados por “Congado”, e talvez o principal elemento que permita esta ênfase, seja a adoração a Nossa Senhora do Rosário, mas com certeza não é o único, já que podemos acompanhar também a coroação de Reis e Rainhas Congas em todas elas. Verificar algumas classificações efetuadas por estes grupos, referente aos ternos, considere também de central importância para a presente abordagem deste fenômeno social que possui suas lógicas e sistemas classificatórios bastante próprios.

A seguir farei uma exposição sobre os ternos e as possibilidades de classificação entre os mesmos para, no subitem seguinte, apresentar ideias e reflexões sobre o festejo.

2.1 Descrição geral de alguns Ternos

Os congadeiros são, em sua grande maioria, trabalhadores rurais, pessoas com empregos temporários ou empregados por um patrão em algum serviço, estes últimos, geralmente exigem grande força física (trabalhos braçais). Em algumas regiões rurais aqui acompanhadas é nítido que o fenômeno é eminentemente executado por negros, mas não exclusivamente. Em outros locais, geralmente nos espaços urbanos (a maior cidade onde acompanhei o festejo foi São João del Rei, com algo em torno de oitenta mil habitantes, isto em 2007) a presença de negros também

é preponderante, mas talvez o que mais venha a “marcar a posição destes congadeiros” seja as ocupações destas pessoas ou sua alocação no mercado de trabalho. Longe de pretender retirar a ênfase do congado como herança escrava, realizada pelos negros de hoje, venho aqui também destacar outra dimensão freqüentemente acompanhada¹², a dimensão de um tipo de ocupação no mercado de trabalho que pode, algumas vezes, também ser associado ao festejo. Carlos Rodrigues Brandão, no excelente estudo sobre o congado em Catalão, Goiás, “*A festa do Santo Preto*” (1985), além de importantes considerações sobre o festejo, possibilita-nos uma ótima visualização das relações entre congadeiros e suas alocações de empregos e serviços¹³. Acredito que estas considerações se aproximam em muito das presenciadas nas festas que acompanhei, ele destaca em certo momento de seu trabalho um quadro onde estariam alocados os congadeiros no que tange ao vínculo empregatício.¹⁴

Os congadeiros com que estabeleci contato, em sua grande maioria não tinham um emprego fixo, realizavam pequenos serviços de forma esporádica, havia pedreiros e/ou realizadores de pequenos ofícios, como eletricista, faxineiras ou diaristas, funcionários de escola, como porteiro, servente, cozinheira, viúvas que sobrevivem com aposentadorias do INSS, domésticas, e alguns “trabalhadores de balcão” de lojas de produto rural, dentre outros.

O Terno de São João del Rei com o qual estreitei os laços durante a etnografia, e que denomino aqui por “*Terno de Moçambique e Catopé de N. Sra. do Rosário e São Benedito*” o bairro S.D, trazem em sua formação duas bandeiras estampadas, em uma, a imagem de Nossa Senhora do Rosário, em outra, a e de São Benedito. Dona M. carrega durante as andanças do congado a bandeira de São Benedito e Dona B., a bandeira de Nossa Senhora do Rosário. Elas vão à frente do cortejo do grupo “*abrindo os caminhos*” com as bandeiras. Todo o material de uso comum do grupo, instrumentos, as bandeiras, alguns chapéus, ficam guardados na casa de M.A., localizada ao lado da capela do bairro S. D. em São João del Rei. Na praça onde se localiza a capela há também um cruzeiro de madeira, ambos ficam logo à frente da casa de M.A., local onde também é realizada a Festa de N. Sra. do Rosário do bairro S.D. e consecutivamente, onde

¹² E que certamente apresenta estreitas relações com a já anunciada “dimensão de herança escrava”.

¹³ Aquilo que move a reflexão atual sobre o congado não se limita ao *homo economicus*, mas estende-se a suas formas de sociabilidades, seus discursos, imaginários, etc. Assim não é o trabalhador rural ou informal das pequenas cidades despido de seu personagem que pretendemos investigar, mas o congadeiro de tal ou qual grupo, construído a partir dele e de sua indumentária. Longe de pretender uma abordagem desossada da realidade o interesse é o da reflexão em relação aos enunciados ao mesmo tempo histórico e cultural. Trazer para a discussão o ícone congadeiro seria uma tentativa de refletir sobre a trajetória desta festividade e destas pessoas nos dias de hoje.

¹⁴ Sobre estas considerações e sobre o quadro acima referido, ver BRANDÃO, 1985. p.54.

são “*fincados os mastros da festa*”. É difícil fazer referência a este grupo sem considerar os demais Ternos presentes no mesmo bairro. Mas antes disso, vou me ater às descrições de algumas características deste terno de congado, passando à descrição dos demais posteriormente.

No “Terno de Moçambique e Catopé de N. Sra. do Rosário e São Benedito do bairro S.D.” são utilizadas roupas brancas, na maioria das vezes dos próprios congadeiros, segundo M.A. e outros membros do grupo, eles não recebem recursos financeiros regulares para manter o grupo, sendo assim, calças, tênis, chapéus, couro para tambor, e alguns instrumentos, ou são doações dos próprios membros do grupo ou então de doações de outras pessoas, como os arrecadados pela sacola de pedido de esmolas ao santo que são colocadas juntos às bandeiras do grupo. Cada membro utiliza-se então de roupa própria, recentemente o grupo fez uma camisa *silkada* contendo a estampa de N. Sra. do Rosário e o nome do grupo. Na época em que acompanhei o terno, M.A. e Z.M. eram os “coordenadores”, podendo inclusive financiar algum custeio com viagens e materiais para o terno, como sementes para se utilizar nas guias (colares), terços e Rosários. M.A. exercia a função de presidente do Terno e Z.M. o de capitão, responsável então por “*puxar o grupo*”, que podemos considerar como, dentre outras coisas, entoar as cantigas a ser posteriormente seguido em coro por todo o terno, decidir o itinerário e atuação do grupo durante os festejos, locais de participação do grupo.

Juntamente com M.A., Z.M. ainda tentava levantar fundos para conseguir ônibus para deslocamento do grupo, indo atrás de doações, para assim, poderem participar de outros festejos, assumiam também, certa responsabilidade, segundo eles, em relação aos membros do congado no que diz respeito a uma espécie de proteção espiritual e a certos cuidados que precisavam ser seguidos pelos congadeiros para que o grupo permanecesse “*firme no rosário*”. Sempre antes de uma “*saída de bandeira*”, momento onde o grupo em formação de cortejo sai para suas atividades, M.A. e Z.M. lembravam aos congadeiros algumas restrições. Algumas destas eram relativas à bebida e à atividade sexual nos dias anteriores ao festejo. “Banhos de cheiro” e “banho frio” eram enfatizados como necessários de serem tomados antes de se sair em cortejo com o grupo e após os cortejos. Algumas plantas eram utilizadas para preparar estes banhos realizados antes ou depois dos cortejos, dentre elas o manjeriço (*Ocimum basilicum*), alecrim (*Rosmarinus officinalis*), arruda (*Ruta graveolens*) e para o banho de cheiro, rosas e outras flores. O que se pode destacar é que juntamente com as cores, tão enfatizadas pelos congadeiros e que irei demonstrar mais adiante, também o cheiro é muito importante “*prá entrar em contato com a*

espiritualidade”, como costumava enfatizar o capitão Z.M.. Perfumes podiam ser preparados e utilizados nas bandeiras, instrumentos e roupa dos congadeiros, segundo dizem, “*para imantar*”. Certa vez presenciei também a utilização de uma garrafa de cachaça com diferentes ervas, a chefe de congado distribuía a bebida, preparada previamente para esta finalidade, anunciando que servia apenas um gole para cada membro de seu grupo antes de cada um pegar seu instrumento, enfatizando ser necessário servir pessoalmente cada membro.

As receitas destes “preparados” de cachaça ou dos banhos para o corpo e para as guias (colares feitos de miçangas e/ou sementes e contas de lágrima) envolviam sempre certa precaução. Consegui informações acerca de algumas plantas utilizadas apenas após recomendarem para mim um banho específico após um festejo que acompanhei junto do grupo. Outra vez também registrei a prática de serem realizadas rezas ou benzeções com intuito de proteger o grupo e/ou os congadeiros para um festejo ou após um festejo acompanhado.

Certa vez, quando eu havia quebrado minha mão direita, M.A. me recomendou ir a uma benzedeira que costumava sair junto de seu terno para que ela “*benzesse minha mão*”. Nesta ocasião minha mão doía muito, mesmo já tendo passado duas semanas da retirada do gesso. Segundo M.A. e a senhora que me benzeu, Dona M.N. “*se fosse coisa feita é só benzê que sai*”, agora, se fosse questão de médico, aí não ia adiantar muito benzer. A ênfase de M.A. era que eu podia ter “*pego algo de ruim*” em alguma festa onde eu havia acompanhado seu terno, pois eu não fazia uso de certos “*instrumentos de proteção*”. “*(...) nesse meio tem muita inveja, olho grande, e a gente nunca sabe de onde é que vêm né?! Tem muita coisa boa, mas têm maldade demais também*” (M.A. se referindo aos festejos do congado.). Em relação a minha mão, ela apresentou uma melhora considerável, benzi na quarta-feira, e no domingo, no festejo de Resende Costa, minha mão já estava melhor para escrever minhas anotações durante o festejo, desde então me foi recomendado alguns banhos anteriores e posteriores ao festejo e a utilização de roupa branca quando fosse acompanhar o grupo em seus cortejos.

Percebe-se que todos estes cuidados eram extensivos também a quem acompanhava o terno, mas que não tocava tambor ou cantava, a familiares que acompanhavam seus parentes e obviamente, a este aspirante de pesquisador. Estas e outras medidas relacionadas ao cuidado com o corpo, mediado por recursos específicos para estar presente no festejo, como a utilização de um

Rosário¹⁵ era necessária para os membros da congada “enfrentarem” um dia de atividade durante o trajeto do grupo. Geralmente quando um terno sai para alguma atividade, onde receberá um almoço e levará sua bandeira do santo, e isto dura o dia todo, é sempre encarado pelos congadeiros como momento de grande concentração por parte deles, pois segundo enfatizam, “*congado não é brincadeira não, é coisa séria, você tem que tá bem porque é muita coisa que se enfrenta ali*” (M.A.), seu companheiro complementa, “*(...) é missão, tá ali no congado cê tá é em missão*” (M. congadeiro).

Era comum também receitarem chás a algum congadeiro que, por ventura, nos dias seguintes a um festejo, viesse a “passar mal”, tendo sintomas como dores pelo corpo, disenteria, vômitos, dentre outros. O chá, e alguns tipos de banhos, dentre vários procedimentos como rezas ascendendo velas em casa, em cruzeiros ou em encruzilhadas, me foram muitas vezes recomendados após uma “consulta” a uma benzedeira, a M.A. ou a Z.M., a depender da situação. Apenas após conversas que envolviam considerar alguns momentos dos festejos, relações travadas antes depois e durante os cortejos realizados pelo grupo, é que poderia ser disponibilizando uma possível “recomendação”. Algumas destas “leituras” sobre as causas de infortúnios relativas ao festejo colocavam em cena algumas classificações de cores utilizadas pelos demais grupos em uma festa; a constante e imbricada relação entre santos, entidades do panteão afro-brasileiro e os ancestrais, que podia ser visualizada pela circulação dos congadeiros em Terreiros e Candomblé, casas de Umbanda e na Igreja Católica; e o consecutivo cuidado com o corpo, já que através dele é que se podia ter a percepção sobre “os resultados do festejo”.

Certos cuidados e procedimentos a serem realizados por um congadeiro ao sair em cortejo, junto de seu grupo, começaram a se tornar perceptíveis apenas após um maior envolvimento com um único grupo. À medida que eu acompanhava o terno de M.A. e Z.M. e ao mesmo tempo tentava aproximações com outros grupos, do bairro S. D. e demais bairros, os primeiros não mais me davam muitas informações sobre o que estavam a fazer no festejo, e os outros grupos sempre enfatizavam entre eles que eu estava acompanhando o “*Terno da M.A e do Z.M.*”. Sendo assim, minhas perguntas eram por vezes respondidas de formas curtas e muito evasivas e por mais que enfatizasse que eu estava fazendo um levantamento de informações sobre

¹⁵ Comumente feito dos frutos de uma planta, denominados “*contas de lágrima*” ou “*lágrimas-de-nossa-senhora*” (*Cix lacruyma-jobi* L.), podendo haver Rosários feitos com o fruto branco da planta ou utilizando o fruto branco e o preto. O Rosário é a soma de três Terços, ele contém 150 Ave-Marias, expressa pela quantidade de contas de lágrima, geralmente menores do que as contas que expressam o Pai-Nosso. Sobre a propagação do uso do Rosário em Minas Gerais é interessante consultar BORGES, 2005.

o festejo para pesquisa acadêmica, era visível o receio de que eu pudesse “levar informações” de um grupo para outro. Inclusive Z.M. e M.A., além de meu orientador, enfatizaram que seria necessário eu conversar também com outros capitães. Sempre foi nítida a necessidade de entrevistar e conversar ao menos com os “líderes” de cada grupo presente em uma festa. O que era seguido por mim à risca na medida do possível, pois nestes instantes era difícil uma conversa se alongar por muito tempo, mas mesmo assim, geravam bons frutos, como contatos para conversas posteriores e uma rápida anotação do nome do grupo e santo da bandeira, cores da indumentária, endereço, telefone e época do festejo do grupo em questão.

Além de alguns cuidados que os congadeiros devem seguir para sair em cortejo com o grupo, e que são encarados com certo cuidado para não serem divulgados, eles costumam usar também algumas “guias”, geralmente confeccionadas por um pai de santo ou por quem geralmente executa este ofício. Estas guias, por vezes estão relacionadas à proteção espiritual que inspiram e estão vinculados a entidades do panteão africano, como preto-velho, exu, Zé Pelintra dentre outros. As cores das guias, confeccionadas com miçangas coloridas utilizadas como colares, fazem alusão a qual entidade a “guia” se refere. Nem todos os congadeiros utilizam guias, alguns trazem terços católicos dependurados no pescoço, Rosários, também católicos e que podem, ambos, serem confeccionados com sementes diversas, coloridas ou não¹⁶. Também para a fabricação de Rosários é utilizado uma semente chamada pelos congadeiros simplesmente de “tento” e apresenta as cores, vermelha e preta, não consegui encontrar a denominação desta semente.

A mãe de M.A. havia morado na mesma casa em que hoje ela mora nos dias de hoje e que serve de quartel ou base para seu grupo, é onde as bandeiras ficam guardadas e o local de encontro comum do grupo, sua mãe tinha sido a “festeira” e a “Rainha Conga” do bairro S.D. durante muitos anos. A mesma já falecera e M.A., juntamente com outros grupos do bairro S.D., dá continuidade a esta herança deixada pelas pessoas que moravam no bairro e fizeram a festa em outros tempos. Seu pai, segundo conta, morreu enquanto participava de uma Folia de Reis. Os outros dois grupos de congado que descreverei adiante, existente no referido bairro, também tiveram início com os ancestrais dos mesmos.

¹⁶ Irei me deter aqui acerca dos utensílios utilizados pelo grupo como um todo, guias, bastões de capitão são objetos que podem variar de congadeiro para congadeiro, seriam uma espécie de “acessórios necessários” aos mesmos.

O grupo de M.A tem uns sete tambores grandes, as pessoas que os tocam são denominadas “*caixeros*”. Os que vão à frente são chamados “*caixeros de guia*”, por “*irem na guia*”. Esta “função” é também cercada de cuidados, não é qualquer congadeiro que “*pega a guia*” é preciso “*ser firme no Rosário*”, segundo contam. Além dos tambores há os reco-recos, pandeiros, xique-xiques, e vez ou outra conta com a participação de uma sanfona ou de um violão. Geralmente alguns membros amarram guizos nos pés, M.A e Z.M. sempre “*vão no congado*” com estes guizos amarrados aos pés, fazendo alusão à pertença de seu grupo à denominação Moçambique. Segundo o Capitão, os mesmos não executam passos e danças específicas do moçambique, enfatizam que esta tradição entre o terno se perdera, mas ainda trazem os guizos, fazendo alusão ao que era presente outrora. Trazem “*a bandeira de Nossa Senhora do Rosário*”, que faz alusão ao nome de Moçambique por parte do grupo, e a de São Benedito, a seu nome de Catopé, isto segundo o capitão do grupo. Usados também como instrumentos, os guizos deste grupo, segundo contam, fazem mais referência à ancestralidade do mesmo, mas os instrumentos que realmente preenchem as cantigas e execuções do Terno são as “*caixas*” ou tambores, juntamente com os pandeiros, tocado também por M., marido e companheiro de M.A., além de outros instrumentos como o xique-xique. Os reco-recos estão todos na casa de M.A, mas não são muito usados.

Junto à indumentária branca, a camisa silkada a imagem de N. Sra. do Rosário e os chapéus de palha usados pelos membros, os congadeiros seguem durante o cortejo junto com suas eventuais “*guias*”, além destas, geralmente cada congadeiro leva seu “*Rosário*” consigo, este, na maioria das vezes é feito com contas de lágrima¹⁷. Tanto as roupas, o chapéu quanto as guias, apresentam conotações específicas. O chapéu conta com adereços de fitas coloridas, principalmente nas cores azul e branca, com algumas vermelhas, e como será frisado pelos congadeiros no decorrer do trabalho, as cores anunciam a qual entidade do panteão africano um grupo pode estar vinculado, a depender da coloração da roupa ou, como no caso aqui anunciado, da cor das “*guias*” de seus membros. Parece haver aqui uma dimensão coletiva de vínculo a entidades, no que se refere ao grupo, e uma dimensão mais individualizada, no que se refere às guias e adereços de cada congadeiro. Os tambores também são adereçados com fitas coloridas, e

¹⁷ Durante minha interação com o grupo percebi que todos tinham um “*Rosário de Maria*” confeccionado por uma mesma pessoa. Esta pessoa também havia confeccionado a bengala que M.A. utilizava quando saía com o grupo. Este rapaz, segundo M.A., teria grande “*entendimento de uns fundamentos*” para fazer estes objetos característicos usados e “preparados” pelos congadeiros, utilizando-os durante o momento que “*se retira a bandeira*” e o grupo sai em cortejo.

as roupas brancas garantem que nada de ruim possa acontecer aos mesmos, assim como as guias também são vistas como forte utensílio de proteção. Quando estas guias “*arrebentam*” durante o cortejo, isto pode ser lido pelos congadeiros como um sinal, um presságio de “algo ruim” que esta por vir ou então, como se este utensílio tivesse “*sigurado algo de ruim que viria para quem a estivesse usando*” (M.A.), sendo assim, protegendo seu portador de possíveis malefícios que nunca se sabe bem de onde vem.

Todos estes “instrumentos” podem ser preparados e tratados com banhos de ervas, com “*firmezas*”, ascendendo velas, dentre outros procedimentos que podem ser executados pelos próprios congadeiros ou pais de santo e até mesmo benzidos na igreja por algum padre. Pode ser realizado o mesmo com os próprios congadeiros, com a preparação de seus corpos com procedimentos similares. Como já havia dito, além das “*guias*” é usado também um “*Rosário de Maria*” feito de conta de lágrimas. Sobre a grande divulgação e uso dos “*Rosários*” dependurados no pescoço e utilizados como instrumento de proteção em Minas Gerais, ver Borges (2005). A autora enfatiza a grande disputa que envolvia as Irmandades de leigos e os grupos de negros, que almejando autonomia de culto no que diz respeito aos vínculos com o clero, utilizando-se enormemente de certos utensílios católicos, em especial o Rosário.

Os congadeiros deste grupo de SJDR efetuam “*batidas*” e toques tanto do que denominam por Moçambique, quanto os toques que fariam alusão ao Catopé, “*agora vamo de moçambique gente, moçambique!!!*” (Z.M. enfatizando para o Terno a batida a executar no momento de entrar na Igreja.). O moçambique apresenta uma “*batida de tambor*¹⁸”, mais lenta que a dos outros grupos de congado, mais contida e seqüencial, com espaçamento muito curto entre uma batida e outra de tambor, sendo difícil precisar ao certo o final de uma seqüência de batidas, já que a virada para se iniciar uma nova seqüência se confunde, devido ao pouco espaçamento entre uma batida e outra, se assim podemos dizer. Um dos instrumentos característicos do moçambique, além do tambor feito de madeira e couro de boi, são as “*gungas*” (latas contendo esferas que

¹⁸ A maneira de se referir aos toques e cantigas neste trabalho não é nem mesmo incipiente, não faço uso aqui de termos musicais e compassos para demarcar as mesmas. Serão, no entanto, acentuadas as próprias considerações dos congadeiros referindo-se aos toques de um ou outro terno, como de “*batida mais forte*”, mais fraca, pouco espaço entre as “*batidas*”, dentre outras. Peço desculpas se, por este motivo, não consegui precisar de forma convincente os ritmos ou “*toadas*” dos ternos, mas certamente tento aqui reproduzir a maneira pela qual alguns congadeiros me especificavam tanto as variações de ritmos quanto as variações entre os ternos a partir dos ritmos. Algumas regiões se referem aos toques do congado como “*serra a baixo*”, “*serra a cima*”, no entanto, em minhas pesquisas não presenciei tais denominações, e isso certamente não quer dizer que alguns grupos que presenciei não utilizem estas ou outras denominações.

amarradas aos pés ditam a passada e o ritmo do grupo) e o “*patangome*” (instrumento que pode ser feito com duas calotas de veículos uma tampando a outra e contendo esferas ao centro) este último é tocado com um movimento de corpo, como se estivesse bateando ouro ou trabalhando na bateia. Estes instrumentos preenchem de forma peculiar o ritmo do Moçambique e dança executada pelo “*moçambiqueiro*”, com as “*gungas*” amarradas nos pés, é fundamental para se proferir este ritmo tão característico

Juntamente com a dança executada pelo terno, sua roupa, os instrumentos e características que ainda irei precisar, através da execução ritual também é possível demarcar a pertença de um grupo a determinado segmento. O grupo de Catopé apresenta uma “*batida*” um pouco “*mais marcada*”, com “*batidas de tambor*” com espaçamento um pouco maior que a do Moçambique, podendo haver “*viradas*” no ritmo ao final de uma sequência de “*batidas*” espaçadas, este grupo contém ainda em seu ritmo a presença marcante dos reco-recos.

O Terno acompanhado em São João del Rei alternava entre ambos “os estilos”, mesmo tendo consciência que não eram um “*moçambique legítimo*” segundo as palavras de Z.M., pois nestes haveriam apenas duas caixas, os “*patangomes*” e os membros com “*gungas*” nos pés executando uma dança específica que conduz o ritmo característico do moçambique. Mesmo tendo consciência que o grupo não trazia estes adereços, se intitulavam Moçambique. Faziam assim, alusão ao passado do grupo. Já em relação ao Catopé, é perceptível também a proximidade deste grupo e suas características com o que é visualizado em outros locais. Como a grande quantidade de reco-recos anteriormente usados (característicos do catopé), a “*batida*” mais forte e rápida, etc. Sobre a questão da definição do estilo do grupo acompanhado, presenciei uma fala interessante do irmão de M.A., “*o grupo aqui é de Congado... esse negócio de Moçambique e catopé eu não sei, é grupo de congado!*” (S.d., irmão da M.A.). S.d. não participa muito do grupo por conta de seus afazeres nos dias de domingo, ele é árbitro de futebol e também mestre de bateria de escola de samba na cidade. S.d. participava do grupo antes do atual capitão Z.M. se tornar o capitão, e segundo relatos de outros membros do congado, me parece que os dois tinham certas divergências quanto à condução do terno.

Os outros Ternos do bairro S.D., um é do capitão M.o. e outro do capitão R.C.. O terno de M.o. também usa roupas brancas, mas ao invés do chapéu de palha usam boinas azuis, apenas o capitão M.o. usa uma boina branca. Este grupo é o responsável pelo levantamento do mastro na festa do bairro S.G., bairro vizinho ao bairro S.D.. Como o bairro S.G não tem um terno de

congado, anteriormente vários grupos lá levantavam o mesmo, sendo que de uns tempos pra cá, o terno de M.o. tornou-se “*o encarregado de mastro*”, responsável por levantar todos os mastros da festa do bairro S.G., que geralmente são os mastros de Santo Antônio do Catijiró, São Benedito, N. Sra. do Rosário e N. Sra. Aparecida. Na festa deste bairro o “*levantamento do mastro*” é realizado após a missa de sábado na semana anterior à festa principal de domingo. Na missa de sábado é onde geralmente se oficializa e coroa ao Rei e Rainha Conga do bairro para a festa, sendo que no domingo do festejo, eles também participam, tanto em cortejo pelo bairro junto aos ternos, quanto sentados em um palanque montado à frente da igreja do bairro e onde é realizada a “*Missa Inculturada*”. Missa que é realizada nos dias de domingo, dia principal do festejo, no final deste dia do festejo há uma grande participação dos grupos de congado além dos possíveis reis e rainhas que estes grupos trazem juntamente como os reis e rainhas específicos coroados para a ocasião do festejo em questão. É interessante anunciar que muitas vezes pode acontecer que um rei ou rainha de um grupo seja um conhecido pai de santo local, chefe de terreiro de candomblé, e que neste momento da Missa Inculturada, este, também Rei Congo, geralmente senta no palanque onde à sua frente, o padre local realiza a referida Missa campal.

Retornando ao Terno do M.o., este traz consigo umas quatro caixas, acompanhadas pelo tamboril do capitão, juntamente com sua voz inconfundível, seu apito e bengala, que é dada às vezes a sua esposa que acompanha o cortejo ao final das duas filas de congadeiros do Terno. Contam ainda com a presença de reco-recos pandeiros e xique-xiques. O capitão, além da boina de cor diferente, branca, usa um lenço vermelho amarrado no pescoço, além é claro, de seu Rosário. Ele sempre comanda os toques de seu grupo através de algumas batidas em seu tamboril, uma pequena caixa retangular (do tamanho de uma caixa de sapato) contendo um couro esticado sob uma base de madeira, adereçado com algumas fitas coloridas e tocado com uma pequena baqueta. Juntamente com o som de seu apito e algumas batidas no tamboril, o Capitão M.o. muda os toques nos diferentes momentos do cortejo realizado por seu terno em uma festa. Algumas vezes presenciei o Capitão M.o. utilizando sua bengala para “traçar pontos” no chão, seja em uma encruzilhada, à frente de outro Terno (como foi presenciado na festa do S.G. em 2008), ou antes de entrar em uma igreja, e muitas das vezes “*no pé*” de um mastro. Muitas vezes vi também o capitão Z.M. traçar símbolos “no pé do mastro” em alguns festejos, principalmente na festa do bairro S.G.

Este grupo é composto em sua maioria de pessoas mais jovens e crianças além do Capitão, sua esposa e o irmão do primeiro. São acompanhados por sua única bandeira, onde trazem simultaneamente as imagens de N. Sra. do Rosário e São Benedito em uma bela pintura feita na mesma. O pai de M.o., o já falecido L.S. foi um dos responsáveis por restaurar a capela do bairro S.D., seu pai também era capitão do grupo de congado que ele hoje mantém. Dentro desta capela está gravado o nome de L.S., e também é lá que permanece um chapéu do antigo capitão. O capitão Z.M., capitão do grupo que acompanhei mais detidamente, enfatiza que iniciou o “aprendizado no congado” a partir do grupo de L.S., mas que hoje estava junto com M.A..

O bairro do São Dimas ainda conta com a presença de um terceiro Terno, é o do capitão R.C.. Todos estes ternos do bairro guardam seus pertences na casa dos referidos responsáveis, e todas as casas são localizadas próximo ao cruzeiro e à capela, esta última, toda pintada em azul e branco. O grupo do capitão R.C. usa roupa parecida com a do terno de M.A. e Z.M.. Roupas brancas, chapéu de palha com espelhos colados aos mesmos, fitas coloridas e inúmeras guias que são dependuradas pelo corpo dos congadeiros, sendo esta uma constante também para outros Ternos da mesma cidade. Aqui é diversificado o número de pessoas adultas junto aos mais jovens. Neste grupo muitos membros utilizam espelhos em seus chapéus. O terno tem uns dez tambores e muitos membros, contando ainda com a presença de uma sanfona, pandeiros, reco-recos, sua bandeira é azul e traz a Imagem de N. Sra. do Rosário.

O terno de Congada de Nossa Senhora das Mercês pertence ao bairro das M.e. em São João del Rei. O capitão é conhecido como D.i.. Seu grupo apresenta em torno de uns cinco a sete tambores, alguns em couro outros não, usam roupas brancas, com a camiseta silkada a insígnia da Confraria das Mercês (Irmandade da Igreja das Mercês). A Igreja das Mercês é localizada no centro antigo de São João del Rei, subindo a escadaria que leva à igreja de mesmo nome, encontra-se um cruzeiro de madeira abaixo do qual está pintada a insígnia usada por este Terno de Congado. Ainda atrás do cruzeiro e ao lado da Igreja localiza-se o cemitério desta Irmandade. Porém não há praticamente nenhuma ligação formal entre este grupo e a supracitada confraria. O grupo usa chapéu de palha enfeitado com fitas nas cores amarela verde e vermelha, guias e Rosários. Trazem um pai de santo com sua bengala em seus cortejos. O capitão também traz sua bengala negra, marcada por diversos manchas ou pontos brancos. O grupo conta com a presença de algumas crianças além dos adultos que ali participam. Sua bandeira traz estampada a imagem de Nossa Senhora das Mercês e é carregada por uma criança toda vestida de branco.

Há também o terno de S.C.M., bairro de São João del Rei que, recentemente, tornara-se cidade. É o grupo de Congado de Nossa Senhora do Rosário de S.C.M.. Geralmente saem com quatro caixeros, há também pandeiros reco-recos e xique-xiques. A indumentária é bem parecida com a do terno de M.A., do terno das Mercês e do capitão R.C., roupas brancas, com chapéu de palha adornado com fitas coloridas, estes últimos ainda adotaram algumas flores para adornar o chapéu, contam com a presença de pessoas mais idosas como de várias crianças.

No bairro do M.A. também há um terno de congado com a participação de jovens, crianças e adultos com roupas brancas, vários tambores, pandeiros, xique-xiques, além de alguns “*agbes*” recentemente incorporados ao terno. Este é um instrumento de percussão utilizado pelos grupos de Maracatu, no estado de Pernambuco, os “*agbés*” foram recentemente incorporados por este terno de congado. O Maracatu, folguedo que remonta à herança africana, também se compõem em forma de cortejo, com seus membros executando evoluções em adoração a N. Sra. do Rosário e São Benedito, e coroando seus reis congos, inclusive, hoje em dia, desfilam no carnaval em Pernambuco. O maracatu pode se subdividir em dois estilos, o “maracatu de baque-virado” e o “maracatu-rural”. As variações são relativas tanto às batidas dos tambores feitos de tronco de arvore e couro, denominados por alfaia, quanto aos personagens que compõem o cortejo do maracatu, como o caboclo de lança para o “maracatu de baque-virado” e o caboclo para o “maracatu-rural”. Não irei me deter sobre as variações dos estilos de maracatu e nem precisar aqui consonâncias e diferenças entre o maracatu e o congado. Apenas saliento que, devido a um grupo que se intitulava “Grupo de Maracatu” e que realizava na cidade de São João del Rei (SJDR) oficinas para ensinar o ritmo deste folguedo, é que os ternos de congado do local começaram a tomar contato com os instrumentos utilizados convencionalmente em um grupo de maracatu que, normalmente, é chamado em Pernambuco de Nação de Maracatu. Cabe aqui enfatizar que este grupo de maracatu constituído através de oficinas de percussão começou a freqüentar as Festas do Rosário na cidade de SJDR juntamente com os demais ternos de congado local. Um instrumento que foi, podemos dizer, incorporado por este grupo de congado em específico, foi o “*agbé*”, sendo comuns outros ternos também manifestarem o desejo de terem este instrumento em seus grupos.

O capitão de congado deste grupo do bairro de M.a. traz consigo uma faixa vermelha pendurada pelo ombro e cortando o corpo na transversal. Usam bonés brancos e sua bandeira traz estampadas as imagens de São Sebastião, São Benedito e São Miguel Arcanjo.

O grupo de maracatu de SJDR que participou de algumas Festas do Rosário é composto de uns quinze a vinte integrantes, em sua maioria estudantes universitários ou com curso superior completo, além de alguns professores de escola pública. O grupo tocava instrumentos convencionalmente conhecidos como “*instrumentos do maracatu*”, como “*alafaia*”, tambor feito em couro de boi e tronco de árvore que eram “importados” de Pernambuco, o ganzá, espécie de xique-xique, um cilindro de ferro com esferas dentro, “*o gonguê*”, “*agbés*”, e o tarol, também chamado de “*caixa*”¹⁹. Utilizavam roupas brancas e muitos adereços coloridos em suas apresentações. Traziam colares com sementes que não eram comumente utilizadas pelos congados, colares de sementes de “*tento vermelho*” (Pau Brasil), “*semente do açã*”, de “*paxiubão*”, e de “*olho de boi*” (esta última era também utilizada em colares dos congadeiros). Em sua grande maioria, estas sementes são reconhecidamente utilizadas para a produção de artesanatos e bijuterias. Era também muito comum o uso da “*conta-de-lágrima*” em seus colares e pulseiras. Os membros deste grupo não utilizavam Rosários ou terços católicos e suas atuações se destinavam a apresentações em locais históricos da cidade de SJDR, por vezes se restringindo a um pequeno cortejo pelas ruas da cidade. Quando acompanhei um grupo de percussão de maracatu participando na “Festa do Rosário”, os mesmos tocavam apenas em alguns momentos específicos do festejo. No bairro do S.G. (2007) este grupo foi “*buscar um andor*” em local próximo e trazê-lo para frente da Igreja, onde foi realizada a Missa Inculturada, que irei fundamentar adiante. Neste festejo, como em alguns outros, o “*grupo de percussão de maracatu*” participou de certas etapas rituais da Festa do Rosário.

Retomo a descrição de outros grupos de congado, como o Terno de S.G.A., do local de mesmo nome, é um lugarejo próximo que faz parte do ciclo de festas dos Ternos de SJDR. O nome do grupo é *Vilão de Nossa Senhora do Rosário*. O grupo também usa indumentária branca, com chapéus de adornos floridos e alguns espelhos. Usam uma saia por cima da roupa branca, saias estas coloridas e presas por uma tira de pano que se estende até os ombros. Apenas o capitão não usa nem o chapéu adornado com flores, espelhos e fitas e nem a saia. Sua faixa que desce do ombro é azul. Nos demais membros as cores das faixas e das saias são diferentes para cada congadeiro, podendo às vezes, se repetir. Seus instrumentos são tambores, violões e caxixes

¹⁹ Vale considerar que “*caixa*” para os grupos de maracatu corresponde ao tarol, para os grupos de congada, “*caixa*” pode significar o tambor grande ou principal do grupo, feito em madeira e couro de boi, seu análogo no maracatu seria a “*alafaia*”; ambos apresentam denominações femininas, “*a alafaia*”, “*a caixa do moçambique*”. Daí também a denominação “*caixero de guia*”, o congadeiro que vai a frente do terno, em sua respectiva fila tocando a caixa.

de cabaça. O capitão traz seu Rosário no peito além de suas guias nas cores azuis e brancas. Os demais membros também trazem em seu peito suas guias. A rainha deste grupo é a “Maria da Pinta”, rainha que quando de minha primeira saída com o terno do bairro S.D. do capitão Z.M., foi homenageada no local chamado de Trindade, pois o Terno encontrara com a mesma neste local. O Terno Vilão de S.G.A. tem uma batida diferenciada quando comparada à dos ternos da região de São João del Rei, isto por ser um *congo vilão*. Trazem uma “batida” um pouco mais “vibrante”, com “viradas” rítmicas características que acompanha toda a execução da cantiga. E não apenas com viradas em momentos específico, como no final de certos versos da cantiga. Com espaçamento inicial entre as batidas de tambor bem curtas, o fim da sequência de “uma frase musical” é composto por duas *batidas* com um espaçamento de tempo um pouco maior, possibilitando até mesmo a compreensão do fim e do início de uma sequência de toque ou frase melódica. Existem também algumas sequências de viradas realizadas por estes caixeros no decorrer das sequências de toque.

A participação de Ternos de outras regiões foram registradas nas festas acompanhadas em São João del Rei. Irei me centrar aqui em três moçambiques por serem, segundo as enunciações do momento ritual, o responsável por retirar N. Sra. do Rosário da gruta de pedra em que aparecera e levá-la para dentro da Igreja. Há certa centralidade em torno dos mesmos nas festas realizadas nesta região. Inclusive a incorporação da denominação Moçambique ao grupo que acompanhamos mais detidamente os coloca, perceptivelmente, diante uma série de preocupações visando à “sustentação do mesmo em tal posição”. Sustentar a posição de Moçambique durante um festejo exigia por parte do grupo e do capitão, constantes movimentos e procedimentos simbólicos, ainda mais diante dos grupos de Moçambique visitantes, trataremos disso no capítulo três.

Entre estes Ternos de Moçambique, há o da cidade de Ijaci e Ponta Negra (Moçambique Kincongo), que participara da festa do Divino em 2008. Ainda na mesma festa, houve a presença do Moçambique da cidade de Bom Sucesso, do capitão V., e cujo nome do grupo não registrei na ocasião. Também houvera o Moçambique da cidade de Ibituruna participando no festejo do bairro S.G. em 2008. Na festa do local S.G.A. em 2007, localque tem o terno Vilão de mesmo nome, foi registrado também um “moçambique de vara” que será também descrito rapidamente aqui.

“*O Terno de Moçambique Kincongo*” utiliza indumentária um pouco distinta dos demais moçambiques e congados que presenciei. Utilizam calça preta e blusa vermelha, o capitão vem todo de branco com uma gravata vermelha e chapéu também branco. Os instrumentos do grupo são a sanfona, duas caixas e pandeiros. Visivelmente trazem mais de um capitão, com alguns deles portando bastões e não cantando junto ao coro do grupo. Em sua bandeira está escrito, “*O Terno de Moçambique Kincongo*”, com um belo desenho de Nossa Senhora do Rosário de um lado e de São Benedito de outro, ambos na mesma bandeira carregada por um senhor. Os demais capitães trazem cada um seu bastão, há um senhor mais velho do grupo que carrega um bastão no qual há um adorno com a cabeça de um preto velho, sua roupa também é branca e utiliza um chapéu preto, isso tanto a figura da bengala quanto a do senhor. O capitão do grupo também traz consigo um bastão em vermelho e preto adornado no ápice com uma figura parecida com um cão, não pude identificar ao certo se contém chifres ou orelhas. Alguns destes itens destacados aqui, como a cor da indumentária, acessórios trazidos pelos mesmos, a roupa branca com gravata vermelha do capitão, dentre outras que pretenderemos destacar aqui, leva alguns congadeiros de SJDR a considerarem este Terno Kincongo como um “Terno Exu” foram estes comentários que ouvi de muitos congadeiros quando perguntados a respeito deste terno. Tanto as cores, vermelho e preto, como as figuras um tanto curiosas esculpidas na extremidade dos bastões que os capitães traziam, levavam a estas primeiras reflexões. Atrás de suas camisas estava escrito, “*Terno de Moçambique Kincongo, Ponta Negra – Ijací*”. Estas duas últimas, cidades da região próximas à cidade de Lavras, que por sua vez é próxima à cidade de Bom Sucesso e SJDR respectivamente.

O Terno de Moçambique da cidade de Bom Sucesso estava participando da Festa do Divino 2008, havia acabado de entrar na Igreja do bairro M.t. no dia principal do festejo, estavam iniciando uma saudação no altar quando cheguei e me coloquei um pouco atrás de todo o grupo, que aos poucos, passavam todos, da direita para a esquerda, em frente ao altar. Usavam roupas brancas gorros na cor vinho, algumas mulheres usavam saias feitas com contas de lágrima que funcionavam como um instrumento percussivo, pois a medida que agitavam as gungas que traziam nos pés, rodavam e faziam também as saias chacoalharem. Violões, bandolins, xique-xiques, “*patangome*”, triângulo e duas *caixas de guia* vindas ao lado da bandeira, esta logo à frente do grupo, eram os instrumentos do mesmo. O Capitão também vinha todo de branco, apenas com seu rosário no pescoço, as gungas nos pés e um chapéu marrom de “boiadeiro”, em seu bastão havia várias fitas também na cor marrom, além de um apito que funcionava

dependurado em seu pescoço e que funcionava como instrumento para demarcar os momentos de mudança de batida ou de cantiga.

A batida do grupo era bem lenta, com os tambores marcando o ritmo junto com as gungas, as saias e o “*patangome*”, sem muitas “*viradas*” nos toques. Chamava atenção neste grupo o grande número de outros capitães que traziam seus cajados ou bastões, assim como o Kincongo, que havia quatro pessoas com bastões. Não consegui entrevistar os mesmos no momento do festejo, pois segundo o capitão, estavam ocupados naquele instante. Fato é que umas três pessoas dispunham de bastão dentre o grupo, com terços e fitas em torno dos mesmos. Chamava atenção também uma mulher, que dispunha de tal utensílio. Um dos “*caixeros*” encontrava-se descalço talvez sinal de pagamento de promessas, havia uma pessoa que “*fechava todo o cortejo*”, a mesma permanecia atrás de todos os demais e usava uma camisa azul, dispondo também de seu “*bastão de Moçambique*” muitas “*guias*”, tanto nas cores preta e branca (“*guia de preto velho*”) como nas cores verdes. As bandeiras eram brancas com fitas vinho da cor do gorro de tricô das mulheres, que vinham logo atrás das mesmas. Havia duas bandeiras, uma de N. Sra. do Rosário e outra de São Benedito, ambas sendo *levadas* pela mesma bandeireira. A de N. Sra. do Rosário trazia escrito: “*Nossa Senhora do Rosário, nos leve à vitória em todas as lutas da vida*” . Esta ainda contava com algumas fitas em bege claro. Eram poucas as crianças, a maioria do grupo era composto por pessoas idosas e adultas, destacava a grande presença de mulheres em coro, bailando com suas saias de conta de lágrima logo atrás da bandeira do terno, o capitão vinha a frente destas mulheres, ao lado, um senhor tocava o “*patangome*” com gestos específicos, os violões bandolins e demais instrumentos ficavam ao fim do cortejo. Lá atrás, fechando o mesmo, seguia uma espécie de segundo capitão, de blusa azul e calça branca, apito no peito, muitas guias feitas com diversas sementes, além de seu “*rosário*” feito em azul, segurando, como disse um “*bastão*” ricamente adornado com fitas, “*terços*” e “*guias*”, chacoalhava ainda em seus pés “*as gungas*” que trazia presa aos mesmos.

“*As gungas*” deste grupo eram feitas de lata e amarradas por uma tira de coroa nos pés, dentro dessas latas são encontradas esferas, que, à medida que o moçambiqueiro realiza passos característicos, elas fazem um som específico do Moçambique, isso juntamente com o som do “*patangome*”. Este tipo de “*gunga*” é presente também nos moçambiques da cidade de Itapecerica.

Acompanhei também alguns Moçambiques na cidade de Itapecerica, bem parecido com os descritos acima, mas estes contavam com muitas crianças e o instrumento que mais se ouvia eram as “*gungas*” nos pés das mesmas. Itapecerica é “*região dos moçambiques*”, segundo um capitão de São João del Rei. Grupos da cidade de Formiga, Arcos e Oliveira também fazem parte dos encontros nas festas desta cidade.

Outro Moçambique presenciado nos festejos em São João del Rei foi o de Ibituruna, na festa do São Geraldo em setembro de 2008. Sua blusa é verde com calças azuis escuras ou pretas, trazem na camisa a estampa de N. Sra. do Rosário, todos usavam bonés brancos. Os capitães, primeiro e segundo capitão, encontravam-se todo de branco, apenas com um chapéu preto. O grupo contava com dois “*tambores vindos na guia*”, um “*patangome*”, alguns pandeiros, xique-xiques e sanfona. O capitão trazia um “*bastão*” pintado de azul e branco com detalhes em vermelho e preto na base que era colocada ao chão, este ainda trazia algumas “*contas-de-lágrima*” enrolada, com um crucifixo incrustado na parte superior do mesmo. Já “*o bastão do segundo capitão*” era marrom e também trazia algumas “*contas-de-lágrima*” enroladas próximo aonde o segurava, ou seja, mais acima do referido bastão, além de uma fita azul claro. Ainda havia no grupo um senhor mais velho também todo de branco, com um boné também branco e com seu “*bastão*” na cor marrom, com as “*contas-de-lágrima*,” também enroladas no mesmo.

Um terno se destaca frente a todos os descritos acima, não tanto por sua formação, mas pelo festejo que realiza, neste sentido, o grupo do Rio das Mortes e seu festejo, apresentam variações instigantes quanto aos tenros acima anunciados. O grupo deste local, *Terno de Congado de N. Sra. do Rosário*, também usam o branco, saias na cor rosa e chapéus, com vários espelhos colados nos mesmos e muitas flores, formando uma espécie de “*penacho de rosas*”. Abaixo do chapéu ainda é colocado um lenço branco que cai um pouco sobre a face dos congadeiros. Há outro lenço que é amarrado no pescoço dos mesmos, este, de cores vivas e diversas. A bandeira é em azul claro e traz Nossa Senhora do Rosário pintada, o bandeireiro usa calças brancas, blusa azul e chapéu preto de boiadeiro. Os tambores do grupo, segundo narram, foi feito “*a muito tempo pelos antigos participantes*”, são umas três ou quatro *caixas* feitas de troncos de árvore e couro, em tamanho médio. O grupo tem ainda a participação de violões, bandolins e pandeiros. A dança executada por estes congadeiros é muito específica, ajoelham e fazem uma coreografia entre os próprios membros, trançando entre o terno e levando as pernas ao alto tanto para frente como para trás. A batida também é característica do mesmo, não havendo

terno de congado próximo que tenha um “*toque das caixas*” igual. O Terno também conta com a participação de dois “*Mouras*”²⁰. As questões relativas à participação destes junto do Terno do Rio das Mortes, assim como suas atuações no momento da festa, principalmente após a coroação dos Reis Congos e Rainhas Congas deste festejo, ver o quarto apêndice desta dissertação “*IV. Itapeperica e Rio das Mortes, algumas considerações.*” Infelizmente não pude me deter em elaborar as questões rituais acerca desta festa nesta dissertação. Porém, se possível, a farei em momento futuro.

Os grupos da festa de Três Barras possuem uma especificidade quando relacionados aos ternos até aqui anunciados. Quando os acompanhei em festejo, não possuíam bandeira. A formação do grupo é parecida com os aqui narrados, duas fileiras de pessoas com o capitão que lá é chamado de chefe à frente e ao centro, no entanto não trazem uma “*bandeira do grupo*”. O Catopé que acompanhei no local tinha dois tambores grandes na frente, um de cada lado das duas filas de congadeiros do grupo, ambos feitos pelo chefe do grupo, de tronco de árvore e couro de boi. Os outros instrumentos eram os xique-xiques, pandeiros e muitos reco-recos, tocados em sua maioria por adolescentes e crianças. O chefe vinha com sua indumentária na cor vermelha, calça e blusa, ambas enfeitadas com algumas tiras em cores diferentes pregadas na mesma. Um lenço, também vermelho, abaixo do chapéu, este último feito com algumas plumas que formavam uma espécie de penacho. O chapéu ainda trazia alguns espelhos pregados ao mesmo, fitas nas cores azuis e rosa também estavam amarradas no ombro do chefe de catopé, estas, segundo ele, faziam alusão à N. Sra. do Rosário. Empunhava também seu bastão (ou vareta?), que ao ser levantado ou “*virado para cima*”, era um indicativo para que o terno parasse de tocar. Os demais membros usavam saias de diversas cores, estas um tanto longas, quase abaixo do joelho, também decoradas com tiras coloridas em cores diferentes. Um grande lenço amarrado logo acima dos ombros era

²⁰ “*O moura*” é um personagem que acompanha o “*Congado de N. Sra. do Rosário*” do distrito do Rio das Mortes. São dois, eles usam roupas vermelhas e um capuz também vermelho, deixando aparecer apenas sua face. Utilizam uma espada, que segundo contam, foi feita por descendentes de escravos, com esta espada de madeira os mouras “*correm atrás*” das crianças e demais pessoas durante a Festa de N. Sra. do Rosário neste distrito. É comum “*os mouras*” chegarem por trás de alguém distraído durante o festejo e, colocando a espada entre as pernas da pessoa, este a levanta a uma altura considerável. Ao fim da festa, quando o terno busca os Reis congos que estavam diante à igreja para assistirem à missa e realizarem suas doações, os levam para suas casas. Neste instante, marcado por toques, cantigas e danças diferenciadas executadas pelo terno, os Mouras tentam com a espada, retirar a coroa dos reis, sendo impedidos por uma quantidade razoável de pessoas, umas 5 ou 7 que, contendo um bastão em mãos e vindo à frente dos Reis Congos do festejo, mais ou menos uns oito ou dez reis, tentam evitar que os mouras toquem as coras dos reis com a espada. Algumas vezes, “*os mouras*” obtêm sucesso, levantando então a espada para o alto. Todo este trajeto, da Igreja até o local onde se levam os reis é marcado pelo acompanhamento de grande parcela da população do local. Realizada durante todo o dia, este momento acontece já durante a noite de domingo.

também visualizado em todos, apesar das cores serem diversas. Traziam consigo um chapéu todo enfeitado com plumas coloridas e espelhos. Apenas os dois “*caixeros*” não usavam nem saias nem chapéus, apenas um colete enfeitado com tiras coloridas. Ainda havia um senhor que vinha, na formação do grupo em cortejo, atrás do chefe, ou seja, em meio às duas fileiras de congadeiros e mais ao fim do cortejo. Usava as mesmas roupas que o capitão só que na cor amarela, tanto na calça quanto na blusa, também trazia várias tiras de pano colorido presas na roupa. Este senhor, de roupa amarela, contava ainda com seu bastão ou vareta. Morava em lugarejo um pouco distante e segundo o chefe, iria ser o Rei da Festa em seu local de moradia. Este senhor organizava uma quantidade grande de jovens e crianças, e andava de seu povoado até o local onde o grupo se reunia para sair em cortejo. Era possível ver amarrado em sua cintura uma cabaça, que posteriormente vim saber através do chefe do catopé, ser um “preparado de ervas” feito pelo próprio chefe, e que poderia ser usado caso “acontecesse alguma coisa” com algum congadeiro. Perguntado sobre quais coisas seriam estas, ele dissera que anteriormente só de um congadeiro olhar para outro, ele poderia fazer com que o congadeiro de outro grupo lá permanecesse parado ou que caísse (ao chão). Enfatizando que “hoje em dia” estas coisas não acontecem mais, o chefe do catopé anuncia que carregar o preparado tornou-se uma espécie de tradição.

Outro grupo presente na festa de Três Barras era os “Caboclinhos”, chapéu também em forma de penacho, adereços nos punhos e canelas que continham algumas plumas pequenas, rosto pintado logo ao lado do nariz, a roupa era na cor verde. Havia dois “Caboclinhos” presente na festa, com características parecidas, as “pulseiras” com algumas plumas, mas a cor que predominava nas roupas deste último era o vermelho. Ambos os “Caboclinhos”, traziam também alguns arcos e flechas de madeiras. As flechas de madeira eram presas no arco por uma borracha que, ao serem puxadas e em seguida soltas, ao bater na madeira do arco emitia um estalido do qual era feito um ritmo específico. Juntamente com a batida de dois tambores, as batidas da flecha no arco figuravam a musicalidade deste grupo. A “Marujada” era outro grupo presente neste festejo, vestia blusa azul, calças e bonés brancos, seus instrumentos eram tambores, flautas, xique-xiques, pandeiros e violões. Durante o festejo acompanhado, no momento que o Catopé estava dentro da igreja “*retirando a santa para procissão*”, os mesmos “*encenavam*” uma luta de espadas à porta da igreja. Dois membros do grupo se alternavam na luta de espadas com alguns outros membros do grupo que também “traziam suas espadas”. Enquanto isso o caboclinhos

contornava toda a igreja e o grupo de marujada, que se localizava à frente desta. Após a saída da igreja do Catopé junto com a Santa, a marujada o esperava na porta da mesma, e os caboclinhos, no entorno, faziam o mesmo.

Todo o itinerário da procissão com o andor “*da santa*” era então realizado desta maneira, a marujada vindo à frente de todo o cortejo, logo depois o catopé com o andor de N. Sra. do Rosário, atrás deste, alguns devotos. Ao entorno da marujada, do andor, do catopé e dos devotos, os caboclinhos contornavam a todos, com suas duas fileiras de membros uma a cada lado de todo o cortejo, quando passavam pelos participantes, cruzavam as duas filas (que percorriam uma “de cada lado da procissão”) e retornavam cada uma “ao lado oposto em que antes passara”. O trajeto era todo permeado por estas “evoluções”. Na frente das fileiras dos Caboclinhos, havia uma mulher com um facão que, neste momento de contornar a todos no momento da procissão, era levantado na altura dos olhos e posto à frente da mesma e de todo o grupo, a mesma mulher vestia uma saia feita de palha ou fibras de árvore seca.

Tentei aqui configurar de forma um tanto objetiva os Ternos de Congado presenciados em decorrência de minhas pesquisas de campo. A descrição dos mesmos é central tanto para anunciar os agentes envolvidos no festejo quanto para apresentar ao leitor uma maior visualização dos mesmos. Anunciarei agora, certas considerações sobre o festejo realizadas por diversas pessoas que de alguma forma participavam dos festejos registrados nos diferentes locais por onde a pesquisa foi conduzida.

2.2 As Festas do Rosário: “Histórias, causos e formulações”.

As abordagens historiográficas sobre o evento, assim como os dizeres sobre esta festa, a depender do local onde acompanhei alguns grupos, são várias, assim como seus mitos. Irei aqui me debruçar sobre o “*falar sobre o congado*”, a partir do que fora oferecido por aqueles que o fazem, algo que envolve a narrativa sobre a aparição de Nossa Senhora do Rosário aos negros escravos vindos da África para o Brasil. Acompanhei diversos relatos que falavam das congadas como forma de aglutinar antigos negros escravos para trabalharem em outros locais. Assim, “*eles iam de congada*” até o local do trabalho, iam e voltavam nesta formação. Outros dizem que a

congada era uma forma de conseguir dinheiro para alforriar escravos. Cada negro alforriado participava destes Ternos peregrinando com o mesmo, almejando alforriar outros escravos e procurando locais para o garimpo, de onde retiravam ouro e diamantes. Dizem que os negros alforriados eram na verdade comprados pelos capitães de congada para fazerem parte de suas tropas, sempre percorrendo caminhos “não oficializados” durante o período do ouro; “bandos” de ex-escravos errantes, se assim podemos dizer, que em formação de cortejo peregrinavam por diversos locais, levando consigo bandeiras e tambores. Estas últimas considerações, seriam conhecimentos deixados “*pelos antigo*”²¹ e por mim coletadas em campo.

As Festas do Rosário são também conhecidas por rememorarem o tempo da escravidão, quando os negros com um “único dia de descanso concedido pelo seu senhor” coroavam seus reis e realizavam suas festas. Os grupos ou Ternos de Congo efetuam suas cantigas saudando Nossa Senhora do Rosário, sua padroeira. Na festa também se louva São Benedito, Santa Efigênia, São Sebastião, Santo Antônio do Catijiró, dentre outros santos católicos. É comum visualizarmos as imagens destes santos em “*mastros fincados*” em frente à igreja onde a festa irá ocorrer. Geralmente estes mastros têm cerca de 5 a 10 metros de altura, são enfeitados e pintados em períodos anteriores ao dia principal do festejo, quando “*fincados*” à frente da igreja, anunciam “o início oficial” do festejo. A bandeira do grupo é outro utensílio utilizado pela congada que traz estampada a imagem de santos católicos, que seguem à frente do terno de congado, podendo haver bandeiras de qualquer santo, a depender do grupo. Os santos que mais verifiquei nas bandeiras dos grupos são N. Sra. do Rosário, São Benedito e São Sebastião. Também presenciei bandeiras com as imagens de N. Sra. das Mercês, Arcanjo Miguel, etc. Alguns congadeiros e capitães de congado me informaram que era comum “confeccionarem a bandeira” devido a uma promessa ou graça conquistada por algum membro da congada, festeiro ou reis do congo.

O nome do Terno de congado quase sempre também segue bordado abaixo da imagem do santo padroeiro do grupo. Feita de pano e por vezes com fitas coloridas amarradas nas laterais da mesma ou flores adornando a imagem do santo, a bandeira é sempre “louvada”, no “*encontro entre ternos*” – quando dois ou mais grupos se encontram durante o festejo e há cantigas

²¹ Em vários locais, com certa distancia territorial é comum escutarmos “*os antigo falavam que...*” ou “*é coisa dos antigo*” ao se referirem seja a considerações sobre festas, santos, aparições ou a situações que podem ser lembradas por quem teve “contato com os antigos” e também com o conhecimento destes, por exemplo, através dos mitos que são contados. Pode a expressão “*aos antigos*”, também se referir à força espiritual dos antigos escravos que estaria presente na festa de N. Sra. Do Rosário e nos Ternos ou Guardas de Congado. Não me parece, e por enquanto é apenas especulação, que haja qualquer caráter diferenciador entre estas características.

proferidas de um grupo para o outro –, na chegada do terno em alguma residência que lhe oferta alimentos, por “devotos do santo” e/ou transeuntes que ao constatarem a presença do terno, direcionam-se para o mesmo, ajoelham-se em frente à bandeira e, realizando o nome do pai, beijam a mesma. Gesto que pode comumente ser visualizado no catolicismo, seja no interior de igrejas, diante de altares de santos, na porta da igreja, etc. É comum os congadeiros dizerem “*levar a bandeira*”, fazendo analogia a um itinerário a ser percorrido pelo grupo.

É possível, através destes exemplos e de outros que pretendo evidenciar nas páginas subseqüentes, verificar o forte caráter ritualizado e demarcado nas execuções e atuações dos ternos de congado. Através de pessoas em cortejo, com tambores, bandeiras, danças e cantigas, organizadas por “bandos de ex-escravos errantes” e/ou grupos que se organizavam para “irem ao trabalho de congada”, realizando saudações bem demarcadas de “chegada”, de “saída”, de “louvar aos santos”, dentre outras, é que relembro Durkheim (2003) ao falar sobre rituais. O autor enfatiza que os momentos presentes nos rituais seriam “contrários ao da ordem cotidiana” (DURKHEIM, 2003). Porém, a partir dos pequenos exemplos citados acima e de outros que serão anunciados, verificamos que, seja o momento inicial, final ou em alguns pontos de maior dramatização durante as cantigas, toques e danças dos congados nas Festas do Rosário, são comuns certas ênfases da atuação ou ação ritual, no sentido de “cantar o trabalho”, não tão avesso à ordem cotidiana destes membros da congada. Arrisco afirmar que estes instantes rituais contêm e anunciam elementos de ambos os momentos sociais.

Os momentos durante o cortejo do grupo, com suas cantigas e instantes de chegada e saída de algum local, seja ele uma casa, uma igreja, um terreiro de umbanda ou candomblé, apresentam um forte caráter festivo, mas que não me parece desvinculado das referências à “vida do trabalho”. Muitas cantigas do congado fazem referencia à seriedade e à obrigação que os congadeiros devem assumir ao “sair junto de um grupo”. O caráter de missão e de obrigação, para os congadeiros, é muito freqüente. Canta-se muitas vezes esta obrigatoriedade de um devotamento, como podemos ver nas letras de cantigas distintas registradas em campo:

*“Oi tava drumindo oi eu tava sonhando / ah quando acordei tava até
trabaiando.
Oia lá ôh oiá lá, quem é que vai chegá / quero vê é congadeiro, bota corpo p/
trabaiá”*

Registrei outras cantigas que anunciavam esta relação entre devoção e trabalho, entre o sagrado e o trabalho, como por exemplo, um catopé cantando para N. Sra do Rosário no momento em que retiravam a santa da Igreja para a procissão ocorrida na tarde do festejo:

“(...)Ôhh eu venho, perguntaáa, se faltei com a obrigação(...)”

Muitas vezes o “cantar o trabalho” pode aparecer como demarcando (segundo as características próprias deste regime de enunciação) instantes em relação ao cotidiano, se assim podemos dizer. Um bom exemplo de cantiga registrada era quando um Terno passava próximo a uma fazenda ou a um “dono de terra conhecido”, podendo ser um patrão ou pessoa de posses que oferece empregos, não necessariamente um fazendeiro. Presenciei esta situação na Festa do bairro S.G. em SJDR no ano de 2007 e no local S.G.A em 2008. Situação na qual uma pessoa, com as características anunciada acima, de empregador, e já conhecida do capitão do terno ao qual eu acompanhava, ao chegar próximo do grupo, que estava saudando o mastro, este, ao finalizar a cantiga que executava, iniciava a seguinte:

“Me chamaram de vaquêro, eu não sou vaquêro não / na fazenda em que eu trabalho ô meu irmão, vaquêro é meu patrão”.²²

Aqui verificamos como cantar o trabalho assume características específicas. É assim que, não pretendemos trazer dicotomias pensadas anteriormente para contrapô-las às relações efetuadas durante o festejo. A dicotomia sagrado/profano enfatizada por Durkheim (2003), onde os ritos marcariam tal passagem, serve de exemplo. Aqui o rito não precisa ser entendido como marcador de dicotomias ou de transição entre certos estados. Não é necessário que o ritual tenha função tão específica, esta função poderia ser visualizada como independente ao ritual tomado para análise, talvez uma espécie de decalque teórico.

Em função disso, creio que as relações oferecidas pelos congadeiros no momento que são executados os procedimentos rituais estão sujeitas a inúmeras demarcações, visualizando talvez um momento de extrema multiplicidade, e como tentei destacar, momentos onde se confundem

²² Inicia-se cantando “*Vaqueiro*” e posteriormente, nas próximas execuções, este é substituído por “*boiadeiro*” e “*carreiro*”. Chamo atenção que a canção é proferida por um capitão que enfatiza sua relação com “*caboclos boiadeiros*”, entidade reconhecidamente dos cultos de umbanda. Saliento que inúmeras músicas, até mesmo aquelas já conhecidas por meio do mercado fonográfico, foram algumas vezes utilizadas pelo grupo que acompanhei em contextos específicos referentes a diversas situações que dialogavam com momentos ocorridos no festejo.

saudações e possibilidades de conflito. A ambigüidade do período ritual, certa ‘imprecisão’ característica das enunciações rituais, se deve talvez à especificidade do período liminar a que estes momentos podem aludir (TURNER, 1974, 2005.). Almejei destacar no decorrer deste trabalho, momentos que contém certa ambigüidade no que se refere às relações entre os congadeiros, como por exemplo, o “*encontro entre bandeiras*”²³, porém, ainda neste subitem, anuncio uma breve consideração acerca dos símbolos nestes momentos rituais.

As ações rituais não são consideradas aqui unicamente como demarcações entre pólos dicotômicos, enquanto ações que marcam uma separação, a saber, profano/sagrado (DURKHEIM, 2003), aqui, a ação ritual não teria caráter tão específico, como podemos verificar na seguinte cantiga proferida de um terno de congado a outro:

*“Se ocê pensa que do céu tá perto, no céu cê não vai chegá /
os anjo do céu tão rindo, do tombo que cê vai levá.”*

Acredito que o ritual aqui considerado está mais para um momento de imprecisão do que uma delimitação (relembrando que todo instante de fronteira apresentar um pouco de imprecisão). As oposições que podem ser ocasionadas, talvez sejam entrecortadas por um espaço entre, aquém e além de ambas as oposições. Seria então um momento liminar, intertiscial, um “entre estados”, muito propício a metaforizações (TURNER, 2008) mais do que a alusões a estados específicos. Talvez até mesmo considerando-o como um espaço híbrido ou de hibridizações.

Longe de tentar perceber as possíveis alusões à vida cotidiana presente nestes rituais ou de tentar considerá-los como contrários a esta, enfatizo também que, só apreendemos algo por diferenciação (BATESON s/d). É assim que os elementos simbólicos anunciados pelos grupos no espaço festivo começaram a se configurar para mim enquanto códigos necessários à articulação do que ocorria naqueles instantes rituais. A alusão ao que não seria um procedimento ritual no instante da festa era constantemente formulada pelos congadeiros, citando inclusive, exemplos de execuções realizadas ou não, durante os festejos, por outros ternos, e anunciando a inexistência

²³ Temas trabalhados mais detidamente nos subitens: 3.2.1 – Do ‘*encontro entre bandeiras*’ e outros ‘*procedimentos*’; e 3.2 – “*Foi banda de musica busca nossa mãe ela num veio, é...*”.

de certos elementos simbólicos fundamentais para se instaurar tal ambiente no contexto da Festa do Rosário²⁴.

2.2.1 Dos elementos simbólicos e do “*ter fundamento*”

Os elementos simbólicos utilizados durante o trajeto do terno e durante o festejo – a bandeira, o mastro, a música, as cantigas, a indumentária dos grupos, o bastão do capitão da congada, dentre vários outros, como os colares utilizados pelos congadeiros – faziam alusão a momentos do festejo que podiam ser caracterizados por certa ambigüidade²⁵. As formulações em torno destes “instrumentos” ou “utensílios” utilizados e/ou realizados pelos congadeiros – no caso de certas evoluções ou procedimentos em um cruzeiro, por exemplo – anunciavam interações e fatos ocorridos durante os festejos que, se “levados a sério” pelo antropólogo, possibilitavam a reflexão acerca de suas significações.

Levar a sério os congadeiros envolvia então considerar que tanto alguns procedimentos realizados pelo grupo durante um cortejo, quanto suas relações com alguns utensílios simbólicos, eram os meios pelos quais podiam estender suas relações sociais a ancestrais mortos, santos e entidades do panteão afro-descendente. Estas “entidades”, que poderiam mediar o “*estar no Rosário*” do grupo, podiam ser “acionadas” através da manipulação destes utensílios e dos procedimentos efetuados durante um cortejo do grupo. O que nos leva a crer que tanto os utensílios utilizados quanto as danças, evoluções, cantigas e toques efetuados em momentos específicos, compõem o que poderíamos chamar de símbolos rituais deste festejo.

Obviamente, é a partir das associações contextuais destes símbolos (bandeira, mastro, cantiga, música, bastão do capitão e outros) durante o festejo, é que eles simbolizam (WAGNER, 1981). Para esta simbolização ser fundamentada pelos congadeiros – em suas tentativas de me explicarem, devido a minhas perguntas a respeito do que seriam “aqueles objetos” – era comum se referirem a outros instantes, seja eles relativos aos festejos ou não. Além de refletir sobre as

²⁴ No subitem 3.4 “Trindade e algumas controvérsias”, enfatizo as considerações dos congadeiros acerca dos grupos de percussão de maracatu e de suas atuações na Festa do Rosário, almejando com isso, discorrer sobre a utilização de contrapontos para fundamentar o que seria “*estar no Rosário*” e de como manipular os símbolos com este intuito.

²⁵ No subitem 3.2.- “Do ‘encontro entre bandeiras’ e outros ‘procedimentos’” demonstro certa ambigüidade de alguns momentos rituais.

elaborações dos congadeiros sobre seus utensílios simbólicos rituais, tentarei no Capítulo 3, “Das relações no campo: *ressituando* as interações a seus contextos”, proporcionar a consideração destes elementos simbólicos juntamente ao itinerário, ambiente ou contexto social sob o qual o festejo se desdobra, almejado assim, apresentar estes símbolos rituais durante o “*estar no Rosário*”. A tentativa deste capítulo foi de utilizar as considerações de Bruno Latour (2006) acerca da questão de *ressituar* os elementos em seus contextos, almejando evitar a produção de decalques teóricos que tenderiam a precisar, e talvez essencializar, estes mesmo elementos simbólicos que se encontram em uma dinâmica de interações.

Algo a se considerar, e que explorarei aqui de forma muito incipiente, é que não é apenas nos momentos instaurados pelo festejo que estes símbolos significam ou simbolizam. O bastão do capitão de congado, a bandeira, os instrumentos musicais, os colares ou “*guias de proteção*”, o próprio rosário, feito de sementes denominadas “*contas de lágrima*”, todos utilizados pelos congadeiros, estes não “*teriam força*” apenas no momento ritualizado do festejo. É verdade que neste momento é que estes utensílios “*circulam*” junto com o grupo, e inclusive, podemos dizer, onde “*sua força é atualizada*”, mas isso não quer dizer que estes objetos deixam de simbolizar o que simbolizam, ou deixem de “*ter força*” em momentos “*extra-festa*”²⁶.

O objetivo aqui é de se debruçar sobre alguns pontos acerca da concepção ritual e da exemplificação de como os símbolos rituais foram considerados. Assim, minha intenção é anunciar que o Festejo do Rosário foi considerado a partir das atuações e formulações dos ternos de congado acerca de seus procedimentos durante o contexto festivo.

A discussão aqui sugerida propõe centrar a observação no que estes coletivos, os grupos de congado, relacionam no espaço da festa, nesta trajetória dos ternos ao “*levar a bandeira*”, focando a observação no que anunciam nestes momentos, a saber, nas letras de suas cantigas, no ritmo e na “*toada*” de suas batidas de tambor e dos demais instrumentos, assim como nos passos e execuções do que podemos chamar de bailado ou dança.

O foco de pesquisa tornou-se o que estes agentes anunciam e elaboram quando se compõem em cortejos durante estes instantes. Em certos momentos foram destacadas relações

²⁶ Os congadeiros costumam se referir a alguns grupos como “*grupos com fundamento*” ou grupos que “*tem força*”. Este “*ter fundamento*” envolve considerar que o grupo sabe manipular seus objetos simbólicos ritualizados durante o festejo de maneira a obter certos resultados. “*Ter fundamento*” é também saber cantigas, execuções, manipulações simbólicas e rituais que, utilizadas em momentos específicos do festejo, visam um determinado fim. Para se “*ter fundamento*” não bastaria então apenas saber cantigas transmitidas pelos antigos e que ninguém mais as conhece, era também necessário proferi-las em “*momentos coerentes*” durante o ritual.

dos congadeiros e de seus festejos, com o que viemos a considerar por interações políticas, “produções culturais”, interações religiosas, dentre outros. Enfatizo, entretanto, que é almejado aqui tomar estas considerações apenas quando anunciadas no próprio contexto festivo, não focando nestes temas para que, a partir destes recortes, seja considerado o fenômeno social da Festa do Rosário. A pretensão aqui é a de enfatizar o que nos foi apresentado – os objetos simbólicos rituais – através das relações entre os congadeiros no momento do cortejo do congado nas Festas de N. Sra. do Rosário, e não o de abordar estes últimos através de um “recorte temático” que, por ventura, poderia se relacionar a ele.

Em determinado instante dos primeiros contatos de campo, posso destacar como as considerações de que apreendemos algo apenas a partir das diferenciações, pôde ser verificada através do contato etnográfico. Os congadeiros ofereciam importantes contrapontos com o que supunham que eu “conhecia”, e realizavam contraposições em relação aos possíveis participantes do festejo para se referirem ao que era “*estar no Rosário*” para o seu grupo, ou seja, quando estavam em formação de grupo, levando a bandeira e utilizando-se de afazeres ritualizados e símbolos diversos.

Utilizando-me das reflexões de Roy Wagner (1981) ao formular suas colocações sobre “cultura”, destaco aqui a necessidade de termos contrapontos teóricos em nossa própria cultura para dialogarmos com “algo” que nos querem transmitir, e de que a posição do antropólogo é a da invenção de outra cultura por meio da sua. Pretendi assim, demonstrar como as formulações dos congadeiros acerca do que seria “*estar no rosário*” me conduzia a realizar certo paralelo ao que eu considero por “cultura popular”, folclores, etc. Era evidente para mim, certo esforço, por parte dos membros do grupo que eu acompanhava, na tentativa de expressar a importância de alguns momentos do festejo e da “utilização” ou “importância” de certos utensílios necessários para se compor uma congada e assim, “*estarem no Rosário*”. Desta forma, tentando sempre relacionar eventos, situações, grupos diferentes, é que os congadeiros, principalmente do “Terno de Moçambique e Catopé do Bairro S.D”, além de congadeiros de outros grupos, tentavam me manter informado acerca dos símbolos rituais, do ritual e de suas práticas. Explorei alguns destes contrapontos oferecidos pelos congadeiros mais detidamente no subitem “3.4 – Trindade e algumas controvérsias”.

Os diferentes relatos sobre estas festas, coletados em locais distintos, permitem situar o “objeto observado” antes de colocar como hoje é percebida a Festa do Rosário promovida por

ternos de congado no interior de certa região de Minas Gerais ou ainda, a relação deste fenômeno com a Igreja católica ou com as concepções de “manifestação cultural” que estão, sobre maneira, imbricadas, quando da observação de campo. Mais enfaticamente, pretendi perseguir o que os agentes do fenômeno utilizavam como mediadores para estreitar seus laços nesta rede de festas a N. Sra. do Rosário, rede que se estende ao longo da região de pesquisa aqui anunciada. Esta rede de festas aqui acompanhadas foi traçada devido às interações entre alguns ternos durante os festejos, e que culminavam na troca de convites ou de endereços (para o posterior envio de convites) para os festejos uns dos outros.

O que começou a se destacar para mim foram os meios pelos quais o grupo que eu acompanhava classificava e considerava os demais ternos de congado em um festejo. Os utensílios utilizados pelos outros ternos, as cantigas, os ritmos, os procedimentos rituais, seja diante do mastro de algum santo, de outro grupo, no momento de entrada ou saída em uma igreja, podiam ser vistos como indícios para classificar certo grupo como “*tendo fundamento*” ou não. “*Ter fundamento*” consistia então, para os congadeiros, saber manipular procedimentos que possibilitavam a leitura, por parte de outro grupo, pois eram oferecidos certos sinais a respeito dos conhecimentos relativos aos procedimentos efetuados por um grupo, das qualidades e perspectivas sobre o “*estar no Rosário*” de um determinado grupo, o que poderia lhe proporcionar convites para festejos oferecidos por grupos também julgados como “*tendo fundamento*”.

Compreendo este festejo como se motivando a partir de uma série de ações ritualizadas que muito tem a nos dizer sobre a forma de seus participantes e articuladores se relacionarem, inclusive também, de se relacionarem com “as concepções” – de políticas culturais, manifestações religiosas ou políticas – acentuadas um pouco acima. O estudo sobre este festejo talvez possibilite até mesmo destacar uma certa “autonomia” referente aos ritos, no que tange à devoção religiosa popular, característica presente nestas manifestações desde o século XVIII. Esta consideração acerca de uma “autonomia ritual” dos cultos católicos é muito bem explorada por Borges (2005) ao anunciar as irmandades de leigos em Minas Gerais. Considerações estas importantíssimas, e que aprofundam as discussões aqui realizadas, uma vez que elucidam a respeito do tema da variabilidade de execuções rituais por agrupamentos de negros acerca da Festa do Rosário e de algumas Irmandades Católicas do século XVIII e XIX e de suas, digamos, liberdades litúrgicas.

2.2.2 Da rede, dos conflitos e da ambiguidade.

Percorrendo o contexto situacional onde os congadeiros se relacionam, ou seja, as Festas de Nossa Senhora do Rosário executadas nos dias de hoje, foi possível acompanhar os ternos de congado constituindo ou estendendo redes de interação que permitiam a circulação dos mesmos, e de seus objetos rituais, entre algumas cidades. Os trajetos de circulação entre alguns grupos que participavam das festas uns dos outros foram se constituindo para mim após dois anos de observação em campo. As interações entre os ternos eram efetuadas através de uma ênfase no contexto ritual, possibilitando a associação entre alguns grupos e a dissociação entre outros, isto através dos procedimentos efetuados pelos ternos em instantes por eles demarcados. O “saber manipular os símbolos rituais” e esta manipulação ser reconhecida ou considerável, diante outro Terno, ocasionava um possível convite a este que poderia também apresentar certo “*fundamento*” na manipulação dos símbolos rituais. Tentarei ao longo do trabalho exemplificar o que seria manipular estes símbolos rituais “*com fundamento*”, o que propiciaria trocas de convites entre os ternos para participarem das festas uns dos outros. Este ponto ficará mais bem evidenciado quando apresentado, no capítulo três, o paralelo entre estes mesmos símbolos e seus contextos de enunciação.

Como alguns grupos são convidados a participarem de um festejo ofertado pelo terno de outro local, ou de um festeiro local, ao chegarem a determinado lugar, podem, ao se depararem com outros ternos, distribuir convites de seu festejo, ou então receber convites para outros festejos, e por aí vai. Sempre é almejado conquistar novos parceiros, atingir estes objetivos é alargar as relações de reciprocidades que podem ser ocasionadas e reformuladas a cada festejo. O espaço da festa é assim um espaço de trocas de saberes sobre os festejos realizados em outros locais, trocam-se experiências entre procedimentos rituais, cantigas, versões míticas, comidas a serem ofertadas pelos festeiros, etc. Podemos considerar este espaço do festejo constituindo-se como um potlatch (MAUSS, 2003), onde encontros, trocas e rivalidades são vividas enquanto dádivas²⁷.

Dissociações ou associações são realizadas neste contexto festivo, onde conflitos são anunciados, saudações proferidas, sendo que quase sempre ambas se confundem, mas o certo é

²⁷ Agradeço ao professor João Dal Poz a consideração sobre abordar esta festa enquanto um sistema de troca.

que um grupo deve “*ter fundamento*” para que venha a estabelecer certos laços, do que podemos chamar de *sociação*, como anunciado por Georg Simmel (1983). Estas relações correspondem ao regime de *enunciação* instaurado através do contexto ritual. Os conflitos eminentes assim como as *associações*, podem ser tomados enquanto *relações de poder*. A cada “*encontro entre os grupos*”, o que nos termos dos *congadeiros* também pode ser chamado por “*saudação entre bandeiras*”, a cada *saudação* realizada por um grupo em algum *mastro*, em toda *cantiga* proferida e *passos* executados em *cortejo*, a cada *movimento* do *bastão* do *capitão*, *relações de poder* instauradas anteriormente poderiam *modificar-se*, *conflitos* poderiam ser *apaziguados* ou *evocados*.

Estas indicações talvez permitam novas possibilidades de estudo, a saber, sobre certas *relações de poder* entre os *Ternos* e a *definição deste poder*²⁸ a partir dos *mediadores* utilizados e considerados *dignos* de *importância* pelos *congadeiros* para a *reflexão* acerca das *enunciações* rituais. Levando a sério o fato de que os *ternos* de *congada* estendem suas *relações sociais* a *ancestrais mortos*, *orixás*, *entidades do panteão africano* e a *santos católicos*, podemos considerar estes *seres* enquanto *mediadores* das *relações* entre os *ternos* no *espaço festivo*, e isto poderia ser *verificado* através da *manipulação* de seus *elementos simbólicos*, meio pelo qual se *relacionam* com estes *seres*. Pois muitas *manipulações* dos *símbolos rituais* tendem a “*pedir auxílio*” e/ou “*força*” para estas *entidades* e *santos* *protegerem* os *congadeiros* tanto durante a *festa* como em *momentos posteriores* a esta. Tanto as *cantigas* que mais se *aproximam* do que entendemos por *preces* quanto os *atos de magia* a que, por exemplo, a *manipulação* de um *bastão* de *congado* alude, fazem *referência* a tal “*proteção*” a ser *evocada*. Estas e outras *considerações* deverão ficar mais *claras* a partir da *posterior explanação* das *anotações de campo*, *contextualizando* estes *símbolos rituais* nos *momentos demarcados* do *festejo*.

Por hora, anuncio que estas *relações de poder* envolvem assim a *relação* com alguns *mediadores* que, “*acionados*” através da *manipulação* dos *símbolos rituais* aqui já *apresentados*, e que serão *considerados* segundo os *dados relacionais* do *contexto festivo* e *situacional*, podem ou não, *reforçar a força* ou *o fundamento* de certo *grupo* diante outro. *Mediadores* estes, “*movimentados*” na e pela *interação ritual*. Aqui, o *conflito* pode ser *percebido* a partir da *relação*, e o *poder*, *constituído* *relacionalmente*. Junto a isto, devemos *salientar* que durante o

²⁸ Sobre a *constituição relacional* do *poder* ver CLASTERS, 2003.

festejo existe uma “*definição dos papéis*” no que se refere ao contexto ritual no qual os grupos estão inseridos.

A ênfase nestas festividades como fazendo alusão a possíveis “conflitos entre etnias”, exemplificada pelos distintos grupos de congado, (sejam elas possivelmente provindas do continente africano e/ou constituídas no Brasil a partir do tráfico negreiro), que podem ser representados, dentre outros, pelos Ternos de Marujos (o branco) ou Marujada, e os Caboclinhos (os índios), como por outros agrupamentos de negros, por exemplo, o Vilão, o Catopé, o Moçambique, pode ser aqui também enfatizado.

As diferentes denominações dos ternos, onde todos são considerados congados, participam no momento do festejo de uma determinada hierarquia liminar. O ritual pode trazer bem demarcado os possíveis vencedores de uma batalha simulada entre os grupos no decorrer do festejo, a saber, para se retirar a santa de seu local de aparição e conduzi-la ao interior de uma capela ou igreja. Em algumas regiões o Moçambique é o grupo que executa tal função, sendo assim, apresenta uma posição específica no contexto festivo e anuncia também uma variação mítica referente à aparição da santa. Em outra região (Três Barras – MG) o Catopé é o pertencente desta “posição de destaque” no período liminar do rito e do mito. Com locais demarcados para estes grupos no festejo, os demais ternos também são de suma importância para realização do mesmo, todos priorizam então certos fundamentos a serem efetuados pelos ternos em questão. A hipótese que lanço é que os conflitos/saudação que podem perpassar os diversos instantes do festejo estão também sujeitos à ação dos mediadores acionados no contexto da festa a partir do momento em que um grupo “*está no Rosário*”. E ainda, se determinado grupo manipula ou não, de forma eficaz, os símbolos rituais. Então, apesar de sempre se manter uma “hierarquia entre os grupos” durante o período festivo, com funções entre os ternos de alguma forma determinada, que podem variar a depender da região²⁹, variando também os mitos e as execuções rituais durante o festejo, seriam possíveis manipulações dos símbolos rituais por parte dos ternos em questão, a fim de reforçar, atualizar, e porque não, de redefinir o “*estar no rosário*”

²⁹ Na região de Três Barras “os negros”, representados pelo Catopé, seriam os mais importantes do festejo. Neste local a festa conta com a presença da Marujada e dos Caboclinhos. Na região de SJDR, podemos aludir a outra “nação de negros”, formadas estas no Brasil para coroar os reis congos, como enfatiza Borges (2005). Nesta última “região”, a nação de negros seria o Moçambique, e não o Catopé. Interessante é visualizar que nos festejos desta última região, as demais “nações” como o Vilão, o Congado, o Catopé, a Marujada, e outros, estão presentes na execução do festejo e no mito de aparição de N. Sra. do Rosário aos negros. Por outro lado, os caboclinhos e a marujada, além do próprio Catopé, aparecem como fundamentais no festejo, no mito e no ritual, da região de Três Barras.

do grupo, tudo isso sem modificar a hierarquia do período liminar em um primeiro momento. Assim, os procedimentos rituais (ou “técnicas de lutas”) empregadas neste contexto, talvez possam dizer muitas coisas sobre os instantes do período festivo que considero como focos de conflito em potencial e com isso, períodos dotados de certa imprecisão e ambigüidade quanto a “seus resultados”³⁰.

Saliento que, apesar de existir previamente uma posição bem demarcada dos grupos durante o festejo, mesmo que um Moçambique seja “o grupo principal da festa” – responsável por “retirar a santa e conduzi-la até o interior de uma igreja”, e com isso ir à frente do andor durante a procissão da festa de domingo e entrar com o mesmo no interior de uma igreja – o grupo deve manipular seus símbolos rituais de forma a demonstrar ou ocultar (a depender da situação) que “tem fundamento”. Apenas desta forma, anunciando/ocultando seus fundamentos a partir das manipulações simbólicas rituais, o grupo poderia garantir seu “estar no Rosário”, pois não bastaria a condição de ser “o grupo principal do festejo”, ocupando determinada hierarquia ritual, para que não venha a sofrer os possíveis infortúnios ou fortunas referentes à festa e ao “estar no Rosário”.

Como enfatizei, o festejo apresenta uma “fundamentação hierárquica” um tanto clara, relativa às variações entre os grupos de congado. Portanto, levar a sério as formulações dos congadeiros a partir das narrações de suas execuções durante momentos do festejo, ou quando o grupo “*está no rosário*” ou “*levando a bandeira*”, e as associações realizadas por eles acerca destes mesmos eventos, seja com infortúnios ou fortunas que, por ventura, possam se abater sobre algum grupo ou membro de um grupo, é abrir a possibilidade acerca de um universo de práticas e classificações onde apenas a hierarquia vigente no festejo não garantiria a atuação satisfatória do grupo durante a festa. A “atuação satisfatória” seria garantida caso um ou outro terno possuísse ou não “*fundamento*” para “*estar no Rosário*”³¹. Através destas classificações acerca dos grupos e

³⁰ “Resultados”, que considero por fortunas ou infortúnios que podem se abater sobre um grupo após um período de festas. Tudo isto dependeria da leitura que o grupo realiza acerca de sua atuação no momento festivo, decorrente da manipulação dos símbolos rituais e dos possíveis sinais referentes a estas mesmas manipulações. Sobre os “sinais” que podem ser lidos por aquele que detém certo conhecimento, consultar GUINZBURG (1989).

³¹ Apenas enquanto mera especulação, talvez uma análise sincrônica e diacrônica possa estabelecer ou precisar, se este fundamento do “*estar no Rosário*” pode ou não, ao longo do tempo, modificar esta “base hierárquica” do festejo com a qual hoje nos deparamos, a saber, modificações referentes aos grupos principais do festejo. Mesmo porque, baseado em práticas tradicionais, “*transmitidas pelos antigos*” (toques, cantigas, certas restrições e execuções, etc.), estes “*fundamentos do congado*” estão constantemente sujeitos a invenções e modificações por parte dos congadeiros, obviamente, devido às questões históricas com que os mesmo se deparam situações que atualmente interferem e são atualizadas nos festejos do congado, como a questão das políticas culturais, do sincretismo religioso,

de seus procedimentos durante os festejos é que talvez possamos considerar uma lógica do festejo, meio este pelo qual as redes de interação entre os ternos se estendem e se desfragmentam se multiplicam ou se restringem. Para acompanhar estas redes de interação entre os grupos foi necessário considerar as formas de hierarquia existentes no período ritual e as atuações e atualizações dos ternos e de seus procedimentos rituais durante o festejo.

2.3 Considerações sobre exposição do material etnográfico

Tentarei esboçar minha situação em campo ou de campo, demonstrando as relações que foram estabelecidas com um grupo de congado, assim como minhas tentativas de interação com demais grupos, almejando perceber as dinâmicas destes com o festejo de Nossa Senhora do Rosário e com os conhecimentos relativos ao Congado. Pretendo, entretanto, utilizar para isso uma primeira observação sobre a Festa de N. Sra. do Rosário, na qual ainda não fazia pesquisa para o presente trabalho, mas que se configura como primeiro contato com o fenômeno sob o qual viria me debruçar. Feito isto, elaboro um panorama sobre o festejo a partir das festas que acompanhei, tentando estabelecer um “modelo padrão” sobre as mesmas. Mesmo percebendo a dificuldade de tal empreitada, e sem querer restringir as peculiaridades de algumas festas e situações a um esquema geral, faço-o apenas como alternativa para abarcar as festas de N. Sra. do Rosário que acompanhei e os Ternos de Congado envolvidos nas mesmas³². Longe de tentar formular um modelo teórico sob o qual posteriormente poderei manipulá-lo, almejando a estrutura social do fenômeno, utilizo da caracterização de “modelo conceitual” apenas para uma apresentação formal do que foram as festas por mim registradas.

Exposto dessa forma, e frente à dificuldade de não tomar um momento da festa e relacioná-lo com as conexões que podem aparecer com outros festejos, para tal seria necessário uma redução dos elementos míticos e rituais a seus elementos estruturais, tal como indicado em

do turismo cultural e outras temáticas sob as quais eu não consegui me deter para esta dissertação, como a certificação de terras de comunidades remanescentes de quilombo, por exemplo.

³² No que se refere à maneira de organizar os momentos do ritual, foi seguida algumas sugestões oferecidas por DAL POZ, 1991, sobre o esquema de partes moveis do ritual. Já que nem em todas as festas acompanhadas foram registradas todas as “etapas rituais” que seriam possíveis de ocorrerem durante o dia festivo, seguidas de seus procedimentos referentes, sejam elas “*saudação entre bandeiras*” e/ou capitães, “*ida a um cruzeiro*”, “*retirada de mastro*”, saudação a outro congadeiro, coroação de Rei Congo, dentre outras.

Levi Strauss (2003). Inicialmente apresento a festividade através de meu primeiro “contato em campo”, expondo minha “atuação” e apreensões. Depois, tentei elaborar certa caracterização geral sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Feito isso, inicio a descrição das interações em campo nos momentos da festa, e nesta última, tentarei percorrer as conexões possíveis que podem, por ventura, se precipitarem sobre outros momentos situacionais. Não compreendo estes três momentos³³, se é que posso assim me referir, como pontos de vista sobre o Festejo de N. Sra. do Rosário. Não pretendo tomá-los por distintos, uma vez serem formas de apreciações diferentes de uma mesma interação de campo. O exercício aqui realizado foi o de narrar as experiências ocasionadas através da etnografia, organizando-a de forma a oferecer ao leitor os dados de pesquisa dentre as inúmeras maneiras possíveis de fazê-lo.

2.4 Primeiro contato com o campo. A Festa do Rosário do Caburu

Em meu primeiro contato com o campo, ocorrido em setembro de 2005, na localidade de São Gonçalo do Amarante, também conhecido por Caburu, acompanhei o dia principal da festa desde o início pela manhã até seu término, por volta das vinte e uma horas. Neste primeiro instante, ainda não fazia uma etnografia sobre o Congado, estava apenas tomando contato com o fenômeno sob o qual, futuramente, após dois anos, viria

a fazer observações mais sistemáticas. Restrinjo, por hora, a retomar algumas notas que fiz deste que seria um primeiro contato com o fenômeno aqui abordado. Consultando algumas notas que não se perderam, percebo que minha interação se fundamentava da seguinte maneira.

Permanecera na praça principal durante o início do dia, vários grupos de congado ao chegarem de outras localidades se dirigiam a esta praça onde estavam *fincados os mastros*. Não tenho anotado o nome dos santos que estavam localizados no alto dos mastros e muito do que continha do itinerário desta festa se perdeu, o que é uma pena, pois do que restou, quando contrastado com meus relatórios de campo elaborados já para a pesquisa de mestrado, evidenciaram certos nuances que me pareceram centrais. Dentre eles, a opção em centrar a

³³ A saber, apresentação do primeiro contato com o campo de pesquisa, a caracterização geral sobre a festa (etapas ou partes do festejo) e a descrição das interações em campo. No capítulo três tentarei enfatizar certos procedimentos efetuados pelos ternos durante o festejo.

observação do festejo no acompanhamento de um único grupo, visto que minhas perguntas sobre os diversos momentos do ritual ora a um capitão, ora a outro, me eram comentados de relance. Principalmente atentando para o fato que minhas perguntas eram feitas no decorrer deste dia festivo e de que a centralidade por minha parte, em um evento que estava ocorrendo, me levava instantaneamente a não registrar outras situações do mesmo dia.

Nesta Festa de São Gonçalo do Amarante em setembro de 2005, me localizava em ambientes onde a maioria dos Ternos de Congada se encontrava. Logo pela manhã, no início da festa, os grupos se concentraram na praça em torno dos mastros que lá já estavam ‘fincados’. Não me recordo o número de mastros e nem os santos de cada um, mas tenho em minhas notas que todos os grupos ao chegarem, se dirigiam aos mastros, a cada um deles, formando uma espécie de roda em torno do mesmo, onde as bandeiras do grupo eram encostadas nestes mesmos mastros, executavam então cantigas que, algumas vezes, variavam de mastro para mastro. Posteriormente, vim, a saber, que grandes partes das cantigas realizadas em torno de cada mastro faziam alusão ao santo localizado no alto do mesmo. À medida que os Ternos de congada iam chegando a São Gonçalo do Amarante, saudavam os mastros localizados à frente da Igreja e alguns, grande parte deles, se dirigia a um cruzeiro³⁴ localizado na mesma praça.

Na enorme praça à frente da Igreja, onde pela manhã se encontravam alguns cavalos das pessoas do local que chegavam para “acompanhar a festa”, presos a uma enorme árvore, estavam

³⁴ Os cruzeiros são cruces, geralmente de madeira, erguidas em praças públicas e/ou em pontos afastados da cidade, como acontece em SJDR. Segundo contam, funcionava como uma espécie de marco, delimitando os limites do lugarejo. Nestes locais, entre os séculos XVIII e XIX, eram chicoteados escravos que, deixados dependurados nos mesmos até que morressem, serviam como um local de suplício, também ocorria de seus corpos, já mutilados, fossem lá expostos até a morte, permanecendo no mesmo para putrefação. Tal suplício seria uma maneira de punição dos escravos, o que serviria de exemplo para possíveis escravos desobedientes. Estas considerações partem de moradores da cidade de SJDR, assim como a ênfase de uma senhora que morava perto de um cruzeiro e se referindo ao mesmo dizia, “dali não se passava”, fazendo referência a um local interdito após o cruzeiro. Comumente colocado em pontos extremos da cidade, no entorno, também tinha por intuito conferir proteção a um lugarejo. No bairro do Bonfim, em SJDR, denominado de “morro da força”, após o cruzeiro, o que havia era a região denominada “arraial das cabeças” (locais que continuam a serem assim denominados), local onde jogavam as cabeças arrancadas daqueles executados no “morro da força”, ficando os corpos no local, até apodrecerem. No bairro S.D., há um cruzeiro ao lado da capela, no Caburu o mesmo fica relativamente próximo à Igreja, no bairro das Mercês, bairro que faz divisa com a “Serra do Lenheiro” em SJDR, o cruzeiro é localizado nas rochas que fazem limite entre o bairro e a supracitada serra. Estes Cruzeiros, geralmente pintados na cor marrom ou preta, contem muitos instrumentos pregados ao mesmo. Instrumentos que fazem alusão à crucificação de Jesus Cristo, como lanças, coroas de espinho, um manto branco, um cálice com uma hóstia, um chicote, dentre vários outros utensílios também de madeira ou ferro, afixados no mesmo. Geralmente são enfeitados com flores de plástico ou bandeirinhas de papel colorido por ocasião dos festejos. As bandeiras do terno de congado geralmente são encostadas nestes cruzeiros, com todo o grupo lhes “saudando”. “É lugar de pedir força” (S., caixero de guia, durante a saudação a um cruzeiro no bairro das Mercês em 2007). É comum executarem certas cantigas nestes instantes, entre elas “*As alma deu, as alma dá / as alma dá pra quem sabe aproveitá (2X)*”, podendo variar também para “*as alma veio as alma dá (...)*”.

também fincados os mastros. Mais adiante havia um coreto onde também funcionava um bar durante todo o dia e noite do festejo, e logo após o coreto, um cruzeiro. Cercado por uma mureta de mais ou menos um metro o cruzeiro era de madeira e estava todo enfeitado por bandeirinhas de papel colorido, a maioria dos grupos, após “irem aos mastros”, iam até ele. Alguns capitães se ajoelhavam em frente à mureta do cruzeiro antes de lá entrarem e executarem cantigas, alguns também se ajoelhavam em frente ao mesmo, assim como os capitães ajoelhavam-se também em frente ao mastro (a mesma atitude pode ser realizada ainda à frente das imagens de santos localizadas nos altares das Igrejas, nos momentos de entrar em alguma residência ou no encontro entre capitães.). Lá, ao pé do cruzeiro, não permaneciam por muito tempo, cantavam algumas cantigas, que nesse dia não consegui registrá-las, e se dirigiam ao que seria a sede dos congadeiros do local, para um café ou lanche. Como estava presente entre os ternos de congada, acompanhando-os no itinerário da praça central, localizada em frente à Igreja, onde mais tarde iria realizar-se a “Missa Inculturada”, também fui convidado a fazer o lanche junto a eles.

A receptividade para que eu lanchasse junto deles não era a mesma, isso segundo minhas apreensões da época, de quando tentava me comunicar com os mesmos. Perguntas do tipo “você sempre tocam próximos a um cruzeiro?”, eram respondidas seguidas de alusão a quem era o capitão do grupo, juntamente com o local de origem e o santo da bandeira do grupo, informações que me eram sempre oferecidas como respostas iniciais. Direcionando-me a um capitão, às vezes conseguia algumas considerações sobre o festejo, outras, me restringia apenas a uma conversa sobre o lanche, de onde eu era e porque estava acompanhando o festejo.

Neste dia percebi a importância de me anunciar. Saber me anunciar seria central no decorrer da pesquisa, mesmo percebendo que entendiam diferentemente minhas formulações sobre o porquê de lá estar. Era necessário comentar meus interesses e dúvidas em algumas ocasiões da festa e, quando iniciado meu trabalho de campo, enfatizar o caráter de coleta de dados que estava fazendo, visando à elaboração de uma dissertação de mestrado. Isto sempre envolvia longas conversas e interesses dos mesmos pela universidade, com exemplos de suas relações com a universidade de São João del Rei e das tentativas dos “universitários” desta de promoverem “ações culturais” no bairro do São Geraldo, local onde foi acompanhado duas festas nesta mesma cidade.

Estes diálogos partiam dos três ternos de SJDR do bairro do S.D., inclusive foi a partir das considerações destes congadeiros, relativos ao que consideravam por “universitários que tocavam

maracatu”, que iniciei minhas primeiras reflexões de campo em 2007. Já que os congadeiros começaram a formular para mim a importância de certas atuações de um grupo quando presente na Festa do Rosário. Os congadeiros utilizavam assim referências ao que supunham que eu era próximo, “do pessoal do maracatu”, pois eu também era “universitário”, assim como os membros do “grupo de maracatu”. Assim, para exemplificarem o que seria a atuação de um grupo de congado no festejo do Rosário, faziam constantes alusões à atuação dos membros do grupo de maracatu durante os festejos. Apenas posteriormente, quando alguns congadeiros não mais me associavam ao grupo de maracatu, é que começaram a se referir aos demais grupos de congado para exemplificarem certas diferenças entre o “levar a bandeira” ou “*estar no Rosário*” durante os trajetos dos ternos.

Sentado na grama do pátio do local que era uma espécie de associação de congadeiros de São Gonçalo do Amarante em 2005, tomando meu suco junto a um pão com carne, tentava então, travar alguma conversa a respeito da festa. Um capitão, que infelizmente não recordo o nome e o grupo³⁵, me explicitara sobre o itinerário que o festejo iria percorrer após o café. Neste instante, para a exaltação de todos, quando parecia que iria terminar o lanche, e isso me lembro bem, chegaram algumas garrafas térmicas cheias de café. Muitos congadeiros se dirigiam à mesa para serem servidos pelas mulheres que preparavam o lanche, havendo um mínimo de dispersão por parte de todos, algo que, em algum sentido, me facilitara a conversar hora com o membro de um grupo, hora com outro, aproximar um pouco mais das senhoras que serviam o café, ou seja, havia um pouco mais de descontração do que quando todos acabavam de chegar e tomavam café junto de seus grupos. Isto se repetirá em vários festejos.

Todas as vezes que um Terno de Congada chega a um local e param de tocar, seja para receber um lanche, descansar, dentre outros, todos se concentram em torno do capitão. Então a cantiga é cessada, os instrumentos são dispostos uns próximos aos outros, podendo a *bandeireira* do Terno ficar à frente dos mesmos, tanto dos instrumentos, quanto dos membros do grupo ou então, colocar a bandeira cuidadosamente por cima dos instrumentos. Geralmente quando há violões, bandolins ou pandeiros, os membros não os retiram de si, apenas o fazem durante o

³⁵ Quando iniciei minhas pesquisas percebi a importância de sempre anotar o nome do grupo, o santo da bandeira (que muitas vezes eram os mesmos), o nome do capitão e, posteriormente, anotar inclusive, o endereço dos grupos. Maria Auxiliadora foi quem me alertou a respeito dos endereços, para que, posteriormente, seu grupo pudesse enviar convites de sua festa a demais ternos. Interessante notar que em uma festa de Resende Costa (2008), Maria havia me pedido “aquele caderno que você sempre anda com ele, tá aí?!” para anotar endereços e nomes de alguns grupos e capitães que seu terno havia considerado como “tendo fundamento”.

almoço, já tambores e reco-recos são dispostos um junto aos outros com “a bandeira os guardando”³⁶. É comum, na hora do almoço, lanche ou em alguma espera na praça, quando outros ternos vão buscar os reis congos, por exemplo, perceber esta formação que de certa forma é de vigília. A bandeira do grupo disposta à frente, o capitão em pé ao lado, os membros do grupo, que podem estar dispersos ou todos juntos e os instrumentos localizados logo atrás da bandeira. Como disse, ocorre também da bandeira estar por cima dos tambores reco-recos e demais instrumentos, todos dispostos em círculo, ficando às vezes apenas um congadeiro do grupo de prontidão para “vigiar os instrumentos e a bandeira”. Assim, mesmo que o terno não esteja em cortejo ou tocando, todos prestam atenção aos comandos do capitão, mesmo ao dispor os instrumentos para descanso. Estes momentos, onde os instrumentos estão dispostos em um círculo e os congadeiros um pouco ‘dispersos’, são também de ‘vigília’.

Para tentar obter informações sobre a festa nestes instantes, aproximava-me discretamente, me apresentando e perguntando sobre a festa, como também sobre o Santo padroeiro daquele grupo, dizendo que era estudante e pretendia compreender um pouquinho sobre a festa. Os congadeiros então, me recomendavam, diversas vezes, falar com o capitão do grupo. Estes, por sua vez, atenciosos, mas nitidamente atentos à movimentação de toda a festa, me respondiam algumas perguntas e informavam para conversarmos em outro momento, pois estariam ocupados. Era comum, quando posterior a uma conversa interrompida abruptamente, o capitão se aproximar solicitamente puxando algum assunto ou conversa que culminava em algumas considerações sobre o congado e a festa de Nossa Senhora do Rosário, estas, na maioria das vezes, esclarecia a respeito do itinerário de seu grupo durante o festejo ou frisava o caráter de devoção a No. Sra. do Rosário dos mesmo que ali estavam, anunciando narrativas de curas e doenças através de promessas. Outro ponto que podia ser ressaltado pelo capitão era relativo às diferenças e trajetos envolvendo seu festejo com o de outros locais. Fora em algumas destas conversas é que atentei para o fato de nos mastros estarem localizados Santos distintos, assim como da diferença de um grupo para outro no que diz respeito à indumentária, instrumentos e a devoção a Nossa Senhora do Rosário ligada à herança escrava. Obviamente, estas informações eram ‘conquistadas’ após tentar conversar com vários capitães, e isso em festas distintas e em momentos variados.

³⁶ Além da especificidade de cada Terno com sua denominação e instrumentos característicos, os instrumentos presentes em cada um, como o violão, a sanfona dependem também da presença de membros que saibam tocar o referido instrumento.

As interações nestes momentos onde os grupos "estavam parados", que posteriormente foi enfatizado por alguns capitães enquanto momentos de vigília, era realizado sob o olhar atento de outros grupos, que muitas vezes estavam na mesma formação ou em cortejo. Quando me aproximava de um terno fazendo algumas perguntas e comentários, era acompanhado pelos demais, que mesmo à distância e dispostos sem um padrão aparente, percebiam minha movimentação assim como a de outros grupos. Minha movimentação consistia em percorrer uma quantidade possível de grupos que se encontravam fixados ou parados. Algumas vezes me localizava próximo à Igreja, onde estavam os mastros, após um grupo passar pelo mastro, adentrar a Igreja e se "retirar para algum canto", eu os acompanhava e quando paravam a cantiga me aproximava. Não tomava nota durante as conversas e após algum período, pedia licença aos mesmos, isso quando eles não me pediam licença antes, me encaminhado para "as proximidades de outro grupo". Acompanhava-os até o momento que iriam parar de cantar e dispor os instrumentos, para poder me aproximar. No momento que estavam tocando e cantando, algumas vezes percorria junto deles um pouco ao lado da bandeira, em uma distância considerável, mas próximo o bastante para escutar as partes das cantigas executadas apenas pelo capitão.

Desta maneira é que minha atuação foi realizada nesse primeiro festejo acompanhado em São Gonçalo do Amarante (Caburu) 2005 e de certa maneira na festa de 2007 no bairro S.G., apesar de nesta última, eu acompanhar um terno em sua "retirada de Bandeira" pela manhã, seguida de preces antes de se dirigirem ao local da festa. Na frente da Igreja da festa do bairro do S. G. em SJDR, 2007, após "saudar os mastros" e entrar na Igreja junto ao terno e sair dela com os mesmos, eu conversei com os membros após disporem os instrumentos e fui percorrer outros grupos de congado, tentando fazer entrevistas e coletar informações sobre o festejo.

Volto a enfatizar aqui minha atuação ao acompanhar os grupos ou Guardas de Congado no itinerário do festejo, e as consecutivas "investidas a outros grupos", pois minha referida atuação, em certo momento deste trabalho, irá se deslocar. Por hora, atendo-me para o fato que acompanhava estes Ternos ora um pouco à frente e ao lado da Bandeira, ora atrás de todo o grupo, me posicionando de maneira a escutar as frases pronunciadas pelo capitão entre um coro e outro do grupo. Digo novamente, a uma distância considerável para não ser confundido como um "acompanhante do grupo", mas também próximo o bastante para escutar uma ladainha proferida de joelhos pelo capitão em meio a seu Terno.

Ainda me detendo ao festejo de 2005 no Caburu, momento em que ainda não havia iniciado minhas pesquisas e que neste instante acaba por tornar-se parte dela, após o café oferecido pela manhã, os grupos saíram em cortejo, um atrás do outro, em direção à praça da Igreja. Haveria assim, de descerem uma ladeira considerável, situada dentre algumas casas mais antigas, estas, construídas sob um pequeno morro gramado que acompanhava toda a descida, o que proporcionava um trecho com muitas sombras à porta das casas. Alguns grupos eram convidados a entrarem nas casas, a grande maioria descia em direção à praça central. Um atrás do outro, os grupos revezavam-se nas cantigas ou executavam suas cantigas ao mesmo tempo. Cada Terno de Congado com sua Bandeira à frente, “abrindo os caminhos” (função que pude registrar em entrevistas posteriores com algumas mulheres que carregavam as bandeiras dos ternos), seguida de duas filas, contendo na frente os tambores e mais atrás, pandeiros, reco-recos, violões e bandolins. Logo atrás da bandeira e entre as duas filas de congadeiros se localiza o capitão do grupo, às vezes era acompanhado pelo segundo capitão ou por um sanfoneiro. Quando se buscava a corte do Rei e Rainha Conga, estes seguiam atrás de todo o cortejo do grupo ou entre as duas filas de congadeiros, situados um pouco atrás do cortejo do grupo.

No momento deste trajeto, saindo do local onde fora oferecido o café da manhã até a praça onde havia a Igreja, os mastros e o cruzeiro, além do coreto e de alguns bares, aonde, no momento da “Missa Inculturada” iria se reunir uma quantidade significativa de pessoas, como eu estava próximo a um grupo, e juntamente com umas onze pessoas, que pareciam ser do local, fora convidado a entrar em uma casa que fizera sinal acenando e chamando o grupo. Acompanhei-os à porta da referida casa. A rua em que descíamos, e que culminaria na Igreja, era bastante larga, era a rua pela qual se chegava a São Gonçalo do Amarante, vindo de São João Del Rei. Entre a rua e a frente das casas havia alguns pequenos morros gramados, como a rua era uma descida, a grama mantinha a casa a certa altura dela, onde sombras incidiam sobre a mesma. Assim, o grupo sendo convidado a entrar na casa, tocara algumas cantigas em frente à mesma, já usufruindo de uma sombra considerável. Isto ocorria por volta de umas dez horas e o sol estava forte.

A bandeira foi então “recebida”, pelas mãos da bandeireira do grupo, por uma pessoa de dentro da casa e ali ficamos o tempo de umas três cantigas. A pessoa, que aparentemente era a dona da casa, segurava a bandeira em frente à porta e ao Terno, este, com o capitão à frente executando algumas cantigas. Antes de finalizarem, o capitão indicou, assim como fizera para a dona da casa pegar a bandeira, para levá-la para dentro de sua residência. Assim feito, a música

cessara, a senhora cumprimentara calorosamente o capitão com um aperto de mão, já dentro da casa fazia sinal indicando para que todos os demais entrassem em sua residência, inclusive as pessoas que estavam na porta acompanhando todos aqueles ‘afazeres’³⁷. Foi assim que juntamente com uns vinte congadeiros, umas dez pessoas se apertavam para passar em uma porta estreita. Logo, o capitão tratou de organizar tudo e da porta anunciou, “Com muita calma vocês entram pegam o lanche e dêem passagem para outros entrarem e pegarem também.” (Capitão de congado).

O sorriso no rosto dos congadeiros se mesclava à rapidez com que dispunham os instrumentos na grama e saltavam para junto da porta, esperando sua vez e ao mesmo tempo indicando para outros ali também se colocarem e esperarem sua vez. Desta maneira, fui empurrado para a fila, pois me situava o tempo todo próximo à dona da casa com a bandeira e o capitão, tentando escutar o que este cantava. No momento que o grupo parara de cantar e começaram a entrar na casa, eu já estava em uma posição privilegiada. Junto dos congadeiros, entrei na casa, que apesar de muito apertada incrivelmente cabia todo mundo. Peguei um copo de suco e uma rosquinha de polvilho na cozinha, isto após passar pela sala e por um corredor estreito, de lá não me deixaram sair sem colocarem mais umas cinco rosquinhas em minha mão e me darem outro copo de suco, enquanto me aguardavam beber o primeiro, seguido de frases que me recordo muito bem e que foram repetidas também em outros momentos da pesquisa, “*pega que é dado, pega que é dado!*”.

Na casa que entrávamos havia duas janelas frontais de madeira, que estavam abertas e uma porta, também de madeira que, dividida ao meio, abria para ambos os lados. Após um corredor estreito havia uma sala e uma cozinha ao fundo com fogão a lenha onde se localizava uma bacia com muitos biscoitos e rosquinhas. Era nítido, após a cozinha, um acesso a uma área externa à casa de tamanho considerável, o próprio fogão a lenha já realizava uma espécie de divisão entre a cozinha e a área externa. Eram perceptíveis as telhas e a armação de madeira do telhado de dentro da casa, pois na mesma não havia forro, o chão era de piso na sala e no corredor e na cozinha, de cimento. O cheiro de fumaça do fogão a lenha, apesar de bastante suave, parecia estar em todos os ambientes da casa, mas não havia fogo no mesmo. Neste lugarejo, podíamos observar várias casas parecidas com esta, ao menos externamente.

³⁷ Afazeres que posteriormente tomei por “procedimentos de entrada” por um terno em uma casa.

Saí da casa em meio a todas as brincadeiras dos congadeiros uns com os outros, o capitão estava lá dentro na cozinha ao lado de algumas senhoras e algumas moças mais novas que distribuía o lanche, juntamente com a senhora que parecia a dona da casa, segurando a bandeira do Terno frente aos tabuleiros com biscoitos. Chegando ao lado de fora, lá já se encontravam alguns congadeiros do grupo, estavam sentados à sombra, na grama em frente da casa, com alguns copos de plástico onde fora oferecido o suco, estes, cheios também de biscoito de polvilho, comendo e conversando bastante. Uns congadeiros enfatizavam que pegaram mais biscoitos para guardarem para outras horas do dia, pois era incerto se iriam receber outro lanche deste além do almoço, pois as “atividades do congado” iriam ocorrer até o final do dia.

A maioria dos membros deste grupo era de negros e também pessoas que trabalhavam na roça, além de pedreiros ou mesmo aqueles que ‘faziam bicos’, como eles mesmos falavam. O capitão deste terno parecia ter uma condição financeira um pouco melhor que a dos demais, posteriormente eu percebi que era o responsável por todos do grupo, inclusive ajudava com o que podia em seu financiamento, além do auxílio de outros congadeiros com condições financeiras um pouco melhores. Ao contrário do que pode parecer ele não era negro, como a maioria dos membros.

No momento em que o capitão estava dentro da casa e os congadeiros sorriam e conversavam bastante à sombra, foi proveitoso para mim, no sentido de fazer perguntas sobre o que estava para ocorrer nos demais momentos da festa além daquele próprio instante. Quando iniciava uma pergunta, vários congadeiros me falavam ao mesmo tempo, neste momento é que soube o nome do Terno, do capitão e a especificidade deste, (o estilo do terno, se assim posso dizer), fato que até então eu desconhecia.

Neste traslado até a frente da Igreja, sendo que o grupo que eu estava próximo havia entrado na referida residência, os demais grupos possuíam uma relativa “folga”, uns entravam na Igreja, outros procuravam um local para descansar, outros ainda ficariam tocando, percorrendo em meio às pessoas que havia na praça e as casas do local, pedindo doações ou esmolas para “sua bandeira”. Meios pelos quais os congadeiros poderiam pagar o ônibus que conduzia o grupo até o local, sanar algum eventual gasto com couro dos tambores e, caso a esmola fosse suficiente, juntar para auxiliar na promoção de sua própria festa. Todos, sem exceção, aguardavam assim o momento de se encaminharem para o almoço. Todos iriam almoçar no mesmo local, que não era o local onde fora oferecido o café pela manhã. As mulheres que estavam fazendo o almoço

aguardavam uma enorme quantidade de gente, segundo informou a senhora que nos recebeu em sua casa, após o almoço, os grupos saíam em cortejo para “buscarem os reis congos e rainhas congas” onde se preparavam. Os ternos iriam buscar os reis e levá-los à praça central, onde, no palanque já montado, aguardariam o início da “Missa Conga” ou também chamada “Missa Inculturada”. Em algumas festas, segundo o congadeiro que me informava a respeito desta “atividade” e/ou “procedimento da festa”, também poderia acontecer dos ternos “buscarem o andor” de algum santo em outro local para conduzi-lo até a missa.

Após estas informações obtidas através de conversas neste instante do lanche ofertado por uma moradora local, o capitão saía de dentro da casa, a senhora ainda segurava a bandeira, quando o capitão convocava seu grupo através de um apito. Iniciava então os toques, após todos se organizarem novamente sob cortejo, juntamente às cantigas, tudo isso já do lado de fora da casa. Ela devolvera a bandeira à bandeireira do grupo e estes cantavam “*ô já comeu já bebeu, agora falta agradecerê*”. A cantiga era repetida duas vezes, antes de ser novamente cantada apenas pelo capitão, este a cantava também duas vezes. Assim o grupo recebera novamente a bandeira e iniciando uma movimentação, se retirava da frente da casa e continuava a descida pela ladeira de pedra em direção à Igreja. Lá chegando, “entraram no meio da multidão” executando uma cantiga que pedia esmola. Junto à bandeira de todos os ternos há uma pequena sacola onde podem ser colocadas doações ao grupo ou aos santos. Em Resende Costa 2007, o terno que eu acompanhava passou no meio da praça cheia de gente várias vezes, visando conseguir donativos suficientes para arcar com a despesa do ônibus que os conduzira até o local. Neste instante, que o terno adentrava em meio às pessoas, durante a Festa do Caburu, vi um grupo iniciando a entrada na Igreja de São Gonçalo do Amarante, assim, mudei de direção e fui acompanhar estes últimos.

Entrando na Igreja após o Terno o fazer, estes se direcionaram até o altar principal, o andor de Nossa Senhora do Rosário estava localizado à direita do altar. Todo enfeitado de rosas vermelhas, amarelas e brancas, o andor permanecera dentro da Igreja até o momento de ser colocado em frente ao palanque para a “Missa Inculturada”, isso após os ternos irem buscar os reis congos e as rainhas congas em um local próximo. O andor de São Benedito e Nossa Senhora Aparecida estavam do lado oposto ao andor de N. Sra. do Rosário, no interior da Igreja. Todos devidamente enfeitados e prontos (dispostos em cima de alguns bancos antes do altar principal) para serem conduzidos para o exterior para a missa Inculturada e posteriormente para percorrerem as ruas locais junto à procissão a ser realizada após a missa.

O grupo que eu havia acompanhado entrar na igreja passara próximo a cada andor, ora com os congadeiros beijando as fitas coloridas que se estendiam das imagens para o exterior do andor, ora encostando ali suas bandeiras, e o capitão encostando seu bastão, faziam o mesmo diante de mastros e cruzeiros. Presenciara algumas vezes, Festa do Divino (2008), o capitão encostar seu bastão nestes andores, assim como fazia também no andor principal com a bandeira do terno. Nos momentos em que os ternos permanecem no interior da Igreja as cantigas e toques eram mais amenos, mas em nenhum momento cessava os toques e cantigas por estarem dentro da Igreja. Pelo contrario, havia cantigas, toques e postura corporal específica para estes momentos.

É importante salientar que em vários momentos durante o dia, poderiam ocorrer situações como a que descrevemos mais acima, seja do grupo receber o convite para entrar em alguma casa ou de encontrar com outro grupo ocasionando, no momento do encontro, uma *troca entre as bandeiras*. Neste último o capitão se aproxima da bandeira do outro grupo e de joelhos a beija e retira o chapéu. O capitão do grupo que fora *saudado* se coloca a frente do grupo e cumprimenta o outro capitão. Geralmente, quando ambos os grupos estão tocando, um para de tocar e permite que o outro execute a cantiga e a saudação. Pode ser que os dois capitães ajoelhem-se entre as bandeiras dos respectivos ternos, proferindo algumas palavras entre eles, enquanto um dos grupos continua executando o refrão de uma cantiga. Comumente ocorre dos capitães realizarem um cumprimento específico, de mãos dadas cada capitão toca com seu ombro direito o ombro do outro capitão, a seguir, faz o mesmo com o ombro esquerdo e mais uma vez com o ombro direito, é comum retirarem o chapéu para fazer tal cumprimento.

Após este momento a bandeira de um grupo passa para as mãos da bandeireira do outro grupo e vice-versa. Com o capitão de cada um indicando para sua bandeireira “passar” a bandeira em meio a seu grupo, para que todos os membros dêem sua saudação e sejam saudados pela bandeira do outro grupo. A bandeireira então “passa a bandeira” por cima da cabeça de cada congadeiro, circulando-a, este retira então seu chapéu, caso esteja tocando, para de tocar, realiza o “nome do pai”, beija a bandeira do outro grupo e recoloca seu chapéu, reiniciando o toque se for o caso.

Após alguns instantes, com as bandeiras trocadas e parados um em frente ao outro, pode ser que um terno inicie alguma cantiga, podendo ser ou não respondido pelo outro capitão. Às vezes o capitão improvisa uma cantiga junto ao refrão executado por outro grupo. Neste

momento, pode ser que o capitão cante dentre os congadeiros do outro terno. Devolvendo as respectivas bandeiras, cada um inicia então sua cantiga e segue seu caminho.

São comuns os improvisos entre os refrões das músicas executadas nestes momentos, com o capitão fazendo alusão seja ao terno seja à festa ou à devoção aos santos. Também é comum o improviso em relação ao “procedimento padrão” de “saudação entre ternos” que narrei aqui. Durante este trabalho veremos alguns “encontros entre bandeiras” ou “encontros entre ternos” em momentos diferentes durante o festejo e a ambigüidade que pode ser ocasionada pela mesma³⁸.

Em todas as festas que acompanhei algumas situações aqui descritas sempre ocorreram, mas independente de como acontecem, sempre o grupo pára em frente ao local que irá adentrar e executa uma cantiga específica, seja pedindo licença ou anunciando a intenção de ali estar. Segundo enfatizado por alguns capitães “o grupo que tem fundamento” sempre faz algumas saudações³⁹.

Certas ações realizadas pelos grupos podem ser facilmente compreendidas por execuções, seja diante um altar, cruzeiro, mastro, santo, uma casa, uma bandeira de outro terno, etc. Comecei a considerar estas execuções diferenciadas por procedimentos realizados pelos grupos de congado em momentos distintos do festejo. Procedimentos específicos relativos à mudança do toque musical, das cantigas executadas, do bailado que, freqüentemente são realizadas quando o grupo segue sua trajetória durante cortejo no festejo. Anuncio assim, que em cada momento ou situação no decorrer das festas, as ações do grupo e dos congadeiros são alteradas e que as cantigas, toques, evoluções, permeiam estas “mudanças de atitude e de postura” dos mesmos.

Algumas cantigas são proferidas antes de entrar em uma moradia, antes de entrar na Igreja, ao “entrar em um cruzeiro” ou diante deste e ainda quando se entra em um terreiro de umbanda ou candomblé. Também “as saídas destes locais” são marcadas com cantigas específicas, seja agradecendo e anunciando a retirada do grupo como também proferindo palavras em gratidão e expressando o desejo de ali estarem; estas podem ser improvisadas no momento pelo capitão em meio ao coro de uma cantiga, como em vários outros momentos. Quando se finaliza a festa, antes do Terno ir embora se canta “*ô até para o ano se deus quiser (2X)*”, fazendo alusão à festa do próximo ano daquele local.

³⁸ Em especial no capítulo três.

³⁹ As saudações também podem ser relativas a outro terno, aos locais a que se entra ou sai e ainda a uma pessoa responsável ou não pelo festejo e que “seja encontrada” em momento oportuno, quando o terno está em movimento. É comum se dirigirem também à casa de uma pessoa onde a festa se realiza para a saudarem, que pode não ter o oferecimento de lanche por parte desta, uma vez ter sido “pega de surpresa” com a visita.

Uma variação que pode haver dessa cantiga, a depender da situação, era a frase às vezes pronunciada “*o cutuca ne mi pra você vê (2X)*”. Fazendo alusão ao provável estímulo que outros ternos teriam efetuado a este, ao lado de outra cantiga como “*Quem mexe com pau podre / Quer ver mangaba zuá*” (mangaba é um espécie de marimbondo), são referentes a possíveis demonstrações de hostilidade, que pode ser minimizada ou acentuada a depender do contexto situacional do grupo no festejo. Nestes instantes, podemos dizer que os ânimos do congadeiros, se exaltam um pouco mais do que durante outras cantigas e momentos do festejo. Um momento também de “grande exaltação” foi registrado quando da retirada do mastro no bairro do S.D. (2007). Há também outras cantigas onde se “aumentam os ânimos”, que serão aqui descritas, quando narrado um momento de chegada de um Moçambique na Igreja, junto do andor de N. Sra. do Rosário, após a procissão realizada na Festa do Divino (2008)⁴⁰. Outra cantiga para “cutucar os congadeiros” e os fazerem “firmar no ponto” (Z. M., capitão de congada), seria a cantiga utilizada por este capitão quando tinha tal intuito: “*ôoo tira o pé da poeira mané / marimbondo te morde no pé (2X)*”. Provocando assim certa euforia nos congadeiros de seu grupo e estimulando-os a dançarem e tocarem com “mais empenho” ou de forma mais intensa.

Seja quando a chegada é em algum local ou cidade, igreja ou casa, e a saída também, é norma os grupos enfatizarem estes instantes, modificando a cantiga que vinham executando durante o cortejo, às vezes com o capitão a realizando de joelhos, e como disse, podendo ou não improvisar algo em meio ao refrão proferido pelo Terno.

“de joelho cá n’água/ de joelho vou ao fundo/ esta festa de Maria/ é do principio do mundo (2X) vamo rezá pai nosso / vamo rezá Ave Maria / vamo rezá pra São Peeedro, Nossa Senhoora estrela da guia.” (cantiga realizada pelo Terno de M.A e Z.M do bairro do S.D)

Algumas vezes, já acompanhando o terno sob o qual norteei minhas pesquisas, e acompanhando também as relações que estabeleciam com demais grupos, presenciei a execução desta cantiga transcrita acima em momentos de início de festa pela manhã, onde estavam situadas as pessoas responsáveis pela “promoção” da mesma e também no momento que entravam em alguma Igreja, neste caso a Igreja da cidade de Resende Costa no ano de 2008, com o capitão realizando esta cantiga de joelhos, o que chamou atenção de certas pessoas do local e de

⁴⁰ Trecho narrado no subitem 3.3 “Foi banda de música buscé nossa mãe ela num veio é...”.

comentários de outros capitães que assistiam esta entrada na Igreja. Segundo ênfase do capitão, explicando a importância de se pedir licença em momentos específicos de uma festa, temos:

“(...) quando a gente entra num lugar a gente pede licença num é? E a gente também agradece quando sai, num é? Então... aqui também a gente faz isso, a gente pede licença pras alma quando vamo entrá num terreiro, ou coisa assim, pede permissão pros antepassado quando saímos com a bandeira... Quando a gente canta assim: ‘O Sá rainha chega na janela (2X), venha vê marujo, que lá vai pra guerra (2X)’, a gente canta é pra mãe da M.A . A gente canta é pra ela.” (Z.M, Capitão de Congado)

A “mãe da M.A” a que ele se refere é a mãe da presidente do grupo, M. A, atual capitã do Terno de Moçambique e Catopé de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito do bairro S.D. de SJDR. Sua mãe era festeira e Rainha Conga do bairro S.D.. Este grupo de São João Del Rei a tem como uma verdadeira presença entre eles e toda vez que o grupo “sai com a bandeira”, o nome dela de alguma forma é mencionado. Mesmo a contragosto de M.A, esta já teria enfatizado que ela não queria que a “mãe fosse sempre chamada”, pois já teria conversado com a mãe em sonho e esta lhe teria pedido para não “a chamarem” toda vez que saíssem com o grupo. A cantiga acima, eu presenciei quando, dentre outras situações, este Terno “retirava a bandeira” de dentro da casa de M. A e iniciava as preparações para o cortejo do grupo.

Na área em frente da casa de M. A, localizada ao lado a capela do bairro, formava-se um círculo que nunca era fechado, com um homem em uma ponta e uma mulher em outra, (em formato de ferradura e com as bandeiras de frente para o vão formado). Rezavam uma ave-maria e um pai nosso nesta formação, pediam proteção para o dia que começava, executavam algumas cantigas fazendo alusão, por exemplo, à mãe de M. A. Eram executadas algumas “cantigas iniciais” nestes dias. Em um destes instantes, eventualmente eram proferidas alguns dizeres, seja pelo então capitão Z.M ou por M.A, referente tanto ao dia da festa quanto rememorando algum acontecimento de festas anteriores. Isto propiciava aos membros do grupo reflexões acerca de fatos ocorridos durante as festas e que, por ventura, poderia ser relacionado a um infortúnio ou fortuna, desencadeando uma espécie de raciocínio relativo a causas e efeitos devido a atividades de um grupo, do próprio grupo ou de alguns congadeiros durante os festejos. Estas conversas me davam temas sobre o que discutir com os membros do grupo em “entrevistas” que eu realizava com os membros, seja em períodos anteriores ou posteriores a um festejo. Estas “entrevistas” eram realizadas no formato de uma conversa informal, sendo que às vezes pedia licença aos

mesmos para tomar notas em meu diário. Nestes momentos de “retirada da bandeira” de dentro da casa da responsável pelo grupo Dona M.A, podia também haver ainda um “banho de cheiro” promovido pelo capitão, que segundo os congadeiros, servia para “imantar o grupo”.

Certo dia em que “retiraram a bandeira”, o capitão chegara com um garrafão de cinco litros onde havia preparado uma espécie de perfume, nitidamente havia muitas flores junto da água que estava dentro do garrafão. Com as mãos, o capitão passara um pouco da água de cheiro nos pés de cada congadeiro e também em suas nuças, todos eles estavam concentrados e dispostos segundo o formato que descrevi logo acima. Continuavam, enquanto isso, a cantarem e tocarem. Antes de iniciar este procedimento em cada congadeiro, o capitão jogara um pouco de água também sobre as bandeiras, aliás, antes e depois de passar por cada congadeiro. Eu, que estava entre eles, também fui “imantado”.

Deixando estas questões centrais por hora, pois serão exploradas adiante, voltemos ao início do acompanhamento do fenômeno da festa de Nossa Senhora do Rosário. A partir das considerações acima parece que é possível fazer alusão ao caráter contingencial das cantigas proferidas durante um cortejo ritual, além é claro, das cantigas específicas a cada instante. Eventos e situações levavam o capitão, a partir das considerações do mesmo e das leituras que poderia realizar sobre situações específicas, a executar uma cantiga ou outra, assim como conduzir seu grupo por um caminho ou outro. Acredito que já é hora de traçar meu contato inicial com o festejo para que seja possível perceber o porquê de minha preocupação em acompanhar o itinerário festivo a partir de um único grupo de congado nos períodos posteriores. Apesar de que isso não foi algo decidido apenas por mim em campo, mas durante o campo percebi o que começava a se configurar, a saber, uma relativa “melhora na qualidade das informações” sobre os conteúdos acerca dos procedimentos rituais de um terno, além de diálogos melhores estabelecidos, quando me concentrei em um relacionamento mais próximo com um único grupo.

Ofereço um exemplo de como estreitando os laços com um terno de Congado pude realizar uma observação diferenciada das práticas dos grupos relativos ao festejo. Práticas que extrapolavam os dias e execuções realizadas durante uma “Festa do Rosário”. As informações obtidas através de um maior envolvimento com o grupo de SJDR ocorreram a partir de meados de 2007. As descrições relativas à Festa do Caburu, 2005, versam sobre apreensões das etapas do festejo realizado no domingo, momentos estes onde realizei descrições mais sistemáticas em relação a situações específicas do festejo, a saber, saudação ao mastro, café ofertado, entrada na

Igreja, almoço, busca de rainhas e reis congos, Missa Inculturada, procissão e fim da festa com queima de fogos. Através de um maior envolvimento com um terno, comecei então a refletir acerca dos momentos em que eram improvisadas cantigas, das ambiguidades na “saudação entre bandeiras”, restrições e cuidados para um grupo participar do festejo, a preocupação em conquistar parceiros a serem convidados em suas festas, dentre outras.

Nesta festa de 2005 no lugarejo, não acompanhei o almoço, pois fui praticamente, obrigado a almoçar na casa da família de uma antiga empregada de minha avó. A mesma me vira pela última vez a mais de vinte anos. Assim foi difícil, para não dizer impossível, recusar o convite de almoçar em sua casa, mesmo havendo uma inicial relutância de minha parte. Ela trabalhou para minha avó durante uns quinze anos mais ou menos. Havia almoço em sua casa para um número considerável de pessoas naquele dia, cheguei até mesmo a considerar que era em decorrência da Festividade do Rosário.

Esperei os Ternos de Congado após o almoço na praça da cidade, em uma casa ao lado da praça os grupos chegavam em frente à mesma e executavam cantigas para “retirarem de lá seu Rei e Rainha Conga”. Começava ali os preparativos para a “Missa Inculturada”, celebrada por um padre negro, com sua vestimenta tradicional de padre e um “chapéu afro”, indicando sua pertença, além da tradicional batina.

A missa fora realizada com a presença do padre, dos Reis Congos e Rainhas Congas no palanque (neste dia quase todos os grupos haviam levado seus reis e rainhas), juntamente a “elementos que faziam alusão à escravidão”. Correntes, cestos de pipoca, cestos com broas de fubá e com biscoitos eram dispostos em frente ao palanque, juntamente com os andores de Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, andores que “*iriam sair na procissão*”. Estes permaneceram ali durante a realização da missa. No momento da comunhão os cestos foram oferecidos à multidão de congadeiros e demais pessoas que assistiam a missa. As pessoas encontravam-se dispersas por toda a praça ou sentadas nos bancos da Igreja colocados ao lado de fora da mesma. Finalizada, iniciara-se a procissão, juntamente com os andores, os Reis e as Rainhas, as pessoas que acompanhavam a missa e todos os ternos participantes do festejo. Estes se mobilizaram rapidamente quando iniciou o término da Missa Inculturada, muitos começaram a ficar de prontidão, almejando permanecer o mais próximo possível de algum andor para a referida procissão. A mesma terminara após percorrerem algumas ruas do lugarejo.

A procissão assim fora realizada com os andores dos santos acima referidos, acompanhados pelos grupos de congado, cada um em sua formação, as demais pessoas presentes na festa e que participavam da procissão formavam duas filas, em meio às quais seguiam, alternadamente, os andores e os ternos de Congado.

Percorreram algumas ruas do local e ao chegarem novamente na praça local da Igreja, foram recebidos com enorme queima de fogos. Presenciei uma festa neste local no ano de 2007, onde os Ternos seguiam juntamente com os andores até o interior da Igreja, sendo recepcionados pelo padre, permanecendo os andores na mesma e os Ternos se retirando da igreja pela porta lateral. Também presenciei outra ocasião em que os Ternos paravam à porta da Igreja *e abriam caminho* para os andores passarem em meio a eles. Formando, os respectivos grupos, uma fila em cada lado do portal da Igreja⁴¹. Isto tudo em meio a uma grande queima de fogos na praça e os muitos dobrados do sino. Um a um, os Ternos se retiravam para os ônibus após “os andores entrarem na Igreja”. O que não impedia de algum Terno ainda “dar uma passadinha” no Cruzeiro ou então, como quase sempre ocorria, de “*baterem suas caixas*” junto a outro grupo, com os capitães dos mesmos, de maneira alternada, “*puxando as cantigas*” e/ou oferecendo para demais membros de seu Terno *puxar* a cantiga. Quando um grupo queria pegar o endereço de outro Terno para possivelmente convidá-lo à festa de sua localidade, este era o momento para por os interesses afins, assim também o era feito no almoço, no lanche e até mesmo durante outros instantes do festejo, como no “encontro entre bandeiras”. Antes de irem embora, alguns congadeiros ainda corriam para um bar próximo antes de partirem em seus ônibus.

Saliento que após algum tempo de pesquisa e após algumas festas acompanhadas, atente-me para o fato destes convites entre os grupos serem “efetivados” a partir das ações de demais grupos no contexto situacional da festa. Minha pergunta é a seguinte, o quê estimulava os ternos a procurarem determinados grupos para os convidarem a seu festejo? Acompanhando um grupo percebi que eram importantes certos procedimentos executados por estes possíveis visitantes, assim como a postura dos mesmos para com eles, para com os demais ternos e para com o festejo, mas o que era mais enfatizado era “*a força daquele grupo*”, *a sua fé*. A força dos

⁴¹ Na festa de Três Barras, após a procissão, apenas o Grupo de Catopé entrara no interior da Igreja junto à imagem de N. Sra. do Rosário. Os demais grupos permaneceram do lado de fora da Igreja. O Grupo de Marujada formando duas filas uma de cada lado da porta e os Caboclinhos em torno dos mesmos, ambos do lado de fora. Mas antes dessa, após buscarem os reis, cada grupo entrara na Igreja e depois saíra, isto para dar início à procissão. Primeiro os caboclinhos entraram, depois a marujada e por fim o catopé, este por sua vez, saíra da igreja juntamente com a imagem de N. Sra. do Rosário.

mesmos, assim como a fé, não era algo dissociado, mas estreitamente ligadas às atuações para com os momentos do festejo acima anunciados e que serão aqui demarcados por: “*saudação no mastro*”, “*entrada e saída da Igreja e do almoço*”, “*saudação entre bandeiras*”, além da execução de cantigas em momentos específicos, da utilização de objetos como bastão e guias, dentre outros.

“*As vezes aquele grupo ali ó, com coroa de papel, de pé no chão, bem humilde mesmo é que tem força. Num precisa ter aquele monte de fita colorida, aquelas caixa grande, pra ter força não?! (Fazendo alusão ao grupo de maracatu que tocara durante o festejo) A gente num pode disfazê de ninguém, tem vez que aquele grupo com poucas pessoas, a cantiga ali baixinha, mas sê vai ver tem um fundamento...*” (Z.M, Capitão de Congado)

O que será enfatizado adiante é como poderia haver certa opinião sobre determinados grupos e isso envolveria, para o terno que eu acompanhara, não só se os ternos eram um grupo antigo e com um “estilo bem definido” e/ou marcado. (Moçambique, Catopé, Marujada). Obviamente, isto era importante, mas uma das ênfases do capitão era se *o grupo tinha fundamento*, e não estou convencido que “*ter fundamento*” está vinculado apenas à “antiguidade” de um grupo. A indumentária⁴², a exemplo da cor utilizada, o ritmo ou a *toada do grupo*⁴³, as cantigas proferidas⁴⁴, diz algo sobre os grupos, são meios de linguagem ritual, assim como a saudação à bandeira de outro Terno, suas entradas e saídas, suas “*ações no pé do mastro*” ou em algum cruzeiro, poderiam fazer com que o grupo despertasse o interesse para convidá-los a seu festejo. Tentarei demonstrar ao longo da escrita, o que seria “*ter fundamento*” para o Terno que acompanhei. Algo que se confunde com o “*estar no Rosário*”. Tal reflexão nos leva à discussão da própria constituição dos grupos de Congada, suas relações com os Ternos mais novos ou recentes e os mais antigos ou os ternos “*de raiz*”, expressão utilizada por Patrícia Maranhão Costa (COSTA, 2006), em sua tese de doutorado. Mas adianto que “*ter fundamento*” aqui não é ser mais antigo, mas saber utilizar um arcabouço de linguagem ritual, se é que posso assim denominar, e então anunciar ou promover um “*estar no rosário*”.

⁴² Onde as cores das mesmas estavam sempre vinculadas a “alguma mensagem” a transmitir.

⁴³ Maneira de se referir tanto às batidas musicais e letras utilizadas quanto suas “evoluções” durante um cortejo. Tendo por referencia as intensidades do som, da coreografia, das cores da farda (ou roupa do Terno) e outros.

⁴⁴ Cantigas de chegada, de saída, de saudação, de demanda, de defesa, dentre outras.

2.5 Das festas e dos modelos.

Através desta apresentação de campo, tomada de meu primeiro contato com o fenômeno que aqui descrevo, almejo “traçar um panorama no qual se consiste a festa de Nossa Senhora do Rosário promovida por Ternos de Congada”. Destaco então os procedimentos que utilizei para acompanhar este festejo. Festejo que conta com a presença de vários grupos de Congada que se dispõe de maneira específica no contexto anunciado, tornando-se impossível apreender todas as relações e dinâmicas, tanto entre os ternos, como destes em relação aos diversos momentos que a compõem. Saliento aqui certa dificuldade em acompanhar estes diversos momentos, que vim posteriormente a “remediar” quando, as interações com um Terno de Congado me priorizaram outras coisas a que não tinha ainda me atentado. Fora então que aceitei o convite do referido terno para “*ir com eles*” em algumas festas, fato que deslocou ou inseriu meu posicionamento em campo.

É a partir do festejo acima descrito, tomando por contraponto também as demais que serão aqui abordadas e já foram algumas vezes apontadas, é que farei no subitem 2.5.1 uma descrição sumária do que consistiria o festejo.

A título de caracterização das Festas de Nossa Senhora do Rosário, acompanhadas por mim, sem dar maior atenção à minha situação em campo e às demais interações com os Ternos, com os capitães ou reis congos, mesmo sabendo que estas determinam em grande parte minha apreensão, descreverei agora, em sentido amplo, em que consistem “*as etapas do dia principal do festejo*”. Tento estabelecer algum padrão para as festas por mim acompanhadas, hora me referindo a momentos como a entrada ou saída da bandeira em uma Igreja ou a encontros entre ternos próximos a um mastro, permitindo ao leitor certa apreensão do contexto geral do dia principal da Festa de N. Sra. do Rosário, a partir das experiências efetuadas em alguns locais do campo das vertentes. Assim, enfatizo muito rapidamente, possíveis “descontinuidades” que por vezes surgiram entre as festas acompanhadas. Descontinuidades estas relativas a festejos que se diferem tanto aos grupos envolvidos e de suas “funções”, quanto de “*retiradas de bandeiras*” para momentos outros que não diretamente a uma Festa de N. Sra. do Rosário realizada anualmente. Neste instante, as festas são interações sociais que dão arcabouço para uma “produção” de modelos gerais em conformidade a elas.

Sem a pretensão de elaborar um modelo almejando manipulá-lo para se ter acesso à estrutura, como enfatizado por Levi Strauss (2003), construo-o sim em conformidade com o fenômeno observado, sem a pretensão de congelá-lo sob tal forma. Me atento para o fato do modelo não esgotar as possibilidades do fenômeno, este ofereceria antes, uma noção um pouco vaga e generalizante, mas essencial se quisermos tornar o fenômeno passível de algumas considerações. Sabendo se tratar de uma construção conceitual a partir das relações, enfatizo que não tive a pretensão de construí-lo em nível de sistema, a saber, dispondo os elementos de tal maneira que a modificação em qualquer um deles acarrete uma modificação de todos os outros. Nem mesmo de considerar todo o modelo pertencente a um grupo de transformações, de modo que o conjunto das transformações constitua um grupo de modelos. E ainda, também não tentei construir o modelo de modo que seu funcionamento possa explicar todos os fatos observados. (LEVI STRAUSS, 2003). A noção de modelo como forma de acesso à estrutura, enfatizado por Levi Strauss me parece de grande auxílio metodológico, porém, não foi o objetivo do presente trabalho. O investimento nesta temática entretanto, me parece bastante profícua para o tema aqui abordado.⁴⁵

Assim, o que tomo por modelo, não visa a fazer manipulações almejando a uma formulação estrutural, mas sim a uma “opção metodológica” para oferecer um sentido amplo ou geral aos festejos. Em conformidade à citação presente em *Antropologia Estrutural*:

“Modelos (...) são construções teóricas que supõe uma definição precisa, (...) devem ser também parecidos com a realidade sob todas as relações que importam à pesquisa em curso. (...). A semelhança com a realidade é requerida para que o funcionamento do modelo seja significativo. Mas esta semelhança pode ser habitualmente restrita a alguns aspectos julgados essenciais **pro tempore** – senão as condições acima enumeradas tornar-se-iam incompatíveis.” (NEUMANN E MORGENSTERN *apud* LÉVI-STRAUSS, 2003, p.316 - grifos de autor).

E ainda acrescenta, “mesmo se os modelos são tendenciosos ou inexatos, a tendência e o gênero de erros que eles contem fazem parte integrante dos fatos a estudar; e contam-se talvez entre os mais significativos.” (LÉVI-STRAUSS, 2003 p. 319).

⁴⁵ Ainda mais no que se refere às considerações sobre as festas de regiões onde predomina o Catopé e outras, onde predomina o Moçambique. Acredito que as variações existentes em relação a estas festividades tanto no que se refere ao mito quanto ao rito, seriam bem exploradas a partir deste suporte metodológico.

A questão que passamos a considerar então é saber o que é o dado do grupo a ser estudado, e como, a partir daí, fazer experimentos com nossos dados. O que para os povos estudados são dados na relação; o que é construído e percebido como pertencente à esfera de ação dos agentes e o que são estes dados nos termos deles, como enfatizado por Viveiros de Castro (2002a). É assim que demarco os momentos da festa a partir das ênfases traçadas pelos próprios congadeiros em seus enunciados rituais e através das conversas subseqüentes. O que visa garantir a estes momentos, não apenas formulações que poderiam ser dadas *a priori* sobre o festejo (integração ou desintegração do grupo, formação de identidades, etc), mas as enfatizadas pelos congadeiros enquanto dado da relação etnográfica no contexto festivo, como por exemplo, a extensão das relações sociais “*aos antigo*”, dentre outras.

Serão então explorados, na medida do possível, também os festejos que se destoam das festas acompanhadas juntamente a um Terno da cidade de São João del Rei, pois, como enfatizado por Levi Strauss, os gêneros das variações que podem ocorrer nestas festas contam-se talvez entre as mais significativas, apesar de não ter a intenção em produzir modelos tal qual anunciado pelo autor. Acompanhado em alguns itinerários dos festejos, *o Terno* supracitado é o principal agente pelo qual se acompanhara a dinâmica das festas, servindo, estas festividades percorridas junto deles, de suporte central para demonstrar as principais atitudes deste em dia festivo.

2.5.1 Descrição Geral do Festejo

Como enfatizado anteriormente, meus vínculos estabelecidos em campo, de alguma forma fazem parte desta elaboração que seria um modelo geral do que ocorre nas Festas de N. Sra. do Rosário promovidas por Ternos de Congada.

Através das situações aqui demarcadas, tentarei esboçar como poderíamos evidenciar, de maneira geral, a festa de N. Sra. do Rosário promovida pelos Ternos de Congada em certa região do Campo das Vertentes em Minas Gerais. Ofereço a seguir uma espécie de modelo que pode ser tomado para se pensar certo itinerário da mesma. Chamo atenção que os momentos onde foram acompanhados os Ternos de Congado, nem sempre eram Festas de Nossa Senhora do Rosário. O

momento que um Terno “*retira sua bandeira*” e “*sai para o Rosário*” pode ser estimulado e ter por motivação, diversos fatores, podendo ou não ser condicionado a este dia de festa. Houve momentos que acompanhei o grupo uma semana antes de alguns festejos, numa espécie de ensaio para este, “*fazendo suas obrigações para estarem firmes*” no dia da “*festa de domingo*”. Nestes eventos, a relação com “*o dia principal da Festa do Rosário*” era evidente. Já em outras situações, estes vínculos com o dia do festejo não eram tão certos. Obviamente o grupo “*estava no Rosário*”, cumpriam procedimentos necessários para tal fim, mas não visavam diretamente ao dia principal da festa. Houve “*saída das bandeiras*” por ocasião de aniversário de algum membro do grupo ou por convite de outro “*terno irmão*” ou associado, e o que era apenas um almoço para os grupos ensaiarem, neste último encontro, demonstrara inúmeras facetas. Neste dia acompanhado foram realizadas visitas por ambos os ternos que, cada qual em sua formação, realizava um cortejo pelas ruas do bairro das Mercês (M.e.) em SJDR. Foi realizada “*visita*” a um cruzeiro, a terreiros e a residências do bairro, juntamente à execução de cantigas específicas em cada um destes instantes. Além do almoço ofertado pelo “*Terno do D.i*”⁴⁶ aos congadeiros do Terno de M.A e Z.M., algumas residências que foram visitadas pelos grupos também ofertaram lanches. É interessante ressaltar que alguns membros do Terno do bairro S.D. (de M.A e Z.M.) haviam levado lanche em suas mochilas, afirmando que não comeriam a comida ofertada, por receio de haver “*má intenção*” do grupo anfitrião ao lhe convidar. Estes mesmos membros se recusavam adentrar ou se aproximar de alguns locais por onde o terno passara, como o cruzeiro, alguns terreiros de candomblé e da casa onde foi ofertado o almoço. Perguntados acerca desta “*má intenção*” afirmaram que “*existe muita maldade nesse meio, nem sempre esses convite vem com boa intenção, aí depois a gente passa mal, tem dor de cabeça, essas coisa*”. (M.A, líder do grupo do bairro S.D.)

Além deste momento no bairro das M.e, em SJDR que podemos dizer não havia relações diretas com uma festa do Rosário realizada regularmente e anualmente, acompanhei também o enterro de um membro do congado, congadeiro que já havia sido rei do Terno do bairro do S.D., além também da ida a um terreiro. Não arrisco a formular se esta visita ao terreiro está vinculada mais a um sentido de “*firmeza*” por parte do grupo para uma festa subsequente ou devido a uma festa anterior, ou ainda o de participar de uma festividade promovida por seu Rei Congo. Acredito que em certa medida, ambas as coisas, pois o Rei Congo do grupo também era Pai de

⁴⁶ “*D.i*” é a abreviação do apelido do capitão do terno do bairro das Mercês, que fora o anfitrião neste dia.

Santo. Estas últimas considerações não serão exploradas por hora. Saliento que nestas situações, apesar do caráter de “encontro” ou de “ensaio”, preceitos, restrições, cuidados e alguns procedimentos para se “*estar no Rosário*” eram seguidos.

Geralmente pela manhã o grupo se organiza bem cedo, rezam e “*retiram sua bandeira*” do local em que se encontra. Este local pode ser denominado de *quartel* do Grupo, local onde os instrumentos e altares do grupo se localizam, onde são feitos os ensaios e reuniões. Ao “*retirar a bandeira*” deste local, são efetuadas algumas cantigas pedindo proteção ao terno e anunciando a festividade que se inicia⁴⁷. Alguns discursos também podem ser proferidos, registrei um destes discursos antes da saída do terno de Moçambique e Catopé do bairro S. D. para festividade que iria ocorrer em S.G.A. (Caburu), talvez seja interessante transcrevê-lo aqui.

Ainda na varanda da casa da líder M.A., todos do grupo de mãos dadas compo um formato parecido com uma espécie de ferradura, onde as pontas de cada lado traziam de um lado um homem, de outro, uma mulher. O capitão ao centro realizava o discurso abaixo, juntamente com algumas cantigas relativas a este momento de “*saída da bandeira*”. As bandeiras, de frente para este vão formado pela presença de duas filas de congadeiros, estavam localizadas de frente para a saída da varanda da casa. Após o discurso e após ser “*dado o comando*” pelo capitão, as bandeiras seguem de frente para esta saída e cada uma das duas filas de congadeiros acompanha, uma atrás da bandeira de N. Sra. do Rosário e a outra atrás da bandeira de São Benedito, as mesmas compo então o que viria a ser a formação do cortejo, até que retornem ao mesmo local e “*guardem a bandeira*” no fim da festa e/ou do dia. Os discursos nestes momentos podem ser feitos por qualquer congadeiro, neste grupo, além de Z.M., M.A. sempre proferia algumas palavras, além de D.i, S.i, dentre outros como C.e., o segundo capitão.

“Todo mundo junto aqui firme no rosário, rezando, pra tirar a bandeira. Sabemos que o inimigo é forte, mas nós estamos firme no rosário, o inimigo se vier vai ter o troco, mas nós não queremos guerra, mas se tive que guerreá nos estamo preparado, firme aqui no rosário. No rosário o que vier de ruim volta pra quem fez alguma coisa. Repito, não queremos briga, mas se tive que brigá nos vamo brigá, tamo pronto. Atenção no que vamos encontrá por lá, vai ter de tudo, muito grupo junto, tem que ta firme pra que nada aconteça...” (Z. M., capitão de congado)

⁴⁷ Falo aqui “festividade que se inicia” sem me referir especificamente ao dia de festa de N. Sra. do Rosário, mas a uma “*saída de bandeira*” do grupo (de colocar a congada em movimento), independente à situação para a qual ocorre.

Acho interessante reproduzir aqui um trecho da “Arte da Guerra” para realizarmos uma analogia entre a metáfora de uma possível batalha anunciada no contexto da fala do capitão do congado antes “*do grupo sair para o festejo*”. O trecho abaixo versa sobre procedimentos necessários para uma batalha, e mais, sobre os cuidados que antecedem à realização de uma. É interessante contrapor as duas citações para percebermos o caráter metafórico de uma batalha simulada com a qual nos deparamos frequentemente neste trabalho acerca do congado.

“De modo que os elementos da arte da guerra são; primeiro, a medida do espaço; segundo, o cálculo das quantidades; terceiro, as estimativas; quarto, as comparações; e quinto, as probabilidades de vitória. (...) Antes de o exército partir, fazem-se estimativas com respeito ao grau de dificuldade do país inimigo; ao traçado retilíneo ou tortuoso das estradas; ao número de soldados; à quantidade de equipamento bélico e ao moral da tropa. Fazem-se cálculos para saber se o inimigo pode ser atacado, e só depois disso se procede à mobilização(...)” (SUN TZU, 1996, p.49.).

Algumas das situações descritas no festejo do Caburu 2005 se repetiram em demais festas, em algumas destas acompanhei “*fincar o mastro*” e “*retirar o mastro*”, instantes importantíssimos, uma vez que marcariam o início e o final das festividades, mas “*não o de seus efeitos*”, como enfatizado por diversos congadeiros. Acompanhei festas em que não foi possível presenciar o “*levantamento do mastro*”, por motivos que também serão explorados adiante, pois “*não eram para ser assistido*”, isto quando era executado por outro Terno que não o que eu acompanhava, pois cada terno “*levanta seu próprio mastro*”, quando relativo a seu próprio festejo ou podia “*levantar mastros*” para festa de outro local, quando a mesma assim o solicitava⁴⁸.

Chegando ao local onde ocorrerá a festa, o grupo se dirige primeiramente aos mastros. Os mastros, “*fincados*” em frente à igreja, onde se concentrará grande parte da festividade, são de mais ou menos dez metros. Acima deste se encontra o santo de referência a este mastro. Em uma festa pode ocorrer de um grupo “*levantar*” ou “*fincar*” mais de um mastro, quando, por exemplo, é o “*Terno encarregado dos mastros*”. Em festas que há um *encarregado de mastro*, o terno levanta os mastros referentes aos santos do festejo (Bairro do S.G.). Há também locais onde apenas um mastro é levantado (Rio das Mortes, Três Barras) e outros em que cada grupo levanta seu próprio mastro e nenhum outro terno participa deste evento (festa do bairro S.D., Festa do

⁴⁸ Por exemplo, na Festa do Divino (2008) e Festa do bairro S.G. (2007 e 2008). Nesta última o grupo encarregado por “*levantar o mastro*” é o grupo do bairro S.D, do capitão M.o, mas outros grupos, em festas antecedentes já o fizeram. Já na Festa do Divino vários grupos de São João del-Rei e região o faziam.

Divino). Quando vários grupos levantam seu mastro para a mesma festa, geralmente o fazem sozinhos, mesmo se neste dia há outros Ternos presentes, os procedimentos efetuados pelo Terno que irá levantar o mastro são realizados apenas por ele. Há situações em que levantam o mastro para uma mesma festa em dias alternados. Um grupo pode levantar o mastro oito dias antes e outro um dia antes do festejo.

Levantados oito dias antes do festejo principal de domingo ou pela madrugada e noite anterior ao festejo, sempre o fazem após a missa de sábado à noite. Esta missa conta com a participação do Terno de Congada, os presentes saem da Igreja, e em frente a ela, “*fincam o mastro*”. Geralmente nestas missas é que são anunciados os Reis e Rainhas Congas que serão coroados no festejo, presenciei uma destas missas no bairro do São Geraldo; mas nem sempre precisa ser assim. Devido à situação de “cada grupo levantar seu mastro” (quando vários grupos levantam seus mastros para uma festa), ou o “*encarregado de mastro*” levantar todos os mastros, poucas foram as vezes que participei de tal situação, a saber, do “*levantamento de mastros*”. No primeiro levantamento de mastro que acompanhei, percebi que aquele instante não era acompanhado por congadeiros de outros grupos, mas apenas pelos membros do grupo que o fazia. Apenas os membros do grupo é que levantam o mastro, posteriormente vim saber que qualquer “visita de outros congadeiros neste instante”, soava um tanto estranha. O levantamento do mastro compete apenas ao grupo que o faz, segundo alguns congadeiros, ao falarem sobre um “*levantamento de mastro*”, afirmam, “*não tem nada pra ver lá não!*”. Todas as vezes que presenciei um “*levantamento de mastro*” os mesmos foram realizados durante a noite. Apenas na Festa do bairro S.D. em 2007 é que o grupo que eu acompanhava “*fincou seu mastro*” na manhã do domingo anterior à sua festa, posterior a este *levantamento*, partiu para a Festa do Caburu.

Geralmente o mastro fica dentro de um barracão ou casa próximo aonde vão ser levantados. Os buracos nos quais serão colocados são previamente abertos, em alguns casos o faz no mesmo instante. Assim, o terno busca o mastro, que foi previamente enfeitado e por vezes até mesmo pintado, e o coloca em posição horizontal ao solo, colocando então a figura do santo referente ao mastro na extremidade que será a superior, para posteriormente colocar a base do mesmo no buraco e, em seguida, incliná-lo na vertical, promovendo sua “*subida*”. O capitão indica e controla toda a movimentação de seu terno em torno do mastro no momento de “*levantá-lo*”, enquanto isso o mastro é segurado por alguns ajudantes ao mesmo tempo em que a terra é empurrada para o buraco em que o mastro fora colocado, para que o sustente. O capitão também

ajuda nesta última, e muitas vezes, quase sempre, verifica-se “*não tem nada dentro do buraco*” em que será colocado o referido mastro. Sempre os capitães de congado conferem alguns instantes antes, mesmo que disfarçadamente, para os demais grupos não perceberem, cada buraco, antes de lá “*fincar o mastro*”.

Tudo isso é acompanhado pelas cantigas, que podem se modificar para cada instante anunciado, por exemplo, quando inserem a imagem do santo em uma extremidade do mastro, quando começam a levantar o mesmo, após o mesmo já erguido, etc. Uma cantiga proferida tanto na hora de levantar o mastro quanto de saudá-lo acompanhei junto do Terno da líder M.A e do capitão Z.M.

“mastro mastro mastro / mastro mastro ô minha gente / oh senhora do Rosário / oh Senhora do Rosáário”.

A batida aqui é realizada também com três batidas no tambor, só que o intervalo entre a primeira e a segunda batida é curta, e o intervalo entre a segunda e a terceira é maior, não há “*viradas*” de toque na mesma.

Outra cantiga, esta referente a um momento quando se está finalizando a “*saudação no mastro*” ou cruzeiro, registrada também em alguns outros instantes, o capitão puxa a cantiga

“O navio afundou afundooou, afundou lá no fundo do mar (2X) / Foi o laço da fita amarela na ponta da vela q’eu pude remá (2x)”.

Em coro, o grupo repete este trecho que irá ser o refrão. Após o grupo realizá-lo, o capitão entoia:

“nada vai abalá minha fé, eu beijei a bandeira no mastro (2X) quando ouvi o apito guerreiro foi o marinheiro que veio de lá (?) (2X)”.

O capitão é seguido pelo grupo, que novamente responde:

“O navio afundou afundooou, afundou lá no fundo do mar (2X) / Foi o laço da fita amarela na ponta da vela q’eu pude remá (2x)”.

E novamente, após o coro, o capitão canta sozinho:

“Sou marinheiro de congo, sou marinheiro do mar (2X)/ eu sou o capitão da guerrilha, na terra, na ilha, no meio do mar (2X)”.

Em coro o grupo entoava novamente o refrão, e após este, o capitão inicia novamente a cantiga:

“nada vai abalar minha fé, eu beije a bandeira no mastro... (2X)”.

É freqüente ocorrerem variações nos trechos cantados pelo capitão, são nestes momentos que se fazem presentes os improvisos, anunciando ou pretendendo fazer alusão a algum acontecimento ocorrido durante o festejo. A cantiga acima anunciada, quase sempre era realizada pelo Terno de Moçambique e Catopé do bairro S.D., do capitão Z.M. e da líder M.A.

Os ternos, que no “dia principal da festa”, no domingo, começam a chegar, se dirigem aos mastros e executam seus toques e cantigas acompanhadas de uma “evolução” abaixo de cada um, fazendo alusão através das mesmas ao santo referente a cada mastro. Os santos que geralmente registrei no auto dos mastros, nas festas de Nossa Senhora do Rosário, foram, Santa Efigênia, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Estes são os mais freqüentemente encontrados, podendo também haver mastros de Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio do Catijiró, São João Batista, dentre outros.

Os mastros são pintados, e enfeitados para o dia da festa, sendo que o “registro” ou também denominado de “bandeira”, uma espécie de quadro que contem a imagem de um santo, geralmente enfeitado com flores e fitas coloridas, na maioria das vezes também pintado na cor do mastro, é colocado acima do mastro, e geralmente é de propriedade do Terno que o levanta. Assim, costuma-se haver “os mastros da festa” e o Terno chega com seu “registro ou bandeira”, com a imagem do Santo, o insere em sua extremidade e levanta o mastro. Presenciara este exemplo na Festa do Divino Espírito Santo de 2008 em São João del-Rei. Festa realizada em maio com intuito de “resgatar a festa do Divino” na cidade e região. A festa envolve ampla parcela da população, principalmente membros da associação comercial da cidade, através da “Comissão do Divino”, responsável pela festa; aqui também é coroado o Imperador do Divino.

Atento novamente que o registro ou bandeira também “fica guardado” junto dos demais instrumentos e bandeiras que vão à frente do terno, ou seja, junto das “*outras armas*”.

Denominação que por vezes era feita pelo capitão do grupo que eu acompanhava e também por congadeiros de outras cidades aos utensílios o grupo. Um bom exemplo deste tipo de referência, relativo aos objetos utilizados por um terno de congado, registrei quando o capitão Z.M. me narrava algo que aconteceu com seu grupo no ano anterior de uma festa que estávamos: “*Quando eu dei a volta e vi eles (outro grupo) sem tocarem, com os instrumentos no chão, ahh aí fui até lá, eles tavam desarmado; agora é a minha vez!*” (Z.M, capitão de Congado se referindo a um possível “ataque que teria sofrido” por parte de outro grupo. O momento em que fora executada esta frase enfatizava o possível momento de contra-ataque.)

Após “*irem ao mastro*” durante os primeiros momentos do festejo, os Ternos se dirigem à Igreja do local. Entram após “*pedirem licença*” à porta da mesma, com cantigas e melodias específicas a este momento, e se dirigem até próximo ao altar, executando também outras cantigas e por vezes alguma espécie de procedimento, como encostar o bastão do capitão no altar de um santo ou dos santos, no interior da Igreja. Geralmente o grupo permanece lá com suas bandeiras durante certo tempo, quando há algum sacristão na capela, geralmente oferecem a bandeira a este, que a segura durante o período que lá permanecem. As cantigas nestes momentos geralmente são mais lentas e contidas, com visível ênfase de respeito e devoção dos membros do grupo. Quando recebem a bandeira novamente das mãos do sacristão ou padre, se direcionam a saída. Raramente os congadeiros dão as costas ao altar, saindo assim muitas vezes de costas para a porta, executando cantigas específicas a este momento. Retiram-se da Igreja e, geralmente, recebem um lanche, que também pode ser oferecido antes de saudar os mastros, assim que os congadeiros chegam ao local, como no caso de Itapeçerica 2008.

O lanche geralmente é servido onde também será realizado o almoço. O destaque aqui vai para o mesmo processo de “*pedir licença*” ao entrar no recinto, e após comer e beber torna-se também necessário agradecer, antes de se retirar. Ocorre na maioria das festas acompanhadas, do lanche ser oferecido a todos os congadeiros ao mesmo tempo. Entrando todos os ternos em um mesmo ambiente onde ficam por algum tempo e se retiram para que outros também possam ali entrar. Algumas vezes presenciei o lanche ser oferecido em diversas casas do local, podendo assim alguns grupos se dirigir a umas casas e outros ternos a outras.

Nestas ocasiões os grupos se interagem a todo instante, seja por saudações entre todo o grupo, seja por conversas entre capitães. Geralmente quando a festa ocorre em alguma localidade pequena, com presença de poucos ternos, ou apenas um, o grupo pode ir visitar um cruzeiro, uma

capela da região ou visitar um terreiro, quando é o caso.⁴⁹ Estes momentos também são demarcados com cantigas e toques específicos, o que pode demonstrar certo conhecimento do capitão e do grupo em relação a estas e talvez outras situações.

O almoço é servido anteriormente a irem buscar os andores ou Reis Congos e Rainhas Congas para a “*Missã Inculturada*”. No momento do almoço, novamente os grupos pedem licença aos festeiros antes de entrarem no recinto para receberem os alimentos das mãos das mulheres, que na grande maioria das vezes, são quem servem e preparam a comida. Esta comida pode ser fruto de doações dos diversos Reis Congos que talvez estejam sendo coroados na referida festa; dos festeiros, pessoas responsáveis por ofertar a festa à N. Sra. do Rosário e aos grupos de congado; ou então de moradores do bairro ou cidade e que, por algum motivo, seja ele relativo a promessas feitas a algum santo (geralmente a N.Sra. do Rosário e a São Benedito) e devido à graça conquistada, fornecem a comida para um destes festejos. O caráter de graça, alcançado devido a promessas feitas a algum santo, é muito comum entre as pessoas que participam destes festejos, sejam eles membros dos grupos de congado ou não. O caráter de “*missã a cumprir*” em relação a acompanhar ou fazer parte de um grupo de congado é muito forte, e por vezes os congadeiros, os Reis Congos ou os festeiros, enfatizam que o fazem, participam do congado, devido a promessas realizadas a algum santo ou a graças alcançadas devido a alguma promessa, dentre outros motivos.

Cantigas específicas são executadas para se “*pedir licença*” e entrar no recinto onde o almoço será ofertado, ou quando se “*está com fome*” e o almoço ainda não fora servido. Ainda no caminho para este, é comum executarem cantigas referentes ou pronunciadas no momento, através de inspirações do capitão em questão. Em todos os momentos até aqui demarcados, e também em outros, o capitão pode improvisar versos entre os refrões das cantigas, seja referindo-se às pessoas que lhe oferecem comida, seja às pessoas que “*recebem sua bandeira*”, dentre vários outros “*momentos que podem surgir quando se está no Rosário*”. Perguntado sobre os momentos de se “colocar” ou executar uma cantiga, o capitão Z.M, respondera:

⁴⁹ Geralmente quando destinam a fazer estas visitas a terreiros, já “*retiram a bandeira*” para este fim. Para uma boa discussão em relação à visita de um terreiro de candomblé por parte de um Terno de Moçambique, ver VILARINO, 2007. O autor também enfatiza neste momento algumas considerações referentes ao caráter sincrético dos mesmos, a relação das “*entidades*” em consonância seja com o Congado, seja com o candomblé e a umbanda. De qualquer forma, geralmente os grupos já saem com o objetivo traçado, o que não impede de traçá-lo durante o caminho de uma festividade. Como presenciado no bairro das Mercês (2007) em SJDR, onde o grupo fora convidado para um almoço e acabaram visitando alguns terreiros, casas e um cruzeiro.

“a gente sente né, quando vê aquela igreja... dá vontade é de puxar aquela (cantiga) que a gente mais gosta, aquela que lembra os negro escravo que a construíro. Tem também quando a gente tá no meio daquele fogo cruzado todo né?! No meio de um monte de banda de congo... ih... aí tem que firmá, tem que firmá se não cai mesmo.” (Z.M, Capitão de Congado)

Finalizado o almoço e após todos os ternos agradecerem, à medida que vão saindo do ambiente, irá se buscar as Rainhas Congas e os Reis Congos para a “*Missa Inculturada*”. Novamente há uma “*ladainha*” entoada pelo terno em agradecimento ao almoço. Durante o itinerário no qual se irá “*buscar a rainha*” são executadas cantigas específicas, ou não, a estes momentos. “*Vamos buscá a coroa ô vamo buscá a coroa (2X)*”.

Neste momento o “trânsito entre os grupos” novamente se inicia, um grupo pode buscar “*a corte*” em um determinado local e outro grupo em outro. Pode ser que um Terno busque os andores com as imagens dos santos que serão colocados diante ao palanque (quando é missa campal) onde será celerada a “*Missa Conga*” ou “*Inculturada*”. Os grupos que cumprem tanto um objetivo quanto outro, o fazem de modo a executarem cantigas específicas nos momentos que “*retiram o Rei e a Rainha*” do local de onde estes aguardam a chegada do terno⁵⁰, seguindo com os mesmos até o interior da Igreja ou ao palanque montado exterior a esta.

Geralmente pode haver um ou mais reis e rainhas congas em uma única festa. Em São João Del Rei (SJDR) é comum haver, além dos reis congos da Festa, os Reis e Rainhas do próprio Terno, que também são denominados de Reis Congos. Quando um Terno é convidado a participar de uma festa do grupo de outro local, os Reis e Rainhas de sua própria festa também poderão acompanhá-los “sob cortejo” ou serem buscados no local onde demais os reis do festejo esperam pelos Ternos. Em S.G.A todos os Reis, da festa e dos Ternos esperam os grupos em um mesmo local. Quando da chegada dos ternos, que se deslocam em cortejo do almoço até o local, cada Rei Congo se junta a um grupo distinto do seu e segue até a Praça da Igreja, apenas um Rei de um grupo de local distante é que foi conduzido até a praça por se próprio grupo.

Na cidade de Itapecerica – MG a festa apresenta algumas especificidades em relação às festas da região de São João Del Rei (SJDR) no que se refere a este cortejo do grupo junto aos reis congos. A festa principal de domingo é intitulada “*Festa de amarrar capitão*”, “*a festa inicia*

⁵⁰ Durante o festejo, várias seriam as maneiras e possibilidade de acompanhar estes grupos. A preparação de um Rei Congo que espera a chegada de um terno que irá levá-lo até a igreja e os instantes iniciais que envolvem a preparação da comida a ser oferecida aos congadeiros, são espaços possíveis e necessários, “de onde se pode acompanhar” o festejo. Para a presente etnografia foi acompanhado apenas os Ternos de Congado durante os festejos e suas interações e enfoques.

tarde e vara madrugada a fora” (S.i, congadeiro do bairro S.D), como pude conferir em 2008. Nesta festa o almoço é servido por volta das dezesseis horas, levando em conta que se “*busca a coroa após o almoço*”, o festejo prossegue durante a noite. Infelizmente acompanhei a festa apenas no domingo, pois fora junto do Terno do bairro S.D. de São João del Rei, o que rendera algumas observações peculiares. Acompanhei todo o festejo junto ao terno com o qual eu fora à festa, alguns Ternos de outras cidades como Formiga, Arcos e outros, já estavam na cidade desde o dia anterior, outros não. Levar os reis e rainhas congas adquire aqui um caráter diferenciado ao que presenciara em São João Del Rei (SJDR), assim como também no Rio das Mortes se difere destes dois, uma vez que neste último, como já salientado, existem vários reis e apenas um Terno de Congado a participar. As considerações relativas a estas formas de coroação nas Festas do Rosário podem ser bastante profícuas quando pensadas em conjunto.

A missa, denominada de “*Missa Inculturada*” realizada no dia do festejo de domingo, pode ser campal, montando-se um palanque ao lado de fora da Igreja ou ocorrer no interior da mesma (é assim realizado no Rio das Mortes e em Três Barras). A igreja pode permanecer aberta durante os festejo ou abrir-se somente à noite. Desta ultima forma é realizada em locais que não acompanhei o festejo, mas que conheci o Terno do local onde a festa é assim realizada, com Igreja fechada, abrindo-se apenas à noite, quem atentou para esta variação foi o Moçambique da cidade de Bom Sucesso, cujo capitão se chama V.i, grupo descrito no subitem 2.1. Segundo este, que podemos considerar um “*Moçambique de raiz*”, a festa em sua cidade era “*realizada do jeito certo*”, ou seja, a Igreja permaneceria fechada e só abriria durante a noite do festejo, “*após a missa*”. Variações na sequencia do festejo além das versões míticas de aparição da santa foi sempre uma constante no campo.

Na “*Missa Inculturada*”, os Reis Congos e Rainhas Congas se localizam no palanque, juntamente com demais Reis e Rainhas dos Ternos, que em algumas ocasiões são pais e mães de Santo do Candomblé, permanecendo estes, sentados em cadeiras dispostas uma ao lado das outras. Sendo então celebrada a “*Missa-Afro*” ou também chamada de “*Missa Inculturada*” ou “*Missa Conga*”, realizada no dia principal do festejo. O padre também permanece acima do palanque onde todos se encontravam, e logo à frente destes, realiza de lá a missa⁵¹.

⁵¹ Este momento do festejo é visivelmente o que concentra maior quantidade de pessoas, seja em uma zona rural, onde pessoas que poderiam estar dispersas pela localidade ali se reúnem ou em uma região urbana, onde moradores do referido bairro e de outros, além de visitantes, sejam eles *fiéis* e *não fiéis* da igreja católica se reúnem.

Após a mesma, que conta também com a presença de andores dos santos referentes à festa, além de elementos que podem se referir à escravidão e dispostos à frente do palanque, além de alimentos e da presença dos congadeiros e de grande quantidade de moradores do entorno e de pessoas que “*vêm para assistir a festa*”, é feita uma procissão junto com os ternos de congado, os andores dos santos, os reis congos e rainhas congas, padre e demais fiéis que acompanham o festejo.

Este momento, da missa e procissão, é notadamente o de maior participação da população e fiéis não diretamente envolvidos com os ternos de congado ou com a festa de N. Sra. do Rosário. No final da procissão, que pode se estender pelas ruas de um bairro ou por toda a cidade, o retorno até a igreja é marcado por grande queima de fogos frente à mesma, este, é tido como “*momento final*”⁵², onde os andores, após serem retirados são colocados no interior da igreja e os ternos “*iniciam seu trajeto para guardarem a bandeira*”. Em algumas festas os mastros são retirados em dias posteriores, no bairro S.D (2007) presenciei a “*retirada do mastro*” logo após a procissão e entrada de N. Sra. do Rosário na capela local, ainda no dia de domingo. Em outras festas a retirada do mastro poderia ser feita nos dias posteriores ao festejo, ainda durante a semana, no bairro S.G, o terno do capitão M.o costumava retirar o mastro também logo após o encerramento da festa, ainda no mesmo dia.

2.5.2 Apresentação da interação entre os grupos.

Além do momento inicial de chegada dos ternos para louvarem os mastros, entrarem na Igreja e lancharem, os grupos também se interagem, uma vez que estão quase todos cumprindo as mesmas ações em meio aos demais ternos. Geralmente quando um Terno forma um círculo em torno do mastro, demais grupos fazem o mesmo próximo a outro mastro, enquanto a Igreja é local que abriga um Terno que outrora *estava nos mastros ou em algum cruzeiro*. Isso pode ocorrer, obviamente, nas festas que contam com a participação de mais de um terno de congado.

⁵² Momento final do festejo, mas não dos “*efeitos do rosário*”, segundo os congadeiros. A tentativa de “*leitura relativas aos efeitos do rosário*” decorrente do festejo, e os possíveis procedimentos para amenizá-los e/ou reforçá-los, serão também explorados no capítulo três.

É comum os grupos durante os festejos fazerem convites a outros grupos, ou pegar endereços e telefones para um posterior contato e envio de convites para sua própria festa. Geralmente nestas festas se troca endereços, e os convites para participação no festejo são enviados por cartas, todos recebem e enviam convites desta maneira.

Durante as ações narradas acima, a saber, chegada dos grupos na praça, saudação dos mastros, entrada e saída da Igreja, quando há, momento do lanche, dentre outros, os Ternos os fazem todos juntos. Passam a frente de um Terno em certo momento, atrás de outro posteriormente, movimenta-se esperando que outro terno se retire do mastro no qual ele pretende ir, “*tem que prestá atenção na saída da Igreja, vai que outro Terno ta lá esperando pra entrá*” (S.i, caixero de guia do Terno do bairro do S.D). Isto tudo, aliado às cantigas que podem se referir seja aos Ternos que compartilham estes instantes e ainda às pessoas ligadas a eles ou ao festejo, que também estivessem presentes no momento. Além é claro de fazerem alusão aos santos padroeiros da festa, aos demais Ternos, às festeiras e aos Reis Congos e Rainhas Congas envolvidos no festejo. São também proferidas cantigas realçando o caráter de devoção aos “*conhecimentos dos antigo*”, o que faz alusão aos antepassados escravos africanos a qual o Congado sempre anuncia.

Percebo que cantigas e toques, assim como o vestuário, ‘as evoluções’, enfim, certos procedimentos efetuados pelos membros do Congado no instante em que “*estão no Rosário*”, que estão em cortejo enquanto grupo, não podem ser visualizados separadamente. Fazem parte antes de uma série de procedimentos que visam a uma atuação com os antepassados, com os santos em questão e com os demais envolvidos neste contexto. São estes mesmos procedimentos efetuados durante os momentos demarcados do festejo que podem por sua vez chamar a atenção de um terno para a atuação de outro grupo, isto poderia a garantir um estreitamento de laços e trocas de endereços assim como uma possível extensão de convites para participarem dos festejos um dos outros. Os procedimentos rituais se afiguravam como uma linguagem ritual para trocas festivas.

Há uma passagem interessante no que se refere à leitura de certos sinais (GUINZBURG, 1989) que podem ser aludidas como sendo realizadas por parte de um grupo em relação a outro. Interessante notar também o que pode ser aludido como um sinal⁵³, e não apenas a maneira de

⁵³ Outra exposição do que seriam estes sinais está em “3.1.2 – Do ‘*encontro entre bandeiras*’ e outros ‘*procedimentos*’”, no Capítulo 3. Onde os bastões dos capitães, as indumentárias, as cantigas e atuações dos ternos são enfatizadas enquanto sinais a serem destacados e que nos possibilitaria apresentar certos “*fundamentos*” por parte dos grupos.

considerá-lo. Referindo-se a um Terno de Congada da cidade de Cláudio – MG, que chegara à festa de Resende Costa (2007), o capitão Z.M, do terno de SJDR que eu acompanhava, enfatizara:

“...as vezes nem sabem, mas para um grupo que tem fundamento pode ser visto como uma afronta, como uma agressão, a cor laranja é de povo da esquerda (referindo-se à cor da indumentária, calças e blusas de um grupo), o que eles tão anunciando... que querem guerra... O que eles tão mostrando quando tá todo mundo do grupo com aqueles reco-reco tudo cháaa chá chá, cháaa chá chá (fazendo alusão ao som do reco-reco), é bonito mesmo, eles tão é botando fogo na festa. Ta entendendo, talvez eles nem sabem disso, mas outros grupos que tem fundamento vai vê assim, aí ó...” (Z.M, capitão de congado)

Z.M me dizia isto quando estávamos embaixo do palco em frente à Igreja, onde iria ocorrer posteriormente a Missa Conga, na praça principal da cidade. Estava chovendo muito quando chegamos à cidade e ao chegar à praça o grupo louvou rapidamente os mastros e procuraram “um abrigo”. É interessante ressaltar que cada grupo que chegava para saudar os mastros executavam “movimentos característicos” de seu próprio terno, podendo ser aludido como uma “alegoria” específica de cada um. O grupo então escolheu como abrigo um local abaixo do palco onde seria realizada posteriormente a Missa Conga, *“dali a gente fica protegido da chuva e vê todo mundo (os grupos) que tão chegando”* (Z.M, capitão de congado). Ainda era pela manhã, após este instante a chuva diminuiu um pouco, então o grupo constituiu sua formação novamente, até o momento, os instrumentos e as bandeiras estavam dispostos abaixo do palanque, recompostos, direcionaram-se então para o interior da Igreja. O grupo entrara na Igreja com o capitão de joelhos, farei alusão a “esta entrada” no final deste subitem. (Resende Costa, 2007).

Até o momento de acompanhar o Terno de Moçambique e Catopé do bairro S.D de SJDR, não havia me interado para as trocas de endereço e nem o que motivava os Ternos em um possível estreitamento com outro grupo. Foi acompanhando um único grupo em várias festas que me foi possível constituir ou traçar uma espécie de rede na qual interagiam os ternos a partir dos saberes manipulados no contexto da festa. Estas considerações serão exploradas mais adiante, pois envolvia por parte dos grupos, procedimentos executados em alguns momentos aqui destacados para a descrição⁵⁴, por hora me restringirei à descrição de alguns grupos de congado

⁵⁴ Estes momentos destacados para descrição será feita no capítulo três deste trabalho.

visando oferecer um panorama geral dos “ternos encontrados” nos festejos que participei. Faze-se necessário assim, uma descrição sumária para se perceber as especificidades da indumentária, instrumentos e nomes utilizados por cada um, “utensílios” estes, que ajuda a demarcar a pertença a qual “variação do congado” o grupo se insere, e assim, de certa maneira, também sua posição no contexto da festa e até mesmo sua possível *hierarquia liminar*⁵⁵ (TURNER, 1974). A “forma do grupo”, disposição dos congadeiros em cortejo, vestimenta, batidas e instrumentos, são importantes para percebermos se um terno de congado é um moçambique, um catopé, um vilão, uma marujada, dentre outros, mas apenas esta “morfologia” não é definidora de qual destes segmentos do congado um grupo pertence, este ponto será explorado adiante.

Também será possível colocar em questão certa discussão sobre a antiguidade de alguns grupos com caracterizações muito próprias, que iremos denominar aqui de “grupos de raiz”, e outros, que apresentam algumas variações e nem por isso são menos importantes e/ou valorizados como um grupo em potencial para participar de outro festejo, isto porque a “manipulação dos procedimentos”, em alguns instantes rituais, tanto poderia ser satisfatoriamente proferida por um “grupo de raiz” ou não. O objetivo do trabalho não se centra na observação de uns em detrimento a outros, mas como se relacionam no momento festivo e como estas “configurações do festejo” permitem certa espacialidade de diálogo entre os mesmo, uma vez que “*apesar das diferenças tudo é congado*”. (I.v, Chefe de Catupé).

Estabelecendo as relações entre o Catopé, o Congo, o Moçambique e o Candombe, Vilarino (2007) apresenta boas considerações, enfatizando as interações entre os grupos e as formulações do Candombe em relação aos referidos Ternos, em uma espécie de hierarquia entre estes. O autor chama ainda atenção para a proeminência do Moçambique destacada pelo Candombe. (VILARINO, 2007).

Mesmo não sendo “*os moçambiques de tradição*”, como eles mesmos costumam dizer, o Terno de Moçambique e Catopé do bairro do S.D de SJDR convidam vários ternos, além de grupos visivelmente “de raiz”, com demarcações específicas em relação à indumentária, à

⁵⁵ Para Victor Turner haveria fortes indícios de que as formas religiosas atribuídas a ações inventivas de grupos ou categorias estruturalmente inferiores poderiam assumir as características externas das hierarquias. (TURNER, 1974). Enfatiza também que “*Não se pode garantir, porém, que a relação liminar religiosa de pseudo-hierarquias seja unicamente consequência da inferioridade estrutural. (...) hierarquias cerimoniais ou rituais complicadamente escalonadas representem a liminaridade de grupos seculares igualitários, independentemente da categoria desses grupos na sociedade mais vasta.*” (Turner, 1974, p. 231). Enfatiza então, o caráter hierárquico que algumas formas expressivas podem assumir no que se refere a seus grupos, independente à posição que os mesmos ocupem no seio de uma sociedade mais ampla. É isso que iremos tomar aqui por “*hierarquia liminar*”.

formação do grupo, aos instrumentos, dentre outros. Eles também convidam “ternos menos característicos de algum segmento”, isto por perceberem suas ênfases em certos momentos do ritual, por exemplo, entrada ou saída da Igreja, agradecimento a um almoço. É assim também que ocorre com os mesmos. Os membros sabem que “*não somos um Moçambique legítimo*” (Z.M, Capitão de Congado), mas procuram demarcar bem os momentos em que realizam seus procedimentos durante certos instantes da festa, a fim de tentarem certos diálogos e exporem certos canais de comunicação, tanto com outros ternos, quanto com o sagrado, se é que assim posso me referir.

Não necessariamente um grupo precisa “ser de raiz” para haver empatia com outro grupo. Os procedimentos executados podem ser inventados nos instantes do festejo, a depender das ênfases que alguns grupos possam dar em relação a execuções proferidas por outro terno, obviamente, estes “procedimentos inventados” são possíveis apenas quando manipulado satisfatoriamente alguns “procedimentos tradicionais”. As atitudes convencionalizadas realizadas em um festejo dão espaço e motivam as próprias reelaborações destes procedimentos devido às circunstâncias de execução.

Acredito ser interessante expor aqui algumas situações, isto para demonstrar como procedimentos realizados pelos ternos, no momento ritual do festejo, podem evidenciar entendimentos de alguns “*fundamentos do congado*”, algo que auxilia o grupo em suas demonstrações de fé e da relação com demais ternos.

Na festa de Itapeçerica em 2008 (ver inicialmente a parte três e quatro do apêndice), onde há muitos “*moçambiques de raiz*”, o terno de SJDR fora convidado pelos festeiros, pois o grupo demonstraria bom conhecimento da tradição e, inusitadamente para mim, pode “se sair muito bem” no que tange a momentos específicos referentes aos procedimentos rituais no momento da “*festa de amarrar capitão*”, esta que até então era novidade tanto para mim como para a maioria dos membros do grupo que eu acompanhava. Após a rainha colocar a primeira nota de dinheiro (esmola) no chão e pisar, imediatamente o capitão começara a “*puxar*” uma série de cantigas que eu ainda não havia escutado os mesmos cantando. Uma delas era “*O quem sigura cerca é mourão, quem manda chuva é trovão(?) (2X)*”, de batida rápida e colocando posteriormente esta cantiga como refrão, o capitão improvisou alguns dizeres para que a rainha “*retirasse o pé*” do dinheiro e assim o capitão pudesse pegar a notar e a seguir continuar o cortejo levando a rainha e seu grupo até um cruzeiro local, era para lá que outros grupos com outros reis, da presente festa,

também se direcionavam. Na semana seguinte, os congadeiros do grupo que estavam indignados com a atitude desta rainha, comentavam ainda que havia gostado das cantigas que seu capitão proferira, apoiando, de certa maneira, a postura do capitão que começara a “*puxar*” certas músicas. Quando perguntei a estes que músicas eram estas, desconversaram. É interessante perceber que a atitude do capitão diante a uma situação no contexto da festa, da rainha colocando a nota no chão e não retirando o pé para que o capitão a pegasse, o que reforçou o vínculo dos demais membros do terno em relação ao capitão, pois o mesmo soubera utilizar uma cantiga que de alguma maneira impunha respeito. Algo que posteriormente foi contrabalançado devido aos demais prosseguimentos da festa.

Antes do fim da festa, já que o terno do capitão Z.M não conduziu a rainha e o rei até o referio cruzeiro, pois já era meia noite e o motorista do ônibus que nos levara, além de alguns congadeiros, alguns deles idosos, já pediam para que fossem embora, o grupo se despediu da rainha e do rei e “os passaram” para que outro terno levasse os mesmos até o cruzeiro. Então o ônibus que aguardava o grupo não conseguiu sair da praça central da Igreja na cidade de Itapecerica, e a maioria do grupo afirmou que havia sido a rainha que os “*amarrara na cidade*”. Contar sobre este ocorrido merece uma vasta descrição de alguns pormenores envolvendo tanto a chegada do Terno de SJDR na cidade, quanto o cortejo que levara a rainha de sua casa até o centro da mesma. Rapidamente tentarei expor apenas o itinerário entre a casa dos reis e a praça da Igreja. O grupo deveria, após ter buscado um rei e uma rainha da festa, levá-los ao centro da cidade e posteriormente a um cruzeiro um tanto afastado. Como o grupo de SJDR não pretendia levar a corte até este último, pois já devia ser meia noite, e como a viagem era longa até SJDR, o grupo, que contava com a presença de muitas senhoras e crianças, decidira partir antes de levar a corte até o cruzeiro. Segundo os membros do grupo, e percebi certa tensão neste instante, a rainha dissera que os iriam “*amarrar ali*”, pois se recusavam a levá-la. Bom, fato é que o ônibus que trouxera o terno e havia estacionado próximo à Igreja do local, não conseguia passar pelas ruas da cidade. Inicialmente havia muitos carros parados próximo ao ônibus, não conseguindo o mesmo manobrar, posteriormente, quando ia tomar a rua principal da cidade o ônibus raspava a parte de baixo nas ruas de paralelepípedo e não conseguiu sair do local. Até que conseguiram, após algumas horas, localizarem um guincho para arrastar o ônibus. Resultado, quando o grupo se retirara de Itapecerica já era por volta das três horas da madrugada, o grupo afirmava que a rainha

os teria “*amarrado na festa*”. Não teria permitido que fossem embora pois se recusaram a levá-la até o cruzeiro, sofrendo assim as consequências de “*estarem no rosário*”.

Esta passagem demonstra como a manipulação dos procedimentos que envolvem a realização do festejo, por parte do grupo, deve sempre ser realizada com sucesso, sob pena de abaterem-se infortúnios ou como acentuado por alguns “*sofrer as conseqüências do rosário*”. Destaco que os momentos de perceber “os resultados” envolvem tanto se o grupo se preparou ou não em períodos anteriores, quanto às possíveis conseqüências ocasionadas seja com o grupo ou com algum membro do mesmo. Estas conseqüências ou fatos relacionados, seja à vida ou ao o corpo de alguém, envolvendo doenças e entorses, por exemplo, podem às vezes, serem visualizados como “*resultados da festa*”.

Em sua tese defendida na UNB, Costa (2006), se refere à questão dos “grupos de raiz” e dos novos que vão surgindo a partir destes. Interessante notar que os grupos (apesar de se respaldarem por um conhecimento da tradição, executando cantigas, procedimentos tradicionais, assim como a organização dos instrumentos no Terno e das roupas), percebem e vêem os demais grupos que executam e “produzem o congado”, também como conhecedores da tradição e/ou dignos de confiança. Fazem para isso, “uma leitura” a partir dos enunciados rituais em momentos específicos do festejo.

Muitas vezes, além do conhecimento tradicional ou da antiguidade geracional do grupo, o mesmo adquire respeito e consideração por parte de muitos outros, mesmo os que não seriam “*de raiz*”, para utilizarmos a expressão de Costa (2006).

Acredito que enfatizar um momento de saudação entre bandeiras, como entendimentos que podem parecer distintos de um grupo para o outro, em relação a uma mesma situação, oferece um bom exemplo. Usarei adiante, para exemplificar este ponto, o encontro entre o Kincongo e o Terno da cidade de Itutinga na Festa do Divino, 2008 em SJDR e também uma exemplificação de algo ocorrido em Resende Costa, onde um grupo fora saudado por outro e, após perguntar, percebi que o capitão havia visto aquilo como afronta, e não uma saudação. Segundo ele, saudação teria um momento certo e não na hora que se queria sair do almoço, mas como seu grupo estava se retirando do local, percebeu que o outro capitão estava era equivocado, pois “*queria era tentá me segurá ali pra almoça*” (Z.M, capitão de congado sobre o encontro entre bandeiras em Resende Costa, 2007).

Foi enfatizado durante o campo, a partir do grupo que eu acompanhava, de outros grupos exigirem “respeito” durante o festejo, obviamente, a partir de seus procedimentos em relação a inúmeros momentos que possam ocorrer durante o itinerário do Terno. Foi assim que presenciei “*grupos de tradição*” executando convites a ternos mais recentes, enfatizando que gostaram muito da entrada daquele grupo na Igreja, e que o queriam presente em sua festa. Foi isto que ocorrera com um Terno da cidade de Cláudio, que convidara o Terno de M.A e do capitão Z.M, quando o vira entrar na Igreja durante a festa de Resende Costa. O capitão fizera a entrada de joelhos, na grande maioria das festas fazia o mesmo. Mas neste dia, que chovia bastante, várias pessoas relacionadas ao festejo e vários grupos, exaltaram esta entrada na Igreja feita pelo capitão e seu grupo.

O capitão parara na porta da Igreja e proferira a cantiga, “*essa casa tem quatro canto, cada canto tem um santo, onde mora o cálice bento e o Divino Espírito Santo (2X)*”. Algumas vezes ele realizava esta cantiga sozinho, sem a batida do grupo, e enquanto estes respondiam em coro, o capitão empunhava seu berrante e o tocava, seja ajoelhado na porta de alguma casa, frente a uma Igreja ou ainda diante de uma mesa de café ou almoço oferecida dentro de alguma residência. Ainda diante da Igreja da cidade de Resende Costa, o capitão Z.M, após realizar esta cantiga, e ainda permanecendo de joelhos, canta, “*vamo rezá, prô Rosário de Maria (2X) / Ave, Ave, Ave Maria (2X)*”. Esta cantiga tem uma batida lenta e cadenciada, com o capitão a executando inicialmente, e o grupo em coro logo a seguir, todos do terno adentravam então à Igreja, molhados, o capitão de joelhos e todos, calmamente, se dirigiam ao altar principal. Outras cantigas foram proferidas até a chegada do grupo frente ao altar. O importante é salientarmos as ênfases dadas pelos outros Ternos que assistiam a entrada na Igreja e que prestavam, posteriormente, suas homenagens, seja procurando o grupo e lhe entregando um convite em mãos, seja em outro momento, como na procissão com o andor no final da festa, onde o grupo do próprio local aproximara-se e cantara uma cantiga saudando o referido terno.

As redes de interação entre os ternos de congado, que irão possibilitar a estes participar de outras festividades, seja convidando Ternos de outros locais seja sendo convidado por outros Ternos, eram constituídas a partir do itinerário dos mesmos durante todo o dia da festa. As relações eram travadas nestes momentos através de enunciados rituais relativos a cada instante do festejo. A partir destes procedimentos, efetuados neste contexto situacional, é que serão feitos posteriores convites aos grupos, uma vez que as associações e dissociações estariam

arregimentadas segundo alguns procedimentos efetuados pelos próprios congadeiros. Procedimentos rituais que, como enfatizamos, versam sobre alguns momentos que podemos pontuar ou demarcar durante o cortejo do dia festivo. Sendo assim, o que ressaltar em algumas festas pode ocorrer diferentemente em outras, mas em sentido geral, estes momentos são os de entrada e saída, de saudação e despedida, seja quando se vai ao mastro, ao cruzeiro, à igreja, à casa da festeira, do rei e da rainha conga e outros, como o encontro entre bandeiras.

Parto agora para uma parte de maior descrição dos eventos acompanhados em campo. Tento oferecer assim, algumas reflexões que foram levantadas a partir das ênfases dos congadeiros relativas às festas e aos procedimentos dos grupos.

3 DAS RELAÇÕES NO CAMPO: RESSITUANDO AS INTERAÇÕES EM SEUS CONTEXTOS

*“O rosário é meu, venha me tomá.
O rosário é meu, venha me tomá.
Pelo amor de Deus,
me dê meu rosário pra mim rezá.
Pelo amor de Deus,
me dê meu rosário pra mim rezá.”
(Terno de Congado de SJDR)*

A etnografia centrou-se na descrição dos momentos festivos e ou rituais levando em conta as ênfases dos agentes que dela participavam, lembrando que para isso o maior vínculo com um grupo fora necessário. Não pretendo, a partir dessa interação, evidenciar questões antropológicas específicas como o campo político, o social ou o religioso, mas através da descrição dos atos e procedimentos rituais no momento que são executados⁵⁶, em seu contexto situacional, explorar a dimensão relacional que emerge entre os grupos ou ternos de Congado. Assim também, o que mobilizam, em certo sentido, para efetuarem estas relações. Evidencio que as preocupações sobre, digamos, a relação entre pontos de vistas, é uma preocupação antropológica, e quando enfatizo que não pretendo evidenciar questões antropológicas me refiro às temáticas que a disciplina possa focar para observação de um fenômeno humano. Obviamente até a escolha de tal fenômeno é um dado antropológico, o que venho a salientar é a ênfase antropológica nas estratégias utilizadas para pensar a relação entre pontos de vista.

A dinâmica entre os grupos durante o festejo apareceu como central aos congadeiros, uma vez que me informavam o que se referia às considerações sobre o estar na festa, direcionando-me às mediações necessárias para que um grupo pudesse “atuar no momento festivo”. Certamente, nossas “ferramentas” ou “procedimentos teóricos” não poderiam ser subsumidos; isto seria impossível. É desta maneira que percorrer as associações nativas em seu contexto, adquire uma nítida noção de opção de abordagem.

⁵⁶ Esta reflexão, dentre outras que permeiam este trabalho é consequência das discussões suscitadas pela banca de qualificação, que contou com a presença dos professores Octávio Bonet, Fátima Tavares e João Dal Poz do PPGCSO da UFJF. Agradeço aos professores as sugestões, as críticas e os incentivos ali proferidos.

As relações que aparecem como centrais para os interlocutores participantes do Congo, do que vem a ser o “*estar no Rosário*”, denominação que os congadeiros ‘oferecem’ ao designarem o que estariam fazendo no momento que estão na formação do Terno durante o festejo, envolvem, além das considerações a outros Ternos, também aos antepassados mortos e aos santos, tanto os santos católicos quanto a entidades da tradição afro-brasileiras, como os orixás.

Segundo alguns congadeiros, muitos podem participar da festa e até mesmo do Congado, mas para estarem no Rosário seria necessário “*ter fundamento*”, conhecer certos procedimentos a serem efetuados pelo grupo durante o cortejo de um Terno “*demonstrando muita fé*”. Seja na Festa referente à N. Sra. do Rosário ou em outros momentos como na “*retirada da bandeira*” (quando o Terno sai em cortejo). É importante salientar então que, uma “*saída de bandeira*” por parte de certo Terno não implica necessariamente em sempre ir a uma Festa de N. Sra. do Rosário, mas implica sempre em “*estar no Rosário*”, independente “do encontro” que irão participar.

O Terno de Congado com o qual travei relações mais estreitas enfatizara certas práticas e procedimentos que garantiriam aos mesmos “*estarem no Rosário*”. Práticas estas que envolviam mediações específicas a serem utilizadas durante o cortejo do grupo, lembrando que esta “*garantia*” não dizia respeito a evitar os “*efeitos do Rosário*”, mas justamente “estar inserido no mesmo”, podendo por ventura, sofrer os infortúnios ou benesses que este possibilitaria, e obviamente podendo manipulá-lo devido suas próprias atitudes. Uma espécie de ordenamento para ser possível uma leitura de situações ocorridas nos instantes rituais e assim controlá-los. As mediações envolviam associações com santos católicos, antepassados escravos africanos e o culto aos ancestrais mortos, podendo também haver relações com entidades de religiões de descendência africana, como candomblé e umbanda. As relações dos membros de um Terno, assim como a relação do terno em seu conjunto, com os mediadores citados acima, seriam preponderantes, mas talvez não determinantes, para o que compreendem por “*estar no Rosário*”⁵⁷. Uma vez junto do grupo, na formação do terno, certas precauções e obrigações seriam

⁵⁷ Há ocasiões onde um membro do congado pode ser “filho de santo” no candomblé, e ocasiões onde o grupo mantém relações estreitas com um terreiro. Em outros casos, no entanto, pode não haver nenhuma participação do grupo no que se refere às interações com o candomblé. É possível haver um membro mais vinculado e o grupo como um todo não o ser, ou o grupo como um todo o ser e nenhum membro ser particularmente “filho de santo”. Estas situações variam muito de caso para caso. Encontrei capitão de congado que durante o cortejo “recebia” preto velho,

fundamentais durante o cortejo realizado na festa, dimensão que envolve também as interações com outros grupos que se compõem por certas práticas e procedimentos de estarem durante a Festa de N. Sra. do Rosário e no ritual do Congado. Procedimentos efetuados durante o cortejo e que aludem sempre a uma “relação” com os antepassados, com as entidades, com os santos, com os outros ternos, dentre outras possíveis quando envolvidas na dimensão do Rosário, como a paróquia local, por exemplo.

Os congadeiros, ao estenderem suas relações sociais a outros contingentes (mortos, santos, orixás, etc.) estabelecem um canal específico de mediação com outros Ternos participantes do festejo. Exploro então que, para as relações entre os grupos de congada “se estenderem” é necessário que estejam envolvidos com certos “procedimentos tradicionais” que englobam, em suas relações sociais, ancestrais mortos, santos católicos, dentre outros.

Não exploro, entretanto, o viés sincrético entre os santos e os orixás. Foram-me apresentadas algumas formulações em campo relacionadas às “formas de devoção” a São Sebastião, por exemplo. Estas “formas” não estariam vinculadas a Oxossi (orixá análogo do santo no candomblé); cultua-se São Sebastião através de alguns procedimentos e não um por intermédio do outro. O culto ao santo estaria muito associado ao culto a Oxossi, que também poderia ser realizado no mesmo dia, mas em locais diferentes e utilizando-se de certas práticas correspondentes. Por exemplo, ao sair para um local onde o padroeiro seria São Sebastião, o grupo entra na Igreja e faz todos os procedimentos para tal, que será descrito adiante. Antes de entrarem na Igreja o grupo se dirigiu para a mata, “fazendo oferendas” a Oxossi (o orixá das matas, o caçador). “*Um é para o orixá outro para o santo*”, eles apresentam elementos que confluem, mas um não é o mesmo que o outro. Não exploro estas questões, uma vez que a situação aqui proferida não foi apresentada novamente a mim durante o período de campo, permanecendo assim com pouco material relacionado a este tema em específico.

Por ora me restrinjo a considerar as relações com estes mediadores como importantes no que dizem respeito à rede de interação entre os grupos de congado que se estabelece nestes contextos festivos. Os “*encontros entre ternos*”, as “*louvações aos mastros*”, “*entradas e saídas da Igreja*”, assim como outras situações como agradecimento a um almoço, por exemplo, que são momentos onde os grupos “observam e caracterizam como lidar” com demais grupos. A

caboclo boiadeiro, todos de uma maneira muito própria, realizando certos procedimentos durante o “*estar no Rosário*”.

partir dos vínculos com os mediadores que estes últimos anunciam, através de seus procedimentos tradicionais proferidos durante o festejo, algo que geralmente tem por objetivo estreitar as relações com a ancestralidade, é que os grupos estabelecem suas possíveis conexões com outros grupos. Estes instantes, demarcados aqui para aludir às interações entre os ternos, são dotados de certa multiplicidade, se assim podemos dizer, isso devido à relação entre tradição e invenção presente nos procedimentos efetuados. As possibilidades de agenciamentos, segundo as leituras feitas pelos demais *Ternos*, das enunciações rituais executadas por outros nestes momentos, permitirão certos vínculos ou dissociações entre os mesmos. A socialidade presente nas festas é talvez a partir destes instantes, de melhor caracterização. É possível para os grupos, em alguns momentos, estreitarem os laços ou emergir uma potencialidade de conflito, ambas, estabelecendo conexões a partir de determinadas mediações “proferidas durante” e atuantes no contexto festivo. Mediações estas, anunciadas através de procedimentos realizados por um Terno durante alguns instantes demarcados do festejo, por exemplo, o encontro entre bandeiras. Estes procedimentos é que anunciam o contato de um terno, nesta relação do “encontro entre bandeiras”, com seus possíveis mediadores, sejam eles os ancestrais, entidades e/ou santos.

Ao contrário do que poderíamos pensar os convites e vínculos que são ocasionados durante o período do festejo não dependem apenas da “antiguidade de certo grupo” ou de suas alegorias e indumentárias. Logicamente, estas são importantes, talvez principais, mas a ênfase para “perceber se certo grupo apresenta fundamento ou não” sempre recai na observação dos procedimentos efetuados por estes em momentos específicos da festa, como enfatizado por um capitão de congado durante o festejo. Nem sempre são apenas os Ternos mais antigos que manipulam certos procedimentos visando à manutenção do contato com a ancestralidade.

Como enfatizado acima, as mediações são necessárias para se estar na festa de forma que se esteja “*firme no Rosário*”. Procedimentos que envolvem dias anteriores à saída das bandeiras, dias posteriores a esta, e obviamente, no momento mesmo em que o grupo “encontra-se em cortejo”, são executados a todo instante. A intenção não é a de demonstrar isso a outro terno, mas tomar contato com o sagrado, com os antigos, momento de “*pedir força*”, de “*se estar firme no Rosário*”.

O contato com os mediadores vem no auxílio das necessidades dos membros do grupo, protegendo-os de possíveis infortúnios que poderia advir durante “o caminho que a congada percorrerá”. Caminho este sempre por se constituir, a depender das condições favoráveis ou não

que podem ser percebidas pelos capitães ou por outro membro do grupo e tomadas como sinais para possíveis procedimentos a serem proferidos.

Com a prerrogativa de “percorremos as associações nativas” (LATOURE, 2006), devemos considerar que nosso ponto de vista, para ser afetado por outro ponto de vista, deve estender o mesmo grau epistemológico a considerações outras que não a científica ou a formulações de outro tipo de linguagem. Logicamente, cabe ao pesquisador estender “ideologicamente” a outros povos a possibilidade da fabricação de conceitos, como o fez Marcel Mauss com a noção de *mana* (MAUSS, 2003). Sem esquecer, entretanto, que a formulação de tal proposição como conceitual se estabelece a partir da prerrogativa antropológica ou ocidental. As formulações com as considerações dos outros, sempre são feitas a partir do ponto de vista de uma cultura, no caso a do antropólogo. E junto desta, todos os demais preenchimentos ou contornos sócio-culturais que o antropólogo possa trazer quando ‘submerso do campo’⁵⁸.

Entendo que a preocupação de tomar a relação etnográfica como criação conceitual é de nossa cultura antropológica. Estendendo esta capacidade de criação às demais culturas, devemos então perceber as criações culturais dos outros povos quando entram em contato com a nossa. O que vem a ser mobilizado pela cultura dos povos que estudamos para entrar em contato com a nossa quando nos relacionamos a eles? Assim é que duas culturas podem entrar em relações distintas, mesmo que seja através de um mesmo diálogo ou de uma mesma relação, “acionando mecanismos diferentes” na mediação que promove a comunicação entre ambas (WAGNER, 1981). Não apresentar arcabouços definidos para a formulação sobre cultura, sociedade, grupos, dentre outros que seriam observados em campo ou no campo, permitiria enfatizar as relações que podem ser ‘oferecidas’ através da experiência etnográfica, o dado na relação, segundo Viveiros de Castro, (2002a), isto desde que enfatizemos esta relação sob um mesmo grau epistemológico.

“Sim, nós devemos seguir a idéia que as interações são transbordadas de outros ingredientes desde um lugar, proveniente de outros tempos, de outros lugares e de outros atores (actants); Sim, nós devemos fazer com que a idéia nos desloque para outros lugares a fim de descobrir os participantes de uma interação. Mas logo que nós nos afastamos desta, nós deveremos ignorar as gigantes placas de sinalização anunciando ‘Em direção ao Contexto’ ou ‘Em Direção a Estrutura’; é preciso coragem para virar a esquina e pegar outra rota,

⁵⁸ Seria possível tal proposta? ‘Submergir do campo’? É necessário retomarmos nossas formulações quando passado o período de campo, mas em algum momento nos retiramos de nossas formulações? Retornando do campo, como outro, um outro que não condiz com o outro do nativo, já não estaríamos certamente submergindo com “todas as pressurizações e despressurizações” de tal situação?

que leva a outros caminhos, e nos resignar a pegar emprestado um caminho estreito, uma vereda, assim como estreitar-se a percorrer uma pista multilateral.” (LATOURE, 2006, p. 249 – minha tradução).

Tomando as dinâmicas entre os grupos de congada no regime de enunciação deste contexto festivo, momentos onde são acionadas disposições relacionais tornam-se possível observar e “circunscrever fronteiras” ao considerar os próprios procedimentos nativos para a inscrição deste ciclo de festa. Regimes de enunciação que remontam ao período da escravidão, fazendo alusão seja aos antigos escravos, ao tempo do cativo, à aparição de N. Sra. do Rosário, às graças recebidas devido a promessas à santa, dentre outras. Estas fronteiras, circunscritas através dos próprios procedimentos nativos, seriam momentâneas, ciente assim do caráter contingencial das conexões que a estabelece. A relação etnográfica, tomando os enunciados rituais como o principal norteador das práticas dos agentes, é descrita no intuito de evidenciar uma série de ações (agenciamentos) sob as quais se estabelece uma espécie de rede festiva que conecta vários grupos e suas festas no entorno da cidade de SJDR.

Os enunciados rituais, descritos por meio da relação etnográfica ao acompanhar o *Terno* em alguns itinerários, desdobrados em entrevistas posteriores e anteriores a este “percorrer caminhos de congada”, podem elucidar alguns pontos relevantes durante a “trajetória do grupo na festa de N. Sra. do Rosário”, por exemplo, momentos onde “a bandeira de dois Ternos se encontram”. Pontos relevantes estes, que atentam para a situação de como um terno pode ser convidado para a festividade de outro terno de uma cidade distinta, estendendo assim suas redes de relação a partir das Festas do Rosário utilizando-se para tal de um regime de símbolos específicos ao ritual.

É com este objetivo que a descrição dos momentos rituais se torna central. A proposta de perseguir os atores nas situações em que as interações ocorrem, auxilia-nos a destacar procedimentos que versam sobre alguns mediadores utilizados pelos congadeiros na relação que envolve o “estar no rosário”, visando a “*firmarem*” estas relações e estabelecerem suas conexões. Pretendemos, através dos momentos eclipsados no contexto da festa, como o encontro entre bandeiras, louvação a um mastro ou cruzeiro, momentos de “entradas e saídas”, sejam de casas das festeiras ou das Igrejas, dentre outros importantes, “*ressituar*” as interações entre os congadeiros no contexto da festividade (LATOURE, 2006). Pretende-se assim, demonstrar como os contornos de suas redes e conexões festivas são traçadas a partir dos procedimentos efetuados

e atualizados, dentre outros instantes, nos momentos acima demarcados. Sejam eles encontro entre bandeiras, saudação a cruzeiros ou mastros, e ainda, como aqui também será demonstrado, em trajetos de “levar a santa” e/ou os reis congos até a Missa Inculturada.

Assim, o “*estar no rosário*”, noção ‘desenvolvida’ a partir da experiência de campo e formulada juntamente ao acompanhamento de um grupo, era efetuada utilizando-se de contrapontos oferecidos pelo Terno em suas relações no festejo. No itinerário da festa, para estabelecer laços com demais grupos, quaisquer sejam estes laços, eram acionados mediações específicas por parte do grupo aqui destacado. Durante o festejo e as “preparações para este”, eram utilizadas mediações referentes a possíveis relações aos ancestrais, visando à interação com demais grupos no contexto da festa. Os contornos relacionais que envolviam as dinâmicas do grupo ao estabelecerem conexões com outros no instante festivo, foram, a partir das experiências de campo, configurados sob a noção “estar no Rosário”. É a partir de tal noção, que poderia ser aludida aqui uma espécie de cartografia da festa, isto quando nos centramos nas associações e dissociações entre os ternos no momento em que “estão no Rosário”. Devido a esta formulação, “*o estar no Rosário*”, seria possível aludir à maneira da rede de interação no festejo se estabelecer, se desfazer e se estender⁵⁹.

3.1 Do contato no campo

Acompanhar esporadicamente um grupo ou outro nas primeiras festas que registrei possibilitou visualizar “*saudações no mastro*” feitas por um Terno ou perceber a entrada na Igreja realizada por um Moçambique. Não me atentei, entretanto, que estes instantes eram enfatizados pelos Ternos, pois neles realizavam certos procedimentos proferidos nos momentos de fazer uma adoração, de pedir força e proteção, assim como o faziam também em diversas outras situações, como “pedir a benção” para uma casa quando “a bandeira do grupo fosse recebida” pela mesma,

⁵⁹ Rede de associação ou dissociação que, segundo os congadeiros, pode ser vista como resultado do Rosário, resultado de quando se “está no rosário”. Não esquecendo que os mediadores acionados, através de certos procedimentos, nestes instantes do “estar no rosário” é que poderiam garantir os efeitos, resultados e/proteções, seja durante ou posteriormente a esta ambientalização.

instantes de saudação e adoração, além de ser também um dos momentos de diálogo com outros ternos.

Esta interação inicial fora difícil, pois estava acompanhando momentos esporádicos de diversos Ternos, e isso de acordo a meus próprios interesses, não extrapolando comentários gerais dos interlocutores envolvidos sobre a situação. Acompanhando deste modo esporádico, conseguia algumas considerações repetitivas sobre o que os grupos faziam, “*Isso aqui é herança deixada pelos pais da gente. Aqui (na congada) tem muito sincretismo. É umbanda, candomblé, Igreja católica, tem de tudo... é um folclore nosso aqui.*” (M.o, Capitão de Congado de SJDR). Não atentava de início, que os atos não eram para serem explicados pelos congadeiros, mas executados, antecipados ou neutralizados. Percepção esta possível, somente após a restrição da observação ao que era priorizado por um grupo, em meio a outros, e o estabelecimento de suas redes festivas, utilizando-se de “certos mediadores necessários para estreitar relações”⁶⁰ durante o festejo.

Chamo atenção que não houve sistematicidade no acompanhamento dos grupos. Fora difícil manter diálogos que me permitisse alguma ‘explicação’ sobre o congado e o festejo enquanto acompanhava vários grupos em uma festa ou várias festas e diversos grupos, o que não possibilitava uma apreensão das relações entre os Ternos de Congado. Esta última aparecera quando comecei a estreitar os laços com um único grupo. Assim, acompanhar um terno durante certo período me favorecera a apreensão de algumas interações entre estes e de mediações utilizadas por eles para ser possível “*estarem no Rosário*”. Lembrando que esta construção era feita de maneira dialógica, quando anunciavam o posicionamento e as ações de um ou outro Terno de Congado, fazendo alusão ao que consideravam ser necessário para a execução ou não, por parte de seu grupo, no momento em que estavam em formação. Neste instante é que anunciavam as demais partes envolvidas na “relação do Rosário”, a dinâmica com os demais grupos durante a festa, marcando, a partir do enunciado ritual do festejo, determinada cisão ou separação, mas afirmando que “*todos os ternos eram congados*”. A demarcação do que seriam grupos de congado, começava a ser constituída para mim através de certos englobamentos e também de demarcações das diferenças entre eles. Enfatizarei estas considerações mais

⁶⁰ Estreitar relações seja com outros grupos e demais participantes do festejo, como também “estreitar as relações” com os próprios mediadores, com os ancestrais, as entidades e os santos.

detidamente no subitem deste capítulo, “3.3 *Foi banda de música buscé nossa mãe ela num veio é...*”, onde apresento o tema, evidenciando os dados de campo.

Acompanhar o festejo desde a manhã até a procissão pela noite, com o encerramento, juntamente a outros momentos, foi-me conferido oportunidades de comunicação com um Terno específico. Também quando acompanhado o contexto festivo, não apenas no dia da festa de domingo, mas incluindo “momentos preparatórios” como os levantamentos de mastro oito dias antes ou na noite anterior, a depender do local da festa, atentaram-me para vários procedimentos relacionados ao dia do festejo principal.

Enfatizo então, que não foi apenas uma escolha lógica e metodológica o que me levou a acompanhar um determinado Terno. A percepção de que só avancei na apreensão do festejo quando acompanhei um Terno de Congado, foi algo posterior ao início do acompanhamento do mesmo. Quer dizer, após reler notas tomadas em momentos no qual eu percorria o festejo, tentando descrever o que cada grupo executava em momentos esporádicos ou relendo notas de quando estava mais centrado às orientações de um grupo no decorrer de todo o itinerário festivo é que me atentei para a importância deste que começara a se tornar um dos recortes analíticos do trabalho, a saber, acompanhar os festejos a partir das “demarcações” oferecidas por um Terno. Foi assim que em determinado momento do acompanhamento de campo, quando não estava mais junto do grupo que acompanhara, percebi estar enfatizando elementos um pouco diferentes do que outrora eu enfatizava.

Decidi me orientar pelo acompanhamento de um único grupo devido à peculiaridade de acompanhar estes rituais, onde se perde muitas ocasiões, ainda mais no que se refere aos vários Ternos e suas relações. Quando direcionei meu foco de observação a um grupo é que obtive melhores formulações sobre a festa, não por se tratar de um grupo “com mais fundamento”, mas pelos interlocutores me situarem em algum campo, em algum lugar, adquirindo e propondo confiança no que diz respeito a formulações sobre ou no congado.

Apesar de tentar me aproximar de outros Ternos e assim tentar colher informações de maneira mais sistemática e organizada, os grupos ficavam restritos a algumas considerações já colocadas anteriormente.

Após fazer perguntas e acompanhar outros grupos em alguns itinerários, quando retornava então ao primeiro grupo que havia acompanhado, estes se distanciavam um pouco, fazendo algumas perguntas sobre as conversas e acompanhamentos com os outros grupos. No decorrer

das relações com estes Ternos e de meus acompanhamentos nas Festas do Rosário, percebi então o forte caráter de demarcações de diferenças entre estes. Assim, qualquer tentativa de minha parte em acompanhar e perceber os movimentos estando mais próximo de outro grupo, qualquer fosse ele, não era algo muito valioso para coletas de informações, pois assim fazendo me restringia a informações gerais que eu já havia coletado. Quando tentava estreitar laços com outro Terno, o primeiro, com o qual já havia adquirido certa confiança, não mais me confienciava certas informações sobre suas, digamos, atividades, sejam elas anteriores a uma “saída de bandeira” ou nos próprios momentos dos cortejos. Da mesma forma, os grupos que eu tentava me aproximar, iniciavam apenas algumas especulações sobre a Festa do Rosário e da importância do folclore, da tradição. O que eram valiosíssimas informações, mas ainda incipientes em relação a outras adquiridas anteriormente quando iniciei aproximações com as atividades do primeiro grupo, informações e elaborações que se devem muito mais ao vínculo criado para a reflexão em torno das festas e dos grupos do que um maior conhecimento deste grupo em relação ao festejo e aos temas relativos do congado.

Qualquer proximidade por minha parte com um Terno, reforçava então certo distanciamento aos demais, qualquer tentativa de aproximar de outros, gerava, por sua vez, certo distanciamento por parte do grupo que já havia adquirido certa confiança. Assim, no final do ano de 2007 a observação estava centrada a partir do que um grupo estava me oferecendo. Logicamente, entrevistava os demais congadeiros de outros grupos, interagindo-me com eles durante o momento que se desenrolava todo o festejo. Porém, chegava à festa junto de um grupo e me retirava da mesma apenas quando este o fazia. Assim, “*retirava a bandeira*” junto de um grupo pela manhã e retornava com o mesmo ao final do dia festivo, isso com certeza, determinara a etnografia aqui descrita. As condições na qual eu colhia informações sobre outros grupos era então mediada pelo vínculo criado com o grupo que eu acompanhava a festa de N. Sra. do Rosário.

3.2 Da cantiga proferida a mim

Vale destacar um momento para ilustrar estas considerações sobre o que começava a me interessar no festejo após ter acompanhado um Terno em alguns de seus itinerários ao longo do Rosário. Na festa do bairro S.G em 2008, como cheguei a SJDR apenas na noite anterior à festa, no domingo, acompanhei o festejo a partir das nove e meia da manhã. Neste dia principal, e talvez em alguns outros momentos, as atividades do congado se iniciam bem cedo, por volta das sete horas, podendo vez ou outra iniciar-se às cinco da manhã em algum cruzeiro, seja ascendendo velas para as almas, dentre outros procedimentos que podem ser realizados. Ocorre que no dia de domingo, chegara apenas às nove e meia da manhã, quando todos os grupos já estavam na praça em frente à Igreja, já tomavam o café da manhã no salão e todos já estavam saudando os mastros, alguns ainda o faziam quando cheguei. Não participara então da “retirada da bandeira” da casa ou quartel general do terno do bairro S.D, na casa da líder M.A, encontro que é seguido de rezas e discursos, onde os congadeiros do grupo reúnem para se *firmar*.

Fui a pé do centro da cidade até o bairro, quando cheguei, por uma rua lateral que culminava atrás da Igreja, onde o Terno do bairro das Mercês se encontrava; os mesmos estavam tocando e subindo também em direção à Igreja. Neste instante, quando tomei a mesma rua que eles para subir em direção à praça central, os congadeiros modificaram, sem parar de tocar e cantar, a letra da cantiga executada. Notei esta mudança, mas percebi que haviam mudado apenas no fim da frase proferida pelo segundo capitão, esperei então o coro se repetir e tentei prestar atenção novamente. Percebi que cantavam direcionado o grupo e a bandeira para mim, algo do tipo “*Oia lá oiá lá quem é que vai chegá (2x) quero vê é congadeiro bota corpo p/ trabaiá (2X)*”. Percebi que estavam direcionados para mim, pois subiam pelo lado direito da rua e, quando tomei a mesma rua que eles, que culminaria na praça onde estavam os mastros, eles deixaram que eu passasse à frente, me esperando quando iam passando pela esquina. Direcionaram então, a bandeira do terno em minha direção, com o segundo capitão, discretamente apontando a direção com seu bastão e orientando a bandeira a fazê-lo. Neste espaço de tempo é que percebi que a cantiga executada estava sendo modificada. Então parei de caminhar, voltei-me para o grupo, e como via outros congadeiros fazerem o mesmo a todo instante, me direcionei até o grupo, ajoelhei e beijei a bandeira do Terno. Com alguns movimentos de cabeça destinados tanto ao

capitão quanto ao segundo capitão e ao pai de santo do grupo, me afastei ainda de frente para a bandeira, atravessei para o lado da rua que estavam e acompanhei o grupo até chegar à praça onde estavam “*fincados os mastros*”.

Logo a frente do “galpão”, onde eram realizados o almoço e o lanche estavam os mastros, que por sua vez estavam entre o galpão e a Igreja do bairro do S.G, local do festejo. O grupo iniciava sua trajetória em direção a um mastro, quando subitamente parei ao lado da Igreja, deixei que as duas filas de congadeiros passassem a meu lado e acompanhei-os mudando um pouco de direção, passando por trás de todo o grupo e me posicionando no lado oposto em que estava inicialmente. Neste momento, um grupo do bairro S.D, do capitão M.o, vinha dos mastros em minha direção, passando ao lado do Terno das Mercês. Sua bandeira não demorou muito até chegar perto de mim, ajoelhei-me e também saudei sua bandeira, repetindo alguns mesmos gestos com a cabeça para o capitão deste grupo. Eles então fizeram uma curva para minha direita e tomaram a direção para entrarem na Igreja. Nesta movimentação é que o Terno das Mercês continuou sua ida até o mastro, e eu, que estava ao lado deles e havia saudado a bandeira de outro Terno, esperei que estes últimos passassem a minha frente e, me afastando do espaço onde estavam fincados os mastros, me localizei novamente um pouco ao lado de fora da porta da Igreja. O grupo do bairro das Mercês foi até um mastro, acho que o de São Benedito, e depois entraram para tomar o café no salão localizado de frente para igreja, local também onde seria oferecido o almoço.

Esta narrativa de minha chegada ao campo em uma Festa do Rosário torna-se interessante, pois elucida bem minha colocação entre os grupos durante estes festejos, e também como eu “negociava” com os mesmos, adotando alguns poucos gestos relativos ao diálogo neste momento ritual. Passado o cumprimento à bandeira do segundo terno, pude parar e observar a trajetória dos demais grupos, assim como anotar o que entendi da cantiga proferida pelo Terno do bairro das Mercês. Alguns ternos já estavam em um canto da praça debaixo de uma sombra, outros saíam da Igreja e outro ainda saía do salão onde acabavam de “*tomar café*”. Este último era o Terno de M.A e de Z.M, terno também do bairro S.D, bairro vizinho ao bairro do S.G, onde se realizava o festejo.

Chamo atenção para o diálogo estabelecido pelo Terno das Mercês comigo neste instante. Falavam com alguém neste espaço, e apenas sob esta condição me era possível dialogar com eles. Daí a necessidade também de “ter que saber manipular alguns instrumentos anteriormente

oferecidos/ensinados a mim por outro grupo”, com intuito de estabelecer certa comunicação. Em outros momentos festivos cheguei mesmo a cumprimentar congadeiros e capitães efetuando um cumprimento com batidas de ombro tal como faziam entre eles.

3.2.1 Do “*encontro entre bandeiras*” e outros “*procedimentos*”

A maneira de me “dispor em campo” também pode ser aludida aqui em outra Festa, a Festa do Divino em maio de 2008, localizada no bairro de Matosinhos, em SJDR. Antes de iniciar esta descrição, chamo atenção para estes relatos com intuito de demonstrar que, após um período de festas acompanhando um mesmo grupo em seus itinerários, minha percepção em relação ao festejo havia se deslocado um pouco. O meio pelo qual ocorria esta percepção era meu próprio corpo e os sentidos trabalhados nele, acredito que acompanhando um grupo em diversos momentos festivos eu realmente começava a estar sujeito aos “*efeitos do Rosário*”, tal como enfatizado a mim por M.A e por Z.M. Minha percepção estava sendo afetada e atentar para tal percepção era o meio mais adequado para produzir descrições dos eventos festivos e procedimentos rituais dos ternos.

Enfatizo que em diversos momentos eu chegava e saía destes festejos junto a esse grupo, desde a manhã ou até encontrando com eles em um sábado anterior ou em alguma “*saída de bandeira*” uma semana antes do festejo, momentos de preparação para o dia principal da festa e que podem ser aludidos em certo sentido como parte integrante das atividades do dia principal do festejo. Nestas duas festas (do bairro o S.G 2008 e a Festa do Divino 2008) não cheguei junto do Terno que normalmente eu acompanhava. Podia então percorrer outros itinerários neste contexto situacional e começava a perceber que estava focado no festejo com outros direcionamentos, devido a certo aprendizado que começava a adquirir quando acompanhava o terno do bairro S.D. Estas impressões e observações eram, distintas dos objetivos que eu tentava percorrer quando ainda não acompanhava apenas um grupo em seus itinerários; um bom exemplo destas últimas situações é a festa do Caburu 2005 que descrevi anteriormente.

Saliento assim, que após quase um ano acompanhando o festejo, desde agosto de 2007, fui novamente ter certa sensação de estranhamento. Outro momento de sensação parecida, e

muito forte, foi já na última festa acompanhada, festa do bairro S.D em 2008. Devo ter saído do bairro por volta das oito horas, e chegando ao centro da cidade me deparei com uma procissão de Nossa Senhora do Rosário realizada pela Irmandade do Rosário de SJDR. Foi um estranhamento muito forte, ainda mais no que se refere à quantidade de sons e a postura das pessoas nas ruas, nesta última, todos estavam muito contidos corporalmente, recatados, seria a palavra exata, e uma banda de música, formada eminentemente por instrumentos de sopro, marcava o tom bastante “fúnebre da procissão”, juntamente ao andor de uma belíssima imagem “*da Santa*”, algo bastante diverso de onde eu viera. No festejo do Rosário do bairro S.D, era preponderante a variabilidade de sons provenientes dos Ternos de Congado, além é claro, do grande envolvimento de moradores do bairro S.D e de outros bairros próximos. Acompanhei neste dia a procissão até o interior da Igreja do Rosário localizada no centro de SJDR, visando aumentar aquela sensação estranha, e ali, me passaram pela cabeça inúmeras possibilidades de estudos relacionando ambas as festas. Percebi que poderia ser muito profícuo pensar “a festa” realizada, digamos, pela “Irmandade Oficial do Rosário” e outra comandada por grupos de congada, procurando assim coroar seus Reis do Congo. Acredito que por hora, resta considerar estes dois instantes de estranhamentos, uma quando percebi que meu objetivo na apreensão do festejo estava mudando, após acompanhar algumas festas com um único grupo, o que me conduzia a elaborações sobre “o estar no Rosário” e outro, quando após um dia de Festa do Rosário no bairro S.D, me deparei com uma procissão de N. Sra. do Rosário na Igreja da Irmandade do Rosário na mesma cidade e no mesmo dia.

Enfatizarei a seguir minha colocação no espaço da Festa do Divino em maio de 2008, que julguei importante devido à interação ocorrida no festejo entre os moçambiques participantes da mesma. Posteriormente, contextualizarei o início do envolvimento com o Terno de Moçambique e Catopé do bairro S.D, o terno de M.A e de Z.M. Tento com isso, fazer alusão a como me foi oferecida certa apreensão do festejo por parte dos congadeiros e como esta apreensão estava vinculada a meu relacionamento com o grupo de M.A, com o qual eu acompanhava alguns festejos.

Não havia acompanhado a Festa do Divino em maio de 2007, achei então que seria interessante acompanhá-la em 2008. Não me encontrei com o Terno do bairro do S.D, na casa da líder M.A, como costumava fazer, estava com uma gripe muito forte, e decidi acompanhar o festejo por achar necessário, uma vez que haviam me informado que viriam Ternos de

Moçambiques de outros locais e eu pretendia conhecê-los e estabelecer contato. Cheguei à festa em torno das dez horas da manhã e me direcionei rapidamente à praça onde estavam “*fincados os mastros*”, entrei na Igreja e acompanhei um grupo que acabava de adentrar na mesma.

Na Igreja, logo percebi que se tratava de um Moçambique. “*Batida lenta*”, marcada com precisão e uma grande quantidade de mulheres no grupo com *gungas* nos pés, utilizadas como um dos principais instrumentos deste que poderíamos considerar um “segmento” do congado. Entrei pela porta principal da Igreja e o grupo começava a se aproximar do altar, me direcionei para próximo deles, permanecendo em frente ao altar principal, este com a imagem de Jesus Cristo crucificado. Logo abaixo do altar havia a imagem de três Santos. Santo Antônio, N. Sra. do Rosário e N. Sra. Aparecida, nesta ordem e da direita para a esquerda quando se está de frente para o altar. O grupo começara então a saudar o andor em que estava Santo Antonio. Com passos lentos, batida amena, o grupo passava em frente às imagens, a bandeireira era a primeira a se ajoelhar diante ao primeiro andor, encostou a bandeira na mesma e beijou as fitas coloridas que despendiam da imagem em direção ao chão. Logo em seguida vinha o capitão, com seu bastão de Moçambique, encostando-o na imagem, ajoelhando-se e beijando a mesma fita. Os outros congadeiros também vinham logo atrás repetindo os gestos dos primeiros. Paravam cada um por sua vez de cantar, ajoelhavam-se rapidamente frente à imagem, beijavam a fita e faziam o nome do pai. É comum também fazerem o nome do pai com a própria fita que despendia da imagem, assim como muitos também o fazem com as fitas das bandeiras dos Ternos ou mesmo com a própria bandeira.

Direcionando-se a outra imagem, a bandeireira caminhava segurando ambas as bandeiras do grupo, a de N. Sra. do Rosário e a de São Benedito, enquanto o Terno continuava cantando e as mulheres chacoalhando suas saias de contas de lágrimas e as *gungas* em seus pés. Um ritmo lento e constante era executado, todos passavam em frente aos pequenos andores, contendo as imagens dos santos que posteriormente “*sairiam na procissão*”. Alguns homens que vinham logo atrás do cortejo, dois, com roupas diferentes dos demais membros do terno, e também trazendo seus bastões de Moçambique, colocavam os mesmos encostados nas imagens e ao mesmo tempo, continuavam dançando com as *gungas* nos pés e proferindo suas cantigas. Quando a bandeireira terminou de passar em frente à última imagem, é que me atentei mais detidamente à presença do capitão, todo de branco e neste momento com seu chapéu marrom nas mãos, indicando o caminho que a bandeireira deveria tomar e esperando todo o grupo saudar os santos para

organizá-los no cortejo, que mesmo não se desfazendo neste instante, se desorganizara um pouco. Posicionei-me então para saudar a bandeira, uma vez que estava de frente para eles e acompanhando todo o itinerário que realizavam.

Saudei a bandeira e permaneci onde estava o grupo, então, o grupo andou um pouco para que seus membros saíssem da frente dos andores. Com a bandeira de frente para os mesmos e para o altar principal, o grupo começara a sair de costas para a porta da igreja. O homem com o bastão de Moçambique em mãos e com roupa distinta dos demais, camisa azul, calça branca e muitas guias, talvez seja o segundo capitão do grupo, não sei ao certo, foi o último a saudar os andores, retornando à imagem de N. Sra. do Rosário após saudar os demais santos. Tal saudação era realizada encostando o bastão nas imagens dos santos, tudo em meio à dança, aos toques e às cantigas. Quando o grupo já começava a andar de costas para a porta da Igreja, retirando-se da mesma, é que o homem, que arrisco aqui ser o segundo capitão, sempre cantando e marcando a música com as gungas, retirou seu bastão de próximo da santa e começou também a sair “*sem dar as costas para o altar*”. Chegando à frente de sua bandeira, e agora à frente de todo o grupo, organizava também a saída dos mesmos. O capitão, que havia organizado seus congadeiros no momento em que o grupo começava a sair de perto do altar, percorrera toda a igreja de costas para a porta. “Puxando seu grupo”, o capitão foi um dos primeiros a chegar até a porta, permanecendo o “segundo capitão”, ainda no que era a frente do terno. Os “*caixeros de guia*”, assim como todos do grupo, fizeram este trajeto de costas para a porta, chegando próximo à saída, como estavam ao lado da bandeira à frente do terno, com seus tambores em couro pintados com pontos na cor branca (um pentagrama na cor branca estava pintado no couro do tambor), passaram “por fora do grupo”, virando-se de frente para a porta de saída, indo em direção ao capitão. Da mesma maneira, a bandeireira, que estava de frente para o altar, passara “pelo meio do grupo” e agora estava de frente para a porta de saída. Assim, o capitão que estava no fim do grupo agora estava em seu lugar, e o segundo capitão que anteriormente vinha “*fechando o terno*”, e que na saída de dentro da Igreja vinha à frente do mesmo, estava novamente na parte posterior.

O Terno, ao sair da Igreja, estava então na formação inicial. Realizei esta descrição com intuito de apresentar toda uma movimentação ou “evolução” do terno para sair da igreja, dos vínculos entre as cantigas a dança e a trajetória que o grupo seguia. O grupo seguiu com as bandeiras à frente, as “*caixas de guia*” logo ao lado, o capitão atrás das bandeiras e um pouco ao

lado dos mesmos, ora ou outra passando à frente da mesma, seguido este pelas mulheres com as gungas e com as saias de conta de lágrima. O capitão também contava com as gungas nos pés, um bastão de Moçambique, que ao levantá-lo ou abaixá-lo, comandava juntamente com seu apito a direção a tomar pelo Terno, a execução das cantigas e doo ritmo da batida, ou seja, “*puxava seu grupo*” com estes instrumentos, apito e bastão, além da cantiga executada apenas por ele no intervalo dos refrões executados em coro por todos do grupo. As mulheres se posicionavam também atrás das bandeiras, mais ao meio das duas filas que começavam com os “*caixeros de guia*”. Os violões, cavaquinhos, pandeiros e xique-xiques, formavam as duas filas; lá atrás vinha os dois homens com roupas distintas, cada qual segurando seu bastão e com as gungas no pé. Geralmente, em grupos de SJDR, além do capitão que é quem “*puxa o grupo*”, e do segundo capitão, há a presença de algum responsável que vem “*fechando o terno*”, este pode ser um pai de santo ou não. Neste grupo havia também uma mulher que trazia seu bastão na cor marrom, todo adornado com fitas, além é claro, do bastão nas mãos do capitão, e homem que vinha “*fechando o grupo*”.⁶¹

Algumas ênfases eram destacadas pelos congadeiros do grupo que acompanhei no que se refere ao “formato de um terno”. A preocupação era de entrarem na Igreja e saírem com “*o grupo fechadinho*”. Um terno poderia chamar atenção, e foi a isso que algumas vezes me atentei, seja pelo bailado, pela cantiga e pelos toques tanto das *caixas* quanto dos outros instrumentos, como das *gungas*, por exemplo, mas todos estes procedimentos deveriam ser acompanhados de uma boa coordenação, por parte do capitão, de seus próprios congadeiros. Este grupo demonstrara sua evolução dentro da Igreja, com adorações às imagens e uma movimentação muito precisa, digamos assim. Em nenhum momento o grupo ficara “*desguarnecido*”, com sua bandeira um pouco de lado enquanto todo o grupo continuava o cortejo, ou com o capitão deixando os membros um pouco dispersos. Este grupo, como disse, “*estava fechadinho*”⁶², o homem que parecia ser o segundo capitão de um lado e o capitão na outra extremidade do terno coordenavam todos, não deixando a cantiga se perder, os membros se dispersarem e em nenhum momento,

⁶¹ Em outro terno de Moçambique percebi que outras três pessoas carregavam bastões além do capitão. Quando de um encontro entre bandeiras, que será descrito logo adiante, quem irá utilizar ou segurar, a cada cantiga proferida um bastão diferente, será o capitão. Assim, quando este cantou uma cantiga para outro grupo, e foi variando entre estas, à medida que mudava a cantiga, passava seu bastão para outro membro do grupo e pegava o deles, que os mesmos, como disse, traziam junto de si. Descreverei isso logo adiante, foi um encontro presenciado nesta Festa do Divino entre o Moçambique Kincongo e um Terno da cidade de Itutinga – MG.

⁶² Existe uma cantiga executada por ternos de congada que anuncia a importância de “sair fechadinho”, fazendo referência tanto à coesão do grupo, à sua sincronia e organização, quanto a seu caráter espiritual, um grupo poderia estar “*fechado a possíveis infortúnios*”.

nenhuma “brecha” entre seus congadeiros no cortejo. Prova disso é que quando o grupo se retirou da Igreja estava na formação inicial em que entrara, mesmo tendo saído todos de costas para a porta e do itinerário, do altar até a porta, o terem realizado de costas para esta última, e com a bandeira de frente para o altar. A bandeira deste grupo de Moçambique ficara de frente para a saída da Igreja apenas no momento em que todos do grupo lá chegaram.

Estas e outras ênfases me foram enfatizada pelo capitão Z.M e a líder M.A do terno do bairro S.D, que se preocupava bastante com alguns destes “preceitos” na conduta de seu Terno. Tais ênfases também foram presenciadas em Três Barras. O catopé que lá realizava o festejo, dentre outros grupos, trazia um mestre que a todo instante dialogava com os membros mais novos do terno, no sentido dos mesmos não se dispersarem da formação do grupo. A todo instante este mestre passava orientações também a um senhor⁶³ que acompanhava o grupo, “*fechando*” o mesmo, para que este orientasse os congadeiros que vinham atrás de todo o terno.

Retomando a Festa do Divino em 2008, após se retirarem da Igreja, o Moçambique foi em direção aos mastros, encostaram suas bandeiras em cada um deles. À medida que o faziam, paravam um pouco um frente a cada mastro e, executando a todo instante suas cantigas, seguiam para o próximo mastro à frente. Os mastros eram do Divino Espírito Santo, mastro maior que os demais por ser o de “*referência da festa*”, contendo em seu ápice uma pomba branca em meio a detalhes vermelhos, simbologia do Divino Espírito Santo. Havia também o mastro de N. Sra. do Rosário, outro de São Benedito e um de N. Sra. Aparecida.

Não consegui compreender as cantigas do Terno de Bom Sucesso, gravei, escutei e tentei transcrevê-las, mas não adiantou⁶⁴. Posso adiantar que o refrão cantado em coro era algo parecido com outras cantigas de Moçambique que eu já havia presenciado, eram mais ou menos assim :

“ôoorêêêê ôraráaaa / ô nossa sinhora mandô me chamá (2X)”.

A cantiga que executavam, ao sair da Igreja, era algo do tipo:

“êêiôôRêêêêêêêiôôráaah / êêiôôrêi iôrêi iôráá (2X)”

⁶³ Este vestia roupas amarelas, destacando-se dos demais membros e do mestre, que utilizava roupas vermelhas. Trazia também um bastão ou vareta que apenas o mestre, entre os participantes do grupo, trazia consigo.

⁶⁴ Daí a necessidade de entrevistas e de acompanhar, algumas vezes, um grupo até compreender o que cantam e, principalmente perdi-lhes para comentar suas ações e procedimentos rituais.

O capitão pronunciava então algumas cantigas entre este verso, mas eu não consegui compreender.

Após acompanhá-los um pouco a distância durante a “*ida aos mastros*”, comecei a me dirigir para o lado de fora do adro da Igreja, já estava no horário do almoço e gostaria de ver os grupos se reunirem para entrarem no galpão no qual o mesmo seria oferecido. Parei próximo a uma árvore que fazia uma boa sombra, permaneci ali acompanhando alguns ternos que começavam a entrar no galpão para almoçarem. Esperei, pois havia muitos grupos começando a iniciar uma fila para entrar no referido local, neste momento, o Terno que havia acompanhado na Igreja, e que ali descobri ser o Terno de Moçambique de Bom Sucesso, cujo capitão se denominava V.i, veio em minha direção e dispuseram os instrumentos logo atrás de onde eu me encontrava, abaixo da mesma sombra de árvore. Comecei então a demonstrar certo interesse em conversar com os mesmos, estava próximo, fitava-os de maneira que percebessem minha presença, direcionei-me primeiramente a quem parecia ser o capitão. Apresentei-me, elogiando a “*entrada na Igreja*”, disse que havia acompanhado um Terno do bairro S.D de SJDR durante algumas festas de Congado, mas que ainda não os vira neste dia. O capitão perguntou-me então qual era o Terno, respondi, o mesmo me disse que os conhecia, me passando seu nome e de onde eram. Percebi então se tratar de um Terno que a muito o capitão Z.M do bairro S.D havia me dito como exemplo de um “*Moçambique chique mesmo*” (Z.M, Capitão de Congado). Falei então que alguns congadeiros de SJDR já haviam me informado do grupo dele. Atento ao festejo e à movimentação dos outros grupos, o capitão pedira para que conversássemos posteriormente, e ao mesmo tempo me mostrou uma carta que o convidava para o próximo festejo do bairro S.D, oferecida pelo grupo que lhe fizera alusão. Enfatizou que era difícil conversar naquele momento, segundo suas palavras: “*estou meio ocupado agora*”. Não insisti. Ainda neste dia, durante a missa, o mesmo se aproximou de mim e conversamos mais um pouco.

Voltei-me então para a rua logo a minha frente, que era onde alguns grupos iniciavam uma espécie de fila para adentrarem no local do almoço. O capitão V.i e seu grupo estavam logo atrás de mim, com sua bandeira ainda de pé e segurando a bandeira do grupo, os membros estavam sentados à sombra e o capitão e os outros membros que portavam um bastão, inclusive uma mulher, também permaneciam de pé, e visivelmente atentos à movimentação dos grupos, que naquele instante começavam a se concentrarem naquele espaço no meio da rua, para que pudessem adentrar no local onde seria servido o almoço.

Havia logo na minha frente um Terno tocando e cantando, e outros dois vindo da Igreja, pelo mesmo caminho que o terno de Bom Sucesso viera. Entre eles estava o Terno do bairro S.D, do Capitão M.o, cantavam:

“Eu to doente / doente eu to (2X). Cum uma dor de dente / num vô no dotor (2X)”

A batida de tambor era rápida, e pode-se dizer que, com três batidas seguidas, sendo a primeira com intervalo maior em relação à segunda do que o intervalo entre a segunda e a terceira batida. Outras vezes já os vira cantar esta música em momentos próximos do almoço. Após muito caminharem, quando o grupo já estivesse cansado, era normal executarem esta cantiga. Outros grupos de SJDR também a cantavam, inclusive há outra cantiga que era utilizada também nestas ocasiões:

“Neném tá chorando querendo mamá eu também tô chorando querendo papá (2X)”

Esta última é cantada em tom de maior descontração, logo antes do grupo dispor os instrumentos para se servirem. Adianto aqui, como será descrito quando do contato mais próximo com um único grupo, que os momentos de entrada e saída dos grupos, assim como os encontros entre os Ternos, são de grande importância para os congadeiros. Instantes nos quais pode ser possível perceber procedimentos executados por cada Terno, “*se possuem ou não fundamento*”, e como um grupo poderia futuramente se preparar para um possível encontro ou participação em um festejo que possa encontrar certos grupos. Uma cantiga cantada em momento oportuno, uma saudação direcionada a quem é uma figura importante na “comunidade” onde se realiza a festa, a saudação a um antigo capitão (como no caso do Caburu em 2007), dentre outros possíveis instantes aqui não visualizados, seriam fatos importantes que permitiriam diálogos entre estes atores participantes e realizadores de um regime de enunciação ritual. Muitas vezes estes regimes de enunciação demarcariam o que poderíamos aludir como uma espécie de “*hierarquia liminar*” presente nestes rituais. (TURNER, 1974, p. 230 e 231). Saliento que em alguns festejos encontrei variações acerca desta hierarquia. Nos festejos que acompanhei na maioria dos locais próximos à cidade de SJDR, o Moçambique é o grupo “*responsável por buscar o andor*” de N. Sra do Rosário na Igreja, indo à frente do mesmo durante a procissão, “*levando o andor*”. Isto em meio a

todos os demais ternos envolvidos no festejo, dentre eles o Vilão, a Marujada, o Catopé e o Congado. Considero tais interações enquanto uma hierarquia do momento liminar do festejo.

Acredito que este fato, do Moçambique ser o responsável por buscar o andor da santa, tem relação direta com a ênfase destacada no mito de aparição de N. Sra do Rosário aos negros, de que foi o Moçambique quem retirara a santa do local de sua aparição, conseguindo colocá-la na Igreja, com a mesma lá permanecendo. O Moçambique teria também outras “regalias” ou “prioridades”, digamos assim. Enfatizo que seria o grupo mais importante durante estes festejos que, dentre outras coisas, poderia almoçar primeiro, por exemplo, ou então “*levar o andor*” ou a coroa do Imperador ou N. Sra. do Rosário até o adro principal onde se iria realizar o Missa Inculturada. A proeminência do Moçambique nestas festas pode ser percebida pelas cantigas executadas em diversos momentos do festejo assim como sua posição no interior da procissão que ocorre após a Missa Inculturada, logo à frente do andor de N. Sra do Rosário. Destaco adiante um destes momentos, quando o grupo do bairro S.D de SJDR chegou ao adro da Igreja junto de outros Ternos na Festa do Divino em 2008, “*levando a santa e o Imperador*”.

Acredito que oferecer as anunciações proferidas pelos grupos durante o festejo é mais importante do que realizar comentários que enfatize momentos específicos desta atividade ritual. Continuarei, entretanto, a descrição do “*encontro entre bandeiras*”, realizada por dois grupos na Festa do Divino em 2008, para posteriormente apresentar a procissão com alguns grupos de congado “*indo retirar a santa de uma gruta de pedra*” e “*buscar o Imperador do Divino*”, para “*levarem*” ambos ao interior da Igreja para a Missa Inculturada. Chamo atenção neste momento para a anunciação das partes envolvidas no festejo destacada por um Moçambique no momento de “*deixarem a santa e o Imperador*” na Igreja. Como houve certa “*disputa*” entre dois moçambiques, no que se refere a “*função*” de “*levar a santa e o imperador até a Igreja*”, destaco antes o “*encontro entre bandeiras*” ocorrido entre um destes moçambiques e outro terno de congado.

É importante considerar que os “*encontros entre bandeiras*” podem ocorrer em diversos períodos que podemos demarcar durante o festejo, são eles, entrada e saída da Igreja e do almoço, ida ao mastro, entrada e saída de uma casa e ainda a busca de um andor ou rei Congo para a Missa Inculturada. Estes são os instantes onde os grupos estão a “*percorrer seus caminhos*”, constituindo-os constantemente (INGOLD, 2005), podendo vez ou outra, seja por intenção, distração ou ocasionalmente, “*encontrar outro grupo*”, produzindo trocas, reciprocidades,

afinidades, alianças ou inimizades. Chamo atenção para o fato de após “todos” se reunirem para a Missa Inculturada e saírem em procissão, não foi presenciado encontros entre bandeiras, os grupos permaneceram nestes momentos centrados em “*levar a santa*” até a Igreja.⁶⁵

Retorno novamente à descrição no momento que estava de frente para o galpão onde os congadeiros iriam entrar para almoçar. Estava atrás de mim o terno de Bom Sucesso, digamos, em “vigília”. Do meu lado direito, o Terno do capitão M.o do bairro S.D, indo juntamente com outros Ternos, entre eles o de Resende Costa, cuja capitã era uma mulher, em direção ao galpão. Na minha frente estava o Terno da cidade de Itutinga e do meu lado esquerdo começava a chegar outro grupo. Estes últimos usavam camisas vermelhas e calças pretas, vinham devagar, comecei a perceber que, pela trajetória que faziam, iam acabar se encontrando com o terno que estava a minha frente. Estes últimos continuavam cantando e tocando com seus reco-recos e tambores. O Terno de vermelho e preto, que logo li o nome na bandeira e nas camisas, era “O Terno Moçambique Kinongo de Ijaci - Ponta Negra”. Estas últimas duas cidades eram do interior de Minas Gerais, próximas a Lavras.

O grupo era composto⁶⁶ por uma bandeira de frente, um capitão todo de branco com uma gravata vermelha e um bastão preto e vermelho com um adorno em sua extremidade que lembrava um cachorro. Havia um senhor também todo de branco, com chapéu preto, trazia um bastão com a figura de um preto velho adornado em sua extremidade. Além deste, percebi também a presença de mais um capitão com seu bastão marrom e sem nenhum adorno na extremidade, parecido com os bastões de outros capitães de Moçambique. A batida era lenta, marcada pela batida do tambor e pelo chacoalhar do patangome, de alguns pandeiros e xique-xiques. Registrei em áudio e vídeo o encontro entre este Terno e o que estava parado em minha frente naquele momento, consegui transcrever assim as cantigas proferidas naquele momento. Em alguns momentos não consegui compreendê-las, mas mesmo assim acredito que este instante

⁶⁵ “O conflito pode se instaurar” a respeito de quem o faz, a saber, “*levar o andor*”, ou melhor, ir à frente deste. Esta espécie de tensão ao tentar “*demarcar seu lugar*” no cortejo pode ser constante em alguns lugares, como nos festejos do entorno de SJDR. Aqui, outro Moçambique que não o do local da festa, tentou assumir tal “*função de levar a Santa e o Imperador*”. Em outros locais tal posição pode não ser questionada, isso por haver apenas um grupo do segmento responsável por conduzir a santa, como no caso do Catopé em Três Barras. Nesta ocasião só havia um terno de catopé no local, não sei o que ocorreria se houvesse outro ou mesmo ainda, se é que poderia haver outro catopé na festa.

⁶⁶ As descrições realizadas a seguir, referentes ao Moçambique kinongo e a este “encontro entre bandeiras”, foram sobre a imagem registrada em campo nesta ocasião. Do local onde eu estava, retirei minha filmadora da mochila e permaneci para no mesmo local. Pude então, posteriormente ver e rever várias vezes as imagens e descrever de forma detalhada a articulação entre gesto ritual, cantigas, postura corporal e ênfase emocional. A descrição a seguir é parte então de uma descrição feita sobre a imagem registrada na ocasião.

expressa de boa maneira o que demarcamos, a partir das ênfases de alguns ternos sobre um “*encontro entre bandeira*”. Momento este dotado de certa ambigüidade, podendo em certas ocasiões aparecer como saudação entre grupos, em outros, uma negociação ou demarcação de suas diferenças, ênfase que quando me refiro a “saudação entre bandeiras” estou aludindo a uma indeterminação do encontro, que pode culminar com alianças, trocas ou conflitos e inimizades. Porém, tenho razões para atentar para a especificidade desta situação, que agrega todas estas possibilidades neste mesmo instante, sendo, portanto, um período liminar.

Enquanto o Kinongo chegava próximo do Terno de Itutinga, os primeiros cantavam:

“*Oi tava durmindó oi tava sonhando a quando acordei tava trabaiando (2X)*”.

O grupo de Itutinga continuava a executar sua cantiga quando o Kinongo aproximou-se. O grupo de Itutinga cantava “*Ô Santo Antonio / da licença que eu vou almoçá(?) (2X)*”, não consegui compreender se cantavam *almoçar* ou *passar*. Quando o Kinongo já estava parado, os membros do Terno de Itutinga então, um a um, começaram a sair de sua formação e a ajoelharem-se diante da bandeira e a saudá-la. Neste instante, o capitão do Kinongo levantara seu bastão preto e vermelho e seu grupo parara de cantar e tocar. O outro Terno cantava então, nitidamente:

“*Ô Santo Antonio da licença que eu vou saudar (2X)*”.

Este grupo da cidade de Itutinga era o “*Congado de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito*”. Grupo que usava blusa azul com calças brancas e muitos reco-recos. O capitão trazia empunhado seu tamboril, as cabeças dos congadeiros eram adornadas com uma linda armação de papel em formato de coroa, da qual se despendiam fitas nas cores azuis e brancas, a coroa de papel também era branca. Traziam também sanfonas e caixas, mas acredito que chamavam atenção mesmo pelo grande número de reco-recos.

Feita a saudação por todos os membros deste grupo, sendo que o capitão fora o primeiro, o grupo, que era formado por duas filas de congadeiro, encostaram então para o Terno Kinongo passar. Quando o Kinongo ainda se aproximava com sua bandeira de frente para o Terno da cidade de Itutinga, estes estavam com a bandeira em outra direção, ou seja, o Kinongo chegou

perto deste último “*por trás*” dos mesmos. O Terno de Itutinga estava direcionado para o portão de entrada do almoço e o Kincongo chegara “*por trás*” deles.

Quando o Terno de Itutinga parou de cantar, após encostarem para o Kincongo passar, estes últimos iniciaram sua batida após um apito do capitão. Então, a bandeireira de Itutinga trouxe sua bandeira até o capitão, este, ajoelhando e tirando seu chapéu começou a cantiga: “*O mariiiiaaa / vocês pega com deus e vai*” (não compreendi se é com deus e vai ou com deus irmão, às vezes parecia que ao invés de cantarem “*o mariiiiaaa*” cantavam “*Firmaêeeaaa*”, aludindo talvez a firmarem no Rosário.) Após cantar e o grupo repetir em coro, grupo que também contava com grande presença de mulheres, o capitão cantara entre os refrões:

“Oi que beleza abriu a senzala, a pra cantá pra deus e pra nossa senhooraaa.”

Novamente repetiam o refrão. E o capitão cantava:

“Oi abriu a senzala negu ta na rua / veio pra abençoa cantá ...(?)”.

Neste instante a bandeira do outro grupo já estava na mão do bandeireiro do Kincongo e a bandeira deste terno nas mãos da bandeireira do outro grupo. O capitão direcionou-se para o outro capitão e, segurando sua mão, o cumprimentou, assim como alguns congadeiros sempre fazem entre eles, “batiam” o ombro direito de um no ombro esquerdo do outro, alternado o mesmo movimento, só que agora com o ombro esquerdo no direito do outro; faziam este movimento três vezes com as mãos ainda dadas. O capitão do Terno de Itutinga continuou “as batidas de ombro”, fazendo-a uma quarta vez, demonstrado naquele instante que não parecia compreender como realizar aquela saudação. O coro do terno do Kincongo continuava, e seu capitão ainda com o próprio chapéu em mãos, soltava a mão do outro capitão e dançando como se tivesse com gungas nos pés, pois não estava, começa a preparar um improviso entre o refrão, o grupo repete então o refrão e o capitão volta a cantar sozinho:

“O mariiiiaaa / vocês pega com Deus e vai” (Refrão cantado pelo grupo)

“Já faz muito tempo saiu lá da d’angola, veio pro Brasil para ...(?)” (Improviso do capitão)

“O mariiiiaaa / vocês pega com Deus e vai” (Refrão cantado pelo grupo)

“Tem festa no céu, tem festa na terra ah Nossa Senhora festeja na terra, tem festa no céééuu...”. (Improviso do capitão)

“O mariiiíaaaa / vocês pega com Deus e vai” (Refrão cantado pelo grupo)

Alguns grupos de SJDR que estavam dentro do galpão almoçando, começavam então a sair. O grupo de M.A. e do capitão Z.M do bairro do S.D, que até então eu não havia visto na festa, estava entre estes. O capitão Z.M, passando ao lado dos grupos que estavam um parado de frente pro outro, com as bandeiras trocadas e seguradas uma próxima a outra, tendo os dois capitães logo ao lado das mesmas e também de frente um por outro, pede então licença e ajoelha-se entre as duas bandeiras. Virando-se para uma, a saúda, faz o nome do pai com sua mão que segurava a bandeira, passando assim a bandeira pelo corpo, vira-se para a outra e faz o mesmo. Então, o capitão segura ambas as bandeiras, uma em cada mão, permanecendo ajoelhado com a cabeça baixa em meio aos dois Ternos, isto durante quase um minuto. O Kinongo continua então reproduzindo seu refrão, nesta ocasião seu capitão inicia uma cantiga,

*“Da bendita forma... (?)
Mas tem muita ajuda / precisa de cima ai nossa senhora
O reza na terra, sacode no céu
Cutuca na terra e balança no céu.”* (Capitão do Kinongo)

No fim desta cantiga, o capitão Z.M que não era de nenhum dos dois grupos, e que estava ajoelhado entre as bandeiras, levanta-se e vai embora. O Kinongo continua com seu refrão. *“O mariiiíaaaa / vocês pega com Deus e vai”*. O capitão do Kinongo entrega seu bastão vermelho e preto com uma cabeça que parecia de cachorro, adornada na extremidade superior, a outro membro de seu grupo, pegando outro bastão, este agora marrom, sem adornos na extremidade e amarrado por algumas fitas coloridas na cor verde e vermelha. O Terno de Itutinga permanece imóvel diante destes. A cantiga do Kinongo continua cadenciada, serena, as vozes em coro oferecem uma melodia contínua, sem muitas pausas entre as palavras que compõem a mesma, talvez daí certa dificuldade em compreender algumas palavras. O capitão do Kinongo, pegando então sua bandeira, que estava nas mãos da bandeireira do outro grupo, coloca a mesma de frente para o “capitão de Itutinga”, entregando-a e indicando para este a beijar. O capitão deste Terno recebe a bandeira e rapidamente a beija, ainda a segurando, olha para a mesma, e o capitão do Kinongo inicia a cantiga entre o refrão:

“Tem bastão de caboclo na beira do mar. Bastão de (?) bastão de vovô ...(?)”.

Neste instante, o bandeireiro do Kincong, ainda de posse da bandeira do outro grupo, passa a mesma por cima da cabeça dos membros do Kincong, o capitão faz o mesmo com a bandeira do Kincong, levando-a entre suas duas filas de congadeiros.

Novamente o capitão do Kincong troca de bastão com um senhor mais velho membro de seu grupo. Este senhor usava roupas brancas e apenas um chapéu preto, o bastão que ele trazia era adornado com uma cabeça de preto velho em sua extremidade. Bastão todo branco, com apenas o rosto do preto velho em preto e um chapéu branco. Enquanto as bandeiras, trocadas, passava em meio ao outro grupo, o Kincong continuava a cantarolar “*O mariiiáaaa / vocês pega com deus e vai*”.

No momento exato em que os dois bandeireiros começavam a destrocicar as bandeiras, o capitão entoava entre o refrão,

*“Ahh, quando lembrá de mim ajoeeelhaaa
Ah, por deus e por Nossa Senhora ajoeeelha”*

O capitão do Kincong juntamente com os outros dois que também traziam um bastão consigo, e que certamente talvez sejam outros capitães, ajoelharam-se. O senhor mais velho, que trazia o bastão de preto-velho, que agora se encontrava na mão do “primeiro capitão” também ajoelhou e retirou seu chapéu. O capitão que havia trago o bastão marrom ou “*bastão de caboclo*”, como anunciado na cantiga, estava agora com o bastão vermelho e preto que trazia a figura antropomórfica na extremidade. Lembrando que a esta altura as bandeiras já haviam sido trocadas, e com os capitães do Kincong ajoelhados, o grupo repetia a cantiga, que antes fora entoada entre o refrão, agora como refrão:

*“Ahh Quando lembrá de mim ajoeeelhaaa
A por deus e por Nossa Senhora ajoeeelha”*

De joelhos e levantando sua mão direita para o alto, com a esquerda segurando simultaneamente seu chapéu branco e o “*bastão de preto velho*”, o capitão canta fitando então o capitão do outro grupo, que permanecia até então de pé e em meio a seu grupo e diante dos mesmos. O capitão do outro Terno ajoelha-se em frente aos três capitães, isso após o “primeiro

capitão” do Kincongô cantar sozinho entre o “novo refrão” cantado pelo grupo. O que permaneceu da seguinte forma:

*“Ahh quando lembrá de mim ajoeeeelhaaa
A por deus e por Nossa Senhora ajoeeeelha”*

*“Quando lembrá do Kincongô ajoeelha
A por deus e por nossa senhora ajoeeeelha*

*“Ahh quando lembrá de mim ajoeeeelhaaa
A por deus e por Nossa Senhora ajoeeeelha”*

Os capitães agora, ambos de joelhos, seguravam um na mão do outro. O Kincongô continuou a cantarolar seu refrão. O capitão do Kincongô então se levanta e como durante um breve momento o outro capitão continua de joelhos, ele puxa o mesmo para este se levantar, uma vez que ainda permaneciam de mãos dadas. O grupo continua a cantar o refrão, separam-se as mãos dos capitães e, virando-se para seu grupo, o capitão do Kincongô canta junto a eles.

*“Oh mais velho eu já fiz a promessa
Eu vou te contar, o diá que eu num pude mais cantá
Vou sentá no meu toco eu sou preto velho (de láaa ?)”*

Inicia-se novamente o coro.

*“Ahh quando lembra de mim ajoeeeelhaaa
A por deus e por Nossa Senhora ajoeeeelha”*

Durante este refrão o capitão de Itutinga acena ainda com a mão para todos do Kincongô, o senhor mais velho, que anteriormente trazia em sua mão o “*bastão de preto velho*” cumprimenta o mesmo. Segura em sua mão e inicia uma tentativa de cumprimentá-lo com a “batida de ombros”, três batidas com os ombros opostos de cada um, cada qual iniciando com o ombro direito. Novamente o capitão de Itutinga “se atrapalha” e demonstra certo constrangimento em realizar tal saudação. O senhor levanta as mãos dadas de ambos e roda por baixo das mesmas, soltam as mãos uns dos outros, dando um abraço rápido no capitão de Itutinga, o senhor se despede colocando novamente seu chapéu e, logo adiante, destrocando o bastão com os outros dois capitães do grupo, estes que, juntamente com a bandeira e com o grupo, já se encaminhavam em direção ao portão de entrada do galpão onde seria servido o almoço. O terno de Itutinga, que

ficara no mesmo lugar após quase um minuto depois de o Kincongo passar em sua frente, pois agora a bandeira do Terno de Itutinga ali estava, inicia novamente sua cantiga após a batida do capitão em seu tamboril. Neste momento é que percebi que o grupo de Bom Sucesso, que estava anteriormente, no início do encontro entre os dois grupos, atrás de onde eu estava parado, já entrava no galpão para almoçar, o Kincongo seguia logo atrás e o Terno de Itutinga, atrás do Kincongo. Eu também começava a me retirar do local.

Feita esta extensa descrição do momento de “*encontro entre bandeiras*”, chamo atenção para como foi tomado como prioridade, na descrição deste instante, dentre vários outros que poderiam ser aludidos, ênfases de certas passagens enfatizadas pelo grupo que eu havia acompanhado durante algumas festas. E destaco também como o recurso audiovisual pôde me auxiliar para descrever a relação entre ações rituais, sejam elas a manipulação de objetos rituais como bandeiras, chapéus e bastões ou as posturas corporais e gestos assim como seu encadeamento junto às cantigas proferidas. Sem este recurso é sempre difícil produzir uma descrição que articule estas dimensões.

Jamais havia presenciado um encontro dessa maneira, com um capitão chegando próximo a outro grupo e “*lhe mostrando*”, se assim podemos nos referir, “*como saudar a bandeira de outro Terno*”. O Terno de Itutinga saudara a bandeira do Kincongo com todos os congadeiros “*saindo*” de sua formação e indo até a bandeira do outro grupo, mas, como foi demarcado pelo Kincongo mais ao fim do encontro, deveriam primeiramente “*receber a bandeira do outro grupo e levá-la*” para todos de seu Terno a saudarem. Dentre as várias nuances que podemos aludir, devido à multiplicidade destes instantes relacionais, esta é uma que pode ser destacada.

Outro ponto a destacar é a utilização dos bastões em consonância com as cantigas proferidas pelo capitão. Inicialmente o capitão parecia estar instaurando uma disputa, utilizando-se assim de um bastão vermelho e preto (“*cor de exu e de gente da esquerda*”) com uma figura que parecia um cão em sua extremidade. Após um terceiro capitão, o capitão Z.M, ajoelhar-se entre ambas as bandeiras e segurá-las, o capitão do kincongo modificara a toada de seu grupo, lendo, me parece, a situação a partir de uma adversidade que aparecera naquele instante, utilizando-se de uma cantiga que fazia alusão à presença deste outro capitão, que não era membro de nenhum dos dois grupos em questão, anunciava em cantiga a ajuda que teria aparecido para o grupo da cidade de Itutinga: “*Da bendita forma... (?) / Mas tem muita ajuda / precisa de cima ai nossa senhora / O reza na terra, sacode no céu / Cutuca na terra e balança no céu.*” (Capitão do

Kincongô). Fazendo alusão ao possível auxílio que “teria vindo para o outro Terno”, isto devido à presença de um terceiro capitão se envolvendo na “*saudação*” entre estes dois Ternos. É neste momento também que o capitão do Kincongô “trocara de bastão”, utilizando-se de um “bastão de caboclo” como anunciado na cantiga “*Tem bastão de caboclo na beira do mar. Bastão de (?) bastão de vovô ...(?)*”.

Entrevistei posteriormente o terceiro capitão que se colocou entre as bandeiras, perguntando-o “sobre a situação”, ele me disse “*fui lá (...), se deixa eles fica um de frente pro outro lá até o final da festa, num sai não*” (Capitão Z.M). Seriam comuns as referências dos congadeiros a ocasiões onde um grupo teria “*amarrado*” outro grupo e este não mais conseguira sair do local em que estava⁶⁷. Apenas quando cantassem cantigas que permitisse “*desamarrá-lo*” ou quando outro grupo o fizesse, é que conseguiriam sair daquele local. Um chefe de catopé me contara:

“é tem caso que só de um congadeiro olhá pro outro, pronto... hoje não, hoje é só brincadeira, mas antes né... era só de olhá o outro congadeiro já caía... Caía ou ficava paralisado. Aí a gente anda com esse remédio que eu mesmo faço, mas hoje não tem mais nada disso, é só brincadeira. (Chefe de Catopé)⁶⁸.”

A troca de bastão por parte do capitão do Kincongô ainda foi feita mais uma vez. Após pegar o “*bastão de preto velho*” e fazer alusão à antiguidade que aludia, pede ao outro terno “*Ahh Quando lembrá de mim ajoeeeelhaaa / A por deus e por Nossa Senhora ajoeeeelha*”. Demonstrando sua relação com esta entidade e fazendo alusão à antiguidade de seu terno, pedindo então “o respeito” por parte do outro grupo. Anunciou ainda “a sua promessa” de capitão do kincongô ao virar-se para o senhor mais velho de seu grupo e cantar: “*Oh mais velho eu já fiz a promessa / Eu vou te contar, o diá que eu num pude mais cantá / Vou sentá no meu toco eu sou preto velho (de láaa ?)*”, demarcando assim sua posição em relação ao outro grupo e no interior de seu próprio grupo.

Estas inscrições feitas por mim, a estes momentos, são apenas alusões para demonstrar como poderia ser visto tal instante de ambigüidade no festejo. Inúmeras poderiam ser as

⁶⁷ Assim como ocorrido com o grupo que eu acompanhava na cidade de Itapecerica quando estes participaram da festividade em Itapecerica. Ver apêndice III e IV.

⁶⁸ Interessante notar que, apesar de frisar que “*hoje seria só brincadeira*”, o chefe entregava para o senhor que parecia ser o segundo responsável pelo grupo, carregar “*o remédio*” que, quando perguntado, salientara ser um “preparado de ervas”.

considerações ao ocorrido, daí descrever o diálogo proferido pelo capitão do kincongo e narrar seus procedimentos. As ênfases oferecidas pela leitura destas atitudes seriam então apenas inscrições temporárias para demarcar este instante de multiplicidade relacional entre os grupos em questão, onde o conflito e a saudação se interpenetram neste “*encontro entre bandeiras*”.

Em sentido geral, o que poderia ser inscrito momentaneamente desta situação é que o Terno de Moçambique Kincongo entrou no galpão para almoçar antes do Terno que estava “à sua frente”. Deste instante relacional, “do encontro entre bandeiras”, tanto a saudação quanto o conflito estão completamente imbricados. A possível associação que ambos os ternos poderiam apresentar, através da troca de convites para uma possível participação um na festividade do outro, não seria menos respaldada por certo conflito e demarcação das diferenças por parte dos mesmos. Almejar a explicação deste “encontro” fazendo alusão aqui a algumas teorias seria “perder algo” do que este momento relacional nos anuncia.

A explicação por minha parte do que teria ocorrido neste encontro traria então uma possibilidade de hierarquização entre formas de pensamento, ou seja, da utilização de uma forma de linguagem explicativa sobrepondo-se a outras formas de linguagem proferidas através das enunciações rituais. Não é este o objetivo aqui, contento-me, entretanto, em destacar o caráter contingencial destes encontros, e como o vínculo saudação/conflito é realizado de maneira um tanto específica a estes festejos, ou melhor, ambígua.

Fui me atentar que “*os grupos se encontravam*” e que este encontro poderia ser aludido tanto como uma forma de “*saudação*” como de “*embate*”, e talvez sejam ambos ao mesmo tempo, quando acompanhei uma festa de Resende Costa em 2007. neste local, O terno do bairro S.D, da líder M.A e do capitão Z.M iria sair do local onde havia almoçado e outro grupo parou em sua frente cantando algumas cantigas. Quando comentei com o capitão posteriormente, sobre o ocorrido, “que bonita homenagem o grupo estava fazendo a vocês” (frase minha), ele se referiu então a este momento da festa na cidade de Resende Costa da seguinte maneira:

“quê?! Que bonito nada. Eu tava querendo sair com os meus homens (se referindo aos congadeiros) e ele, com o pessoal tudo sem comer, os meus já tinha tudo almoçado. Ele com o grupo dele querendo almoçar e queria me impedir de sair, tudo bem, podiam ficar ali, eu já tinha almoçado mesmo, ele é que não tinha e tava querendo me segura ali...” (Capitão Z.M na festa de Resende Costa, 2007).

Neste encontro, após algumas cantigas e os ternos haverem trocado suas bandeiras, passando-as por todos os membros do outro grupo, que a saudavam, ambos os Ternos ainda continuaram, ora um ora outro, a executarem algumas cantigas. Após certo período de tempo, o capitão do grupo de SJDR proferira duas cantigas, uma seguida da outra, o que fez o outro terno não mais responder e nem tocar; a primeira cantiga era:

“Se você pensa que do céu tá perto, no céu não vai chegá, os anjo do céu tão rindo, do tombo que vai levá”

Foi proferida apenas pelo capitão. Neste instante o grupo cantava como refrão a seguinte letra, obviamente, após o capitão *“a ter puxado”* e a seguir o capitão começa a cantar outra cantiga.

“Ôh Siriêema, canela fina corredêera, nunca vi bicho de pena deixá o rastro na ladêera”. (refrão cantado pelo grupo)

“Se você vê um preto velho na estrada, você pede benção você pede benção”. (Capitão canta e grupo canta a seguir como refrão)

“Deus abençoa esses fio (ou missifi?) deus abençoa, você pede benção, deus abençoa”. (capitão canta entre o refrão)

Neste momento o Terno do bairro S.D, que já havia colocado suas bandeiras um pouco de lado, e não mais de frente para o outro Terno, começou a caminhar. O outro grupo, não respondera as cantigas, então começaram a encostar para que estes passassem. Ainda vi o capitão deste outro terno cumprimentando os demais membros do terno do bairro S.D e perguntando de onde eram. O grupo de SJDR, que nitidamente forçava a passagem em meio ao outro terno, chegou então até o portão, a líder M.A, que permanecia mais atrás no cortejo de seu terno, ia orientando seus congadeiros e *“utilizando de sua bengala”*, a encostava nos congadeiros, fazendo uma espécie de *“proteção”* para que ninguém *“entrasse”* em meio a seu grupo. O outro Terno permanecera no local já sem tocar e cantar, isso após ter aberto um pouco de espaço para o Terno de SJDR por ali se retirar do local do almoço.

Apenas acompanhando o Terno de Moçambique e Catopé do bairro do S.D da cidade de SJDR é que me atentara para a importância deste evento para os congadeiros. A atenção na execução destes momentos, com cantigas e procedimentos como o cumprimento, o ajoelhar-se

em frente à outra bandeira, o cumprimento entre os capitães, seja ajoelhando em frente ao outro ou realizando o cumprimento com a “*batida dos ombros*”, e até mesmo, como descrevera anteriormente, a saída do Terno de Moçambique de Bom Sucesso de dentro da Igreja, sem dar as costas para o altar, foram “motivos” destacados pelo grupo a mim durante as festas. Quando notei que outros ternos, entre eles o Kincongo e o Moçambique de Bom Sucesso e até o Catopé na Festa de Três Barras “dominavam certos códigos” que eram aludidos tanto pelo capitão Z.M quanto por outros congadeiros do Terno que eu acompanhei, começaram a fazer sentido a importância de enfatizar estes pontos. Descrevê-los e situá-los nos contextos em que ocorriam, tornava-se de suma importância no que se refere à tentativa de descrever este que seria um regime de enunciação ritual ocasionado no espaço situacional do festejo.

Os regimes de enunciação nas situações acima demarcadas apresentavam características um pouco ambíguas. Os instantes de anunciar as relações, que os ternos tanto enfatizavam, seja com os negros antigos, aludidos através dos pretos velhos, dentre outros como o caboclo, eram realizados através das cantigas e atitudes de todo o grupo e orientados pelo capitão. Anunciar estas relações em alguns instantes equiparava-se a pedir força a estes ancestrais para que mediassem suas relações, seja com os demais ternos, com os santos, com as pessoas que recebiam as bandeiras, e outros que eram aludidos nos instantes demarcados, entre estes últimos a saudação nos mastros, nos cruzeiros e nas Igrejas. O “*pedir força*”, seja no mastro, no altar, no cruzeiro ou na bandeira, eram vistos como espaços destinados para se tomar contato com algo que os permitisse permanecer “*firmes no Rosário*” diante às demais adversidades que encontrassem no trajeto efetuado em cortejo. Dentre estas diversidades estaria um possível encontro com outro Terno ou entre bandeiras.

3.3 “Foi banda de música buscé nossa mãe ela num veio é...”

Em outro momento, ainda no dia de Festa do Divino em 2008, o grupo Kincongo também “*tentaro entrar na frente do andor no lugar do Terno da gente*” (Capitão Z.M, capitão do Terno de Moçambique e Catopé do bairro S.D de SJDR). Perguntei a M.A, líder e presidente do grupo, como o grupo fez para não deixar que outro grupo entrasse à frente do seu em meio à procissão,

ela disse: *“aqui não. Aqui a gente segura, pode tentar lá, mas a gente firma daqui!”*. Tentarei descrever um pouco do itinerário dos grupos nesta festa, até o momento onde retornam à Igreja após irem buscar o andor com N. Sra. do Rosário e o Imperador do Divino e após outro grupo “tentar entrar na frente” dos mesmos. Tento também oferecer o que seria este “tentar entrar na frente”.

Acompanhei os Ternos que foram em cortejo após o almoço buscar o andor de N. Sra. do Rosário e o Imperador do Divino em uma gruta um pouco distante da Igreja do Matosinhos. Os grupos seguiam um atrás do outro, cada qual em sua formação, distando cerca de uns cinco metros apenas entre uns e outros. Estavam presentes neste momento O *“Terno de Moçambique e Catopé de N. Sra. do Rosário e São Benedito do bairro do S.D”*, de M.Ae do capitão Z.M. O *“Grupo N. Sra. do Rosário do bairro S.D”*, do capitão R.C, o *“Congado de São Benedito e São Sebastião do bairro de Matosinhos”* do capitão J.í. O grupo *“Catopé de N. Sra. do Rosário”* da cidade de Resende Costa, do capitão V.o. Estes últimos, ao chegarem próximo ao Imperador e ao andor, já na gruta a que se destinavam, cantaram,

“o senhora do Rosário congado é coisa boa (2X) A senhora me dá licença para beijá tua coroa (2X)”.

O *“Congado de N. Sra. do Rosário”* do Rio das Mortes, que cantavam, também à frente do andor e do Imperador, *“vamo vê vamo orá(oiá) o Imperador aonde esta”*. A *“Banda São Benedito”*, de Resende Costa, do Capitão A.C.S. O grupo *“Vilão de N. Sra. do Rosário”* da cidade do Caburu, cujo capitão e presidente chama-se L.o. E o Terno da cidade de Ritópolis. Os demais Ternos presentes no festejo foram buscar outro andor em outro local.

Todos os grupos então chegavam à frente ao Imperador do Divino, que por sua vez estava em frente à gruta e ao andor de N. Sra do Rosário, e cantavam e tocavam. Suas bandeiras permaneciam em frente a estes, logo ao lado do Imperador havia um cruzeiro de madeira, igual aos cruzeiros presentes no Caburu e no bairro S.D em SJDR, este também estava todo enfeitado com bandeirinhas feitas de papel colorido.

Todos os ternos passaram em frente e fizeram sua saudação ao Imperador, ganhando por sua vez um pequeno mastro branco com a bandeira do Divino. O Imperador estava vestido com uma capa de veludo vinho, debaixo de uma enorme sombrinha também em veludo vinho, esta, segurada por uma pessoa que acompanhava o Imperador. Em sua cabeça havia uma enorme coroa

na cor prata, juntamente a um cetro empunhado em suas mãos. Em seguida, os ternos direcionavam-se para o andor da santa, e alguns ao cruzeiro, o último grupo a fazê-lo foi o de M.A e o do capitão Z.M. Desta forma, este grupo seguia em cortejo logo a frente do andor e do Imperador.

Os ternos, até chegarem próximo ao Imperador passavam antes pela corte de um pai de santo da cidade. Este permanecera o tempo todo encostado perto da gruta de onde estava o Imperador e o andor da santa. Todos os grupos que se dirigiam a estes últimos, obrigatoriamente passavam em frente à corte deste pai de santo que era o Rei Congo do Terno de M.A e de Z.M. Quando estes fizeram o mesmo trajeto realizado pelos outros Ternos, a corte do pai de santo, no momento então como Rei Congo, os acompanhara. Logo atrás vinha o andor de N. Sra. do Rosário e o Imperador do Divino. Os demais ternos aguardavam, e cada um em sua formação, constituía uma grande procissão.

O Terno de Moçambique e Catopé de N. Sra. do Rosário e São Benedito do bairro S.D, que do adro da Igreja até o local estavam na frente de todos os demais Ternos, enquanto iam buscar o imperador a santa e a sua corte, haviam aberto passagem para aqueles saudarem o Imperador e o andor na frente deles, permanecendo os últimos na procissão de retorno até a Igreja e, consecutivamente, os primeiros à frente do Imperador e do andor da santa. Papel de um Moçambique, o de “*levar a coroa*” ou de “*retirar a santa*” e levá-la até a Igreja.

A procissão então iniciara com o Terno do capitão R.C, também do bairro S.D “*puxando os demais grupos*”, e por último o de M.A e Z.M, que contavam ainda com sua corte, a do Rei Congo, composta pelo pai de santo que também vinha debaixo de uma enorme sombrinha segurada por alguns rapazes. Esta corte era composta por um pai de santo, uma mãe de santo e outras pessoas do terreiro do mesmo. Logo atrás vinha o Imperador do Divino e o andor de N. Sra. do Rosário.

Acompanhei um pouco a procissão e por outro caminho (um erro de minha parte) fui em direção à praça da Igreja aguardar até que todo o cortejo chegasse, imaginei que poderia assim ocupar uma posição privilegiada de observação para visualizar a chegada na praça. Quando todos os ternos começaram a passar em minha frente, percebi que o Terno de Moçambique Kincongo, que não estava entre os ternos que foram neste cortejo buscar o Imperador e a santa, encontrava-se à frente do Terno de M.A e Z.M. No mesmo instante pensei, “se anteriormente já haviam

passado na frente de outro grupo na hora do almoço, eles devem ter tentado ‘*levar o andor*’ no lugar do grupo de M.A”, esta foi a reflexão imediata que realizei naquele momento.

Após os grupos entrarem no adro da Igreja levando o Imperador e a santa, e neste instante todos os grupos chegavam à frente do portal da Igreja, cada um proferindo ou realizando suas “movimentações” e cantigas características, retiravam-se então da frente da mesma e se dirigiam para uma parte lateral do adro. Os grupos que vinham logo a seguir faziam o mesmo, e ainda dentro do adro da Igreja, dispunham seus instrumentos. Lembro-me que o terno do Rio das Mortes chamara muita atenção, uma vez que era a primeira vez que participavam de uma Festa de Congado em SJDR.⁶⁹

Em frente ao portal da Igreja, após entrar no adro com todo o seu grupo, o capitão do “*Terno de Moçambique e Catopé de N. Sra. do Rosário e São Benedito*” do bairro S.D parou toda a batida do grupo, e de joelhos, em meio a suas duas bandeiras, uma de cada lado, e de frente para o altar da Igreja, que estava com a porta aberta, executara a cantiga abaixo transcrita. Segurando em cada uma das mãos seus bastões, de um lado seu bastão de Moçambique, adornado na extremidade com a cabeça de uma pequena figura, e na mão direita seu bastão que era uma espécie de “*ferrão para tocar gado*”, tendo uma ponta com argolas em sua extremidade, geralmente o capitão o utilizava para “*cutucar*” seus congadeiros quando precisava deles nos momentos em que “*o negocio esquentava*”. Então, de joelhos, segurando cada um dos bastões em suas mãos, *firmando-os* no chão e às vezes levantando-os um pouco e chacoalhando-os, começava a entoar sozinho:

“ôoo companhia.../ Nossa mãe quando apareceu, apareceu em rocha de pedra / foi sô Vigario buscá nossa mãe nossa mãe num veio é.../ foi banda de musica buscá nossa mãe, nossa mãe num veio/ Foi congadeiro busca nossa mãe ela não veio / Foi catupezero nossa mãe num veio ée / Foi vilãozero nossa mãe aluiiiuuu / Ôôooo... mas com moçambiquero nossa mãe saiu / Com moçambiquero nossa mãe saiu.”

A cantiga acima anuncia “todas as partes” envolvidas no festejo do Rosário realizado por ternos de Congado na cidade de SJDR. Cada grupo, que pode apresentar também seus próprios

⁶⁹ Participaram pela primeira vez em SJDR de um “desfile cultural” promovido pela Secretaria de Cultura da cidade, em comemoração à abertura oficial da cidade de SJDR como “Capital Brasileira da Cultura”. Executando seus movimentos e danças em uma “Festa de Congado” em local com outros grupos, acredito que foi a primeira vez. Um fato interessante foram que *os mouras*, nesse dia da Festa do Divino não “correram atrás das crianças” com suas espadas, como faziam na Festa do Rio das Mortes, talvez por conta do grupo não “*ter levado sua corte*”.

reis e rainhas congas, participa deste festejo que remete à aparição de N. Sra. do Rosário aos “*homens pretos*” ou aos antigos escravos. São anunciados neste momento os demais agentes que participam deste “*processo de descobrimento da santa*” e da tentativa de “*trazê-la*” até a Igreja. As referências dos congadeiros, quando fazem alusão à aparição da santa, enfatizam que vários “grupos de pessoas” foram tentar buscá-la para levá-la até a Igreja, mas apenas com o terno de congado, com “*os negro formando lá um grupo com uns tambor, feito por eles mesmo, foram lá batendo caixa e cantando, até que ela (a santa) sensibilizou lá com eles e veio*” (congadeiro do Rio das Morte). Esta narrativa abarca algumas possíveis variações que podem ocorrer em relação à “com quem a santa teria saído” de seu local de aparição e que local seria esse.

Já o catopé da cidade de Três Barras nos oferece uma versão que inclui os caboclinhos e a marujada, além dos negros escravos, neste processo de buscar a santa em seu local de aparição e levá-la até a Igreja. O que chamo atenção aqui é para o processo de anunciar as partes envolvidas durante um regime de enunciação ritual. Destaco então uma passagem de Martin Buber frisada por Victor Turner “Somente quando tenho de tratar com outro essencialmente, ou seja, de modo tal que ele não é mais um fenômeno de meu **Eu**, mas ao invés é o meu **Tu**, é que experimento a realidade da reciprocidade” (BUBER *apud* TURNER, 1974, p.167 - grifos do autor.)

Compartilhando alimentos, seja no café ou durante o almoço, saudando as bandeiras e trocando-as, saudando a mesma santa, os mesmos mastros, estendendo a participação para outras festas a partir da trocas de convites durante os festejos, a reciprocidade entre estes Ternos é, durante o espaço festivo, mediada por seus procedimentos rituais de quando “*estão no rosário*”. Utilizando-se de cantigas, evoluções, batidas e saudações, almejando disporem-se relacionalmente nesta ambientalização festiva que é o “*estar no Rosário*”, os grupos fazem alusão ao período da escravidão e de aparição da santa a estes mesmos escravos. É neste espaço então que

“O **Nós** inclui o **Tu**. Só os homens que são capazes, verdadeiramente, de dizer **Tu** a um outro podem verdadeiramente dizer **Nós com** um outro... Nenhum tipo particular de formação de grupo enquanto **tal** pode ser mencionado como exemplo do **Nós** essencial, mas em muitos deles a variedade favorável ao surgimento do **Nós** pode ser vista claramente...” (BUBER *apud* TURNER, 1974 p. 167 - grifos do autor).

Percebe-se como a partir da “variabilidade” ou “segmentaridade”⁷⁰ existente no congado, é que a unidade “*tudo é congado*”, é “constituída”. Foram necessários vários atores, desde o vigário, banda de música, passando por vários agrupamentos de negros, aludidos pelos diferentes estilos de ternos de congado, para se “*retirar a santa e levá-la*”, todos em cortejo, até o interior de uma Igreja. Esta ênfase “nas partes” torna-se central tanto no que se refere aos festejos onde o moçambique é o grupo principal, quanto nos festejos onde o catopé é o grupo encarregado de “*levar a santa*”⁷¹.

A noção “*estar no rosário*”, sugere então atitudes, cuidados e procedimentos a serem efetuados pelos grupos visando a dialogarem neste espaço de reciprocidade entre os diversos grupos em questão. Diálogo este que é estendido para além do contato com outros ternos, e efetuados também com os santos, com os antepassados, com os festeiros, com os reis e rainhas conga. Todos de uma maneira muito própria no que se refere aos procedimentos rituais visando a tal fim.

Acredito que mesmo sob esta que considero uma “hierarquia liminar” existente entre os segmentos do congado no momento do festejo, o “*estar no rosário*” descortina certas possibilidades desencadeadas pelas técnicas proferidas nos espaços demarcados do festejo, espaços de conflitos e saudações.

⁷⁰ Oriento-me aqui a partir de algumas considerações de Goldman realizadas em seu texto “*Segmentaridade e movimentos negros nas eleições de Ilhéus*”. A tentativa do autor, sobre a questão da segmentaridade, torna-se a de superar o dualismo entre organização social e representação mental provenientes da aplicabilidade desta noção por parte de Evans-Pritchard, utilizada quando analisava as sociedades sem estado na África, almejando com isso exorcizar os fantasmas referentes aos segmentos, a saber, a morfologia e a tipologia. A segmentaridade teria por característica a tentativa de construir uma morfologia, já que pretendia determinar um modo específico de organização social; e por outro lado, de um tipologismo, onde esta forma de organização poderia se distinguir das demais (GOLDMAN, 2001). A preocupação então seria a de não transportar certas tipologias constituídas a partir de análises referentes a outros contextos. A segmentação poderia assim ser aludida a um dos modelos de relatividade social, “a segmentação é o arranjo relativo das alianças políticas de acordo com critérios genealógicos, ou outros, de distância social entre grupos em disputa” (HERZFELD *apud* GOLDMAN, 2001. p. 76). Estes “*outros*”, é que podemos aludir nesta dissertação para os mediadores acionados durante as relações dos grupos no contexto festivo, sejam eles os antepassados, as entidades e os santos. Se a segmentação puder então ser encarada como teoria política, seria possível compreendê-la como informando e dando sentido à ação sem que tenha que corresponder ao que os agentes e os antropólogos crêem observar empiricamente (GOLDMAN, 2001). O que permite que não façamos apenas alusão às características morfológicas dos Ternos como definidores desta segmentaridade presente no congado. O objetivo de Goldman no texto torna-se o de livrar a segmentaridade de um viés sociologizante, um tipologismo que restringe a noção à oposição entre sistemas segmentares e sistemas estatais.

⁷¹ Ainda utilizando-me das considerações de Goldman sobre os segmentos, anuncio aqui uma passagem destacada da obra de Jeanne Favret pelo autor. “(...) ‘uma disposição para a segmentação’ é mais importante que a segmentação propriamente dita e que um sistema segmentar parece repousar menos sobre a ‘oposição dos segmentos’ do que ‘sobre a repartição das oposições sobre um certo número de níveis ou encaixamentos ordenados uns em relação aos outros’ ” (FAVRET *apud* GOLDMAN, 2001. p.77).

O que pretendo destacar é que uma possível “posição hierárquica de um grupo”, não garantiria que ele “estivesse no rosário”. Para esta última, as ações proferidas no contexto situacional do festejo são primordiais⁷². Não apenas estas ações durante o festejo são necessárias, há também procedimentos posteriores e anteriores, por vezes demarcados pelos congadeiros como centrais para se “*estar no rosário*”. Afirmo então que a posição na hierarquia liminar de um grupo não garante que o grupo esteja isento dos “*efeitos do rosário*”⁷³.

Torna-se interessante, antes de continuar a descrição, pensar esta que seria uma espécie de hierarquia existente entre os grupos no momento do festejo. Seja a proeminência do Catopé em relação à marujada e aos caboclinhos em uma região ou a do Moçambique em relação aos demais ternos de congada, anunciando para isso o Vilão, o Catopé e o Congado em outra. Em diferentes festejos se “respeitaria” então diferentes formações, na “*região dos Moçambiques*” uma, e na “*região dos Catopés*” outra.

Saliento também, que o espaço do festejo anuncia um espaço de conflitos em potencial entre os grupos, mesmo que respaldados por uma “hierarquia liminar” concernente ao festejo, espaço de liminaridade. Os grupos estariam então sujeitos a determinadas “técnicas de lutas” ou procedimentos rituais proferidos em instantes demarcados no festejo, instantes como a “*saudação entre bandeiras*”, “*o levantamento de mastros*”, dentre outros.

Enfatizo que a partir destas “técnicas” manipuladas em situações específicas, é possível percebermos a recorrência de possíveis focos de conflito, nestes momentos que se confundem os momentos de saudação, convites, conflitos, alianças e contato com o sagrado, tudo isso enquanto os congadeiros “*estão no Rosário*”. Alguns instantes aqui demarcados para a descrição do festejo, como o “*encontro de bandeiras*”, são momentos onde os congadeiros e os capitães de congada, recorrem a técnicas e procedimentos a serem proferidos no espaço do festejo. Estes procedimentos, realizados nos momentos aludidos, apesar de apresentarem forte apelo tradicional e convencional aos “*fundamentos do congado*”, não se desvinculam de uma atitude inventiva a partir destes procedimentos convencionalizados. Tudo isso estimulado pelas situações que se

⁷² Se determinado grupo ocupa tal posição na hierarquia liminar, possivelmente ele “possui os atributos ou os fundamentos” para tal fim. A ênfase por minha parte é que estes fundamentos não são destacados apenas por conta do grupo ocupar tal posição nesta hierarquia, mas por executarem procedimentos que “demonstre fundamento” durante o contexto da festa.

⁷³ Os “*efeitos do rosário*” seriam “leituras possíveis do rosário” feitas por algum “*congadeiro que tem fundamento*”. Para esta leitura, eles relacionam atitudes ocasionalmente encontradas durante o festejo a possíveis infortúnios ou fortunas que possam se abater sobre algum membro ou sobre o grupo de congado. “Entendendo a situação”, seja ela de azar ou sorte, como consequência de algo que ocorrera quando “*estavam no Rosário*”.

poderia presenciar nos espaços de ambigüidade ritual. A “utilização de um bastão” em determinado instante, o “uso de uma espada”, a forma de se entrar na Igreja ou a maneira de “se conter uma disputa entre ternos”, agachando-se em frente a duas bandeiras, são referências a ações embasadas tanto na tradição quanto na invenção.

Darei continuidade à narrativa referente ao período da festa aonde o Terno do bairro S.D chegara ao adro da Igreja com a santa, o imperador e seu Rei Congo, para demonstrar, posteriormente, que “*os efeitos do rosário*” podem atuar independente à posição de uma “hierarquia liminar” de um grupo.

O capitão de joelhos em frente à entrada da igreja, juntamente com todo seu grupo, e após executar a cantiga que aludia aos demais grupos da festa, batendo seu bastão no chão e marcando o ritmo da batida do grupo, com os congadeiros iniciando novamente as batidas na caixa e o bailado, o capitão iniciou,

“*O lerê cabô de querê o lerê cabo de querê*”

Então o coro se inicia com todos os membros do terno visivelmente estimulados e empenhados,

“*O lerê cabô de querê o lerê cabo de querê*”

O capitão Z.M, já de pé, começa a cantar e é respondido em coro pelo grupo que entoia “*canavial*”, como resposta a cada frase da cantiga proferida apenas pelo capitão.

“*Oh bota fogo na cana / Canavial / Oh deixa a cana queimá á / Canavial / Pra fazê a garapa / Canavial / Para o povo tomá / Canavial / Eu não sou daqui / Canavial / Sou do lado de lá / Canavial / E eu vim pra essa terra (ou festa) / Canavial / Para começar(?) / Canavial / Eu não sou daqui / Canavial / Sou do lado de lá / Canavial / E eu vim pra essa terra / Canavial / Para começar(?) / Canavial.*⁷⁴

Neste momento o grupo encontrava-se em grande exaltação, às vezes o capitão corria “*por fora do grupo*” ou entorno dele continuando a cantar, com o grupo a responder “*Canavial*”.

⁷⁴ Ênfase que além da importância da “origem das cantigas proferidas”, o destacado nesta dissertação, são as “maneiras ou modos que os congadeiros colocam as cantigas”. O importante então são os usos destinados a estas cantigas em uma ambientalização festiva fortemente ritualizada, o que pretendem dizer com a utilização da mesma; e não apenas o caráter tradicional que algumas destas cantigas possam aludir.

Nestes momentos Z.M podia “*cutucar*” algumas vezes um ou outro congadeiro com seu “*ferrão*” (que operava aqui como um bastão de capitão), para “*firmarem no ponto*”.

A batida do grupo geralmente alternava-se entre três batidas sequenciais no tambor com tempos iguais de intervalo entre elas, que por sinal eram bem curtos, neste momento, os membros costumava “*repicar*”, “*virar*” ou “*dobrar a batida*”, como eles mesmos acentuavam. Geralmente após esta cantiga, como foi outras vezes acompanhado, iniciava logo na seqüência outra cantiga, que pode ser a anterior “*O lerê cabô de querê o lerê cabo de querê*”, ou então,

“Me chamaram de carrêro / eu não sou carrêro não(2X). Na fazenda em que eu trabalho o meus irmão / carreiro é meu patrão (2X)”

Após uma seqüência, o capitão inicia novamente esta cantiga, alterando agora “*carrêro*” por “*boiadêro*” ou então por “*vaquêro*”.

O Terno do bairro do S.D terminara então de cantar as cantigas e se retiraram da frente do portal da Igreja, abrindo espaço para a corte do Imperador, juntamente com o andor de N. Sra. do Rosário, entrarem na Igreja. Quando dispuseram os instrumentos me aproximei novamente, e comentei com a líder M.A que percebi que o Terno Kincongo não estava no cortejo que tinha ido buscar o andor e o Imperador quando estes saíram da praça. Neste momento, ela soltando uma gargalhada se dirigiu ao capitão Z.M por seu nome, como sempre o fazia, “*(...) olha aqui L., ele tá perguntando por que aquele grupo tava no cortejo quando a gente tava voltando*”. Outro congadeiro, S.i, “*caixero de guia*” do grupo, que estava próximo, foi logo falando, “*hã... eles tavam querendo entrá na frente lá, eles queriam trazê o andor*” (S.i, “*caixero de guia*”).

O capitão Z.M se aproximou e juntamente com M.A me falaram que “*eles*”, o Kincongo, estavam esperando próximo a uma esquina, “*eles queria era entrá entre a gente e o andor*” (Z.M, capitão de congado). Minha reação foi instantânea ao perguntar, “*e aí? O que aconteceu?*”.

“E aí que a gente num deixo ué. Firmei lá, num deixei eles entrá não. Falaram que era Moçambique, que tinham direito e tudo, aí falei ué, nos também somos ó (fala isso batendo nos guizos em seu próprio pé) cadê os guizo do ceis, num to vendo guizo aí ...” (Capitão Z.M).

Ao mesmo tempo, a líder M.A falou “*ahh.. aqui não aqui ocês num faz issu não*”. Como o Terno de Moçambique Kincongo “*não conseguira entrar entre*” o Terno de M.A e do Capitão

Z.M e o andor, haviam então, “*entrado*” na frente destes, continuando o Terno destes, que era do bairro S.D da cidade de SJDR a “*levar o andor*” até a porta da Igreja.

Nos dias posteriores a esta festa, percebi que tanto o capitão Z.M quanto M.A faziam alusão às proteções que seriam necessárias, mesmo passado o período da festa. Conversando com os mesmo na segunda e terça feria após o festejo de domingo, M.A enfatizara, “*é depois da festa que a gente vai ver os resultado.*” (M.A). Era preciso então realizar várias *restrições* e *obrigações* para evitar que o que poderia “*ter ficado de ruim da festa, não pegasse*”⁷⁵ (M.A). Segundo o capitão Z.M e a presidente do grupo, M.A, eles é que teriam que fazer estas firmezas para o grupo, eles eram os responsáveis. Os congadeiros geralmente tomavam banhos feitos com algumas ervas após o festejo, outros banhos, também com ervas, eram destinados às guias utilizadas no festejo.

Depois de uns dois dias do festejo o capitão Z.M, me contou em umas de nossas conversas que assim que chegou no adro da Igreja naquele domingo, suas pernas começaram a doer muito, então percebera que elas “*iriam travá*”. Ele então disse que foi até sua casa, que era relativamente próxima e tomou um banho gelado, retornando rapidamente à festa. Logo após conversar com o mesmo quando havia chegado ao adro da Igreja com todo o grupo, realmente o capitão não se encontrava em local algum, percebi que neste instante M.A também o procurava para organizar o terno no momento em que a missa se iniciava.

Demonstrando nítida preocupação nos dias posteriores, o capitão Z.M disse ter ido acender algumas velas durante a semana e me lembrado de algo que eu não havia narrado ainda deste dia de festa. Pela primeira vez ele saíra com sua espada. Às vezes ele deixava a mesma com uma das bandeireiras, assim como o “*bastão de Moçambique*” e o “*ferrão*”. Fizera alusão então que a partir daquele dia iria sempre levar sua espada consigo, e foi isto que presenciei nas próximas festividades, ele enfatizava, “*já pensô se eu não tivesse nem com a espada...? ia ser pior...*”⁷⁶. O capitão geralmente cruzava a espada no peito segurando-a na altura da cintura e deixando a mesma inclinada e encostada no ombro oposto. Assim, o capitão seguia no cortejo com seus dois bastões, que podia deixar com as bandeireiras em alguns momentos, uma espada,

⁷⁵ Denomina-se este “*algo de ruim da festa que ficara*” de *resma*.

⁷⁶ Certa vez tive a oportunidade de conhecer o “*pequeno altar*” do capitão. Percebi que havia um pedaço de trilho, que segundo ele era para “*imantar*”. Quando oferecera uma feijoada com toucinho no fim do ano para todo o terno, o capitão levava o pedaço de trilho e a espada, que segundo ele “*tinha que deixar isso tudo junto*” da grande panela que continha o feijão com toucinho. Todos estes elementos, o feijão com toucinho, o pedaço de trilho e a espada, posteriormente vim saber, eram elementos ou símbolos de referência de um orixá, Ogum.

que também poderia ser deixada com as mesmas ou prendê-la em seu tambor, um berrante que levava pendurado no ombro e uma espécie de “espada pequena”, adornada com algumas sementes nas cores preta e vermelha contendo a caricatura de uma caveira na extremidade. Esta última permanecia presa à cintura do capitão durante todo o tempo. A depender da situação o capitão poderia tocar o berrante, levar a espada na posição que já aludi em seu peito, utilizar dos bastões para comandar as cantigas, isso tudo juntamente com o apito. As guias que o capitão Z.M possuía, algumas eram, segundo ele, manufaturadas por “*uma linha oriental*”, tinha também “guias de candomblé”, umbanda e um Rosário de conta de lágrimas.

Já a líder M.A, durante os festejos sempre estava com sua bengala, que posteriormente vim saber, teria sido feita por um rapaz de seu bairro que “*entende muito das coisas*”, referindo-se às bruxarias, firmezas e proteções. Também utilizava muitas guias e fitas coloridas, sempre me dava uma destas fitas durante os cortejos, para amarrar em algum “lugar visível”. Falava que era bom contra mal olhado, que “aquilo” (a fita colorida) servia pra isso.

Os utensílios trazidos junto do corpo tanto deste capitão como da presidente do grupo durante os cortejos, pode nos dar um bom exemplo de como os congadeiros utilizam certos instrumentos que visam a uma ação durante o período que estão em cortejo. Servem tanto de proteção, “*para fechar o corpo*”, a exemplo de uma guia cruzada no peito, como para diversos outros fins. Como, por exemplo, a possíveis procedimentos ou ações que teriam de ser realizados em algum instante quando se “*estivesse no Rosário*”.

Estes objetos ou instrumentos precisavam ser trabalhados, imantados seja pelo proprietário, por um pai de santo ou por um padre, para que pudessem ter certa eficácia. Os procedimentos que permitem preparar uma guia ou um objeto, como o bastão, por exemplo, são vários. Acredito que a preparação de um bastão de Moçambique é algo interessante de se acompanhar. Percebemos que pode haver vários tipos de bastão ou ainda vários usos para estes “*utensílios dos capitães*”, que auxiliam os mesmos em situações vivenciadas no rosário.

Retorno à ênfase do capitão após o dia da Festa do Divino em 2008. Segundo suas formulações, ele teria “*pegado algo*” no momento que impedira a entrada no Terno Kincongno no lugar em que seu grupo estava, a saber, “*levando o andor*”. O que lhe permitia pensar isso eram suas pernas “*quase travando*”, a leitura do infortúnio sofrido tinha como ponto de percepção o próprio corpo do congadeiro. E como ele diz, “*essas coisas pega em quem é mais forte*”. A líder M.A também corrobora dessa formulação, para ela “*algumas coisa acabam sobrando pra mim,*

porque eu sou forte, sou firme, mas aí depois a gente tira” (M.A). Perguntada como ela “tirava estas coisas”, ela sorria, desconversava e falava “*a gente sabe umas coisa aí*” (M.A).

Havia algo nas formulações do capitão, se ele havia “*pegado alguma coisa*”, isto era um sinal que “*o que ia vir do outro grupo veio pra mim*” (Z.M). Cabia a ele então, “*fazer firmezas*” para “*estar firme*”, caso houvesse possíveis “*efeitos do Rosário*” (Z.M) que poderiam advir. Algo que iria para o grupo então permanecera com ele (afinal esse seria um dos papéis do capitão), e poderia então eliminar através de procedimentos que visassem esse objetivo.

“agora que eles vão voltar lá pro lugar deles (se referindo ao Kinongo), eles pensa que eu vou esquecer deles, num vô não. ... ficá preparadinho aqui, quando eles vão lá pra casa deles acham que a gente esquece e aí é que vêm as coisa.”
(Capitão Z.M no dia posterior ao da Festa do Divino 2008).

Os procedimentos efetuados pelo capitão para se “manter firme” extrapola então o momento do dia festivo, percebendo que os rituais continuam nos momento pós-festa e inclusive anteriormente a estas, onde se fazem necessários procedimentos rituais visando o dia principal do festejo, seja firmando uma guia, os tambores, os congadeiros, o grupo, etc.

É com esta possibilidade, a de haver procedimentos rituais tanto anteriores quanto posteriores ao dia principal da festa é que podemos aludir a um período não *a priori* em relação a um momento “pós-festa, dia principal”, digamos assim por ora. Os procedimentos que poderiam ser aludidos, posterior a esta, dependeriam assim das articulações, das execuções e as leituras realizadas por um grupo durante o período de festa. Da mesma maneira que poderia haver correlações entre procedimentos realizados na festa com algum evento que tenha ocorrido no cotidiano de algum membro do grupo ou mesmo com o grupo como um todo.

Mesmo a festa ocorrendo segundo uma “seqüência obrigatória”, em relação à hierarquia dos grupos, por exemplo, haveria então, certos nuances que seriam enfatizados pelos interlocutores como instantes importantes de quando se “*está no Rosário*”.

No que se refere às relações entre alguns grupos, destinando convites de suas festas a outros ternos, caberia assim, a apreensão de alguns procedimentos executados pelos grupos no instante do festejo, sejam eles “destinados” a um Terno específico e/ou durante vários momentos no decorrer da festa, aqui já aludidos. Nestas “execuções” ou o que denomino por regimes de enunciação ritual, podemos enfatizar os instantes onde os ternos poderiam “ler sinais indicativos” da intencionalidade dos demais. Chamo atenção que devido a um espaçamento ambíguo onde

estes regimes de enunciação se desenrolam no contexto situacional do festejo, nem sempre as leituras de um terno coincidem com as ênfases de outro Terno em relação a seus procedimentos. O que acredito poder ocasionar “leituras distintas” no que se refere a “uma mesma execução ritual”.

Os procedimentos rituais devem assim, serem proferidos em instantes demarcados para tal, podendo ocorrer também de não se realizar tal procedimento em “momentos coerentes”, o que demonstraria falta de conhecimento dos fundamentos por parte de quem os realiza; algo também aludido como uma espécie de “sinais que poderiam ser lidos” por demais ternos⁷⁷.

Outro ponto que destaco é a ênfase do capitão de que ele havia “*pego alguma coisa*”, “*uma resma*”, durante a festa, o que podemos associar também a um dos possíveis “*efeitos do Rosário*”. É possível aludir à consideração de Marcel Mauss (2003) para fazer referência a certa relação entre o capitão e seu grupo. “A energia do rito, a do espírito e a do mágico são geralmente uma só. O estado regular do sistema mágico é uma quase completa confusão dos poderes e dos papéis.” (MAUSS, 2003, p. 123).

Cheguei a considerar que devido ao fato do capitão ter “*pego alguma coisa na festa*”, isso poderia “*abalar sua chefia em relação ao grupo*”, mas talvez seja o contrário. Como capitão, seria ele quem deveria “*pegar alguma coisa de ruim*”, e não o grupo. Como “*algo teria ido para ele*”, pois seria um dos “*mais fortes*”, teria assim “*cumprido seu papel de capitão*”, não permitindo que o grupo “*sofresse as conseqüências*”. E relembro Mauss novamente, pois me parece propício à situação, quem pensa a magia enquanto sistema são os filósofos, o mágico, as executa em ato. E aqui talvez caiba centrarmos nas ações realizadas por nossos interlocutores do que especularmos a partir das informações a nós conferidas.

“Quanto às representações, elas não possuem vida fora dos ritos. Em sua maior parte, elas não têm interesse teórico para o mágico, que só se exprime, na magia, por seus atos. Os primeiros a reduzi-las a sistemas foram filósofos e não mágicos: foi a filosofia esotérica que forneceu a teoria das representações da magia” (MAUSS, 2003, p. 123).

⁷⁷ Considerações sobre a “leitura de sinais”, seja entre caçadores ou estudiosos da arte, pode ser conferida em GUINZBURG, 1989.

3.4 Trindade e algumas controvérsias

Em julho/agosto do ano de 2007 iniciei minhas investidas para tentar conhecer alguns congadeiros da cidade de SJDR, visando empreender uma possível pesquisa de campo. Fui até a casa de um capitão de congada que informavam ser bastante comunicativo. O mesmo me recebeu muito bem, compreendia que eu estava interessado em conhecer o que faziam, ele e seu grupo, e que para isso pretendia acompanhá-los em alguns momentos durante um cortejo de congada, registrando, seja em fotografias e anotações, e posteriormente foram realizadas umas poucas e gravações de áudio e vídeo. Neste dia, que devia ser umas vinte horas quando cheguei a sua casa, permaneci até umas vinte e três horas e trinta minutos, e as demais visitas feitas em outros momentos, também ocorreram desta forma, longas e sem pretensões de se encerrarem. Sempre o capitão Z.M falava bastante e de diversos assuntos, inclusive de suas andanças na época em que era maquinista da rede ferroviária, conhecendo alguns locais onde ocorriam as festas de congado. Quando, posteriormente, também comecei a freqüentar a casa da lide M.A no bairro S.D em SJDR, ocorria o mesmo, só que as conversas e informações ocorriam na parte da tarde até de noitinha.

Neste primeiro contato que tive com o capitão de congada, ele falara bastante de um incidente que ocorrera quando estava no andaime de construção em sua residência, segundo ele o andaime “despencara de repente”. Ele teve então que saltar para trás e cair na laje de baixo, e que se não o tivesse feito iria cair uns três andares. Este fato havia passado despercebido por mim, apenas quando em uma das entrevistas, posteriores a alguns festejos, é que ele fizera alusão a este incidente, enfatizando que era um “*indício do que estavam preparando para ele na próxima festa*” (Z.M), a próxima festa a que se referia era a festa do bairro S.G, 2007, também em SJDR. Consultando posteriormente minhas notas, realmente lá estava registrado que o mesmo havia falado algo a respeito disso. Bom, neste primeiro contato, que ocorreu em uma terça-feira, ficou combinado de esperá-lo, juntamente com seu grupo, na “ponte do Rosário”, no centro de SJDR, pois iriam de ônibus fretado para Trindade, lugarejo simples, segundo ele, mas que seria muito bom, “no meio da natureza”. Explicou que o grupo estava indo para Trindade, pois não conseguira verba com a prefeitura para participarem da Festa de Congado na cidade de Itapecerica – MG, onde segundo ele, havia muitos grupos. Esta festa me pareceu uma espécie de

boa referência em se tratando de festas de congado, a festa de Itapecirica tinha certo prestígio por ser bem antiga, onde ternos de várias cidades se encontravam. Entre estes, os da cidade de Formiga, e sem contar “*os Moçambique chique mesmo*” que tanto o capitão Z.M aludira.

Itapeceirica ficava cerca de uns trezentos quilômetros de SJDR e como não conseguiram verba pela prefeitura da cidade⁷⁸, o terno de congado iria para Trindade que ficava próxima, “*atrás da Serra do Lenheiro, em uma hora mais ou menos a gente tá lá*” (Capitão Z.M). Neste primeiro contato, o capitão destacou várias considerações sobre os ternos de congado, entre elas, que eram uma manifestação afro-descendente, e que por isso apresentava um sincretismo religioso muito forte, me mostrara os quadros explicativos da congada como folclore, algo que ele costumava ensinar para as crianças quando era convidado para tal, me mostrara também seus bastões, sementes com que se faziam guias, sua sanfona que não era mais “levada” durante o congado, dentre outros diversos assuntos.

No domingo pela manhã, esperava então o ônibus na “ponte do Rosário”, chamada assim por se situar próximo à Igreja do Rosário em SJDR. Ponte antiga, assim como a “ponte da Cadeia”, próxima a atual prefeitura. Estas duas pontes serviam de ligação entre os dois lados de SJDR cortados pelo “córrego do Lenheiro”, hoje, o lado onde ficam as Igrejas das Rosário, Mercês, Pilar e Carmo, cada qual com sua Irmandade, é a região que mantém suas ruas e casarios “mais preservada”, do lado onde estão as Igrejas de São Francisco de Assis, de São Gonçalo e do Bonfim, é o “lado menos preservado” da cidade, onde se confundem muitas construções do século XVIII, XIX e XX.

As Irmandades da cidade não apresentam vínculos com os grupos de congado, seja a Irmandade das Mercês com o Terno das Mercês como a Irmandade do Rosário com os grupos que trazem o nome da mesma santa em suas bandeiras. O registro de existência da Irmandade do Rosário em SJDR me parece que data do ano de mil setecentos e nove, século XVIII, portanto.

Sentado no pequeno banco existente na ponte de pedra em uma manhã de domingo, situação que iria se repetir outras vezes, conferia meu caderno de campo, colocava a data e algumas coisas a observar, quantos eram, os nomes, etc. Não demorou e o ônibus virara a esquina, o capitão falara que iriam sair da casa da líder M.A no bairro do S.D por volta das sete horas da manhã, lá era onde guardavam as bandeiras e instrumentos do grupo de congado.

⁷⁸ Na época o capitão me mostrou um papel dado a ele pela câmara dos vereadores de SJDR, documento este onde anunciavam que as verbas para “cultura e esporte”, daquele ano, já haviam sido destinadas no início do ano.

Combinara comigo na ponte, pois era o mais próximo onde o ônibus iria passar de minha casa, como passariam por ali para “pegar” outros congadeiros, explicara o capitão, também me “pegariam”.

O ônibus então parou próximo à “ponte do Rosário” e apenas o capitão descera⁷⁹, o cumprimentei, ele já estava “todo vestido”, com um chapéu de palha com as abas frontais amarradas na parte de cima do chapéu, formando uma espécie “de bico para frente” de seu rosto, havia alguns espelhos tanto na frente quanto atrás, na parte detrás também haviam várias fitas coloridas pregadas na extremidade. De roupa branca, calça comprida e blusa de manga comprida, sapato também branco. Trazia ainda um berrante dependurado nas costas, dois bastões, segurando ambos com a mesma mão, além dos terços e guias dependurados pelo ombro e pescoço. Subi então no ônibus cumprimentando aquelas pessoas com rostos um tanto familiares, já os vira pela cidade, mas não os conhecia. Havia duas senhoras com as bandeiras no colo logo no primeiro e segundo banco, me sentei atrás das mesmas, o único lugar vazio. Alguns congadeiros iam em pé, mais ao fundo do ônibus, juntamente com os tambores, todos cantavam e tocavam os instrumentos, dentre eles xique-xiques, reco-recos, tambores e alguns pandeiros. Aliás, da ponte onde estava sentado já escutava as batidas e cantigas efetuadas pelos congadeiros, todos já com suas indumentárias. As bandeiras eram brancas com azul claro nas extremidades, todas as duas adornadas com flores de plástico e muitas fitas coloridas despendiam das mesmas, havia também um terço dependurado em uma delas, foi o que pude perceber quando entrei no ônibus.

Sentando-me no local vazio, observava os congadeiros cantarem e tocarem, o capitão ia em pé, na parte da frente do ônibus, não tentei conversar com os congadeiros neste momento, estavam todos envolvidos com a cantiga, apesar de cumprimentar com um aceno de cabeça ou com as mãos os que estavam próximos a mim. O ônibus percorria ainda as ruas da cidade, quando alguns enfatizaram, “*a Dona Antônia, a Dona Antônia!!!*”. Modificaram então a cantiga,

“Oh Sá Rainha chega na janela (2X) / Venha vê marujo, que lá vai pra guerra (2X)”.

Neste instante o ônibus parou, e entrou então uma senhora, no instante em que ela entrou, o grupo começou a cantar:

⁷⁹ Nos demais trajetos que acompanhei este Terno, sempre o capitão descera do ônibus quando alguém iria entrar ou sair do mesmo. Também sempre ia à frente do ônibus, na grande maioria das vezes de pé.

“Tá caindo fulô ta caindo fulô (2X) / Cai no céu cai na terra ô lê lê ta caindo fulô (2X).”

Dona Antônia entrou bastante sorridente, sentara-se a meu lado, era o único espaço vazio no ônibus. Cumprimentou-me, e após falar ora com um ora com outro, se virou pra mim novamente, fazendo alguns comentários sobre a satisfação de estar ali. Neste instante ficou mais fácil interagir com as outras pessoas do ônibus uma vez que aos poucos vinham cumprimentá-la, e esta conversava a quase todo momento com as senhoras sentadas logo a nossa frente.

Dona Antônia, após certo tempo, começara a me contar suas andanças pela Serra do Lenheiro para “*catar lenha*”, me contou também que tinha ficado muito doente havia pouco tempo, não podendo sair de sua casa⁸⁰. À medida que a paisagem se alterava já em uma estrada de terra “subindo a serra”, às vezes o grupo modificava a cantiga ao passar perto de um igarapé ou atrás de um rochedo.

Chegando ao lugarejo, o ônibus parara próximo à entrada da propriedade aonde iríamos posteriormente almoçar. Os membros desceram do ônibus e começaram a se organizar em formato de cortejo. De repente, uma senhora exclamou, “*a entrada é lá ó.* (esticando o braço e indicando com a mão) *Tem uma pontizinha lá*”. O grupo então se organizara e caminhara para a direção indicada, posteriormente, vim saber o nome desta senhora, era a líder e presidente d grupo, M.A. O grupo então andara uns quinhentos metros até o local, neste trajeto o capitão ia um tanto à frente do grupo, ora conversando com um membro, ora com outro. Os demais membros conversavam e riam bastante, comentando certos acontecimentos entre eles, em uma conversa bastante descontraída. No local indicado iniciou a formação do terno, bandeiras à frente, duas fileiras de pessoas, uma de cada lado da bandeira, o capitão Z.M encontrava-se logo atrás da bandeira, atrás desta estava Dona Antonia e atrás de todo o cortejo, também no centro das duas filas, estava uma senhora com uma bengala na mão, era a líder M.A. Como já havia conversado com o capitão e também com alguns membros a respeito da possibilidade de tirar algumas fotos, neste instante, quando o capitão estava de joelhos e esperava todos ficarem em seus lugares, fotografei. A cantiga que estava para se iniciar, e o grupo, que já estava na formação do lado de fora da porteira, antes da pequena ponte que demarcava o início da propriedade, se desfizera. Os

⁸⁰ A ênfase dada por alguns membros é que após pouco tempo de sua recuperação, Dona Antonia já acompanhava o terno em todos os trajetos. Destacavam sempre que era N. Sra. do Rosário que a permitia. Neste dia de Trindade, segundo informações adquiridas tempos depois, fui informado que D. Antonia havia acabado de receber “*alta do médico*”, pois “*havia passado por dois pontos de safena*”. A correlação entre o estado de saúde corporal, a devoção a N. Sra do Rosário e o Terno de congada começavam a aparecer para mim.

membros pediam para que os fotografasse “naquele lugar bonito”. Cada congadeiro, um por um, pedia então, para que tirasse fotos deles. O capitão, que já estava de joelhos para iniciar a cantiga abaixou a cabeça e se levantou. O grupo já se encontrava disperso, tirei algumas fotos e por mais que insistisse que bateria as fotos após formarem o cortejo e iniciarem as cantigas, não obtive sucesso. Em momentos posteriores, passado algum tempo que conhecia os membros do grupo, utilizei-me da máquina fotográfica novamente que, assim como o caderno de campo⁸¹, era uma espécie de estratégia para não ter que realizar alguma função nos momentos rituais, às vezes funcionava.

Naquele primeiro instante onde o grupo formara o cortejo e iria iniciar as cantigas, acredito que tenha sido uma péssima idéia retirar a máquina fotográfica, mesmo tendo conversado com a maioria dos membros a respeito disso no decorrer do trajeto até a pequena ponte.

O grupo então, iniciara novamente a formação após algumas fotografias, com o capitão de joelhos segurando em cada uma das mãos seus bastões, e chacoalhando-os entre suas falas, era respondido em coro por seu grupo que pronunciava “*salve!*” O capitão anunciava “a quem se destinava” a saudação e o coro respondia “*Salve!*”, permanecendo algo do tipo:

“Salve o Rosário / Salve! / Santa Efigênia / Salve! / São Benedito / Salve!”

O capitão continuara, e ao pronunciar cada uma das frases a seguir, o grupo em coro respondia a mesma novamente, até que era repetido pelo grupo apenas o “*Salve!*”.

*“Bom dia pra quem é de bom dia (capitão iniciava; grupo repetia em coro)
Boa tarde pra quem é de boa tarde (capitão iniciava; grupo repetia em coro)
Salve o povo da esquerda (apenas o capitão)
Salve! (grupo repetia em coro)
Salve o povo da direita (apenas o capitão)*

⁸¹ Foram poucas as vezes que tomei notas durante o trajeto de um grupo de congada, mas o fiz. Geralmente, escolhia um momento onde poderia parar e escrever, por exemplo, após uma “*saudação no mastro*” realizada pelo Terno do capitão M.o na festa do bairro S.G em 2008. Eu acompanhava o grupo, ficava próximo, posteriormente, sentando-me à beira da calçada ou em alguma sombra, escrevia em meu caderno de campo. Foi assim, principalmente em Resende Costa 2007, no bairro S.G 2008 e Rio das Mortes 2008. Em outras situações, e foram poucas as vezes que o fiz, como na “*saída da bandeira*” do Terno de M.A do bairro S.D, uma chegada a um café, um “*encontro entre dois grupos*”, eu registrava tudo em meu caderno ao mesmo tempo em que “as coisas ocorriam”. Tentava ter certa discrição, não ficando, por exemplo, em meio aos dois “capitães em saudação”. Permanecia a uma relativa distância e ia ao mesmo tempo fazendo as notas. Como enfatizei, estas notas foram poucas vezes realizadas ao mesmo tempo em que o grupo executava algum procedimento ritual.

Salve! (grupo repetia em coro)
Salve o povo do centro (apenas o capitão)
Salve! (grupo repetia em coro).”

Feita esta “introdução” ao messo tempo que indicava com as mãos e com os bastões os lados anunciados na oração acima, repete inicia a cantiga abaixo, não mais como uma oração mas já com o ritmo que será tocada posteriormente pelo grupo.

“bom dia prá quem é de bom dia / boa tarde prá quem é de boa tarde / ô boa noite pra quem é de boa noite / ô dá licença quem é da zero hora.”

O capitão ainda de joelhos era respondido pelo grupo que repetia o mesmo trecho da cantiga após ele a terminar. A seguir, ele cantava sozinho entre o trecho acima, que veio a ser o refrão cantado em coro pelo grupo e repetido novamente após o capitão:

“Nos viemos aqui nessa festa / O rosário nos viemos louvar / Nossa sinhora do rosário na frente / Santo Antonio imperador do lugar ôoo (?)”

“bom dia prá quem é de bom dia / boa tarde prá quem é de boa tarde / ô boa noite pra quem é de boa noite / ô dá licença quem é da zero hora.”

Então, o capitão levantara-se e puxando outra cantiga, que desta vez se tornaria novamente um novo refrão, cantado em coro pelo grupo, indicava para as bandeireiras iniciarem o trajeto por cima da pinguela até a entrada da casa na fazenda. Primeiro o capitão cantou, depois todo o grupo.

“Oh marinheiro é hora, é hora de viajar (2X)”.

Já no portão de entrada da fazenda o grupo novamente parou, o capitão ficou de joelhos e entoara:

“Ôh abre a porta, eu num abro não(2X) nem que seja coroné vovó Catarina já dexô (2X)”

Assim como nos trechos anteriores, o capitão, em meio ao som dos tambores, pandeiros, xique-xique, iniciou a cantiga e após duas repetições foi seguido em coro pelo grupo. Neste

momento, um homem que parecia ser o dono da propriedade se aproximou do Terno, que se encontrava parado no portal de entrada que dava acesso a uma área antes da porta de sua casa. Logo em seguida, uma mulher, que parecia ser sua esposa, também se juntou a ele. O capitão indicara para os mesmos segurarem as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário e a de São Benedito. O capitão levantou, e a cantiga cantada agora era “*O lêrê cabo de querê (2X)*”. Cantada inicialmente pelo capitão e posteriormente pelo grupo.

O cortejo seguiu então com os “supostos donos da casa” segurando as bandeiras o Terno, indo em direção à porta de entrada, estes, seguidos pelo terno de congado, que já entoavam uma cantiga já mais marcada e rápida. O capitão cantava algo sozinho e o grupo respondia apenas “*Canavia!*”⁸². Chegando à porta da casa, novamente o capitão parou o grupo e pediu que os donos da casa segurassem as bandeiras de frente para o terno. Na porta de entrada da casa estavam os donos da mesma, segurando as bandeiras, e o capitão puxara novamente a cantiga “*O lêrê cabo de querê (2X)*”. Realizada primeiro por ele e depois pelo grupo. Então de joelhos e diante das bandeiras, segurando seus bastões, um em cada mão, marcando a batida do grupo com as batidas dos bastões no chão, mudou a cantiga novamente.

“Me chamaro de carrêro, eu não sou carrêro não (2X) / Na fazenda em que eu trabalho meu irmão, carrêro é meu patrão. (2X)” (após o capitão cantar, o grupo repetia este trecho).

Quando o grupo repetiu a cantiga, anunciando então, ao invés de “*carrêro*”, “*boiadêro*”, o capitão colocou seus bastões no chão, cada um a seu lado, e de posse de seu berrante, que estava dependurado em suas costas, sendo um objeto comumente utilizado por vaqueiros para “*tocar a boiada*”⁸³, de frente para os donos da casa e de suas bandeiras, fazia gestos de cruz com a mão direita estalando os dedos e tocando ao mesmo tempo seu berrante, segurando-o com a mão esquerda. O grupo continuava a “*batida*”, o bailado e o coro – “*a toada*” – até que novamente o

⁸² Neste primeiro dia de contato não conseguira compreender o que o capitão cantava. Como estava mais próximo dos outros membros do grupo, não escutava. Devido ao acompanhamento do terno em outros momentos compreendi o que cantavam, o capitão cantava e o coro respondia “canavial”. “*Oh bota fogo na cana / Canavial / Ôh deixa a cana queimá / Canavial / Pra fazê a garapa / Canavial / Para o povo tomá / Canavial / eu não sou daqui / Canavial / sou do lado de lá / Canavial / eu vim pra esta festa / Canavial / foram lá me chamá / Canavial (2X)*”. Em outros momentos narrados nesta dissertação, quando falo a respeito de como o capitão se preocupava em ‘colocar’ as cantigas em momentos específicos do cortejo de seu grupo a descrevo com maior detalhe.

⁸³ “*Tocar a boiada*” é expressão comumente usada para pastorear o gado.

capitão proferia a frase seguinte da cantiga referindo-se a “*vaquêro*”, sendo posteriormente executada por todo o grupo.

Após executar esta seqüência duas ou três vezes, o capitão retornou novamente à cantiga, “*O lêrê cabo de querê (2X)*”. Levantou-se do chão e empunhando seus bastões, levantando-os, apitou ditando o ritmo da batida, ao abaixar seus bastões, a música executada pelo grupo cessara.

Durante todo este tempo havia uma senhora atrás e em meio às duas filas do cortejo, estava de posse de uma bengala, roupa também toda branca, com muitos colares de sementes e um “*Rosário*” no peito, e assim como os outros membros, um chapéu de palha adornado com fitas coloridas. Quando o grupo parou de tocar, frente às bandeiras e à casa que iriam todos entrar, perguntei a ela por que vinha atrás de todo o grupo e mais no meio das filas, sorrindo, respondeu em meio a algumas pausas na fala:

“é... que sou forte né (pausa) tenho que ir aqui porque daqui eu vejo todo mundo (pausa) seguro o grupo daqui (...) vejo o que tá acontecendo...!”. (Esta senhora era M.A a líder do grupo que, junto com o capitão Z.M, eram meus maiores interlocutores em campo).

O grupo então entrara na casa e foram em direção à cozinha, lá algumas cantigas também foram executadas, com os donos da casa segurando as bandeiras. Não me lembro ao certo quais cantigas foram executadas, não fazia mais o uso de gravadores nem de anotações no caderno de campo neste momento. O capitão pegou uma panela escura que estava no fogão, e que foi entregue a ele por um dos membros da casa, e começou a “defumar” vários ambientes da casa. Levava a panela com muita fumaça para alguns cômodos enquanto o grupo cantava e tocava. Posteriormente me explicou que as bandeiras, neste momento, estavam de frente para a porta dos fundos da casa e, “defumando” todo o ambiente, “*o que tinha de ruim pra sair dali, saiu*”.⁸⁴

É importante frisar este caráter de abençoar a residência que é aludida quando da visita de um grupo em uma residência, esta por sua vez, fornece alimento para o grupo. Bênçãos circulam de um lado, do grupo, através de suas ações e objetos rituais de um lado e de outro, se recebe comida, ou melhor, doam-se alimentos.

Logo após “*defumarem*” a casa, o grupo parara de tocar, as bandeiras foram deixadas na cozinha e os tambores colocados no sol do lado de fora para “*esticar o coro*”. No fogão à lenha, havia algumas panelas enormes no fogo. A maioria do grupo, que antes tocara dentro da cozinha,

⁸⁴ Algumas benzedeadas do grupo benzem as pessoas as sentando de frente para “a porta da rua”, esta última aberta.

já procurava se ajeitar no quintal na parte detrás da casa. Enquanto isso, o capitão conversava com o dono da casa, que já oferecia uma “*pinguinha*”, caso alguém quisesse tomar. O capitão falara então que não bebia, mas se os demais quisessem não haveria problema. O dono da casa distribuiu um pouco de cachaça e a seguir o capitão “assumira o garrafão”; “*agora quem quiser beber eu encho copo, se não daqui a pouco tem congadeiros meu deitado aí pelos canto.*” (Z.M, capitão de congado). Em muitos momentos de “*retirada de bandeira*” deste grupo, o capitão alertava aos membros do grupo para não aceitarem cachaça das mãos de outro capitão ou de outras pessoas externas ao grupo, sob o receio de se abaterem infortúnios seja sobre o grupo ou sobre o congadeiro que aceitara tal oferta. Neste contexto me parece que a posição “dono da casa” autorizava de alguma forma a oferta de cachaça, mas “assumindo o garrafão”, rapidamente o capitão Z.M retoma uma espécie de “controle sob seus homens”.

Durante este momento de oferta de cachaça e início do almoço pude então conversar com os congadeiros com mais calma, falar para eles que estava iniciando uma pesquisa para minha dissertação de mestrado, que não recebia remuneração para a mesma, e que decidira pesquisar o congado, pois a algum tempo já me interessava por aquela manifestação coletiva. Enfatizei que as fotos e anotações feitas eram para uso pessoal e possivelmente entrariam no trabalho final. Toda esta conversa era permeada por perguntas referentes à universidade, de onde eu era, se eu tocava no “*grupo de maracatu*”, dentre outras. Enfatizava então que havia nascido em SJDR, mas que estudava na Universidade Federal de Juiz de Fora a mais de quatro anos, e que não tocava no grupo de maracatu, pelo contrário, não os conhecia. Algumas outras vezes, pessoas do bairro do S.D, local de onde o grupo era, ao me verem na casa da líder M.A dirigiam a mim como se eu “*fosse o rapaz do maracatu*”, na maioria das vezes a própria líder ou outros membros do grupo que estavam por perto enfatizavam para muitas pessoas que eu não “*era do maracatu*”. Posteriormente percebi que o vínculo com o maracatu era aludido por eu ser universitário, sendo que a maioria dos membros deste “*grupo do maracatu*” eram estudantes universitários ou professores da rede pública de ensino.

Enquanto eu estava explicando minha pretensão de pesquisa e ao mesmo tempo conversando com alguns congadeiros, umas senhoras do grupo, Dona B.e e Dona M.e, ambas as bandeireiras do grupo pegavam algumas penas de galinha d’angola espalhadas pelo terreiro, devem ter conseguido por volta de umas dez penas, todas muito bonitas. O capitão, que estava com o garrafão na mão e prestando atenção em seus congadeiros viera até nós, que estávamos do

lado de fora da casa. Ouvindo a pergunta de alguns congadeiros, se eu “*era do maracatu*”, ele chegara perto enfatizando para os mesmos que eu era da universidade de Juiz de Fora e queria acompanhar o grupo deles pra tentar aprender um pouquinho sobre o congado, conforme eu também já havia enfatizado. Algumas senhoras então se referiram a festas que eu não podia deixar de ir.

Neste intervalo onde o grupo parou de tocar e se acomodaram para receber o almoço, o capitão começara a falar então sobre o grupo de maracatu de SJDR. Que eles haviam tocado em algumas festas do Rosário da cidade de SJDR e estavam começando a ser “*atração principal*” no dia da festa. Enfatizou que o grupo queria ser um dos últimos a tocar, chegavam, tocavam, às vezes almoçavam durante o festejo, com os congadeiros, e iam embora, “*não agradece nem as festeira nem nada*” (Capitão Z.M).

Percebi posteriormente que algumas ênfases do capitão se referindo a este grupo, estavam relacionadas aos procedimentos executados na festa pelos grupos de congado, mas que não eram efetuados pelo “*grupo de maracatu*”. Quando considera que o grupo queria ser o último a tocar, não podemos esquecer “o papel” do Moçambique no final de uma procissão que ocorre no dia da festa de domingo, com o Moçambique “indo à frente” do andor de N. Sra. do Rosário, conduzindo-o e, consecutivamente, sendo o último a tocar antes “*da santa entrar na Igreja*”. Tal como enfatizei anteriormente ao descrever “*a entrada da santa na Igreja*” realizada pelo “Terno de Moçambique e Catopé de N. Sra. do Rosário e São Benedito” do bairro S.D do capitão Z.M e da presidente e líder M.A na Festa do Divino em 2008 na cidade de SJDR.

Retomo as considerações sobre o grupo de maracatu, momento onde o capitão começou a me apresentar alguns dos procedimentos rituais de um grupo de congado nas festas do Rosário, apresentando então a seguinte transcrição:

“*Gente, se você tá num lugar, ocê tem que respeitá o que aquelas pessoa faz (se referindo às festas de congado) (...), ocê num pode chegar assim e ... ó. Pode ser, sei lá, que num acredita, num sei, mas tem que respeitá, e se num acredita pra que que vai lá então, não entendo...?!*” (Z.M, capitão de congado).

Neste dia o capitão começou a me oferecer o que os ternos de congado faziam nos momentos da festa. Enfatizou ainda que o terno estaria naquele local, Trindade, “*sem receber um centavo*”, no meio da natureza, não estavam indo “*dar show*”. Estavam ali por causa do “*Rosário*”, “*estavam no Rosário*” e isso era o importante segundo ele, não importava quem

tivesse assistindo. Acentuou ainda que gostava bastante da “batida” deles (do maracatu), com “aqueles tambores grandes”, (se refere aqui à *alfaia*, tambor feito de tronco de árvore e couro usado nos maracatus), que faziam, segundo o capitão

“(...) um barulhão bonito, que parece um trovão aqueles tambor (...) os instrumentos de cabaça lá, com um monte de mulher jogando aquilo pra cima (se referindo aos ‘agbés’ do maracatu), com umas saias tudo colorida, aquilo é muito bonito. Mas se vão no Rosário gente (pausa) tem que respeitá ué?! Tem hora de chegá, tem hora de sair, hora de farreá, tem hora de louvar o santo, tem hora pra tudo, tem que respeita. Agora se eles num acredita lá, num sei, se não ficam para a procissão, se não vão buscar andôr, o que é que tão fazendo lá?! Vai lá pra quê?! Tá bom pode participar(...) eu acho é que tem mesmo, é bom... Porque sabe, é coisa chique mesmo o que eles faz... (pausa) mas no Rosário gente(...) quem sabe das coisa ali é os capitão de congado, tem que pedi licença..., num é a terra deles, eles num tem que ir lá dá show... o que eles faz é isso, eles dão show! E o Rosário não é lugar disso não. Ocê tá me entendendo, cabe todo mundo... num tem problema não, num é preconceito, mas tem que respeitá.” (Z.M, Capitão de congado)

Eu já sabia de algumas considerações deste capitão em relação ao “grupo de maracatu”, mas quando iniciara os diálogos com os congadeiros, explicando que não pertencia ao maracatu (este que podemos considerar como um mal entendido produtivo), não imaginei que “o assunto” pudesse me oferecer tantas possibilidades de reflexão. Comecei a perseguir então o que os congadeiros me ofereciam, o dado relacional para conduzir minha observação (VIVEIROS DE CASTRO, 2002a), o que neste primeiro instante tornava-se norteador da minha tentativa de compreender o que um grupo de congado fazia durante o cortejo.

Este dado oferecido na relação, de me atentar um pouco para o que formulavam a respeito deste “grupo de maracatu”, assume aqui a proposta de tentar perseguir os agentes em suas associações (LATOURE, 2006) oferecidas em decorrência do contexto da Festa do Rosário e das formulações que articulavam para dialogarem em uma situação de pesquisa etnográfica (WAGNER, 1981).

Comecei então a seguir este *dado*, explorando as ênfases feitas pelo terno de congado no que se referia aos procedimentos não executados pelos grupos de maracatu no contexto da festa. Foi isso que norteou então todo meu entendimento sobre o que o terno queria dizer quando usavam a expressão “*estar no Rosário*”. Como disse, já havia me atentado para o vínculo entre o maracatu e os grupos de congado quando fui à casa do capitão Z.M para “*saber sobre o congado*”. Até que neste dia, ele me convidou para acompanhá-los até Trindade. Antes de ir à

casa de Z.M, na terça feira, antes da ida até Trindade, havia encontrado com um membro do maracatu que conheceu durante a abertura do “Festival de Inverno” de SJDR em 2007, abertura que contou com o desfile de dois grupos de maracatu e um grupo de congado. Os grupos de maracatu eram o M.u e o A.b, e o grupo de congado presente era o do capitão R.C, grupo também do bairro S.D, o qual tentei entrevistar neste dia mas não consegui estabelecer muita conversa.

O membro do maracatu que eu conheceu neste dia (que havia sido do grupo de maracatu M.u e agora era membro do grupo A.b), quando o informei que estava para conversar com o capitão Z.M sobre o congado (isto era no domingo e iria à casa de Z.M na terça feira), ele prontamente me disse, “o *capitão de congado né?!?*”, perguntei então se ele o conhecia. Este rapaz, chamado P.e, no momento tocava no momento grupo de maracatu A.b e havia me dito que este capitão avisara pra ele e para outros membros do maracatu que o grupo deles (fazendo referência ao grupo de maracatu M.u) iria separar. “*Ah foi lá no dia da festa do bairro S.G, ele chegou assim e falou lá pra gente ‘ô... ocês firma aí porque tem capitão de congado de olho no grupo d’ocês aí’*” (P.e, membro do grupo de maracatu A.b). Outro rapaz, também membro do grupo de Maracatu A.b e que também tinha sido membro do Maracatu M.u, me confirmou esta história.

“ah ele falou sim, foi por causa de um dia lá que a gente (o maracatu) ficou tocando um tempão depois que os grupos de congado tocaram, foi no largo do São Francisco, num era festa de congado não, mas no bairro do S.G uma hora lá é que ele falou que o grupo da gente ia acabá rachando, (...) que tinha muita gente de olho.” (“A.e”, membro do grupo de maracatu durante um ensaio do grupo).

Algumas considerações é preciso fazer antes destas formulações. Após as “*considerações sobre os maracatus*” em Trindade, percebi ser importante me inteirar sobre a situação do grupo de maracatu. E também comecei a ir atrás de alguns participantes, fazendo perguntas durante e após o ensaio destes. O grupo de maracatu que eu estava entrevistando já era o grupo a que o capitão aludira que iria rachar, ou seja, o grupo com o qual eu fiz algumas entrevistas já era o “grupo separado”, se assim posso dizer, ou seja, o grupo de Maracatu A.b.

Inicialmente, o grupo de maracatu M.u parece ter iniciado na cidade de SJDR com intuito de realizar um projeto de extensão da universidade na comunidade do bairro S.G. Segundo alguns informantes houveram oficinas de maracatu ministradas no galpão em frente à Igreja, o mesmo galpão onde é oferecido o almoço aos tenros de congado durante a Festa do Rosário do bairro

S.G. O que consegui compreender destas entrevistas, que eram mais conversas informais, obviamente informando aos mesmos que eles também estavam sendo pesquisados, é que destas oficinas no bairro S.G surgiu o “*Grupo de Maracatu M.u*”, um grupo percussivo que tocava maracatu, que após algum tempo “*rachara*” (assim diziam os congadeiros).

A partir da ênfase do capitão de congado, é possível perceber que ele relaciona este acontecimento, do grupo haver separado, às atuações deste grupo de maracatu, M.u, nos festejos do Rosário, onde havia “*capitão de congada de olho neles*” (Z.M, capitão de congado). Da separação do “*Grupo de Maracatu M.u*” originou-se outro grupo, o “*Grupo de Maracatu A.b*”. Este último continuou as atuações nas Festas do Rosário. O outro, que anteriormente participava dos festejos, concentrou suas atividades em oficinas de percussão. Ambos os grupos tinham a prática de saírem em cortejo, mas apenas o A.b ainda “*vai aos cortejos*” durante as festas do Rosário, inclusive recebem convites dos Ternos. Daí minhas entrevistas se concentrarem nestes últimos, não me estendendo para o grupo que não mais acompanhava os festejos do Rosário.

A ênfase dos congadeiros, neste primeiro instante de campo, ainda em Trindade, direcionava-se então à atuação dos “*grupos de maracatus*” durante os festejos do Rosário. O que foi central para oferecer um contraponto ao que era realizado pelo terno de congado para atuação na mesma. Foi a partir deste momento, do lado de fora da casa localizada em Trindade, que o capitão começou a denominar o que era necessário, segundo ele, para “*estarem no Rosário*”.

Esta noção “*estar no Rosário*”, se assim podemos colocar, servia de início como forma do grupo se referir à própria atuação durante o momento em que o terno de congado estava nos momentos do festejo, utilizando de contraponto para isso a atuação do grupo de maracatu. Nos momentos posteriores durante o campo, o grupo e o capitão foram utilizando-se de outros contrapontos para se referirem ao “*estar no Rosário*”. Assim, tal noção foi formulada a partir do que era enfatizado pelo capitão e por demais membros do grupo sobre os procedimentos rituais dos diversos grupos no contexto situacional dos festejos de N. Sra. do Rosário. O “*estar no rosário*” foi então enfatizado pelo terno a partir de algumas controvérsias, faziam referência então a seus próprios procedimentos em momentos específicos do festejo contrapondo aos procedimentos efetuados por outros grupos.

Tal preocupação por parte dos congadeiros, referente ao “*estar no Rosário*”, quando comecei a acompanhar o referido Terno, era direcionada aos demais grupos, primeiro aludindo ao grupo de maracatu e depois a outros grupos de congada, posteriormente, comecei a perceber que

os “cuidados necessários” para estarem na festa, eram também direcionados ao próprio grupo. No que se refere à formação em cortejo pelo grupo, havia precauções relacionadas ao próprio corpo dos congadeiros que era necessário que seguissem para atuação no momento festivo, o que visava a um fim específico, “*permanecer firme no Rosário*”. Precauções sempre lembradas aos congadeiros tanto pelo capitão Z.M, quanto pela presidente M.A. Alguns cuidados e ações eram necessários, seja por parte do grupo como um todo, ao estarem juntos em formação de cortejo no espaço da festa, seja por parte dos congadeiros, com cuidados e restrições, visando sempre a “*estarem no Rosário*”.

Enfatizo novamente que esta noção foi se constituindo ao longo da experiência etnográfica, apresentando um caráter processual, onde inicialmente se referia a grupos supostamente “estranhos à festa” que “*não estavam no Rosário*”, para posteriormente se direcionar a outros “grupos existentes na festa”, até a consideração das próprias ações do grupo no contexto festivo. Em todos os três momentos a noção “*estar no Rosário*” estava presente e se mostrava importante. Então, por diferenciação, aquilo que não era para ser feito ali no Rosário, foi de início a principal ênfase dos membros do grupo, principalmente do capitão. Utilizava para isso de alguns grupos como referência, tanto de SJDR, como os de Itapecerica, “os Moçambique chique mesmo” (Z.M Capitão de congado). Sejam estas referências contrárias ao que seu grupo fazia ou afins, era assim que o capitão ia demarcando as possíveis atitudes de um terno nas diversas situações que poderiam advir durante os festejos e os cortejos de um Terno.

Neste dia em Trindade, como a ênfase foi direcionada para o maracatu, comecei a realizar nos dias posteriores entrevistas com os mesmos, perguntando sobre as festas do Rosário e tentando, em vão, saber algo sobre o surgimento do grupo. Enfatizo novamente que o grupo que eu estava entrevistando, era o grupo já separado, composto, segundo seus membros, por noventa por cento dos membros do grupo de maracatu inicial, o “*Grupo de Maracatu M.u*”, que formaram então o “*Grupo de Maracatu A.b.*”. Acredito que apenas o líder o M.u e alguns pouquíssimos membros permaneceram neste grupo e, como disse, infelizmente não consegui coletar a versão deste membro do M.u sobre a separação do grupo.

Como pude presenciar nas festas do bairro S.G, do bairro S.D e do local denominado Caburu (S.G.A) todas em 2007 e 2008, o “*Grupo de Maracatu A.b.*” participava destes festejos. Realmente, como enfatizado pelo capitão, não chegavam pela manhã para “*saudarem os mastros*”, não “*entravam na Igreja*” e não “*tinham reis congos*”. O grupo se restringia a algumas

apresentações antes da “*Missã Inculurada*” ou então antes do almoço. No bairro S.G em 2007 o grupo também foi “*buscar um andor*” para a missã. O grupo cantava cantigas pertencentes aos “*maracatus de Recife*” e outras, a maioria, aliás, escritas pelos próprios membros. Não tinham uma bandeira do grupo. As atitudes não realizadas por estes grupos de maracatu durante o espaço da festa, enfatizadas pelo capitão de congada, é que tornou possível, em primeiro momento, direcionar a atenção para os momentos de “*agradecimento do café e almoço*”, “*saudação ao entrar e sair de uma Igreja*”, “*a busca de um andor para a Missã Inculurada*” e a procissão após a mesma missã. Estas atitudes seriam centrais, mas não determinantes para quem “*estivesse no Rosário*”. Tempos depois é que percebi também as ênfases por parte do Terno em “*retirar a bandeira*” do local em que estava guardada, na casa da presidente M.A e a “*entrega*” da mesma ao fim do dia festivo, assim como os diversos “*momentos preparatórios*”, de cuidados como banhos e “*firmezas*”, já anunciados.

Para enfatizar que o congado não era um grupo de “*dar show*” (Z.M capitão de congado), que não se preocupavam em ter público ou não, é que a dimensão de devoção também começou a me ser despertada. Falava-se muito entre o grupo que acompanhei de “*missã*”, que os membros do congado, ao “*sair com a bandeira*”, estavam “*cumprindo uma missã*”.

Chamo atenção que este posicionamento durante os festejos do Rosário, seja do grupo de maracatu ou dos ternos de congado, anunciavam certas controvérsias referentes à atuação em um mesmo espaço festivo. A postura, o entendimento e as ações executadas por ambos os grupos neste mesmo espaço eram vistas como distintas. O “*estar no Rosário*” era algo que assumia para o terno determinadas conotações quando relacionado ao momento do festejo, e algo que podemos tomar como “*um análogo*”, que pode fazer alusão ao que o grupo de maracatu fazia, seria o “*fazer um baque*”. Os membros deste grupo se referiam a “*ir fazer um baque lá na festa do rosário*”. Esta última não envolvia então certos procedimentos a serem efetuados nos mastros, com outros grupos, com as festeiras, etc.

Na percepção dos congadeiros, apesar do grupo de maracatu ir “*fazer um baque*” na festa do Rosário, isso não os impedia de serem afetados “*pelos efeitos do Rosário*”. Justamente por não executarem determinados procedimentos necessários é que o grupo, segundo os congadeiros, estaria sujeito a possíveis “*efeitos do Rosário*”, aqui no caso, infortúnios, como, por exemplo, de o grupo “*ter rachado*”.

É com estas considerações, sobre a separação de um grupo de maracatu que não apresentava nenhum fundamento para participar nas festividades do Rosário, pois apenas “*davam show*”, e sobre os “*efeitos do Rosário*” que possivelmente teriam incidido sobre estes, isto porque não teriam realizados certos procedimentos enfatizados pelos congadeiros, é que iniciei minha pesquisa de campo. Estes dados oferecidos inicialmente pelas “interações do campo” me direcionaram ao que acompanhar, pois isso era o oferecido como dado na relação (VIVEIROS DE CASTRO, 2002a). Com a proposta de não trazer questões antropológicas a serem identificadas em campo, como cultura popular, religiosidade afro, dentre outras formas de linguagens distintas à linguagem ritual efetuada pelos ternos em cortejo, perseguir algumas controvérsias (LATOUR, 2006), oferecidas pelos congadeiros em campo tornou-se central e direcionador da abordagem aqui realizada. Assim como certas limitações visíveis à abordagem.

Por outro lado foi possível atentar para este agenciamento ou arregimentação da multiplicidade ritual, “*o estar no rosário*”, consideração nativa e teoria etnográfica sobre as relações, os cuidados e as ações a serem realizados por um terno de congado no momento em que “*saíam em cortejo*”. Desde a ida até Trindade, início da pesquisa de campo, foi isto que foi norteador das perguntas e questionamentos aos congadeiros, e, obviamente à medida que me apresentavam outras questões, como o contato com certas entidades do panteão afro-brasileiro, tentava incluí-las em meus direcionamentos, é claro, não tentava incluir a todas as considerações, isto seria impossível.

Assim, realizando a presente dissertação, percebi haver uma relação entre “as interações dos grupos com certas entidades”, sejam eles santos, ancestrais mortos, orixás e guias, que por sua vez eram anunciados durante certos procedimentos simbólicos e rituais, e ainda, o vínculo entre estes procedimentos realizados em instantes específicos do contexto da Festa do Rosário (“*no encontro entre bandeiras*”, por exemplo), com aqueles de troca de convites entre os grupos, o que, aliás, permite às redes festivas estabelecer-se entre os ternos, se estenderem ou não. Rede festiva que utiliza aqui mediador não apenas humano, mas também mediadores não-humanos para criarem laços sociais ou produzirem um social (LATOUR, 2006).

O “*estar no Rosário*”, envolvia então estas dimensões acima anunciadas e ainda outra, referente à posição de cada grupo no festejo, que apesar de apresentarem uma hierarquia entre os mesmos, esta não se sobrepunha aos possíveis “*efeitos do rosário*”.

Enfatizo novamente o caráter contingencial da construção desta noção, assim como a ênfase de que a mesma pode ser entendida teoricamente *como se* fosse alguma entidade caracterizável (LEACH, 1996). A formulação “*estar no Rosário*” enquanto ficção etnográfica, conferindo às formulações nativas possibilidades de diálogos sem aludir a um regime de verdade, levando a sério o que dizem os agentes (VIVEIROS DE CASTRO, 2002a) e não tentando explicá-la a partir de uma linguagem científica externa à linguagem do fenômeno acompanhado, poderia conferir então à formulação um caráter de inventividade através da relação entre culturas, a saber, a relação entre a cultura do antropólogo e a dos grupos de congado com o qual dialoga (WAGNER, 1981).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na interação de campo foi enfatizado o que era tomado por certo grupo como fundamental para “*estarem no Rosário*”. A ênfase nesta expressão enquanto uma construção para se referir à atuação do terno nas festividades envolvia considerações a outros grupos, podendo enfatizar também certas mediações com entidades não-humanas utilizadas e executadas com o objetivo de “*estarem no Rosário*”. Certos “cuidados” e “precauções” para entrar em contato com estes que seriam os “mediadores” das relações durante este tempo/espço constituído quando da “*retirada da bandeira*”, eram então fundamentalmente necessários⁸⁵. O contato com os antepassados escravos africanos (denominado também de “*os antigo*”) como também com os santos, e incluo aqui as possíveis entidades das religiões afro-brasileiras⁸⁶, faziam a mediação das relações existentes durante o cortejo do congado.

A relação com os mediadores, por parte do grupo, tinha ao mesmo tempo o objetivo de reforçar o contato com estes, como também visava a uma “*firmeza*” a ser realizada para a atuação durante a festa. O “*estar no Rosário*” estava ligado então à extensão de algumas relações sociais por parte dos congadeiros a “estas entidades”, seja reforçando o vínculo entre o grupo e estes mediadores ou utilizando-se de tal relação para permanecerem “*firmes no rosário*”⁸⁷.

As interações a que os congadeiros aludiam para se referirem ao período da festa foram, na medida do possível, perseguidas e enfatizadas para a presente dissertação. Tomada de início aqui como um “desvio” oferecido pelos interlocutores, levaram-me a outros lugares e a outras ênfases, percebendo que as interações eram transbordadas de outros atores, não permanecendo os congadeiros centrados apenas nos contextos que os encerravam, para relembrar as ênfases de Bruno Latour (2006). Estas diversas camadas de sentido, que permearam a Festa do Rosário, me remeteram tanto ao período do tráfico negreiro para o Brasil, a processos de dinâmicas sincréticas quanto, mesmo que de forma incipiente, a certas políticas culturais atuais, quando nos referimos a financiamentos de fundos de cultura para “projetos culturais”, que exigem certas definições as

⁸⁵ Alguns destes “cuidados” que me foram enfatizados, entre eles estão, banhos de ervas, restrições sexuais antes do festejo, rezas e novenas anteriores ao festejo, preparação dos colares ou “*guias*” seja com banhos ou acendendo velas junto a estes, “*benzeções*” realizadas também antes e posteriores ao festejo, “*consultas*” a pais de santo do candomblé, dentre vários outros. Além é claro dos próprios procedimentos do terno durante o festejo

⁸⁶ Isso na tentativa de não estabelecer aqui uma hierarquia entre santos católicos e entidades afro-brasileiras, tendo uns como “oficiais” e outros como “subalternos”.

⁸⁷ Talvez o contato próximo com as entidades seja para “*firmar o grupo*” objetivando a atuações no contexto festivo. Não bastaria assim apenas estar em contato com as entidades durante o “*estar no Rosário*”, este contato visaria então a auxiliá-los, os congadeiros, nas execuções necessárias durante o cortejo.

quais não se referem diretamente ao saber daqueles que praticam uma “manifestação cultural”, seja lá o que for esta definição.

Desta maneira, alargando de certa maneira o campo de pesquisa em decorrência destes transbordamentos de sentido, é que tive que realizar algumas visitas a um terreiro de candomblé do Rei congo do grupo, entrevistar um grupo de percussão de maracatu, grupo estes formado por oficinas de percussão e que apresentavam certo vínculo tanto com o terreiro anunciado como a oficinas de maracatu em Recife. Perseguir estas conexões oferecidas quando acompanhado o contexto situacional dos congadeiros poderia direcionar esta pesquisa, por exemplo, a diálogos sejam eles entre congado e o candomblé, o congado e o maracatu ou mais detidamente entre financiamento artístico ou simplesmente arte e ritual.

O grupo de maracatu que acompanhava os festejos do Rosário não se preocupava em realizar certos procedimentos que visassem a “*estarem no rosário*”. Destacava-se então, o forte “vínculo artístico” deste grupo, que os congadeiros consideravam como “*grupo percussivo que tocava maracatu*”. Inclusive discussões acerca da “apropriação e remodelagem” destes grupos de Pernambuco que também coroam Reis Congos, as “*Nações de Maracatu*”, ofereciam de início, inúmeras opções de abordagem.

Quero chamar atenção que a conexão oferecida pelos congadeiros e perseguida aqui, foi relacionada às ações que visavam a um contato com as entidades e que coincidiam com os procedimentos realizados por um grupo durante determinados momentos da festa. Não que priorizara o contato com as entidades para a observação de campo, mas elas estavam estreitamente relacionadas com o que eu estava adotando como prioridade para direcionar a pesquisa; “*o estar no rosário*”. Esta por sua vez, anunciava considerações sobre o relacionamento entre os ternos e também sobre as praticas dos grupos durante a Festa de N. Sra. do Rosário, assim como de seus possíveis resultados.

Os procedimentos simbólicos realizados, sejam eles em um mastro, na Igreja ou num cruzeiro, despertavam a atenção de demais grupos que poderiam convidar para seu festejo quem, para eles, executava de determinada maneira estes procedimentos, algo que estabelecia então um canal de comunicação com outros ternos e também com os ancestrais e entidades aludidas pelos congadeiros nestes instantes. Os procedimentos efetuados durante o “*estar no Rosário*”, proferidos tanto às entidades como para o contato com uma espécie de sagrado⁸⁸, eram também

⁸⁸ “Sagrado” que eu não almejei precisar aqui.

os meios pelos quais os ternos estendiam seus convites aos demais grupos, ocasionando que a formação de uma rede de festas a participar, por parte de um grupo, era mediada por seus procedimentos durante o momento em que “*estavam no rosário*” e proferiam suas saudações no contexto festivo⁸⁹.

O contato com as entidades anunciadas pelos congadeiros durante o “*estar no Rosário*”, tornou-se de possível formulação uma vez que levado a sério as associações proferidas pelos interlocutores durante os regimes de enunciação ritual do festejo. Levar a sério, como enfatiza Viveiros de Castro (2002a), não envolve considerarmos as formulações outras sob um mesmo regime de verdade científica, mas garantir a possibilidade de diálogo com esta a partir do que os congadeiros nos oferecem para comunicação. Não pretendo aqui sobrepor outras formulações de linguagem às considerações dos interlocutores, isso levaria a uma explicação de uma forma de linguagem por outra; considerações a formulações outras através de uma linguagem distinta à do fenômeno. Não há a intenção também, de descortinar algo por detrás das formulações nativas, utilizando-me para isso de formulações filosóficas, mas tomar as considerações dos outros sob um mesmo patamar epistemológico visando à produção de noções ou conceitos. O “*estar no Rosário*” entraria então como uma teoria etnográfica (GOLDMAN, 2006). Para isso, era necessário então, levar a sério as formulações dos congadeiros quando estes anunciavam relações referentes ao “*estar no Rosário*” que envolviam o contato com algumas “*entidades*” (incluindo aqui os santos, orixás e ancestrais) e demais participante do festejo, como reis e rainhas, festeiros, padres, ternos de congada, etc.

Enfatizo para esta dissertação que a noção “*estar no Rosário*” foi um enfoque que permitiu certa compreensão tanto do processo ritual de produção, quanto do uso e transmissão de certa forma expressiva. O que permitiria também considerar, em certa medida, a análise da experiência e da percepção das ações desencadeada em quem participava do festejo.

A noção “*estar no Rosário*” fora formulada a partir das relações e das experiências etnográficas, enfatizando a abordagem dos congadeiros no que diz respeito ao que faziam para se constituírem enquanto grupo de congado. A partir da proposta de perseguir os agentes nas possíveis associações que estes nos ofereciam (LATOUR, 2006), enfatizei o que o terno de congado acompanhado aludia inicialmente sobre “*outros participantes*” do festejo. As

⁸⁹ Relembro que estes momentos de saudação poderiam apresentar forte ambigüidade, como é o caso do “*encontro entre bandeiras*”, onde saudação e conflito eram fortemente interligados. Despertando então para o caráter contingencial para a formação destas “redes de festas Rosário”.

considerações do Terno acompanhado foram inicialmente sobre um grupo de maracatu que participou de algumas festas em SJDR, o que ocasionou controvérsias enfatizadas por eles e relativas à atuação na festa por parte deste grupo. Este dado oferecido a partir da relação etnográfica é que possibilitou, em primeiro momento, a ênfase do Terno de Congado sobre o que seria “*estar no Rosário*”, e consecutivamente, oferecendo “certo objetivo” para o trabalho de campo.

Sem a pretensão de criar um conceito ou categoria que justifique tais festejos, e a “atuação congadeira”, mesmo porque a percebemos antes como atualizações que oferecem algo próximo de uma “teoria etnográfica” ou “ficção etnográfica”, a partir de uma experiência, esta formulação pode ser aludida aqui como possibilidade de metaforizações através do espaço de multiplicidade que permeiam os instantes rituais acompanhados.

Relembro ainda, que os procedimentos efetuados por um terno em alguns instantes rituais, podem por sua vez, despertar a atenção de outro terno para suas execuções, e em outro instante, “afastar” este possível grupo que outrora poderia lhe convidar para participar de seu festejo. Destaco que os momentos onde são efetuados estes procedimentos, “*saudação entre bandeiras*”, a “*saudação a um mastro*”, “*saudação no cruzeiro*”, são tempos/espacos fortemente marcados por certa ambigüidade, onde a saudação e o possível conflito estão entrelaçados; como anunciado nas descrições do capítulo três.

Levando a sério o que congadeiros anunciavam sobre os possíveis mediadores das relações que envolviam o festejo, foi possível considerar o contato com os ancestrais, entidades e santos, realizados pelos grupos de congado também neste espaço do “*estar no Rosário*”. A extensão de certas relações a estes mediadores, das interações no período do festejo, se tornou possível quando foi garantido o mesmo grau epistemológico ao pensamento dos interlocutores. Levar a sério as questões proferidas por outros, não envolveria assim acreditar ou não em suas formulações, mas garantir a possibilidade relacional de pensamento sob um mesmo patamar de igualdade.

Não foi aludido então, na possível reflexão aqui realizada, a relação com a veracidade das anunciações proferidas pelos congadeiros, que dentre outras coisas, destaco a que se refere à “*aparicação da santa*”, de N. Sra. do Rosário, seja a contada pelos Catopés ou pelos Moçambiques. Não cabe escolher qualquer uma das “*duas versões míticas*” como verídicas, mesmo porque o espaço no qual elas se desenrolam não me parece enfatizar um regime de verdade ou algo

determinístico à maneira dos procedimentos científicos (LEVI STRAUSS, 1970). A ênfase de minha parte centrou-se então, em algumas poucas relações entre estas duas narrações sobre a aparição da santa e de seu caráter metafórico no contexto da festividade.

Ciente também de que a descrição do festejo do Catopé seria central para a contraposição ao festejo do Moçambique, me restringi aqui apenas a algumas anunciações daquelas festas, algo que não possibilita, de toda maneira, uma possível comparação, que pretendo realizar futuramente. Retorno então às anunciações do Moçambique, aludindo aos demais grupos participantes do festejo, e a do Catopé, que também alude a outros grupos. O objetivo não foi o de demonstrar quem teria “*levado a santa*”. Parece que a discussão não pode estar centrada sob este eixo, pois como os mesmos se referem, “*é tudo congado, tem as diferença, mas é tudo congado*” (I.v, Chefe de Catopé). Não caberia então utilizarmos uma forma de linguagem estranha ao fenômeno acompanhado, almejando explicá-lo, algo que revelaria uma introjeção, por nossa parte, de uma hierarquia entre formas de pensamento⁹⁰. A relação aqui proposta está centrada nas anunciações sobre o “*estar no Rosário*”, o que talvez possa servir de contraponto a possíveis “formas de explicação” estranhas ao festejo, tal como os diversos decalques teóricos (BATESON, S/D).

Não pretender a um regime de verdade ou à explicação do fenômeno a partir de uma teoria estranha a ele, permitiu certo direcionamento para algumas questões proferidas pelos agentes e suas possíveis “disputas anunciadas” durante o festejo. Isto possibilitou também seguir uma hierarquia entre os grupos existentes no momento ritual, hierarquia aqui aludida a partir da proposição de Victor Turner sobre uma “*hierarquia liminar*”, e a possibilidade de a desvincularmos das possíveis fortunas e infortúnios que poderiam advir de quando se “*está no Rosário*”. Acredito que este ponto mereceria atenção futura.

Acompanhar um terno nesta rede festiva em constituição teve por objetivo perceber então certos mediadores utilizados no contexto das interações e como eram constituintes e constituídos neste momento relacional, ou seja, através de “possíveis intervenções” entre a associação ou dissociação entre os ternos. Isto porque estes mediadores, na percepção dos agentes, foram colocados durante a etnografia como centrais no que se refere ao “*estar no Rosário*”. As intervenções dos mesmos na interação entre os grupos foram anunciadas nas cantigas em

⁹⁰ A consideração de que uma forma de linguagem seria capaz de explicar as considerações de outra forma de linguagem é que revelaria a introjeção de uma hierarquia entre as formas de pensamentos distintos. (BATESON, 1990).

diferentes momentos do festejo, seja com um terno demonstrando sua ligação com a ancestralidade:

“Oh mais velho eu já fiz a promessa / Eu vou te contar, o diá que eu num pude mais cantá / Vou sentá no meu toco eu sou preto velho (de láaa ?)”, e ainda, “Tem bastão de caboclo na beira do mar. Bastão de (?) bastão de vovô... (?)” (capitão do Terno de Moçambique Kincongo).

Além de outras vezes, onde também foi acompanhada certa ligação com outros possíveis mediadores destas interações entre os ternos de congado:

“As alma veio as alma dá, as alma dá pra quem sabe aproveitá.” (Terno de Moçambique e Catopé do bairro S.D).

Estas anunciações dos momentos onde se “*está no Rosário*” fazem alusão às relações que os congadeiros e o grupo deveriam sustentar para ser possível permanecerem “*firmes no Rosário*”. As cantigas fazem também alusão aos santos, às pessoas que já faleceram, a entidades do panteão afro-brasileiro, todos enfatizados dentro de uma especificidade relacionada aos regimes de enunciação da Festa de N. Sra. do Rosário⁹¹. Não apenas as cantigas podem aludir a esta comunicação com o sagrado, os gestos rituais, como um cumprimento de “*batida de ombros*”, já descrito, uma dança, e a manipulação de objetos, como o bastão, também são significativos para aludirem a este vínculo relacional. A extensão desta que seria uma relação social aos mediadores presentes durante o momento ritual é aludida no espaço forjado do rito quando se “*retira a bandeira*” do grupo para que este saia em cortejo, mas saliento que as ações e atuações destes mediadores não se restringiam aos instantes da festa. Os “*efeitos do rosário*” teriam efeito mesmo em outros momentos pós-festa, e o “*ocorrido neste espaço/tempo*”, que podemos demarcar seu início e fim com o “*levantamento do mastro*” e a “*descida do mastro*”, não limitam os efeitos do rosário apesar de demarcar de certa forma o momento inicial do festejo. Tempo/espaço este que reforçaria (ou não) tanto os laços com os mediadores acionados e presentes no espaço da festa quanto às interações com demais ternos.

Foi com o intuito de perceber através do quê eram “acionados estas entidades nos regimes de enunciação”, que pretendi enfatizar alguns instantes de ambigüidade ritual destacados pelos

⁹¹ Em outros instantes, quando se saúda uma festeira ou um antigo congadeiro, também são executadas cantigas direcionadas a estes.

congadeiros; momentos onde algumas entidades eram anunciadas através das cantigas. Estes instantes de ambigüidade foram então tomados como focos de instabilidade, momentos onde a saudação e o conflito estariam potencialmente vigentes; demarcados nos momentos de “encontro *de bandeiras*” entre Ternos distintos, além de demais interações entre os grupos durante o festejo.

As mediações utilizadas durante os procedimentos executados no instante ritual ao envolver interações com “alguns seres ou entidades” como forma de auxiliar o grupo neste instante situacional tomado para observação, atenta-nos a uma série de questões. Dentre elas, a da constituição de um espaço social que não estaria restrito ao contexto situacional do festejo, sendo que um dos símbolos rituais vigentes deste instante pode ser “*retirada da bandeira*” de um grupo e, mais marcadamente, o momento de “*fincar o mastro*”. Outra questão foi o da dinâmica entre os segmentos do congado, sejam eles moçambiques, catopés, vilões, dentre outros. Cada qual fazendo o uso de procedimentos rituais durante o festejo, demarcando não só sua posição neste contexto, a partir de suas evoluções, cantigas e execuções, mas interagindo com seus mediadores durante o “*estar no Rosário*”. Pelas condições de campo anunciadas desde o início desta dissertação, não pude me debruçar sobre procedimentos realizados por outros segmentos do congado, como o Terno Vilão de São Gonçalo do Amarante ou o Congado de N. Sra do Rosário do Rio das Mortes, por exemplo.

As “*entradas e saídas*” e as respectivas saudações, eram feitas então de maneiras específicas, anunciando uma prática ritual a partir das ênfases de cada terno, atentando a procedimentos que conotavam estreita relação com os antepassados (dentre outros) como mediadores destas ações rituais. Assim, tanto as execuções dependiam de um prévio contato com “*os antigo*”, como também eram feitas visando a um contato com estes.

O “sucesso ou não da empreitada de um Terno em cortejo”, poderia ser enfatizado por um congadeiro do grupo ou mesmo por todo o grupo através dos indícios que surgiam nos momentos em que o grupo “*estava no rosário*”. Para existir este último, as mediações com os antepassados seriam fundamentais, daí toda uma série de cuidados que envolveriam tanto a preparação de cada um, quanto do grupo ao “*se retirar a bandeira*” e se colocarem em movimento. Atento também para o fato de que os resultados do “*estar no Rosário*” poderiam “surgir” quando finalizado o festejo, seguindo ou perseguindo os sinais que por ventura apareceriam após ou durante a realização das ações rituais nestes contextos situacionais. O que poderia ocasionar, por parte do

grupo, devido à “leitura destes sinais”, um maior reforço em determinadas práticas e procedimentos rituais e/ou maior desleixo no que se refere a outras.

Durante as festividades, as redes traçadas e surgidas pelos congadeiros quando participavam das festas uns dos outros pôde ser enfatizada como constituindo-se por meio das atuações destes mesmos mediadores no espaço em que eram anunciados (encontro entre bandeiras, saudação a um mastro, cruzeiro ou altar, saudação às festeiras, dentre outros). Nestes instantes os procedimentos rituais dos ternos eram observados pelos demais grupos. Demonstrar “conhecer bem os fundamentos” ou em outros casos, de utilizar um improviso para se referir à situação nestes momentos demarcados, seriam então “lidos” por outros ternos enquanto “grupos possivelmente interessantes” de serem convidados para os festejos uns dos outros⁹². O que poderia ocasionar trocas de convites e futuros estreitamento de laços entre os ternos, ocasionando troca de saberes sobre a festa e o congado, toques, cantigas, objetos, etc.

O “*estar no Rosário*”⁹³ enquanto ambientalização extrapola assim o momento “principal da festividade”, o domingo de festa. E ainda, “*a gente sente o efeito é depois da festa*” (Líder M.A) e também antes de chegar o “*período das festas*”, tornando-se necessários alguns “*cuidados para se estar no Rosário*”⁹⁴. Essa “linguagem” específica ao rito, este regime de enunciação que instaura uma contextualização é que tentei relacionar e fazer dialogar aos meios de observação teóricos. A relação com essa linguagem ritual é que foi colocada como fundamental para a possibilidade de fazer experimentos com nossas concepções analíticas. Não há a expectativa de considerá-la sob um critério de verdade, ou a partir de certo julgamento de veracidade, mas de possibilitar a elas um diálogo com considerações outras, tendo por intuito estabelecer relações que propiciem “invenções antropológicas”.

⁹² Durante o período que me afastei um pouco das pesquisas de campo, ainda acompanhei um pequeno trecho do festejo no bairro do S.D em outubro de 2009. Quando cheguei ao local, o Terno de Moçambique Kincongo de Ijaci e Ponta Negra que havia participado da Festa do Divino, 2008, participava deste festejo. Já não era mais o mesmo grupo, alguns capitães, que traziam seus bastões sob o Terno do Kincongo em 2008, havia formado outros três grupos. Estes estavam na festa do bairro S.D em 2009. O terno do bairro S.D, do capitão Z.M, que também participou do festejo na cidade de Ijaci em setembro de 2009, não mais contava com este capitão, agora, a líder M.A era a atual capitã, e seu irmão, C.i, começara a atuar mais sistematicamente junto ao terno.

⁹³ Forma que os congadeiros se referem quando estão na festa e ainda quando se preparam ou se remetem a um fato ocorrido durante ela. A alusão “*quando se está no Rosário...*” é efetuada quando se intenta falar sobre um regime de obrigações necessárias para estar com o grupo no momento festivo.

⁹⁴ Participar do congado na festa e “estar bem” neste ambiente “forjado por mediadores acionados antes e pós-dia principal da festa”, envolveria saberes relacionado “*aos antigos*” e sobre o cuidado necessário à “participação” dos membros neste contexto. O que podemos aludir como a preocupação de se “*ter fundamento*”.

REFERÊNCIAS

BATESON, Gregory. “Forma Sustancia y diferencia” in: *Pasos hacia una ecologia de la mente*. Buenos Aires Ed. Carlos Lohlé. 1976.

_____. *Naven*. Estudio de los problemas sugeridos por una visión compuesta de la cultura de uma tribu de Nueva Guinea obtenida desde tres puntos de vista. Madrid: Jucar Universidad. 1990.

_____. *Mente e Natureza*. A Unidade Necessária. Francisco Alves. S/D

BORGES, Célia Maia. *Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário*: devoção e solidariedade em Minas Gerais: séculos XVIII e XIX. Juiz de Fora. Editora da UFJF, 2005.

BONET, Octavio; TAVARES, Fátima R.G. “O usuário como mediador. Em busca de uma perspectiva “ecológica” sobre os condicionantes sociais de saúde.”. In: PINHEIRO, R; MATTOS, R.A. (orgs). *Cuidar do Cuidado*: responsabilidade com a integralidade das ações de saúde. Rio de Janeiro: CEPESC, 2008. p. 191-209.

_____. “O cuidado como metáfora nas redes da prática terapêutica”. In: PINHEIRO, R; MATTOS, R.A. (Orgs). *Razões Públicas para a Integralidade em Saúde*: o cuidado como valor. Rio de Janeiro: IMS/UERJ: CEPESC: ABRASCO, 2007. p. 263-277.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A festa do Santo Preto*. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.

BRASILEIRO, Jeremias. *Congadas de Minas Gerais*. Brasília: Fundação Palmares, 2001.

CLASTERS, Pierre. Prefácio; “Copérnico e os selvagens”. In: *A Sociedade contra o Estado*. Cosac & Naify, SP, 2003.

COSTA, Patrícia Maranhão. *As raízes da Congada*: A renovação do presente pelos filhos do rosário. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ics/dan/Tese70.pdf>
Acesso em: 22 de março de 2009.

CRAPANZANO, Vincent. “Horizontes imaginativos e o aquém e além”. In: *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v.48 n°1, 2005.

DAMATTA, R. “O ofício de etnólogo ou como ter ‘anthropological blues’”. In: NUNES, E. de O. (Org.) *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DAL POZ, João. *No País dos Cinta Larga*. Uma etnografia do ritual. 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-07112006-101647/pt-br.php>
Acesso em: 10 de março de 2009.

DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Felix. "Introdução: Rizoma". In: *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia Vol. 1*. Rio de Janeiro: Ed.34. 1995.

_____. "Micropolítica e Segmentaridade". In: *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol.3*. Rio de Janeiro: Ed.34. 1995.

_____. "O liso e o estriado". In: *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia Vol.5*. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1995.

DUMONT, Louis. *O Individualismo*. Uma perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna. Trad. Álvaro Cabral – Rio de Janeiro: Roço. 1985.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

EVANS-PRITCHARDT. E. E. *Bruxaria Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

_____. "Introduction". In: *African political systems*. MEYER FORTES e EVANS – PRITCHARDT (org.) – 1940.

GOLDMAN, Marcio. "Segmentaridades e Movimentos Negros nas Eleições de Ilhéus", In: *Mana*. Estudos de Antropologia Social, 7(2): 57-93, 2001.

_____. "Alteridade e experiência: Antropologia e Teoria Etnográfica", In: *Etnográfica*, Vol.X (1): 161-173, 2006.

GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: *Mitos, emblemas e sinais: morfologias e historia*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

HOLBRAAD, Martin. "Estimando a necessidade: os oráculos de Ifá e a verdade em Havana", In: *Mana*, 9 (2): 39-77, 2003.

INGOLD, Tim. “Jornada ao Longo de um Caminho de Vida – Mapas, Descobridor-Caminho e Navegação”, In: *Religião e Sociedade*, 25 (1): 2005.

KUPER, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. São Paulo: EDUSC. 2002.

LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos*. São Paulo: Ed. 34. 1994.

_____. *Changer de société. Refaire de la sociologie*. Paris: Éditions La Découverte, 2006.

LEACH, Edmund. *Os Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. Um estudo da estrutura Social Kachin. São Paulo: Edusp. 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “A noção de estrutura em etnologia”. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2003.

_____. “A ciência do concreto”. In: *O pensamento selvagem*. Trad. Tânia Pelegrini, Campinas SP. Papyrus editora: 5ª edição. 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw. “O Mito na Psicologia Primitiva”. In: *Magia, Ciência e Religião*. Lisboa, Portugal: edições 70. S/D.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify. 2003.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. Sobre a Estrutura Social In: *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Vozes, Petrópolis. 1973.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção (Partes I e II) In: *Mana*, 3 (1) : 41-73, 1997.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – Um exemplo de sociologia pura ou formal. in: *George Simmel: Sociologia*. Organizador Evaristo de Moraes Filho; Trad. de Carlos Alberto Pavanelli São Paulo: Editora Ática. 1983.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

STRATHERN, Marlyng. “Estratégias Antropológicas”. In: *O Gênero da Dádiva*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

SUN TZU. *A arte da guerra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

TURNER, Victor. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes. 1974.

_____. “Betwixt and Between: O período liminar nos “Ritos de Passagem” in: *Floresta de símbolos*. Aspectos do Ritual Ndembu. Trad. Paulo Gabriel Hilu Rocha Pinto – Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. 2005.

_____. *Dramas, Campos e Metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Trad. Fabiano Morais – Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense. 2008.

VILARINO, Marcelo de Andrade. *Festas, cortejos, procissões: tradição e modernidade no congado belo-horizontino*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião)–Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O nativo relativo” In: *Mana*, 8 (1): 113-148. 2002a.

_____. “O Conceito de sociedade em antropologia”. In: *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify. 2002b.

WAGNER, Roy. *The Invention of Culture*. Revised and expanded Edition. Chicago: The University of Chicago Press. 1981.

GLOSSÁRIO

“*Bandeira do grupo*”: bandeira que vai à frente de um terno de congada, contém imagem de santo e uma sacola na lateral para recebimento de donativos, esmolas. São encostadas em mastros andores e altares, anfitriões podem, durante certo período, segurar a bandeira do grupo, quando esta é oferecida pelos congadeiros.

“*Bandeireira do grupo*”: pessoa responsável por segurar e conduzir a bandeira de um terno vai à frente do cortejo do terno de congado.

“*Bastão de capitão*”: utensílio ritual portado pelo capitão ou segundo capitão dos grupos de congado. São bastões de madeira de mais ou menos um metro adornado com fitas coloridas, guias feitas com sementes diversas, podem ser de diversas cores e com diferentes adereços. Seu formato depende do vínculo que o capitão pretende aludir entre ele e seus “protetores sobrenaturais”. Assim como as “*bandeiras do grupo*” são encostados em mastros, andores e altares, com a diferença que este nunca é oferecido aos anfitriões, como no caso da bandeira, apenas o capitão ou outros membros responsáveis pelo grupo o podem portar.

“*Busca de andor*”: grupo busca andores de santos católicos em um local para realizar a “*Missa Inculturada*”.

“*Busca de reis congos*”: grupo busca andores de reis congos em um local para realizar a “*Missa Inculturada*”.

“*Caixa*”: tambor de madeira e couro de boi utilizado pelos ternos de congado.

“*Caixeiro de guia*”: congadeiro responsável por tocar o tambor, denominado de “*caixa*”. Quando um congadeiro é um “caixeiro” é ele que sempre toca o tambor, ou seja, em todo cortejo do grupo ele tocará o tambor, denomina-se “*guia*”, pois o mesmo vai à frente do terno, ao lado e logo após a bandeireira.

“*Capitão de congado*”: é o congadeiro responsável por conduzir o terno de congado durante o cortejo. Ele é quem executa primeiramente uma cantiga, é quem improvisa os versos em meio ao refrão cantado em coro pelo grupo, ou seja, é quem conduz e é responsável pelo direcionamento e condução do terno de congado.

“*Congadeiro*”: membro de um terno de congado, ele pode ocupar funções de “*caixeiro de guia*”, bandeireiro (a), capitão e segundo capitão. Utilizam indumentárias características de seu terno, cantam e tocam instrumentos, existem também os congadeiros que “fecham” o cortejo do congado, geralmente estes congadeiro vêm atrás do grupo e ao meio das duas filas segurando um bastão.

“*Cruzeiro*”: local com uma cruz de madeira e alguns utensílios colados ao mesmo. Local onde eram realizados suplícios de escravos e exposição de seus corpos flagelados. Localizam-se tanto dentro das cidades como em locais afastados como serras e estradas.

“*Descida de mastro*”: momento que pode ser tomado como delimitador do fim das atividades rituais na Festa do Rosário, porém não demarca o fim dos “*efeitos do rosário*”. Um grupo realiza cantigas e gestos rituais específicos, retirando o mastro ou descendo-o do local onde foi anteriormente erguido.

“*Entrega da bandeira*”: grupo encerra as atividades de um dia de cortejo, coloca-se a bandeira na casa ou local onde permanece a bandeira e utensílios do grupo.

“*Entrada em uma casa*”: terno de congado entra em uma casa executando cantigas e gestos rituais específicos à ocasião. Pode ser recebido com lanche pelo anfitrião que recebe a bandeira enquanto o grupo permanece no local.

“*Entrada na Igreja*”: terno de congado entra na igreja executando cantigas e gestos rituais específicos à ocasião, pode ser recebido por padres e sacristãos, que recebem por sua vez em suas mãos a bandeira do grupo.

“*Entrada para almoço*”: terno de congado recebe almoço e adentra ao local executando cantigas e gestos rituais específicos à ocasião.

“*Estar no Rosário*”: forma de se referir às atividades e obrigações de um terno em meio ao festejo, assim como uma nomenclatura para se referir aos efeitos das manipulações rituais, noção formulada em diálogo com os congadeiros.

“*Farda de congado*”: Indumentária utilizada por um grupo com cores específica. Normalmente é composta por uma calça, blusa, um adereço de cabeça, que pode ser um lenço amarrado à mesma ou chapéus em formatos diversos a depender do “*estilo do terno*”.

“*Festa do Rosário*” ou “*Festa de Congado*”: refiro-me ao festejo de N. Sra. do Rosário executada no dia de domingo e com a presença dos “*Grupos de Congado*”. O início da festividade é anterior a este dia, quando se inicia o “*levantamento de mastro*”, que pode ocorrer sete dias antes do domingo (em alguns locais) ou no dia anterior. Seu encerramento pode ocorrer sete dias após o domingo ou, como em outros locais, o encerramento e “*descida do mastro*” ocorrem no fim da festa de domingo. Denomino por “*Festa do Rosário*” as festividades realizadas em diferentes bairros e cidades da região de SJDR que tem a presença dos ternos, independente se são saudados conjuntamente outros santos, como São Benedito, N. Sr.a Aparecida, Santo Antonio do Catijiró e outros, que são anunciados e dispostos no alto dos mastros de uma festa.

“*Firmar*”: expressão comumente utilizada pelos congadeiros para fazer alusão a uma espécie de atenção necessária ao se estar em cortejo junto do grupo. Atenção que se refere a uma concentração espiritual que pode ser realizada através da cantiga, da dança, do toque e de orações.

“*Grupos de congado*”: Agrupamento de pessoas que se utilizam de indumentárias com cores específicas, utilizando-se de instrumentos musicais e demais objetos rituais, cantam, dançam e executam gestos e procedimentos rituais específicos, sejam em festejos de alguns santos ou em comemorações onde o grupo se reúne e sai em cortejo. Podem ser de vários estilos. Têm

formação específica com regras de conduta, preceitos e chefia que aludem a uma espécie de vínculos familiares entre seus membros.

“*Guias*”: colares de sementes e/ou miçangas utilizados pelos congadeiros. Fazem alusões a entidades do panteão afro-brasileiro, com suas cores e sequencias nas cores das miçangas e sementes ou também fazem alusão a santos católicos. Também podem ser de um tamanho específico que permite ao congadeiro trançar-la pelo corpo, geralmente em forma de X, cruzando no peito do mesmo.

“*Gungas*”: pequenas latas amarradas aos pés dos congadeiros, quando estes dançam as mesmas produzem o ritmo característico do terno de Moçambique.

“*Ida a um cruzeiro*”: Um grupo realiza cantigas e gestos rituais específicos saudando o cruzeiro.

“*Levantamento de mastro*” ou “*fincar o mastro*”: momento que pode ser tomado como delimitador das atividades rituais para a festa do rosário. Um grupo realiza cantigas e gestos rituais específicos, colocando ou “fincando” o mastro na terra de forma a ficar ereto.

“*Mastro*”: mastro de madeira de uns dez metros, pintado e adornado com fitas, em sua extremidade situa-se o “registro”, quadro de madeira com a figura de santos católicos que são erguidos juntamente com os mastros.

“*Missa Inculturada*” ou “*missa conga*”: missa realizada com a participação dos reis congos, dos tenros de congado, do padre que oficializa a cerimônia e dos andores dispostos normalmente à frente de um palanque montado em praça pública.

“*Patangome*”: instrumentos utilizados pelos ternos de Moçambique. Duas calotas de carro que unidas e com esferas dentro produz um som característico, o movimento realizado para produzir seu som é muitíssimo similar ao movimento realizado na bateia de um garimpo.

“*Retirada da bandeira*”: Grupo inicia o dia de cortejo, retira a bandeira do local onde a mesma permanece, realizando cânticos e procedimentos específicos à ocasião.

“*Saída da Igreja*”: terno de congado se retira da igreja executando cantigas e gestos rituais específicos à ocasião, dentre estes, saída dos membros do terno de costas para a porta de saída e de frente para o altar.

“*Saída do almoço*” terno de congado se retira do local onde almoçou executando cantigas e gestos rituais específicos à ocasião.

“*Saudação entre bandeiras*” ou “*saudação entre ternos*”: grupos se encontram em um festejo, colocando as bandeiras uma de frente para a outra, trocando-as momentaneamente e executando cantigas e gestos rituais específicos.

“*Saudação no mastro*”: geralmente ocorre quando um grupo chega a uma festa e se dirige aos mastros da festa, realiza cantigas e gestos rituais específicos, entre estes, encostam bandeiras e bastões no mastro.

“*Ter fundamento*”: conhecimentos que um congadeiro, um capitão, um festeiro ou um rei e uma rainha conga podem (e devem) obter. Significa ter conhecimento de cantigas, gestos e procedimentos rituais, mitos, histórias sobre festejos e contatos com outros ternos.

“*Terno de Caboclinhos*”: os membros tem uma formação de duas filas. Utilizam adereços nos pulsos e tornozelos adornados com plumas, suas saias e chapéus também contém plumas, pintam o rosto ao lado do nariz, entre os objetos que portam está o facão, além do tambor realizando a musicalidade do grupo há também arcos e flechas de madeira que, presos por uma borracha, a todo instante que o membro puxa a flecha e a salta, realiza um estalo. Junto ao tambor os sons das flechas estalando nos arcos produzem a musicalidade do grupo.

“*Terno de Congado*”: os membros tem uma formação de duas filas logo atrás da bandeira do grupo utilizam roupas brancas, já presenciei terno de congado utilizando pequenas saias rosa,

como o terno do Rio das Mortes. Utilizam como instrumentos o tambor, pandeiros, bandolins e violões.

“*Terno de Catopé*”: os membros tem uma formação de duas filas logo atrás da bandeira do grupo, utilizam o tambor o pandeiro e o reco-reco como instrumentos característicos. Sua musicalidade e sua dança é mais rápida do que a do Moçambique. Já registrei catopé utilizando uma pequena saia colorida e chapéu de pluma, como em Três Barras, e já acompanhei catopé sem utilizar estas saias.

“*Terno de Marujada*”: os membros tem uma formação de duas filas logo atrás da bandeira do grupo, utiliza o tambor, o pandeiro, o violão, a sanfona e já encontrei marujada utilizando flautas. Sua evolução é diferente dos demais grupos, pois ondulam pra os lados da fila, com o próprio corpo, produzindo um movimento de ondulação. Seu chapéu geralmente é em formato de quepe com longas fitas coloridas que despendem até abaixo da cintura. Geralmente seus tambores são bem maiores que os demais e portam comumente uma espada de aço.

“*Terno de Moçambique*”: geralmente os membros tem uma formação circular logo atrás da bandeira, os passos são realizados com as gungas no pé, assim realizam sua sequencia rítmica, junto com o tambor e o “*patangome*”. A música tem um ritmo lento e pausado, geralmente trazem lenços amarrados na cabeça e sua indumentária é branca ou branca e azul.

“*Terno Vilão*”: os membros tem uma formação de duas filas logo atrás da bandeira do grupo, utilizam o tambor, o pandeiro, o violão, o bandolim, xique-xiques e sanfona com instrumentos. Sua musicalidade é a mais acelerada e dinâmica que já registrei. As indumentárias são brancas com saias coloridas e utilizam chapéus adornados com flores.

APÊNDICE I - Festas acompanhadas

Festa em São Gonçalo do Amarante (S.G.A ou Caburu) em 2005; ainda não fazia parte das pesquisas para o presente estudo. Por se tratar de meu primeiro contato com o fenômeno do congado decidi utilizá-lo por considerar conveniente. Participei pela manhã, chegando no primeiro ônibus ao local, por volta das 7:30 da manhã. Acompanhei a maioria dos grupos de outras cidades em sua chegada. Fui embora no último ônibus saindo do local para São João del Rei após o fim da procissão.

Trindade agosto de 2007; primeiro acompanhamento com o “Terno de Moçambique e Catopé de N. Sra. do Rosário e São Benedito” do bairro S.D. Ida de ônibus até o local junto deles. O grupo foi convidado para um almoço, as pessoas do local faziam uma festa para ajudar a levantar fundos para um caramanchão que estava sendo construído. Consideração sobre os grupos de Maracatu. Como não foram para a festa de Itapecirica, “festa importante” e sim para este local; realizaram oferenda que teria a ver com a leitura dos infortúnios por parte do capitão Z.M em sua residência e uma espécie de preparação para a festa do bairro S.G que iria ocorrer na semana seguinte. Oferenda na mata para Oxossi. Saudação no cruzeiro para São Sebastião.

No final deste dia, uma semana antes da festa do bairro S.G, fui assistir ao “*levantamento de mastro*” para esta festa, levantamento realizado pelo Terno do capitão M.o de outro grupo de congado do bairro S.D, já que este bairro não possuía terno de congado, mas possuía Rei Congo. Festa do bairro S.G seria “*famosa por suas muitas demandas*”, na ocasião do “*levantamento de mastro*” a Igreja estava fechada, havia apenas o grupo que iria levantar o mastro, pois geralmente nenhum grupo vai assistir a um “*levantamento de mastro*” de outro grupo “*num tem nada lá não, só levantam o mastro*” (A líder M.A do terno que eu acompanhava).

Festa do bairro S.G, setembro de 2007(SJDR); acompanhei o mesmo grupo que fora à Trindade desde o início e durante a festa tentei abarcar outros. Finalizei acompanhando o mesmo durante a procissão. Acompanhei a “*saída da bandeira*” da casa da líder do grupo; “*saudação nos mastros*”; “*entrada do grupo para almoço*”; “*agradecimento e saída do almoço*”, “*busca de andores dos santos*” e “*busca de reis congos*” para a “*Missa Inculturada*”; “*procissão com*

cortejo dos andores, dos reis e demais ternos”; “*entrada na Igreja*”; “*entrega da bandeira*” na casa da líder do grupo.

Convite para o grupo “tocar em frente ao Teatro municipal de SJDR”; Tratava-se de um evento promovido pela prefeitura da cidade em “homenagem à cultura afro-brasileira.” O grupo que eu estava acompanhando fora com a líder M.A de Capitã. Jantar oferecido pela prefeitura que comemorava um “evento afro na cidade”, com comida africana e várias pessoas vinculadas à política da cidade, secretaria de cultura, movimento negro, salão de beleza afro de São Paulo, restaurante africano também de São Paulo, estes últimos, responsável pela comida. Ocorreu um “*recebimento da bandeira*” por parte de um africano do Congo radicado no Brasil, era o responsável pela comida que seria servida. Presença de prefeitos e vereadores. Jantar ocorreu em salão nobre do exército após evento no teatro municipal. O único grupo de congada que convidado fora este grupo do bairro S.D.

Alto das Mercês 2007; dinâmica entre os dois grupos que parecia se tratar de uma rivalidade. Terno do capitão Z.M e M.A, do bairro S.D e o Terno das Mercês, “*ternos praticamente irmãos*”, segundo os capitães. “*recebimento de almoço*”; “*Ida ao cruzeiro*”; “*entrada em terreiros (de umbanda ?) do bairro*”; rápidas passagens em algumas casas particulares com recebimento de lanches.

São Gonçalo do Amarante 2007; O Grupo de Z.M e MA, do bairro S.D fincaram pela manhã, logo após “*retirar a bandeira*” o mastro para a festa do bairro S.D que iria ocorrer na próxima semana. Logo após, houve a saída deste grupo para o dia de domingo da festa de São Gonçalo do Amarante. O Rei Congo do grupo, e também pai de santo, participou do “*levantamento do mastro*” e de todo o dia de festejo em S.G.A. Foram estabelecidos diversos vínculos entre o terno do bairro S.D com outros ternos que participavam deste festejo, trocando convites e executando “*encontro entre bandeiras*”.

Festa do bairro S.D, 2007; Houve uma “preparação no cruzeiro” por parte do capitão Z.M no dia anterior à festa principal de domingo. Na noite de sábado para domingo, me noite o capitão ascendeu velas, utilizou vinho e café forte e adocicado no cruzeiro. Destaque para “o confronto”

entre os ternos do bairro e algumas cantigas que aludiam a tal conflito. Algumas cantigas recolhidas e discutidas pelos congadeiros e eu. “*O rosário é meu, venha me tomá (2X) / Pelo amor de Deus, me dê meu rosário pra mim rezá (2X)*” (Terno de Congado do capitão M.o do bairro S.D).

Festa em Resende Costa 2007; festa principal acompanhando terno do bairro S.D do capitão Z.M de SJDR. Ambigüidade na hora da “*saudação de bandeiras*” no momento de saída do almoço. “*Entrada na igreja*” realizada pelo grupo acompanhado. Relação conflituosa com outros grupos, demonstração de leituras específicas a partir das cores das indumentárias de outros grupos e posicionamentos dos ternos em alguns momentos específicos. Apresentação de “*fundamentos*” na consideração de outros grupos.

Dia da consciência negra; vários ternos de SJDR saíram do bairro do Bonfim em SJDR e foram até o bairro Dom Bosco, lá receberam almoço. O grupo que eu acompanhava não fora. Segundo eles, era devido a algumas relações políticas entre o capitão Z.M e alguns articuladores do encontro, entre eles um Rei congo do bairro do S.G. Bairro este que tinha Rei Congo, a festa do Rosário, mas que não tinha um grupo de congado. Por isso o Terno do Capitão M.o, que era do bairro S.D levantava o mastro da festa do bairro S.G.

“*Final de ano*”; seria o último encontro do grupo no ano. O capitão Z.M oferecera ao grupo, reunido na casa da líder M.A, feijão gordo com toucinho. Realizaram “*oferendas no cruzeiro*” do bairro com o elemento ferro/pedaco de trilho (“*elementos que pertencem a Ogum*”, orixá guerreiro). Tanto o feijão como o toucinho é comida deste orixá, o pedaco de trilho, que segundo o capitão era por conta de seu “*passado maquinista*”, são elementos vinculados a Ogum no Candomblé, assim como o trilho pode ser vinculado a outro orixá, Exu. Ogum é protetor dos caminhos, dos trilhos e dos maquinistas, além de outras características. Percebe-se o trânsito entre umbanda, candomblé e do próprio catolicismo. Exu na umbanda é considerado “*povo da esquerda*”, “*gente da esquerda*” e no candomblé é um orixá. Ogum, que no candomblé é um orixá guerreiro cujo elemento além do ferro pode ser a espada pode ser correlacionado ao Santo São Jorge do catolicismo. Estes e outros temas sobre sincretismo infelizmente não pude desenvolver aqui, mas apenas apresento as informações que foram por mim recolhidas em campo

com capitães e com o Rei Congo – pai de santo que me apresentou importantes discussões acerca deste tema.

Janeiro ou fevereiro de 2008. Procissão no Bairro Bonfim, festa de São Benedito; Grupo que acompanhava não fora, acompanhei os cortejos dos congadeiros, haviam vários congadeiros de diversos grupos, saíram em cortejo sob a bandeira de um dos ternos do bairro S.D, a saber o terno do capitão R.C, comandado dentre outros, pelo congadeiro e também capitão Tadeu.

Festa do Divino, maio de 2008; dia principal do festejo. Descrição do Moçambique de Bom Sucesso e sua “*entrada na igreja*” e “*saudação no mastro*”. Presença do Moçambique Kincongo, descrição do “*encontro entre bandeiras*”. Discussão sobre “*hierarquia liminar*” (TURNER, 1974) entre os estilos de ternos e as disputas rituais em torno do “*levar a santa*” até o interior da igreja. Cantiga registrada que faz referência ‘a todos os grupos envolvidos’ no festejo em questão. Efeitos posteriores ao dia da festa, “*efeitos do Rosário*”.

Três Barras – MG 2008; “Levantamento do mastro” no sábado à noite, após missa e um dia antes da festa de domingo. Acompanhei também a festa de domingo, dia principal. Catopé é o responsável por retirar nossa senhora de dentro da Igreja e conduzi-la pelas ruas em procissão. Além do Catopé compõem o festejo a marujada e os caboclinhos. O catopé é tido como o mais antigo e representa os negros, responsáveis por levarem N. Sra. Do Rosário, quando de sua aparição para os índios, até o interior da Igreja (variação do mito). Possíveis correspondências entre o que é narrado no mito e o que o rito realiza.

Jaguara 2008, visita por parte do grupo a uma filha de santo do terreiro do pai de santo que também era o rei congo do grupo do capitão Z.M, do bairro do S.D; Recepção pelos pretos velhos e pretas velhas, ida aos mastros no quintal, possibilidades de consulta com estes preto-velhos. Almoço. À tarde, “*virada de mesa*”, exus e pombas giras (gente da esquerda), também com possibilidades de consultas. Explicação por parte de um congadeiro sobre as relações dele com seu próprio exu. Espécie de contenda entre seu exu, do congadeiro e o pai de santo, que também era quem havia “*feito sua cabeça*” no candomblé.

Festa de Itapecirica 2008, “Festa de amarrar capitão”; acompanhei o dia principal, domingo. Fui “benzido” para ir neste dia. Como estava com minha mão quebrada, após tê-la quebrado em um acidente, não iria à Itapecirica por causa da dor. Comunicado aos congadeiros foi feito, por parte de uma congadeira do terno, uma “benzeção”; “cozeu minha mão” uma semana antes, isso “Para que eu não tivesse problema no dia da festa”. Se fosse “*coisa que congadeiro tivesse feito para congadeiro não iria mais sentir dor, se não, seria coisa de médico mesmo*” (Dona M.n). Não senti mais dores na mão. Fui à festa. Sequencias diferente e horários diferentes aos da Festa da região de SJDR. No fim do dia o grupo deveria conduzir a corte pela qual ficara responsável (a maioria dos grupos ficava responsável por um rei e uma rainha conga ou um rei ou uma rainha), até um cruzeiro distante. Após alguns passos caminhados a rainha ou rei paravam de andar e jogavam uma nota de dinheiro no chão, colocando então o pé por cima da mesma. O grupo que estivesse levando a corte tinha então que cantar diversas cantigas, implorando, até que a rainha ou rei em questão retirassem o pé da nota, o capitão recolhesse a mesma e prosseguisse o cortejo. As notas em dinheiro eram sempre altas e um trajeto que poderia levar no máximo meia hora, poderia levar até duas ou três horas, pois a todo o momento o rei ou rainha poderia jogar uma nota no chão e pisar em cima “*é pro capitão cantar pra ela*” (Z.M, capitão de congado).

Festa do Bairro S.G, 2008; Dia principal de domingo. Encontro entre Ternos. Presença do Moçambique de Ibituruna. Cantigas proferidas a mim por outro grupo cheguei ao festejo no momento do almoço. Nos dias subseqüentes tive muita evacuação e vômito, não pude visitar as pessoas do terno nesta semana pós-festa. Ao comunicar aos membros do terno, estes me apresentaram uma das cozinheiras da festa do São Geraldo, benzedeira também. Ela me benzera e receitara “folha de saião” (*Kalanchoe brasiliensis Cambess*) para se tomar batida com leite. Após dois dias, melhorei.

Festa em São Gonçalo do Amarante (Caburu) 2008; Cheguei ao festejo na hora do almoço. Acompanhara até o fim do dia. Encontro entre bandeiras entre alguns grupos, com trocas de convites foram registradas.

Festa no Rio das Mortes 2008; Presenciei um dia anterior, sábado, no “*levantamento do mastro*”, quando o grupo não utilizava indumentária pra tal execução ritual. Acompanhei o dia principal do festejo, no domingo. A festa ocorrera apenas com o grupo local.

Festa do Bairro S.D, 2008; acompanhei durante todo o dia, não pude permanecer até o final da “*Missa Conga*” ou “*Missa Inculturada*”.

APÊNDICE II - Um pequeno comentário sobre a “Festa do Catopé”

Houve uma festa no local denominado Três Barras – MG, situada “a meio caminho” entre Serro e o lugarejo denominado Milho Verde, já na região central de Minas Gerais, onde presenciara o mestre (lá era assim conferida a denominação para o que compreendemos por capitão), seguido de seu Grupo de Catopé ou Catupé, executar uma “*cantiga para retirar N. Sra. do Rosário da Igreja*”. O momento que o fizera foi na missa anterior ao “*levantamento do mastro*”, no sábado à noite.

Nesta festa, foi enfatizado um mito pelo mestre sobre a aparição de N. Sra. do Rosário. Lá, o grupo “*responsável por retirar N. Sra. Do Rosário de uma ilha*” em que ocorrera sua aparição, era o terno de Catopé. Mito este que varia se tomarmos por contraponto os verificados na região de São João Del Rei e Itapecerica. Neste local ultimo local são os Ternos de Moçambique “*os responsáveis por levar nossa senhora até o interior da Igreja*”, isto após sua aparição aos negros. E “a santa”, como demarca a cantiga proferida em certo momento do ritual, apareceu em uma “*rocha de pedra*”. No Rio das Mortes ao contrário da região, a santa também aparecera em uma ilha e não em uma gruta, como enfatizado pelos moçambiques da região.

Outro ponto a destacar é de que em Três Barras há a presença de mais dois grupos, cada qual representando “*actantes*” bem distintos se tomar por referência os “*ternos participantes da região dos moçambiques*”. São eles, os Caboclinhos, representando os índios que descobriram Nossa Senhora na tal Ilha, e tentaram trazer a santa até as margens e não conseguiram. A Marujada, que fora avisada de tal aparição pelos índios que, indo até o local, também não conseguiram “*retirar a santa*”. Até que, por fim, os negros que se juntaram com seus tambores, “*guiados pelos índios e transportados pela marujada*” chegaram até a santa que estava na ilha. Cantaram para ela de modo que a fizesse lhes acompanhar, colocando-a então no interior de uma Igreja. A ênfase do chefe que contara tal versão caíra sobre a necessidade dos outros grupos, apesar da importância central do Catopé nesta festa.

De certa maneira, percebemos a mesma ênfase oferecida na “*região dos moçambiques*”, a de anunciar outras partes envolvidas no festejo. O que demarca certa fronteira entre o outro e o nós, se assim posso dizer, entre o “*tudo é congado*”, mas que contém diferenças. Os caboclinhos, os índios, “*conhecedores das matas, eram os únicos que sabiam o local da aparição, guiando os*

negros e a marujada em todo o trajeto” (I.v, Mestre de Catopé). A marujada era fundamental para o transporte dos negros até a ilha e dos negros junto da santa de volta até a igreja. E os negros, por conseguirem fazer N. Sra. do Rosário lhes acompanhar, com suas caixas e toques, *“foram os único que sensibilizou ela mesmo”* (I.v, Mestre de Catopé) , até o interior da Igreja.

Dada estas condições, percebemos algumas variações em relação a *“aparição da santa”* envolvendo a região onde há Ternos de Moçambique e outras onde não há. O Moçambique anuncia também outros agrupamentos de negros que tentaram retirar a santa de uma rocha de pedra, já o Catopé anuncia outros agentes, que não os negros, eles seriam os únicos negros do festejo neste processo de *“descobrimento da santa”* e em seu trajeto até a Igreja. Vale aqui então, contextualizar um trecho da cantiga executada apenas pelo capitão do Terno de Moçambique e Catopé de N. Sra. do Rosário e São Benedito do bairro S.D de SJDR em um momento do festejo, a mesma, pronunciada entre o refrão de uma cantiga executada em coro pelo grupo, *“Eu sou o capitão da guerrilha, na terra, na ilha em qualquer lugar”*.(Z.M, capitão de congado, grifos meus).

A festa em Três Barras conta com a participação dos três grupos, *“precisa dos três (Caboclinhos, Marujada e Catopê) pra ter a festa, mas o principal mesmo é o Catopé, hoje a festa é dele.”* (ex-membro do grupo de catopé, *“saudado pelo grupo diante da igreja”* no dia que acompanhei o festejo.) O senhor que proferira esta última frase estava próximo à Igreja no dia da festa de domingo ao redor da qual estava sendo realizado o festejo, quando o grupo de catopé aproximou diante do mesmo, fizeram uma espécie de evolução. Os dois *“caixeros de guia”*, cada qual em sua extremidade, giraram para dentro do grupo (para dentro das duas filas do grupo), com todos os demais membros do grupo, que estavam na fila atrás dos mesmos, os acompanhando. O chefe de catopé permaneceu no mesmo local de frente para este senhor homenageado. O chefe e o senhor se cumprimentaram, o grupo cantarolou algumas cantigas para o mesmo, posteriormente tomou uma direção lateral ao senhor. Ao perceber esta movimentação do terno e a *“saudação”* em meio a todo o festejo, movimentação desta linguagem ritual, da ação ritual, para a qual comecei a atentar através do contato com o grupo de SJDR, sabia que teria que conversar com este senhor.

Neste dia poucas foram as conversas possíveis. Uma destas, de grande valia para mim, ocorreu no almoço de domingo ofertado em uma escola local, situada ao lado da capela do lugar. Então, o mestre de catopê, sentado na grama onde almoçávamos, no pátio da escola local, me

conferiu boas considerações sobre o festejo, sobre “*coisas que congadeiros faziam uns para os outros*” (I.v mestre de catopé), sobre os moçambiques, e sobre diversos assuntos referentes ao congado que este chefe de catopé me presenteou, inclusive sobre a versão mítica situando os Caboclinhos, a Marujada e o Catopé no “*processo de aparição de N. Sra do Rosário*”.

APÊNDICE III - Festa de Itapecerica, chegada do grupo e agradecimento do café.

Acredito que esta descrição de todo um momento de chegada de um grupo em outro festejo, onde se agradeceu um café, oferece uma espécie de “execução completa” por parte deste terno referente há este instante, mas como sabemos, a seqüência de toques e execuções podem se distinguir a depender do local e momento em que é realizado. Este instante é descrito com intuito de demonstrar uma “seqüência completa” de várias cantigas em um único momento, a saber, “*chegada do grupo*” na cidade, “*entrada em uma casa*” e “*agradecimento do café*”.

Na festa de Itapecerica o grupo chegara bem cedo, descera do ônibus que estacionara próximo à Igreja e já organizaram o grupo para o cortejo. Aos poucos os congadeiros do grupo arrumavam seus instrumentos, uma corda que sustentava o tambor dependurado no ombro, esticavam o couro dos mesmos, colocavam as guias, arrumavam um chapéu, até se constituírem em “formação de cortejo”. Caminhando pelas ruas da cidade, em torno de uma nove ou dez horas da manhã, não havia nenhum grupo de congada nas ruas, apenas o grupo do bairro S.D de SJDR, do Capitão Z.M e da líder M.A, grupo constituindo então entre umas vinte pessoas, entre estas, mulheres e homens acima dos 60 anos, e em sua maioria congadeiros entre 40 e 60 anos de idade.

Logo após iniciarem o trajeto, ainda na mesma rua, lá estava uma casa um pouco movimentada, com alguns congadeiros já fardados, uns quatro tambores do outro lado da rua e algumas pessoas à frente da casa. O terno de Moçambique e Catopé de N. Sra do Rosário e São Benedito do bairro do S.D vinha então cantando pela rua, “*Oh beija flor toma conta do jardim (2X) / Vou pedir Nossa Senhora pra tomá conta de mim (2X)*” Neste momento algumas pessoas que estavam à frente da casa, inclusive um capitão de Moçambique que já estava com sua farda, mas ainda não junto de seu grupo, foi “*saudar a bandeira*” do Terno que acabava de chegar. No instante em que o capitão saudara a bandeira. o capitão do Terno do S.D puxara a cantiga. “*Dá licença (2X) / dá licença capitão ôoo da licença*”(2X). Cantado primeiro pelo capitão e depois pelo grupo em coro. A cantiga deve ter se repetido umas quatro ou cinco vezes. O terno então permanecera parado à frente da casa que contava com certa movimentação. Algumas pessoas que ali estavam depois as reconheci em seus ternos, devidamente fardados⁹⁵.

⁹⁵ Forma de se denominar um congadeiro quando o mesmo já está com indumentárias, a saber, uniforme do terno e geralmente, suas guias e instrumentos, sejam eles musicais ou não, como os bastões, por exemplo.

Modificando a cantiga e acentuando a toada do grupo o capitão puxara então, “*oi tava durmindo oi tava sonhando ôh quando acordei tava até trabaiano*”, novamente executado primeiro pelo capitão e depois pelo grupo. Às vezes parecia que o capitão alterna a passagem “*(...)ôh quando acordei tava até trabaiano*” por “*(...)ôh quando acordei catopé trabaiano*”. A batida, que neste momento era executada dobrando os tempos entre as pausas, ou seja, repicando ou “virando”, como costumam dizer, foi cessada com o apito do capitão. Este proferira então “*Salve o Rosário!*”, todos do grupo responderam, e ao mesmo tempo faziam vibrar suas caixas, “*Salve Rosário!*”. O capitão continua, sendo seguido pelo vibrar das caixas e das respostas do grupo com um *Salve!* “*Salve Maria! / Salve! / Salve o Rosário! / Salve! / Salve todo capitão! / Salve!*”.

Comandando o grupo com um apito, o capitão prepara os mesmos para iniciarem nova cantiga, a batida agora são apenas três batidas no tambor com intervalos iguais, havendo vez ou outra uma dobrada da caixa. “*Ôh abre a porta, eu num abro não(2X) nem que seja coroné vovó Catarina já deixo (2X)*”. Executada inicialmente pelo capitão e depois por todo o grupo, modificando a letra logo depois para, “*Oh festeira (2X) oh festeira sua festa é de primeira*”. Primeiro o capitão, depois o grupo. Após a realizar duas vezes, o grupo então parou a cantiga e foi convidado a entrar e se servir na mesa do café no interior da casa.

Durante um período os congadeiros comeram alguns pães e salgados, tomaram café e suco, conversaram com demais congadeiros, dentre eles congadeiros do próprio local, então, o grupo reunira-se novamente e iniciara algumas cantigas, com todo o grupo, neste momento devia ter umas trinta pessoas dentro da casa, o terno do S.D e os demais que lá estavam. As bandeiras eram seguradas pelas bandeireiras, que estavam de frente para as festeiras e para a mesa onde todos se serviram. A cantiga é novamente iniciada pelo capitão, e como sempre ocorre, após este a executá-la, duas vezes, é repetida pelo grupo em coro, também duas vezes. “*Ôh já comeu já bebeu, agora falta agradecê (2X)*” / “*ôh deus lhe pague Deus lhe ajude (2X)*”. Neste instante as bandeiras são passadas para as mãos das festeiras, estas se encontravam do outro lado da mesa do café. Elas a seguram, a beijam, as rodam entre suas cabeças e as seguram novamente, agora de frente para todo o grupo. A cantiga continua na mesma seqüência, primeiro o capitão, depois o grupo.

“Lá no céu tem três estrelas que ilumina São José ela há de iluminar ôoo quem me deu um bom café.(2X) / Oh já comeu já bebeu agora falta agradecê (2X) /

Ôh Deus lhe pague Deus lhe ajude (2X)". (O capitão, ajoelhando-se em frente às festeiras, que seguravam as bandeiras, continua a tocar seu tambor, agora de maneira mais forte.) "*Oh já comeu já bebeu agora falta agradecê (2X)*" / "*Oh festeira (2X) oh festeira sua festa é de primeira.*"

Esta última ainda fora repetida umas cinco ou seis vezes até cessar, e com o capitão ainda de joelhos, este inicia.

"Meu batalhão é de ferro (Chacoalha a mão pedindo que os congadeiros vibrem as caixas.) / Meu batalhão é de aço (Repete o gesto) / Mesmo que falte algum soldado com o rosário / Meu inimigo eu embaraço (pronunciado muito rápido e quase impossível de compreender) / Mesmo que falte algum soldado com o rosário / O meu caminho eu mesmo traço".

Toda esta parte foi repetida duas vezes. E assim que finalizada a frase da cantiga acima, o capitão anunciou, "*O quem mandou!!!*", e então puxa a cantiga. "*Ô quem mandô quem mandô, dançá Moçambique o quem mandô / Ô quem mandô quem mando, Senhora do Rosário é quem mando*". Primeiro o capitão canta, logo depois é seguido pelo grupo, este, entoando em coro. Neste momento, as três batidas características, que marcam o toque dos tambores, apresentavam intervalos iguais entre as três. Em seguida cantaram outra letra "*Oh marinheiro é hora é hora de viajar (2X)*" (primeiro pelo capitão depois pelo grupo). Vou deixar apenas a seqüência das cantigas, pois assim acredito ser mais fácil acompanhá-la, interferindo em um momento ou outro quando julgar necessário. Pretendo com isso oferecer certa seqüência efetuada no momento deste "*agradecimento do café*",⁹⁶.

*"Oh marinheiro é hora é hora de viajar (2X) (grupo)
Oh marinheiro é hora é hora de viajar (2X) (capitão)
Oh marinheiro é hora é hora de viajar (2X) (grupo)
Sou um marinheiro de congo / Sou o marinho do mar /
Eu sou o capitão da guerrilha, na terra, na ilha em qualquer lugar (2X)
(capitão)."*

*"O navio afundou afundou afundou lá no fundo do mar (2X) (grupo)
foi no lastro da fita amarela na ponta da vela que eu pude remá (2X) (grupo)
O navio afundou afundou afundou lá no fundo do mar (2X) (capitão)*

⁹⁶ Somente enfatizando, aos poucos, outros congadeiros chegavam próximos à mesa, ouviam um pouco o grupo de SJDR e após um tempo, após saudarem a bandeira se retiravam. Um senhor acompanhou durante todo o tempo o agradecimento, posteriormente me foi informado que teria sido este senhor quem fez o convite ao Terno de Maria Auxiliadora e Zé Mineiro

foi no lastro da fita amarela na ponta da vela que eu pude remá (2X) (capitão)
O navio afundou afundou afundou lá no fundo do mar (2X) (grupo)
foi no lastro da fita amarela na ponta da vela que eu pude remá (2X) (grupo)

Nada vai abalá minha fé eu beije a bandeira no mastro (2X) (capitão)
Quando ouvi o apito brejeiro foi um marujeiro que veio me salvá(2X) (capitão)

O navio afundou afundou afundou lá no fundo do mar (2X) (Grupo)
foi no lastro da fita amarela na ponta da vela que eu pude remá(2X) (grupo)”

Com a mesma batida, alterou-se apenas a letra. Neste momento, o capitão que ainda estava de joelhos se levanta e canta:

“Bom dia pra quem é de bom dia / Boa tarde pra quem é de boa tarde / Boa noite pra quem é de boa noite / O da licença quem é da zero hora (Primeiro executado pelo capitão depois pelo grupo, esta seqüência foi repetida duas vezes).”

Nos viemos aqui na sua festa / O rosário nos viemos louvar / Nossa sinhora do rosário na frente / Santo Antonio imperador do lugar ôoo (?)” (cantado apenas pelo capitão entre o coro do grupo)

Bom dia pra quem é de bom dia / Boa tarde pra quem é de boa tarde / Boa noite pra quem é de boa noite / O da licença quem é da zero hora. (grupo em coro)

“Ô lerê cabo de querê (2X) (O capitão inicia seguido do grupo).

Ô lerê tanta marafunda olha a mala pesada na minha cacunda (capitão)

ô lerê cabo de querê (2X) (Grupo em coro)

oh...Minha Maria mando me chama (2X) o córrego ta cheio eu não posso nadá (capitão)

Ô lerê cabo de querê (2X) (Grupo em coro)

Minha Maria mando me chama(2X) se for pro rosário eu posso nadá (capitão)

Ô lerê cabo de querê (2X) (Grupo em coro)

Ô lerê tanta marafunda olha a mala pesada na minha cacunda (capitão)

Ô lerê cabo de querê (2X) (Grupo em coro)”

Na cantiga abaixo o grupo respondia apenas “Canavial”, e as demais frases eram proferidas pelo capitão.

“Oh bota fogo na cana / Canavial / Oh deixa a cana queimá á / Canavial / Pra fazê a garapa / Canavial / Para o povo tomá / Canavial / Eu não sou daqui / Canavial / Sou do lado de lá / Canavial / E eu vim pra essa festa / Canavial / Foram lá convidá / Canavial / Eu não sou daqui / Canavial / Sou do lado de lá / Canavial / pois eu vim na sua festa / Canavial / Foram lá convidá / Canavial”.

Logo após o último “Canavial” do grupo o capitão retornara a cantiga “*Ô lerê cabo de querê (2X)*”. Nesse momento, onde todos do grupo cantavam e dançavam o capitão ajoelha-se novamente, e inicia outra cantiga ao mesmo tempo em que pedia um pouco de calma para os membros do grupo, no sentido de tocarem de forma mais suave.

“Me chamaro de Carrero, eu não sou carrêro não (2X) / Na fazenda em que eu trabalho meu irmão, carrêro é meu patrão(2X) (executada pelo o capitão e depois pelo grupo)

Me chamaro do boiadêro, eu não sou boiadêro não (2X) / Na fazenda em que eu trabalho meu irmão, Boiadero é meu patrão. (2X)

Me chamaro de vaquêro, eu não sou vaqueiro não (2X) / Na fazenda em que eu trabalho meu irmão, vaquêro é meu patrão. (2X)”.

Neste momento o capitão inicia o toque de seu berrante em meio ao coro do grupo e toda a execução do terno, fazia alguns gestos em formato de cruz com a mão direita ao mesmo tempo que estalava os dedos. Posteriormente “*puxara*” outra cantiga.

“Adeus, adeus eu já vou me embora, fica com deus e nossa senhora (o capitão inicia a cantiga e posteriormente é seguido pelo grupo)

Eu vou eu vou mas pra que chorá se no meu navio você também pode embarcá (capitão)

Adeus, adeus eu já vou me embora, fica com deus e nossa senhora (grupo)

Adeus, adeus eu já vou me embora, fica com deus e nossa senhora (capitão)”

Alternaram essa cantiga ainda umas duas vezes, o capitão que já iniciara o toque em seu tambor colocado em sua frente, para de tocar e empunha sua pequena espada toda na cor branca, que contem a forma de uma figura na extremidade e que ele sempre carrega consigo. A coloca

com as duas mãos frente ao peito, cruzando primeiro para a direita depois para a esquerda, e posteriormente segurando-a firme diante de si e com os olhos fechados, a encosta ligeiramente na testa, respira bem fundo e continua a cantiga, após o coro do grupo que canta:

*“Adeu adeus eu já vou me embora, fica com deus e nossa senhora” (grupo)
Eu vou eu vou mas pra que chorá se no meu navio você também pode embarcá
(capitão)
Adeu adeus eu já vou me embora, fica com deus e nossa senhora (grupo)”*

Guardando então a pequena espada, pega então seu “*bastão de Moçambique*”, o que contem a figura de um senhor adornada na extremidade superior, o capitão começa a cantiga. “*Se você vê um preto velho na estrada, você pede benção você pede benção (2X)*”. Cantada primeiro pelo capitão, depois por todo o grupo.

Este bastão estava nas mãos de uma das bandeireiras do grupo, que estava ao lado direito do capitão, uma vez que as bandeiras estavam sendo seguradas pelas festeiras que ofereciam o lanche. Ajoelhado, o capitão assim começa a andar em direção a Dona M.e, a bandeireira, pegando o bastão, segue de joelhos em direção à mesa onde estavam as garrafas de café e os pães.

Com gestos trêmulos e cabeça um pouco curvada para baixo, o capitão começa a cumprimentar as festeiras e posteriormente todos que ali estavam à sua frente, inclusive as crianças. Escorado com as duas mãos em seu bastão e de modo a se mover com dificuldade continua a cantar:

*“Se você vê um preto velho na estrada, você pede benção você pede benção
(grupo)
Deus abençoa esses fio (ou missifi?) deus abençoa, você pede benção, deus
abençoa (capitão)
Se você vê um preto velho na estrada, você pede benção você pede benção
(grupo)
Deus abençoa esses fio(ou missifi?) deus abençoa, você pede benção, deus
abençoa (capitão)”*

Neste momento então o capitão faz alguns movimentos com o bastão no chão, à frente da mesa do café. Fazia movimentos raspando seu bastão no chão, parecia que desenhava uma cruz. Muda então a cantiga que foi executada duas vezes, tanto pelo capitão quanto pelo grupo.

“As alma veio as alma dá, as alma dá pra quem sabe aproveitá (capitão) / As alma veio as alma dá, as alma dá pra quem sabe aproveitá (grupo)

Vela interia não ilumieia, toco de vela é que vai luminá.(2X) (capitão) É de angola é de angola angolá é toco de vela que vai luminá (2X) (capitão)

As alma veio as alma dá, as alma dá pra quem sabe aproveitá (2X) (grupo)”

O capitão ainda estava de joelhos, com as duas mãos segurando seu bastão de Moçambique quando, levantando o mesmo e soprando seu apito, começa a girar o bastão e apitar, indicando o termino da cantiga, quando abaixa o bastão, encerra então as batidas e cantigas do grupo.

Este local parecia ser um dos lugares onde os congadeiros, que haviam participado na festa do dia anterior dormiam. Percebi que quando o grupo chegou à casa da festeira, iniciando sua cantiga e toque, vários congadeiros saíram dos quartos, outros ainda, vinham da casa em frente, passavam por todos do grupo e beijavam as bandeiras nas mãos das festeiras, se retirando do local. Percebi que nenhum deles, neste momento, se servira dos pães, salgadinhos, café e sucos que estavam em cima da mesa.

Terminado todo este “*agradecimento*”, o grupo se retirou e continuou em cortejo até o “*quartel general dos congados em Itapecerica*”. Pedindo licença para entrar, lá permaneceram esperando, até que os demais grupos que iriam sair em cortejo pela cidade, chegassem. Ainda haveria o almoço e após este é que os Ternos buscariam os Reis do Congo e as Rainhas Congas em suas respectivas residências. Cada grupo buscaria um rei e rainha durante o dia, chegaram também a enfatizar que alguns grupos ainda teriam que “*buscar e levar*” mais de um rei e rainha. Levando-os primeiramente para uma instituição no centro da cidade e posteriormente até “*um cruzeiro da cidade*”. Como enfatizei nesta dissertação, o grupo de SJDR que eu acompanhei neste dia em meio à festa, não levou o Rei e a Rainha até o cruzeiro, apenas a esta instituição no centro da cidade.

Todo este trajeto, da casa do Rei Congo, quanto da Rainha Conga, foi realizado em meio a doações de esmolos por parte dos reis em grandes quantias de dinheiro. A maneira que disponibilizavam estas notas era a de jogá-las ao chão, permanecendo com “*o pé em cima*”. Até que o capitão do grupo que estivesse levando o rei e rainha retornasse até os mesmos e proferisse algumas cantigas para que a rainha “*retirasse o pé*”. De posse da nota, que era colocada pelo

capitão na bandeira do grupo, o cortejo reiniciava, até que mais adiante a rainha e o rei poderiam novamente parar de caminhar e, com o dinheiro embaixo dos pés, esperarem as cantigas do capitão e do grupo até decidirem “*retirá o pé*” e reiniciar o cortejo.⁹⁷

⁹⁷ Não me lembro se era apenas a rainha que colocava os pés em cima da esmola oferecida ou se o rei também fazia o mesmo. Relendo minhas notas parece que é apenas a rainha que o faz, mas não posso afirmá-lo aqui.

APÊNDICE IV - Itapecerica e Rio das Mortes, algumas considerações.

Na festa acompanhada na cidade de Itapecerica, cada Terno vai à casa de um rei e de uma rainha buscá-los após o almoço que é servido por volta das dezesseis horas. Nas festas em São João Del Rei (SJDR) é comum alguns grupos irem buscar reis e rainhas e outros Ternos, os andores, podendo ir sozinhos ou junto de outros grupos, cada qual em sua formação correspondente. Neste instante, muitas cantigas são efetuadas uns para os outros.

Na festa de Itapecerica há certo diálogo, cantigas executadas com todos do grupo voltando-se para o rei e rainha que estes foram buscar em suas residências, isto, no caso aqui presenciado. O trajeto percorrido junto dos reis é o momento onde “*os ternos recebem esmolas dos reis que estão levando*”. Na festa acompanhada, “*Festa de amarrar capitão*”, a rainha para de caminhar, coloca uma nota no chão e permanece com o pé em cima. O grupo então se volta para ela e começam a proferir cantigas visando que a mesma retire o pé da nota para o capitão pegar a mesma e dar prosseguimento ao cortejo, geralmente são notas altíssimas e o grupo pode permanecer por ali um bom tempo até que a rainha decida “*tirar o pé*”.

Conversei com uma senhora, mãe de uma garota de uns 17 anos que “*saía como rainha*” naquele ano, e que também já havia “*saído como rainha*” notei que a mesma se vangloriava por conhecer várias cantigas executadas pelos capitães, pois quando tinha “*saído de rainha*”, os capitães cantavam para que ela “*retirasse o pé*”, dando prosseguimento ao cortejo. Classe média local, estes reis e rainhas moravam em uma região central da cidade e recebiam os grupos em suas residências, onde ofertavam um lanche e lhes aguardava com a corte.

Estes movimentos em relação aos Ternos, Reis e Rainhas durante o cortejo, só acompanhei em Itapecerica – MG. A mãe da rainha enfatizara que ela estava saindo como rainha devido a uma promessa feita pela mãe a N. Sra. do Rosário, pois sua filha estava com uma doença rara e prometera que se ela se curasse sairia como rainha da festa em homenagem a N. Sra. do Rosário.

A mesma “*espécie de diálogo entre Terno e Reis*” é bem assinalada pelo ritual no Rio das Mortes, mas me parece, com uma conotação um pouco distinta. Neste último, já no final da festa à noite, assim como em Itapecerica, o grupo, único participante da festa (neste local não se convida outros Ternos), anda em cortejo pelas ruas da cidade com os reis e rainhas que acabaram

de sair da Igreja ao final da missa. A “evolução” do grupo, juntamente com os “*mouras*”, determinam todo este “diálogo”, que envolve alguns procedimentos rituais entre *Terno* e *Coroa*, que seria importante de descrever em momento oportuno. Mas para falar um pouco deste momento final da festa de congado no Rio das Mortes é preciso anunciar quais são estes personagens, os *mouras*.

“*Os Mouras*”, personagens específicos desta festa, são duas pessoas vestidas de vermelho com um capuz, que não cobre todo o rosto, este também vermelho. Eles trazem consigo empunhada uma enorme espada, que segundo eles, foram feitas há muito tempo pelos antigos do local, assim como alguns tambores do grupo. Eles acompanham todo o cortejo junto ao congado. Em diversos momentos, correm atrás das crianças a fim de levantá-las com estas espadas. Fazem isso também com os adultos que estão ali displicentes. Chegam por trás da pessoa, colocam a espada entre as pernas e os levantam, exceto com as mulheres. “*Os mouras*” correm durante quase todo o tempo que o congado do Rio das Mortes está em cortejo no dia de domingo. No sábado anterior ao festejo, quando o terno sai sem sua indumentária, *a farda*, “*levantando o mastro*”, direcionando-se a algumas casas onde comem e bebem, não há a presença dos “*mouras*”.

Durante a noite de domingo, quando os reis vão atrás do cortejo do Terno ou estes “*os leva*” (pois são mais de um rei e rainha), “*os mouras*” tentam, com suas espadas, “*retirar a coroa do rei*”. Os reis, por sua vez, são “*protegidos*” por algumas pessoas que ficam à sua frente com alguns pedaços de pau, tentando evitar que “*os mouras*” cumpram seu objetivo. Às vezes, o terno de congado fica distante de toda a corte, então alguns congadeiros deitam-se ao chão sacudindo as pernas para o ar, enquanto os reis e rainhas se aproximam e param em frente a estes. Aí então, o capitão do terno, que havia prosseguido com parte de seu grupo, “*pára sua bandeira*” e direciona o grupo a retornar até seus congadeiros que permaneceram deitados ao chão, próximos dos reis. A bandeira então, é colocada em frente dos reis, todo o terno se agacha frente à bandeira de Nossa Senhora do Rosário e aos reis. A seguir, os congadeiros, inclusive os que estavam no chão anteriormente se levantam e começam a dançar. A dança é realizada de maneira muito rápida entre eles, uma dança visivelmente de muito vigor físico, executada a “passos específicos”, que remetem, de alguma forma, a algo parecido com a capoeira, pois a simulação de rasteiras entre os membros do terno. Durante todo este momento cantam e dançam muito, até que novamente, sob comando do capitão, o grupo continua o cortejo; as pessoas que “*protegem os*

reis e coroas”, seguem o Terno. Novamente “*os Mouras*” iniciam a tentativa de “*retirar a coroa do Rei*”. A cantiga segue: “*olha a coroa do rei/ olha a cora do rei*”. Quando conseguem tocá-la com a espada, vibram bastante. Quando não conseguem, a partir das suas investidas, uma vez impedidos pelos bastões, agacham e embrenham-se em meio à multidão, que neste momento acompanha todo o trajeto. Quando “*os mouras*” obtêm sucesso, levantam suas espadas para o alto com uma das mãos para trás. Tudo isso é acompanhado de muito barulho, feito pelas colisões entre as espadas dos “*mouras*” e os bastões que os impede de encostar na coroa dos reis e rainhas da festa do Rio das Mortes.